
NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437852 6





CANTOS POPULARES

DO

ARCHIPELAGO

AÇORIANO

CANCIONEIRO

E

ROMANCEIRO GERAL

PORTUGUEZ

---

5 volumes in-8.º

I — HISTORIA DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA — *Primeira parte:* Vestigios da primitiva poesia popular portugueza. — *Segunda parte:* Unidade dos romances populares do Meio Dia da Europa. Porto, 1867. 1 volume.

II — CANCIONEIRO POPULAR — Colligido da tradição oral — Reliquias da poesia portugueza do seculo XII a XVI, Sylva de cantigas soltas, Fados e Canções da rua, Orações, Prophecias nacionaes e Aphorismos poeticos da lavoura. Coimbra, 1867. 1 volume.

III — ROMANCEIRO GERAL — Contendo a Flor dos romances anonymos do Cyclo Bretão e Carlingiano, e um Vergel de romances mouriscos, Contos de cativos, Lendas piedosas e Xacaras. Com estudos sobre as origens de cada romance. Coimbra, 1867. 1 volume.

IV — CANTOS POPULARES DO ARCHIPELAGO AÇORIANO — Rosal de Enamorados — Romanceiro de Aravias. Com estudos sobre as origens e paradigmas de cada romance. Porto, 1869. 1 volume.

V — FLORESTA DE VARIOS ROMANCES — Romances com fórma litteraria do seculo XVI a XVII. - Romanceiro historiado, contendo os romances da historia portugueza que andam nas Collecções hespanholas. — Porto, 1869. *(No prelo.)* 1 volume.

Preço da obra completa 2$500 reis.

CANTOS POPULARES

DO

ARCHIPELAGO AÇORIANO

PUBLICADOS E ANNOTADOS

POR

THEOPHILO BRAGA

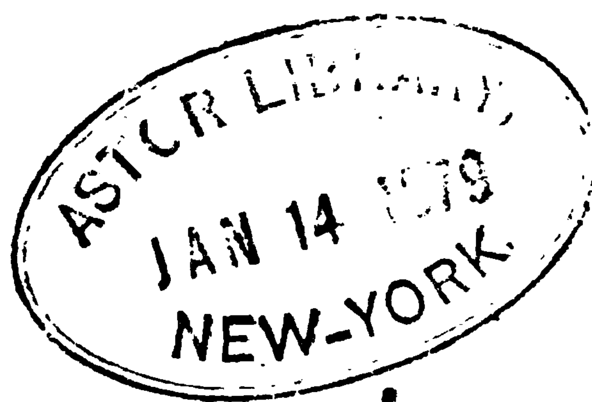
Se olhardes ás cantigas
Do prazer acostumado,
Todas tem som lamentado,
Carregado de fadigas
Longe do tempo passado.
O d'então era cantar
E bailar como hade ser,
O cantar para folgar,
O bailar para prazer:
Que agora é máo d'achar.

GIL VICENTE, Triumpho do Inverno.

PORTO

TYP. DA LIVRARIA NACIONAL,
Rua do Laranjal, 2 a 22

1869



ASTOR LIBRARY
JAN 14 1879
NEW-YORK
66

AO ILL.[mo] E EX.[mo] SNR.

DR. JOÃO TEIXEIRA SOARES

DA ILHA DE S. JORGE

Se o escrever o nome na primeira pagina de um livro fosse em Portugal uma cousa honrosa e digna, pertencia a maior gloria d'este trabalho áquelle que se deixou entranhar no labyrintho da imaginação do povo, para entregar-me o fio da tradição poetica das ilhas dos Açores. Um livro portuguez, e sobre o assumpto mais nacional, está destinado para poucos leitores; para alguns d'elles não passa de uma obra esteril, quando a não tomam por um logro. O meu amigo estuda no seu canto, não conhece isto; mas sei que é bastante nobre para não soffrer que lhe attribuam taes intenções.

Grande parte dos romances aqui publicados foram recolhidos para coadjuvar Garrett na sua tentativa de Romanceiro; não quiz a fatalidade que lhe aproveitassem; acceitei-os da mão do meu amigo, como o propheta menor ao receber o manto de Elias. Se a boa fé e um respeito profundo pelos cantos populares supprem a intuição artistica, fez bem em entregar-me o deposito sagrado. Juntar o seu nome com o meu no frontispicio da obra, era expôr um homem de merecimento incontestavel a facecias de folhetim; mas lá chegará a hora em que a justiça hade illuminar a pagina aonde está escripto o nome do fervoroso obreiro, que na bôa confraternidade da juranda, veiu confiar-me as mais bellas e antigas rhapsodias da epopêa legendar portugueza.

Theophilo Braga.

Nota á pagina 389. — O padre Cordeiro na *Historia Insulana*, liv. vi, cap. xxx, n.º 338, explica a origem do alcunho *faca sem ponta* dado aos Tercei-renses, como um vexame exercido pelo governador João de Urbina no tempo de Filippe ii.

INTRODUCÇÃO

Os cantos populares do Archipelago açoriano dividem-se em duas partes: uma actual, movel, continuamente em elaboração, por que é um ecco da vida, uma linguagem das paixões e dos sentimentos de hoje; a outra é tradicional, historica, em desharmonia com os costumes presentes, mas repetida ainda religiosamente como lembrança de costumes e successos que já passaram. O cancioneiro é a parte lyrica; o romanceiro a parte epica, e a de mais importancia.

Ao estudar-se o romanceiro das Ilhas dos Açores devemos ter em vista: que as tradições cavalheirescas foram para ali levadas nos principios do seculo XV, pelos primeiros descobridores e colonos mandados pelo Infante Dom Henrique; que no seculo XV, os romances eram considerados como propriedade do baixo povo, e por isso despresiveis, *infimos,* lhes chamava o Marquez de Santillana; que até ao presente os povos dos Açores viveram quasi, por assim dizer, incommunicaveis; que o seculo XV é o periodo em que na Peninsula se formou a parte mais bella dos romanceiros, que principiou a ser recolhida no *Cancionero general* de Hernando del Castillo em 1491, e no *Cancionero de Anvers* de 1550; finalmente, que o numero dos romances perfeitamente anonymos e bellos andará pouco mais ou menos por cem. Portanto, os romances açorianos estão em um estado de pureza e de originalidade tal, que uma grande parte dos

costumes juridicos do tempo das cartas de Foral lá se encontram, não comprehendidos, mas ainda lembrados; e a lingua, falada n'essas pequenas epopeas, é a do seculo XV, contemporanea do *Cancioneiro* de Resende.

Seja qual fôr a epoca do descobrimento das ilhas dos Açores, ou em 1432, como quer Gabriel de Valsequa na carta inedita feita em Malhorca em 1439, ou recuando ao seculo XIV, como indicam as cartas de Parma e a catalan, ou entre 1380 e 1400, por isso que se acham no Atlas inedito da Bibliotheca Pinelli, os cantos insulanos são os mais antigos da tradição popular portugueza. Creados na grande elaboração poetica dos seculos XIV e XV, que a Reforma abafou, pertencem exclusivamente a uma epoca em que estavam livres de todas as influencias cultas e artisticas, que tem desnaturado os Romanceiros de Hespanha. Em 1428, data em que se julga ter Dom Duarte começado a escrever o *Leal Conselheiro*, lá cita a palavra *rimanço* como significando uma fórma *simpres*, para melhor se reter de memoria. Enumerando as causas da mudança do nosso caracter, escreve assim:

— Da terra, compreissom;
do leite e vyandas, criaçom;
dos parentes naçom;
das doenças e acontecimentos, occasion;
dos pranetas, costellação;
dos Senhores e amygos, conversaçom;
de nosso Senhor Deos, per special spiraçom
nos he outorgada condiçom e discreçom. [1]

---

[1] *Leal Conselheiro*, cap. XXXIX, p. 218. — Azurara, na *Chronica da Conquista de Guiné* allude ao *Poema do Cid*. Edição de Paris, p. 4. Fala tambem dos grandes poemas cavalheirescos, quando allude aos «clamores da grandeza dos Alemaães, e da gentilleza da França, e da fortaleza de Inglaterra, e da sabedoria de Italia...» p. 12. Tal é a opinião do Visconde de Santarem, p. IX, not. 2.

Em seguida diz o rei: «Aquestas cousas suso scriptas que mudam nossa discreçom e condiçom escrevy em *simpres rimanço por se melhor poderem reter.*» Dom Duarte fazia uma má ideia da fórma do romance e vagamente a conhecia, porque não a soube imitar, dando-lhe a fórma monorrima, que era o que mais feria o ouvido. Note-se que a palavra *rimanço* não se deve confundir com *linguagem vulgar,* por que o monarcha escrevia o livro n'ella, e escusava de caracterisar assim as maximas a que deu um certo arranjo de rima.

Como originarios do baixo povo da Peninsula formado dos *mosarabes,* ou fusão do godo-lige com o arabe, os romances populares, do seculo XV para traz, podem com certeza attribuir-se ao mesmo genio que dictou as profundas normas de liberdade nas cartas dos Foraes, e na Architectura. [1] Religião, arte, poesia e direito tudo creou de novo o genio *mosarabe.*

Na ilha de Sam Jorge ainda hoje se denominam os romances populares com a palavra *Aravias.* [2] A designação é nada menos do que uma revelação historica: a origem arabe dos romances populares da Peninsula. Esta questão foi primeiramente proposta por Antonio José Conde, no prologo da *Historia de la Dominacion de los Arabes:* «Como a sciencia e a poesia eram uma parte essencial da educação cavalheiresca dos nossos Arabes e contribuiam para reproduzir o espirito e os costumes d'este povo, não quiz privar a minha

---

1 União do estyllo *byzantino* com o *gothico,* por influencia dos cativos arabes, que trabalharam nas cathedraes do seculo XII.

2 Em uma carta o meu illustre compatriota João Teixeira Soares diz: «Observarei a V. que o povo applica a todos os Romances e Xacaras o epitheto de *Aravias.* 24 de Novembro de 1868.»

Historia d'estes ornamentos do gosto oriental, já porque não existe entre os Mouros uma historia valiosa que não traga mais ou menos versos. Inseri os trechos mais caracteristicos que tem relação com os acontecimentos. *N'isto mesmo quiz imitar os Arabes na minha traducção, empregando o nosso verso de romance.* E' o rythmo mais usado na poesia arabe, e que, sem duvida alguma, nos serviu de modêlo. Imprimi os versos como os arabes os escrevem. Dois versos de romance equivalem a um verso arabe, que é dividido em duas partes: O nosso primeiro verso fórma a primeira metade ou primeiro hemistichio do verso arabe que se chama *saldribait* ou entrada do verso; o nosso segundo fórma o segundo hemistichio arabe que se chama *ogrilbait* ou fecho do verso. Uma estancia dos nossos romances, de quatro versos, corresponde a quatro hemistichios ou a dois versos arabes. Faço esta reflexão para que se não extranhe a nova maneira de imprimir os versos castelhanos. *Imprimi-os assim para que esta prova material da origem arabe dos nossos romances saltasse aos olhos.*» [1] O illustre orientalista hollandez Dozy combate esta opinião de um modo absoluto, dizendo que a poesia arabe era assás artistica e aristocratica para que se popularisasse. [2] Apesar de isto ser assim, os arabes da Peninsula tiveram uma poesia vulgar, que o baixo povo ouvia, e de que nos restam documentos nas citações do Arcipreste de Hita quando enumera os instrumentos que não serviam para os cantares arabicos, e aponta o canto

---

1 Obra cit. p. XIII.
2 Recherches sur l'histoire politique e littéraire de l'Espagne pandant le moyen âge. Apud Ticknor.

de *Caguil hallaco*. Em uma rubrica do *Cancionero* de Baena se aponta uma *Jogralessa mourisca*. Argote y de Molina, no discurso com que remata a edição do *Conde de Lucanor*, diz que ouviu cantos repetidos pelos arabes vencidos na conquista de Granada; e os snrs. Dom Pascual de Gayangos e Vedia dizem, que ainda hoje em Tetuão se repetem no baixo povo cantos com allusões a Cordova e Granada. [1]

Quando El-Rei Mauregato exigia para os harens de Cordova o tributo das donzellas, Goesto Ansures, falando com as cativas, diz:

As compridas vias
Por vos andarey :
Lingua de *aravias*
Eu las falarei.

Esta lingua de *aravias* ou *algarabia* era a linguagem da nova classe os *mosarabes*, e n'ella se redigiram as primeiras cartas de Foral e os primeiros documentos juridicos, em contraposição com os dialectos provençaes galleziano e catalão, empregados na poetica dos nobres e nas canções da côrte. Nos escriptos dos seculos XIV e XV encontram-se allusões á lingua de *aravia*. Na III *Memoria avulsa de Santa Cruz de Coimbra* vem: «E este Mem Moniz era muy ardido cavalleiro e sabia muy bem falar a *aravia*... [2] Na *Chronica geral de Hespanha*, mandada traduzir por El-Rei Dom Diniz, se lê: «E era em seuylha o arcebispo dom joham... muy sabedor na *lingua daravy-*

---

1 Nota ao cap. VI de Ticknor.
2 Mon. Hist.: Scriptores, I, p. 28.

go...» [1] No *Cancioneiro geral* abundam as referencias:

D'estas novas não dou mais,
porque seraa demasya
querer falar *Aravia*
com vós que a ensynays.
TOM. II, p. 300.

Dous pontinhos da *Aravya*
TOM. II, p. 130.

E falla mil *aravias*
TOM. III, p. 186.

Pareceys por *aravya*,
grande couvão de vesugos
TOM. III, p. 647.

Pelas citações historicas se deprehende, que a *aravia* era o arabe ou um mixto d'essa linguagem; pelas citações poeticas se vê que era uma linguagem de giria, humilde e obscura. Como expressão usual do baixo povo, bastantes vezes se encontra citada nos poetas que mais lhe agradaram ou melhor o conheceram. Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcellos [2] e Dom Francisco Manoel, citam a *aravia* como uma cousa existente, conhecida e como um canto vulgar:

Cantarey *algarabia*
Se mandaes. 3

Para comprehender o alcance da designação de *Aravia* é preciso não esquecer, que os romances foram na sua origem privativos do baixo povo,

---

1 Cap. 198, p. 188 da edição — fragmento.
2 Aulegraphia, p. 79.
3 D. Francisco Manoel, Obras metricas, tom. II, p. 248.

como diz o Marquez de Santillana: «*Infimos son aquellos que sin ningunt regla ni cuento facen estes romances ò contares con que la gente baja e de servil condicion se alegra.*» Condição servil era a dos *mosarabes* antes das revoltas communaes e das Cartas de Foral; nada mais coherente diante da historia do que a origem mosarabica dos Romanceiros, producto das novas relações sociaes fixadas com a formação do terceiro estado.

Esta verdade torna-se mais evidente vendo as analogias profundas que existem entre os *costumes* legalisados na carta de Foral e as allusões, hoje sem sentido, conservadas nos romances:

A penalidade heroica do *banido,* vestigio germanico dos nossos Foraes, está lembrada nos romances de *Joãosinho* e *Flores e Ventos.* O tribunal sobre o mar, como se encontra na legislação grega, celtica e germanica, apparece na acção do romance de *Maria.* O *Malado,* estado das classes servas da Peninsula, tantas vezes citado nos documentos do seculo XII e XIII, ainda entretece o enredo da ficção lindissima da *Filha do Rei de França.* No romance da *Condessa,* a mãe do pagem vem vingar a morte do filho com a mesma audacia da Bruhnild dos *Niebelungen.* No *Gerinaldo,* Carlos Magno deixa o seu punhal mettido entre a filha e o amante, com o mesmo rigor do velho symbolismo germanico; depois, quando lhe perdôa, senta-o comsigo *á meza,* como o maior signal da egualdade nos tempos feudaes. No romance de *Sylvana,* o velho barão, pae da menina, deixa-a *desherdada,* segundo o costume do direito germanico; é á mãe que fica recommendada; na *Donzella guerreira,* o barão feudatario não póde, já cansado pela velhice, accudir

ao *appellido* do seu monarcha, e a filha mais velha offerece-se para ir sustentar o seu nome. A negação de pousada ao cavalleiro em casa do burguez, segundo os Foraes de Santarem e Coimbra, vem citada no romance de *Santa Iria;* a pena de fogo para o adulterio e para a deshonra de mulher nobre forma a acção do *Dom Claros d'Além mar.* O *cabello atado* symbolo da submissão marital, lá se vae repetindo nas cantigas, apesar de terem passado seis seculos por sobre esse uso.

Todos estes factos eram contemporaneos na imaginação do povo, quando elle se sentiu impressionado e começou a lançar aos ventos as primeiras strophes da epopêa dos tempos modernos; o povo, como diz Jacob Grimm, repete os cantos como os transmittiram, sem saber porque, mas com um respeito profundo. Portanto, a designação de *Aravias*, que os Açorianos dão aos seus romances, encerra uma revelação profunda da historia: a allusão á raça a quem pertencia essa poesia, do mesmo modo que se deu o nome de *Xacara* á composição truanesca dos vadios e tunantes, que se chamavam *Xaques*, como se vê em Portugal n'estes versos do *Cancioneiro Geral:*

> Pyam muy folam em *xaques*
> Bebedinho que dá baques
> e rrazões.
>
> CANC. GER. t. III, p. 548,

Dissemos que os romances não envelhecem na tradição oral; mas, acompanhando as evoluções da lingua e dos costumes, conservam através dos tempos as impressões profundas que lhes deram origem. Se observarmos o glossario das palavras antigas de que o povo se serve nos seus romances, vemos uma grande parte d'ellas de origem anterior aos

Quinhentistas, usuaes e vernaculas no seculo XIV e XV. São restos d'essa desconhecida lingua de *aravias*, cujo apparecimento longiquo nas ilhas dos Açores é tão natural, como a descoberta do *portuguez archaico* da ilha de Ceylão. Apresentaremos aqui algumas d'essas palavras, para confirmação do que avançamos:

Accometter, seduzir; *alçar*, levantar; *alperros*, turcos; *applacar*, apagar; *arreado*, corrido, talvez da imprecação arre; *arrojar*, apresentar diante; *atimar*, findar, usado no poema de *Cava*. — *Baixão*, instrumento e canto; *baju*, vestia curta, derivado do arabe; *balanço*, compasso; *bandarro*, vadio; *barceu*, sitio onde se dão as braças; *belchor*, corrupção de elche ou renegado; *bitante*, bitacula; *bizarria*, gentileza, do arabe; *branquinhas*, certo dinheiro corrente no tempo de Affonso V; *brocado*, seda bordada a ouro. — *Castelobranco*, roupas brancas; *castillo; catar*, guardar, forma vernacula de *acatar; catre*, leito baixo; *causadeira*, causadora; *cerrado*, campo, horta; *chamalote*, tecido de lã de camello; *charolla*, andor, hoje tornado chulo; *chocalhar*, descobrir, do velho exemplo do Espelho, manta e pandeiro, que vem no Leal Conselheiro de Dom Duarte, p. 418; *christandia*, christandade; *clausura*, tristeza; *cobros*, doença de impingens; *combataria*, combate; *companha*, troço de soldados. — *Dina*, digna; *dobras marcadas*, as dobras valedias, que eram marcadas para poderem correr e ter valor; *dobras por marcar*, talvez aquellas de que fala Fernão Lopes na Chronica de Dom João I, cap. 49, que valiam cem libras. *Donzilla*, forma antiga de donzella, mais proxima da baixa latinidade *dominicella; dormitorio*, quarto

de dormir. —*Encerrar*, acabar; *enfadado*, queixoso; *enflorecido*, florescido; *enterramento*, enterro; *escrivanaria*, de escrivão; *estamagado*, afflicto; *extremado*, distincto.—*Françaria*, ramagem.—*Gargantilha*, collar solto; *garrazes*, diabos de garras; *garrido*, bonito; *gasalhado*, hospedagem; *gelosia*, janella; *gibão*, vestimenta interior, derivado do arabe. — *Impenetrar*, imperar. —*Lebrinar*, fazer nebrina. —*Malato*, *malataria*, estado intermidiario á escravidão e liberdade, do tempo das classes servas da Peninsula; *mancebia*, mocidade; *manilha*, sineta que toca *manida*, ou repouso de finado; *marcejar* fazer março; *marinha*, sereia; *montilha*; *marralheiro*, finorio; *moimento*, sepultura; *mantilha*, manta. —*Ninha*, menina. — *Orphinhos*, orphãosinhos.—*Partes*, terras; *patrão*, patrono; *peccados miudos*, veniaes; *perros*, cães; *ponião*, opinião; *prantar*, pôr. —*Quitar*, tirar.—*Reger*, guiar; *resado*, recitado; *retinir*, soar; *romance*, canto. — *Saial*, veste talar em contraposição a veste *leigal*; *sangreira*, quantidade de sangue; *selaria*, nome indeterminado de sela; *sobredourado*, muito dourado; *solia*, soía, costumava; *sondes* do verbo ser, sois. — *Tafetá*, lucto; *talleigada*, a porção que se se leva no taleigo; *tanger*, tocar; *tinos*, assobios. — *Zoada*, bulha de agua; *zunido*, silvo.

Estas palavras são de uso vulgar, e anteriores a João de Barros; encontram-se nas *Ordenações Affonsinas* e no *Cancioneiro Geral*, as duas obras que mais descrevem a vida portugueza dos seculos XIV e XV. A maior parte d'ellas são hoje *archaísmos* no continente, mas ainda se falam nos Açores.

Theophilo Braga.

CANCIONEIRO
DAS ILHAS

ROSAL DE ENAMORADOS

I

NO TERREIRO

O cantar á meia noite
É um cantar excellente :
Acorda quem está dormindo,
Alegra quem está doente.

A viola sem a prima
É como a filha sem pae :
Cada corda seu suspiro,
Cada suspiro seu ai.

Senhor mestre da viola,
Dizei se quereis, ou não,
Que eu cante uma cantiga
Ao toque de vossa mão?

*

Sei um saco de cantigas,
E mais uma taleigada:
E se as hoje canto todas
Amanhã não canto nada.

Cante lá uma cantiga,
Deixe ouvir a sua voz;
Ou diga lá um segredo,
Que fique aqui entre nós.

Quero cantar que é de noite,
A noite a tudo encobre;
Abre-me a porta, meu bem,
Que a visinhança já dorme.

O tocador da viola
Precisa bem de uns calções:
Haja quem lhe dê o panno,
Que eu lhe darei os botões.

O tocador da viola
Carece de uma jaqueta,
Haja quem lhe dê o fôrro,
Que eu lhe darei a baêta.

Cantae, menino, cantae,
Se não cantaes, canto eu;
Eu não posso estar calada,
Foi dote que Deos me deu.

O cantar por divertir
Não é nenhuma clausura,
Cantando peço a Deos
Que me dê melhor ventura.

Ai! quando eu aqui cheguei,
Esqueceu-me a cortezia;
Agora, que estou cá dentro,
Viva toda a bizarria.

Dizei-me uma cantiguinha,
Antes que seja resada;
Vossa bocca não é d'ouro,
De prata que se não abra.

Sabía tanta cantiga,
Todas o vento levou;
Só a do meu amorsinho
No coração me ficou.

Já me quitam que não cante,
Haja quem compre alegria,
Pois ella na minha mão
Teve tão pouca valia.

A sereia quando canta,
Canta no pégo do mar;
Tanto navio se perde,
Oh que tão doce cantar!

Já fui alegre, cantei,
Agora sou d'esta sorte;
Já fui retrato de vida,
Agora o serei da morte.

II

DECLARAÇÕES E REQUEBROS

Apalpei no lado esquerdo,
Não achei o coração;
De repente me lembrou
Que estava na vossa mão.

Quem me dera ser a franja
Que tu tens no teu vental;
Quem me dera ser a rosa
Que tu colhes no quintal.

Quem me dera ser as contas
D'esse teu lindo collar,
Para dormir em teu seio
E nunca mais acordar.

A pombinha vae voando,
Nas azas leva o descanço;
Assim são estes meus olhos,
Em olhar p'ra os teus não cansam.

E' de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo;
Bem podéra Deos do céo
Tirar-me d'este degredo.

Triste vida leva a garça
Mettida no lameirão,
Esperando que a maré vaze
Para apanhar camarão.

Não ha cheiro mais activo
Que é o cheiro do limão,
Não ha nome mais lindo
Que é o nome de João.

Esta noite hade chover,
Chuva que derrama a salsa;
Tu dizes que tens amores,
Eu tambem não estou descalsa.

Inda não tomei amores,
Nem tenção de os tomar;
Se um dia me resolver,
Estás em primeiro logar.

Rua abaixo, rua acima,
Toda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem.

Fui á fonte dos amores,
Tornei pela dos cuidados;
Enchi o cantaro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

Hei-de atar o meu cabello
E viral-o para traz,
Com uma fitinha vermelha
Que me deu o meu rapaz.

Rua abaixo, rua acima,
Mariquinhas á janella,
Enfiando contas d'oiro
Em retroz de primavera.

Mariquinhas tecedeira
Tem o tear á janella;
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva
Todo o fiado lhe quebra.

Oh que lindo luar faz
Para irmos ás maçãs,
Na rua da formosura,
Onde estão as tres irmãs.

Quem aqui vem de tão longe
Por tal noite de chover,
Ou cá tem os seus amores,
Ou espera de os cá ver.

Alma, vida, coração,
Já tudo te entreguei;
Tens tudo quanto me anima,
Como sem ti viverei?

Quem me déra a liberdade
Que a réstea do luar tem;
Entrava pela janella,
Ia falar ao meu bem.

Sobre mim caiam mil raios,
A meus pés se abra o chão,
Se eu nunca deixar de dar-te
Alma, vida, coração.

Quando o somno me acommette,
Entro comtigo a sonhar;
Ou acordado ou dormindo,
Vivo só para te amar.

A mais segura montanha
Bem pode o tempo volver;
Mas eu deixar de te amar,
Menina, não pode ser.

Atirei com uma azeitona
A' menina da janella;
A azeitona caíu dentro,
O' menina, quem m'a déra.

Nasce um rei n'este mundo
Para um reino governar;
Minha sorte é mais ditosa
Se nasci para te amar.

Toda esta noite sonhei
Que te tinha nos meus braços;
Oh que bello braçadinho,
Se os sonhos não fossem falsos.

Comtigo em pobre choça,
Mais contente eu viveria
Do que em soberbos palacios,
Sem a tua companhia

Vae-se o dia, vem a noite,
Chegou a minha alegria,
Para falar ao meu bem,
Já que não posso de dia.

Quem me dera ser o linho
Que vós, menina, fiaes;
Que vos dera tanto beijo
Como vós no linho daes.

Amor, se queres, façâmos
Uma troca sem lezão:
E' trocar alma por alma,
Coração por coração.

Quem quizer tomar amores
Sem ninguem o suspeitar:
Se passar não se hade rir,
Se se rir não hade olhar.

Vós chamaes-me trevo, trevo,
Trevo rasteiro do chão;
Eu, com ser *trevo*, me *atrevo*
Lograr a vossa affeição.

Toda a moça que é bonita,
Que se preza do seu brio,
Não acceita cravo ou rosa
Da mão de nenhum vadio.

O primeiro amorsinho
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que dura eternamente.

Eu não sei que sympathia
Minha alma comtigo tem;
Não me pede o coração
Senão que te queira bem.

Chega-te cá para mim,
Cheiro de roupa lavada;
Chega-te bem chegadinho,
Que uma noite não é nada.

Fui ao mar por vêr as aguas,
Ao jardim por vêr as flores;
Ao céo por vêr as estrellas,
Aqui por vêr meus amores.

Toda esta noite eu andei
Volta ao mar e volta á terra;
Para vêr se dava fundo
Ao pé da tua janella.

Se eu fôra o sol que subira,
Dava na tua janella;
Fôra-te falar á cama,
Raios da manhã te dera.

Estrellinha do Nordeste,
Que me andaes alumiando,
Alumiae-me de noite,
Que eu de dia vou andando.

Depois que os meus olhos viram
A graça que os teus têm,
Nunca mais foram senhores
De olhar para mais ninguem.

O mar é vivo, não fala,
O rio corre e não cansa;
Desejava de saber
Se me tinhas na lembrança.

O meu amor é um cravo,
Deos m'o deu, não lh'o mereço;
Já m'o quizeram comprar,
Um cravo só não tem preço.

O sol quando quer nascer
Bota seus raios ao monte;
Quem quizer que a rosa abra,
Ponha-lhe o cravo defronte.

Fui á fonte por te vêr,
Ao rio por te falar;
Nem na fonte, nem no rio
Nunca te pude alcançar.

Quem quizer armar á rola
Arme-lhe ao pé da ladeira,
Um laço de fita azul,
Que a rola vem de carreira.

Se me quizeres vir ver,
As noites bem bellas são;
Foge de casa a teu pae,
Vem p'ra'qui fazer serão.

Se quereis passar a serra,
Zabellinha, madrugae:
Por detraz d'aquella serra
Outra maior serra vae.

Da janella de meu pae
Vejo a casa de meu sogro;
Quero mais ao seu filho,
Do que ao seu dinheiro todo.

Da janella de meu pae
Vejo a casa do meu sogro;
Pelo pae não é que choro,
Pelo filho é que morro.

Os amores encobertos
Esses são os mais queridos:
Vão de dia por acenos,
De noite por assobios.

Perguntae aos sete estrellos,
São maganos, correm tudo,
Como se tratam amores
De noite pelo escuro.

Fui á missa, não resei,
Meu pae pelejou commigo:
Rapariga tola, louca,
Onde trazes o sentido?

Eu não o trago na roca,
Nem tampouco no sarilho;
Trago-o n'aquelle mancebo
Que anda de amores comigo.

Fui á missa não resei,
Fiz um peccado mortal,
C'o sentido no meu bem
Não vi mudar o missal.

Vou á missa, não a ouço,
Vejo a Deos, não o assisto;
Só p'ra vêr o logarinho
Onde ajoelha Francisco.

Tenho raiva á gente gorda,
O meu amor é magrinho;
Quando vae para a egreja
Parece um ramalhetinho.

Triste vida tem quem ama,
Se o amor é lisongeiro:
Tanto mais bonita dama,
Tanto peior captiveiro.

Oh Maria, lava a louça,
Deixa-te de namorar,
Que o amor aperta a mão,
Fica a louça por lavar.

Oh Maria, tu não sabes,
Meus olhos morrem por ti;
Tu queres saber de quando?
Foi do dia em que te vi.

Oh Maria, oh Maria,
Para te amar ando louco;
Passo frio, passo fome,
Levo má vida, ando roto.

O amor nasce do dar,
Meu amor que te darei?
O amor que não dispende,
É certo que não tem lei.

Coitado quem tem amores
E se deita sem os vêr:
Toda a noite está sonhando
Quando hade amanhecer.

A ribeira, quando corre,
No meio faz a zoada ;
Quem tem amores não dorme
O somno da madrugada.

A pombinha chega o bico
Ao pombinho rolador:
São signaes que symbolizam
A doce união d'amor.

Rapariga, da-me um beijo,
Um beijo pela tua alma;
Tu não sabes quanto gósto
Da sombra, quando faz calma.

Noite escura, noite escura,
Quem ama não arreceia,
Quem quer bem ao seu amor
Pela porta lhe passeia.

Esta noite choveu ouro,
Diamantes orvalhou;
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem alagou.

Eu dei-te o meu coração,
Eu não t'o dei por libello ;
Eu dei-te amor por amor,
Amor te dei, amor quero.

Tendes amorinhos novos,
Que vos faça bom proveito;
Deos vol-os deixe gozar
Que nem sereno no feto.

O dia tem duas horas,
Duas horas não tem mais:
Uma é quando vos vejo,
Outra quando me lembraes.

Deos me déra ser uma ave,
Ou pombo ou codorniz,
Que eu fôra dar um vôo
A' cama onde dormís.

Eu vergonha, vós vergonha,
Vergonha me hade matar,
Eu vergonha de o pedir,
Vós vergonha de m'o dar.

Rapariga, rapariga,
Deos te dê boa saude;
Que andei para te enganar,
Rapariga, nunca pude.

Menina, sondes o leite,
O leite tambem se come;
Mal empregada menina
Dormir na cama sem home'.

Ó estrella matutina
Que andas no primeiro gráo,
És a mais brilhante estrella,
Que até ao sol dás quinau.

Toda a moça que é solteira
Pelo andar se conhece:
Bota o pé á miudinha,
Todo o corpo lhe estremece.

O preto é das viuvas,
O azul é das casadas,
O vermelho é das solteiras,
O rosado das namoradas.

Se eu fôra rica, tu pobre,
Eu morgada, tu ninguem,
Não me importára riqueza
Se tu me quizeras bem.

Lá vem a lua saíndo
Redonda como um botão;
Quem tem seu amor á vista
Regala seu coração.

Nem ao preterito tive,
Nem ao presente eu o tenho,
Nem ao futuro terei
Amor de tanto empenho.

O meu amor é José:
San José venha com elle,
E o traga a esta terra
Para me namorar d'elle.

José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago meu somno perdido.

Manoel é nome doce,
Nome que Deos escolheu;
Quando Deos te não deixou,
Como te deixarei eu?

Antoninho, cravo roxo,
Tu não vás ao meu quintal:
Que te querem dar um tiro,
Não te posso vêr matar.

Oh João, oh Joãosinho,
Folha de cravo, meu bem;
Não vos deixeis enganar,
Se enganado vos não tem.

Antonio, me deu um cravo,
Manoel um annel d'ouro;
Mais vale o cravo d'Antonio
Que o annel d'aquelle doudo.

III

FLORES... AMORES

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a flôr que nasceu honte',
Viva quem tem seus amores,
Porta com porta, defronte.

Eu sou cravo, tu és rosa;
Qual de nós valerá mais?
O cravo põe-se á janella,
A rosa está nos quintaes.

O cravo, depois de secco,
Bota-se por aí além;
A rosa, quanto mais secca,
Tanto mais prestimo tem.

Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
Debaixo ninguem lhe chega,
Acima não vae ninguem.

A rosa que é bem nascida,
Tem acções de bem creada;
Ainda que se ache offendida
Não se mostra apaixonada.

A rosa muito aberta
Qualquer vento a desfolha;
A moça muito garrida
Qualquer rapaz a namora.

Brilha rosa, que nascestes
Na mais linda primavera;
Foste nada entre espinhos,
Para mais brilhares na terra.

Aqui d'onde estou bem vejo
Uma rosa singular;
Tenho gosto de a vêr,
Pena de a não gosar.

Rosa branca na silveira,
Cravo rosado do monte:
Quem quer vêr a rosa alegre
Ponha-lhe o cravo defronte.

*

A rosa muito aberta
Nenhuma valia tem;
Ao botãosinho fechado
Todo o mundo lhe quer bem.

Perde a rosa o cheiro fresco,
Tambem perde a linda côr:
Tudo tem sua mudança,
Só não deixo o meu amor.

Oh rapaz que vendes rosas,
Vem cá que eu tenho dinheiro;
Vende-me das mais fechadinhas,
Que as abertas não tem cheiro.

Aqui d'onde estou bem vejo
Uma rosa para abrir;
Deos me dera ser sereno,
Que n'ella fôra caír.

Minha rosa mui brilhante,
Todo o mundo te cobiça;
Ao domingo na egreja
Quem te vê não ouve missa.

Eu não te adoro, janella,
Porque não tens merecimentos;
Adóro aquella rosa,
Que está da banda de dentro.

A rosa quer-se apanhada
Antes do saír do sol;
O cravo ao meio dia,
P'ra seu cheiro ser melhor.

Se quereis, rosa, ser rosa,
Fugi do cravo, fugi:
No tempo que eu era rosa,
Por um cravo me perdi!

Heide ir ao teu quintal,
Se encontrar a porta aberta,
Que a rosa de Alexandria
Onde está logo penetra.

O cravo vende-se ao pêso,
A rosa a açafate cheio;
Só pelo cheiro da rosa
Vos darei o meu dinheiro.

Tendes o cravo ao peito,
E' signal de casamento;
Tirae o cravo do peito,
Que o casar inda tem tempo.

Esta noite choveu ouro
No gargalo do meu poço:
Todas as flôres murcharão,
Só tu não, meu cravo roxo.

Eu fui ao jardim dos cravos,
Todas as flôres vi lá;
Só não vi amor perfeito,
E' certo que o não ha.

O meu amor é um cravo,
Foi o que o craveiro deu;
Ninguem se hade gabar
De ter amor como o meu.

Quem tem o amor marujo,
Tem o cravo no craveiro;
Ainda bem não está na barra,
Já em casa deita o cheiro.

Cravo roxo, sentimento,
Tanto sentida que estou;
Não me cabe no meu peito
Amar a quem me deixou.

A rosa para ser rosa
Hade ser alexandrada,
A moça p'ra ser formosa
Hade ser alva e rosada.

A madre-silva cheirosa
Anda no meu limoeiro;
Saltando de ramo em ramo,
Cae a baixo, perde o cheiro.

Trigo loiro, trigo loiro,
Quem me déra a tua côr,
Que entrára no calix bento
Onde entra nosso Senhor.

O silvado na parede
Vae comer á outra banda;
Teus olhos hão-de ser meus,
Ainda que eu corra demanda.

Dae-me d'isso que comeis,
Do limão uma talhada;
Dae-me da ponta que é doce,
E não do pé que elle amarga.

A giesta faz-se branca,
Em dar a flôr amarella;
Mais branca se faz a rosa,
Quando o cravo chega a ella.

O jasmin é todo branco,
Todo querido das damas;
Pelo muito que te quero
Sempre cuido que me enganas.

Adeos, jasmin de Virginia,
Que no meu peito nasceste;
Adeos, cravo almiscarado,
Que em minha alma floresceste.

O limão tira o fastio,
Eu em te vêr não o tenho;
Se tu em mim fórmas gosto,
Eu em ti maior empenho.

Encostei-me á cana verde,
A cana verde rangiu;
Fui para te falar,
Teu pae, tua mãe sentiu.

Tendes a figueira á porta,
Tendes sombra regalada;
Tendes fama de bonita,
Haveis de ser procurada.

No jardim das brancas flores
Uma só apanharei;
Abrace-as quem quizer,
Eu só uma abraçarei.

Manjaricão á janella,
Menina, não o apanhaes;
Dá-lhe o vento, bole a françа,
Cuido que vós me chamaes.

Quando eu vou ao jardim,
Reparo e tenho dó:
Por apanhar uma flôr,
Uma flôr para mim só.

Vem cá tu, meu caro goivo,
Criado á goivaria;
Quem quer bem trata por tu,
Amor não tem senhoria.

Uma silva, duas silvas
Fazem uma silva emmoutada;
Uma pica, outra arranha:
Com silvas não quero nada.

A flôr do manjaricão
Não abre se não de noite,
Por não dar a conhecer
Os seus amores a outrem.

Perguntaes-me d'onde eu sou?
D'onde é minha freguezia?
Sou filha de uma perpetua,
Neta de uma pionía.

A hortelã é crueza,
Menina, não seja crua;
Seu pae não a tem pr'a freira,
Acceite quem a procura.

IV

RETRATO

Os olhos que d'aqui vejo,
Não me armem falsidade;
Ainda hoje não dei olhos
Tanto de minha vontade.

Delicado é o fumo
Que passa telha dobrada;
Delicados são os olhos
Que namoram de pancada.

Esse teu peito menina
E' um pombal de pombinhas:
Deixae-me lá ir com a mão
Apalpar se tem azinhas.

Vossos cabellos são laços,
São laços que eu bem os vi:
Todos passam e não caem,
Só eu fui passar, caí.

Os teus cabellos são mares,
São mares que deitam ondas,
Onde navega um triste,
Um triste de quem tu zombas.

Não me atires com pedrinhas,
Que pedrinhas são desgostos;
Atira-me com beijinhos
Aqui á maçã do rosto.

O meu amor me pediu
O que lhe eu não posso dar,
As meninas de meus olhos:
Quem não vê não póde amar.

Os olhos de tecedeira
São olhos agoniados:
Ora estão na lançadeira,
Ora nos fios quebrados.

Olhos azues, lindos olhos,
Olhos da minha paixão:
Quem os tem elles são seus,
Cativa o meu coração.

Quando caminhei de casa,
Estava em ir, não irei;
Alembráram-me os teus olhos,
Mais depressa caminhei.

Ai Jesus! valha-me o céo!
Não sei que céo hade ser;
Valha-me o céo dos teus braços,
Que eu n'elles quero morrer.

Dae-me uma gottinha d'agua,
Da lingua fazei a bica;
Quanta mais agua me daes
Tanta mais sêde me fica.

Olhos que sonhando vedes,
Olhos para quem acordaes?
Se vós sonhando estaes vendo
Tudo quanto desejaes!

Se queres saber se eu amo,
Repara em meus olhos bem,
Que elles encobrir não podem
O amor que esta alma tem.

Oh cara de branca neve,
Não te ponhas mal comigo,
Que o rigor das saudades
Basta para o meu castigo

Vem-te, amor, aos meus braços
Pelo que tens de menino;
Amor em braços se cria
Em quanto é pequenino.

Dá-me a tua mão mimosa,
Os teus dedos estendidos;
Palpitem mimosamente
Nossos corações unidos.

Fui-me botar a nadar
No leito de teus peitinhos;
Se me vires ir ao fundo,
Atira-me com beijinhos.

O coelho foge ao laço,
O ladrão foge aos abrolhos;
Só eu não pude fugir
Aos ladrões d'esses teus olhos.

Vós chamaes-me trigueirinha,
Eu do sangue não o sou;
Isto foi do pó da eira,
Da calma que me queimou.

Não vos encosteis á cal,
Que ella é branca, larga pó;
Encostae-vos aos meus braços,
Que esta noite durmo só.

Os olhos azues tem graça,
Os pardos mais graça tem:
Os olhos do meu amor
São azues, quero-lhe bem.

Já vi olhos que por olhos
Se botaram a perder;
Estes meus por esses vossos
Assim pódem vir a ser.

A raiz da faia forte
A terra vae alluindo;
Vosso corpo vae crescendo,
Vossas feições vão abrindo.

Os teus olhos me prenderam
Domingo estando á missa;
Arrenego de teus olhos
Que prendem mais que a justiça.

Oh annel de sete pedras,
Põe-te fóra do meu dedo,
Tu é que foste a causa
De me eu cativar tão cedo.

Tendes a boca forrada
De tafetá côr de rosa,
Quando a ides a abrir
E' cousa maravilhosa.

Eu vesti-me, eu aceiei-me,
Não sei se aceiada venho;
Venho-me vêr aos teus olhos,
Já que espelho não tenho.

Chega-te a essa janella,
Castiçal de bella prata;
Não tragas candeia accesa,
Que a luz dos teus olhos basta.

O meu amor é tão lindo!
Com quem o compararei?
Com as estrellas não posso,
Com Jesus do céo não sei.

Bem sei que me andaes mirando
Por debaixo do chapeu;
Se eu não sou do vosso gosto,
Quem quer anjos, vae ao céo.

Se ha divindade no mundo,
Divino é o meu bem;
Divinos são os seus olhos,
Mais o seu rosto tambem.

Oh olhos azues queridos,
Côr do mar quando está manso;
O dia em que te não vejo,
Meu coração dá balanço.

Tendes os olhos azues,
Quem me déra assim os meus!
Paciencia! que remedio?
Não mereci mais a Deos.

Tenho raiva a olhos grandes,
Porque lhe caem argueiros;
Os olhos de um bem que adoro,
São pequenos, feiticeiros.

Olhos azues, lindos olhos,
Olhos da minha paixão;
Quem os tiver póde crer
Cativa minha attenção.

Aqui d'el-rei! vou gritando
Sobre dous salteadores;
Que os ladrões d'esses teus olhos
Dos meus querem ser senhores.

Todos atiram ao alvo,
Só eu não tenho pelouro;
No peito da minha dama
Tenho duas balas de ouro.

O amor nasce da vista,
D'esta passa ao coração;
Entra na correspondencia,
Acaba na ingratidão.

Oh olhos azues garridos,
Em campo de azul celeste;
Lembra-te que eu que fui tua
O tempo que tu quizeste.

As ondas do mar são verdes,
Em todo o mar ha verdura;
Nas faces d'esse teu rosto
Pintou Deos a formosura.

Espero pelo domingo
Como pela salvação,
Para tomar agua benta
Onde o amor mette a mão.

Teus olhos, teus lindos olhos
Não guardam silencio mudo;
Quanto tua alma sente,
Os teus olhos dizem tudo.

Dae-me um bocado de lacre
D'esses beiços de rubim,
Para cerrar uma carta
De saudades sem fim.

Deixa-me ir com as mãos ambas
Ao talho do teu collete,
Ao lugar mais delicado,
Onde pões o ramalhete.

Tendes o pé pequenino,
Dais a passadinha curta;
Mal haja o pae que te tem,
O ladrão que te não furta.

Vós chamaes-me bexigosa,
Dou graças a Deos a tel-as;
Que graça teria o céo
Se não fossem as estrellas?

Se eu algum dia não désse,
Aos meus olhos larga vista,
Não os via agora presos
Sem ser ás mãos da justiça.

O amor entra pelos olhos
No coração é que habita,
Entra nas potencias d'alma,
Todos os nervos palpita.

Menina do chapéo grande,
Mandae-o arredondar;
Debaixo do chapéo andam
Olhinhos de namorar.

Os meus olhos são dois mouros
Que vieram da Moirama;
Mas sejam mouros embora,
São leaes a quem os ama.

Quem me déra ser o cinto
Que afivellas na cintura;
Quem me déra ser espelho,
P'ra veres tua formosura.

Eu quizera ser a relva
Que verdeja aí no prado,
Quando tu lhe pões em cima
Teu pésinho delicado.

Tenho ciumes da agua,
Quando tu bebes na fonte;
Ciumes tenho do céo,
Se fitas o horizonte.

Do vento ciumes tenho,
Quando beija o teu cabello;
E do sol tenho ciumes,
Como tu quasi tão bello.

A sombra d'esse teu corpo,
Quando eu a vejo no chão...
Aperto, p'ra não fugir-me,
O meu pobre coração.

Eu fizera um lindo cesto
Da tua bocca innocente;
P'ra mandar cheio de rosas
Aos anjinhos de presente.

As rosas não é preciso
Ir colhel-as na roseira;
As rosas são os sorrisos,
D'essa bocca feiticeira.

Os meus olhos estão cegos,
Mas eu não sei confessar
Se foi o sol que deu n'elles,
Se será de te fitar.

Das tranças dos teus cabellos
Quizera fazer cadeias;
P'ra prender meu coração,
P'ra ligar minhas ideias.

Fui-me deitar entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto;
Abracei-me a uma d'ellas
Cuidando que era comvosco.

Olhos que vindes a vêr,
Vinde bem acautelados;
Que eu sempre ouvi dizer,
Que do vêr nascem cuidados.

Esses olhos que vós tendes,
Enterrados n'essa alvura,
Cativaram os meus affectos,
Com um olhar de doçura.

Estrella do céo brilhante,
Raio do sol, prenda rica,
Corpo de cirio lavrado,
Quem te vê penando fica.

V

ARRUFOS

Cabeça toma juizo,
Oh juizo assocega;
Não sejas barco latino,
Com todo o vento navega.

Oh Maria tu bem sabes
O que tua mãe falou;
Toda a semente se perde,
Só a da lingua granou.

Minha pêra joanica,
Comida dos canarinhos;
Aquem déstes os abraços,
Dae-lhe tambem os beijinhos.

Minha pereirinha doce,
Comida dos tentilhões;
A quem déstes os abraços,
Dae tambem os beliscões.

Não vos encosteis ao alamo,
Que alamo verde é mudança;
Encostae-vos ao pinheiro,
Que dá os pinhos na frança.

A salsa mais o coentro
São o tempêro do peixe;
Dizei áquella má lingua,
Que se calle e que me deixe.

O tempo que te quiz bem
Já lá vae, já se acabou;
Se ainda ólho para ti,
Foi geito que me ficou.

A giesta é uma flôr,
Que ninguem faz caso d'ella;
Uma por ser pequenina,
Outra por ser amarella.

Não quero que á minha porta
Ponhaes o pé da aguilhada;
Eu sou mulher, perco muito,
Vós homem, não perdeis nada.

*

O vosso amor menina,
E' um amor bandoleiro;
Pega aqui, larga acolá,
Não tem amor verdadeiro.

Rapariga, não te fies
Em palavras de rapaz;
São como o calhau miudo,
Que a maré leva e traz.

Já me não quero casar,
Já tomei meu parecer;
Falo e rio com todas,
Casado não póde ser.

Já me não quero casar,
Já tomei meu parecer;
Boi solto lambe-se todo,
Prêso não póde comer.

Coitado o pae que tem filhas,
No tempo que agora corre;
Não sei como tem cabeça,
Nem de noite como dorme.

Coitada a mãe que tem filhas,
Coitado o pae que as tem;
Conta com ellas em casa,
Ellas de fóra lhe vem.

Oh minha bella menina,
Vós 'stais-me *chechumiando;*
Ao perto fugis de mim,
Ao longe estaes-me acenando.

Quando eu tiver amores,
Hão-de ser eguaes a mim;
Não diga a prata com o ouro,
Mas o ouro com rubim.

Eu estou mal com o meu bem,
Mal com o meu bem a morrer;
Debaixo d'este odiosinho
Desejando de o vêr.

Dei um ai entre dois picos,
Ouviram-me dois penedos;
Se tu me não fôras falsa,
Contára-te os meus segredos.

Retirae-vos para lá,
Não quero que me toqueis;
Se não cazares comigo,
Não quero que vos gabeis.

Quem quizer que a silva pegue,
Faça-lhe um fundo valado;
Quem quizer o amor firme,
Traga-o escandalisado.

Espelho que não tem aço,
Vira-se para a parede;
O homem que não tem barbas
Poucas falinhas com elle.

Eu já vi o sol de noite,
Estrellas ao meio dia;
Quem anda cégo de amores
Veria mais, que veria.

Madre-silva cheirosa,
Que no campo enflorece;
Quem eu quero não me quer,
Quem me quer não me merece.

O trigo é miudinho,
Bem custoso de nascer;
O vosso amor, menina,
E' custoso de entender.

Já no mato não ha mato,
Com que se colhem canecas;
Aquellas que mais se fazem,
São as mais desinquietas.

Ao dezerto fui chamada,
Sem ter culpa commetida;
Sem ter pé deixei pegada,
Sem dar fala fui ouvida.

Quem tem janella de vidro,
Não póde atirar pedrada;
Vae atirar ás alheias,
Já acha a sua quebrada.

Se eu quizesse estar casada
Ha muito que fui pedida;
Eu não vejo as casadas,
Levarem tão boa vida.

Cá em casa de meu pae,
Ninguem está melhor do que eu;
O peixe na agua está vivo,
Saíndo d'agua morreu.

Estas meninas de agora,
Estas que de agora são:
Trazem assucar na bocca,
Rosalgar no coração.

Estas meninas de agora,
São como o pão bolorento;
Mui bornidinhas por fóra,
Deos sabe o que vae por dentro.

Oh amores! oh amores!
Quem os não tem é discreto;
Deita-se na sua cama,
Dorme seu somno quieto.

Hade ter muito que vêr,
Dois amantes a brincar;
Um diz: *eu quero-te bem!*
Outro: *vaes-me enganar!*

Amor enjeitado de outro,
Ninguem faça caso d'elle;
E' como a agua salobra,
Salobra não mata a sede.

O sol quando vae nascendo
Deita raios á baliza;
Quem nasceu com pouca graça
Até nas pedras se piza.

O meu amor me deixou,
Não foi por mais boniteza;
Disse-me que eu era pobre,
Foi em cata da riqueza.

Deixae vós falar quem fala,
Deixae vós dizer quem diz,
Deixae vós correr as aguas
Direitas ao chafariz.

O azul é côr do céo,
O amarello da lua;
O branco é lealdade,
Meu bem me não tem nenhuma.

Al'mo branco buliçoso,
Delicado no bolir;
Tivestes o amor nos braços,
P'ra que o deixastes fugir?

O viver entre incertezas
E' dura, barbara lei;
Bem sei que me não desprezas,
Mas se me adoras não sei.

A giesta se faz grave
Com dar a flôr amarella;
Poe-se em pontos de vinte outo,
P'ra ninguem chegar a ella.

Oh menina, você cuida
Que não ha outra no mundo?
Não é o caldo tão gordo
Que se lhe não veja o fundo.

Quando eu te queria bem,
Quando eu bem te queria,
Não via palmo de terra
Na cegueira em que vivia.

Quando eu te queria bem,
Dava passadas no ar;
Agora dinheiro déra
Para te não encontrar.

Coração de amor ferido,
Mais pode a tua ventura ;
Por fóra prisioneiro,
Por dentro malicia pura.

Quem se cala vence tudo,
Cal'-te, amor, que assim serás ;
O que Deos talha no céo
Ninguem no mundo o desfaz.

Se eu soubera o que era amores,
Vivêra menos contente ;
Mas eu que d'amores zombo
Levo vida alegremente.

Oh amores ! oh amores !
Quem os tiver não os poupe ;
Muitas vezes asuccede
Vel-os passar na mão d'outre'.

A giesta se embalança,
Deve de querer chover ;
Não seja isto mudança
Que o amor precisa fazer.

Mezes para mim são annos,
Dias p'ra mim são semanas ;
Oh que tempo tão comprido,
Ha tanto que tu me enganas.

Oh menina do pé leve,
Da cabeça muito mais;
Vós daes conselhos aos outros,
Para vós não os tomais.

Meu amor não desconfies,
Quem desconfiou perdeu;
Falo e rio com todos,
Meu coração sempre é teu.

O alecrim de pedreira,
De comprido não emoita;
Tambem vós, minha menina,
Sois uma, e pareceis-me outra.

Passei pela tua porta,
Pedi-te agua, não m'a déste;
Nem os mouros da Moirama,
Fazem o que tu fizeste.

Menina, diga a seu pae,
Que eu lhe direi se o vir,
Que não diga mal de mim,
Que em casa lhe heide ir caír.

Não me importa que tu digas
Do meu corpo mal ou bem;
A minha sorte no mundo,
Não 'stá na mão de ninguem.

Coração bom para amar,
De um cento não se acha um;
Corra-se o mundo á roda,
Como eu não ha nenhum.

Lembras-te d'aquella noite
Que contámos, ao luar,
Eu as areias do chão,
Tu as estrellas no ar?

Atirei o limão á areia,
Apodreceu a metade;
Quem ama a dois corações,
Ama a um com falsidade.

Atiraste-me, atirei-te,
Encontráram-se as pedradas;
Quando as pedras se encontram,
Que farão as nossas falas!

Rapariga tola, tola,
Leve o diabo o teu brio;
Já agora te não lavas
Com toda a agua do rio.

Toda a vida desejei
Uma mulher mediana;
Deu-me Deos uma pandorca
Que me não cabe na cama.

Tyranna, tira, tyranna,
Tyranna, e olé, olé:
Casar com mulher sem dote
E' remar contra a maré.

Limoeiro da calçada
Já não torna a dar limões,
Que lhe cortáram as guias
Para render corações.

Fui ao céo por uma ameixa,
Tornei por um cacho de uvas;
Ninguem se fie nos homens
Que são falsos como Judas.

Tu chamaste amor perfeito
A' flor que a terra cria;
Amor perfeito só Deos
Filho da virgem Maria.

O sol é fogo divino
Que a todos nós nos aquenta;
O amor não é tão firme
Consante se representa.

Dizes tu que tenho amores,
Jesus! cruzes! anjo bento!
Nem os tenho, nem espero,
Não me vem ao pensamento.

Suspiraes quando me vêdes,
Suspiros de piedade;
Oxalá que isso não seja
Suspiros de falsidade.

Sou casado, sou solteiro,
Vivendo estou a meu gosto;
Casado com Deos do céo,
Solteiro para comvosco.

Oh que pinheiro tão alto,
Rico pau para colheres;
Ninguem se fie nos homens
E inda menos nas mulheres.

O amor é uma albarda
Que se *pranta* em quem quer bem;
Eu p'ra não ser albardado
Não quero bem a ninguem.

Coração não gostes d'ella,
Que ella não gosta de ti;
Não estejas, coração,
Tape, tepe, tepe, ti.

Se o amor quer ser rogado,
Eu nunca roguei ninguem;
Arrenego do amor
Que á força de rogos vem.

Os homens tem duas caras,
Mesmo assim lhe convém;
Affectam de amar a todas,
Não querem bem a ninguem.

Quem será este senhor
Que nunca vi, nem conheço?
Pela sua boa graça
O meu coração lhe offereço.

Não quero bem a ninguem,
Nem ninguem m'o quer a mim;
Quero andar entre as rosas,
A' sombra do alecrim.

Vem-te cá meu limão verde,
Que é a primeira fructa que ha;
Se quem madruga não alcança,
Que fará quem se ergue tarde?

Tomára que já chegasse
Domingo de paschoella,
Prometteste de me dar
Sôpas da vossa panella.

Por detraz d'aquella serra
Vae outra serra maior;
Se o teu amor é alferes,
O meu é capitão-mór.

O limão maduro cheira,
Você verde o apanhou;
Eu sempre lhe fui leal,
Você me refalseou.

Meu coração é leal
Para toda a creatura;
Se elle fôra refalsado
Tivera maior ventura.

Olha o brio, olha a graça
Do mariola galante!
Não é para ser meu moço,
Quanto mais meu firme amante!

Lá no mais alto das nuvens
Raios completam trovões;
Já se não pagam finezas
Senão com ingratidões.

Já vos disse, larangeira,
Que não desseis flores brancas;
Já vos disse, meu amor,
Que não desseis falas a tantas.

VI

CIUMES

Nem todas as madrugadas
Cae o sereno nas flores,
Nem todos os corações
São leaes aos seus amores.

Oh minha bella menina
Escuta, repara bem,
Olha que os mattos têm olhos,
Paredes ouvidos têm.

Por te amar deixei a Deos,
E Deos me deixou a mim;
Não quero ficar sem Deos,
Fica tu, amor, sem mim.

Oh meu amor, fala baixo,
Fala baixo, fala bem;
Que as parades têm ouvidos,
Os mattos olhos, e vêem.

Se tu fôras o meu bem,
Muito te havia de querer;
Nas palmas das minhas mãos
E' que te havia de trazer.

Atirei, não matei caça,
Oh mal empregado tiro!
Oh minha polv'ra queimada!
Oh meu chumbo derretido!

Tendes a dama bonita,
Não a ponhaes á janella;
Passam uns, e passam outros,
Todos dizem: — quem m'a dera!

Segredo em boca d'outro,
Cousa que bem arreceio;
Tirar do teu coração
Pôr no coração alheio!

No principio do meu mundo
Fui lavrador varios annos;
Semeêi bellas finezas,
Recebi falsos enganos.

Ando triste, como vèdes,
De continuo dando ais,
Desejoso de saber
Se por outro me deixaes.

O sobrado bole, bole,
Bem devagar põe o pé;
Diga-me ó minha menina:
A sua cama onde é?

Você passa e não me fala,
Leva do seu *ponião*;
Olhe lá não escorregue,
Não dê com o bico no chão.

Déste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha miuda;
Quizeste-me exp'rimentar:
Amor firme não se muda.

Como pode uma candêa
Allumiar duas salas?
Como pode um coração
Querer bem a duas almas?

Não ha machado que corte
A raiz á verde cana;
De famas ninguem se livra,
Bem tôlo é quem não ama.

Rosa branca, flor de espinhos,
Rigorosa na porfia,
Quem tem ciumes de amores
Ouve falar, desconfia.

Todos os rios correntes
Corre-lhe a areia no fundo,
Quem amores tem, tem enredos
Em toda a parte do mundo.

Dizei-me, peixinho-rei
Com quem guerreaes no mar?
— Guerreio com a garoupa
Que vivo me quer tragar.

Oh amor applaca o lume
Antes que se accenda a chamma;
Onde ha amores ha ciumes,
Onde ha ciumes ha fama.

O amor que eu heide amar
Não hade amar mais ninguem;
Que eu sou muito bellicosa
Em pontos de querer bem.

Deixa-me assubir ao alto,
Que eu do alto vejo bem;
Quero vêr o meu amor
Se me fala com alguem.

O melro canta na faia
O tontilhão no almendro;
Não sei onde te vá pôr,
Que te esteja sempre vendo.

Ai de mim, morro de certo
Morro no mesmo instante;
Em que souber que nós sômos
Tu mudavel, eu constante.

Eu subi ao altar mór,
Accendi a luz do throno;
E' desgraçado quem ama
Um amor que já tem dono.

Esta noite heide ir ás ginjas,
Esta noite heide ir a ellas,
Quem tiver as filhas guarde-as,
Que não me heide guardar d'ellas.

Eu havia de adorar-te
Como o sol adora a terra;
Mas tu tens novos amores
Não te quero fazer guerra.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas, tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Laranjeira ao pé da serra
Só lhe fica o desengano;
Mais faz amor n'uma hora,
Do que a justiça n'um anno.

Quero ir para a figueira
Já que não tenho amor;
Que a figueira é arvore
Que dá fructo sem dar flor.

VII

PEZARES

Os nossos dois corações
Unidos podiam ser;
Mas havia de ser já,
Que tarde eu posso morrer.

Quero-te bem porque quero,
Queira não queira a razão;
A razão diz que t'eu deixe,
Deixar-te não heide, não.

*

Eu fui a mais triste folha,
Que nasceu ao pé da vinha;
Nada se faz n'este mundo
Que a culpa não seja minha.

Ai Jesus, arde-me o peito
Em labaredas de fogo;
Se eu não vejo um bem que adoro,
Ai Jesus do céo, que môrro.

Oh cruel, deixa-me entrar
No teu delicado peito;
Que eu quero vêr o destroço
Que o meu amor te tem feito.

Atirei com um limão ao céo,
Cuidando que lá ficasse;
Verde foi e verde veiu,
Coitado de quem triste nasce.

Coração de pedra dura
Que nem pedra de afiar;
Abranda o ferro no fogo,
Só tu não queres abrandar.

Oh minha virgem, valei-me,
Quanto mais cedo melhor;
Corre a fortuna commigo,
Cada vez será peor.

Quando eu cuidei que tinha
Os meus males acabados,
Então é que me vieram
De novamente dobrados.

Tanto ai, tanto suspiro,
Todos á bocca fechada!
Meu coração sabe tudo,
Minha bocca não diz nada.

Toda esta noite sonhei
Que o meu rosto ao teu se unia;
Acordei, achei-me só,
Sem a tua companhia.

Esta rua n'algum tempo
Era o meu divertimento;
Agora passo por ella
Que nem corrido do vento.

Eu já me lembrei deixar-te,
Da mesma lembrança choro;
Lembrar que me heide apartar
De um bem que tanto adoro.

Aqui me tendes, matae-me,
Se eu a morte vos mereço!
Se não matas, alivia-me
D'estas penas que padeço.

Oh mar das variedades,
Nunca em ti variei;
Variaram os meus olhos
Quando para os teus olhei.

O sol é caixa de prata,
A lua é a fechadura;
As estrellas são as chaves
Com que se fecha a ventura.

No retiro aonde móro
Onde a fortuna me tem;
Eu chamo, ninguem me fala,
Olho, não vejo ninguem.

Trabalhae minhas mãosinhas,
Não canseis de trabalhar;
Assim fazem as donzellas,
Para o seu brio sustentar.

De que me presta ter sido
Da ventura tão mimosa,
Se me faz mais desgraçada
O ter sido venturosa.

O meu coração me diz
Quando palpita em segredo,
Que hade ser feliz comtigo
Quer mais tarde, quer mais cedo.

Eu heide ser como o cysne,
Todo o seu canto é choro;
O cysne morre cantando,
Eu a chorar por ti morro.

Se souberas os meus sonhos
Tu de mim terias dó;
Eu sonho que estou comtigo,
Acordado acho-me só.

Eu n'algum tempo me ria
De quem chorava de amores;
Agora estou condemnado,
Curtindo as mesmas dôres.

Triste era malfadada
Foi a do meu nascimento;
A quem de véras amei
Deu-me tão máo pagamento.

Para curar paixão de alma
Chamar medico é loucura;
Uma tal molestia é esta
Quem a tem é que a cura.

O sereno da manhã
Quebrou a flor ao poêjo;
Maior desgraça é a minha
Em não ver o que desejo.

O *bramim* é cousa fina,
Nasce na costa do mar;
O amor para comtigo
Por morte se hade acabar.

Puz-me a escrever na areia
O retrato do meu bem;
Escrevi, fugi de pressa,
P'ra que não me visse alguem.

Janella que estaes ao norte,
Ao desamparo do vento;
Fôste minha secretaria,
E do meu bem em certo tempo.

Semiei, não me nasceu
A'lamo branco na estrada;
Ao longe parece egreja,
Ao perto casa caiada.

Quem me dera um caminho
Por debaixo d'este chão;
Fôra vêr o meu amor
Sem haver murmuração.

A folha da fava triste
De noite mete pavor;
Quem me quiz bem n'algum tempo
Ainda me hade ter amor.

Já os atalhos tem erva,
Depois que cá não vieste;
Dize-me, amor da minha alma,
Que aggravo de mim tiveste?

Oh altas serras de neve,
Qualquer estrella dá luz;
Eu nunca te heide perder
O affecto em ti puz.

Tenho jurado ser tua,
E's do meu peito senhor;
Recebe, bem adorado,
Meu coração por penhor.

No retiro aonde vivo,
N'esta solidão tão só,
Quem ouvirá meus gemidos,
Que de mim não tenha dó?

Coração não vivas triste,
Vive alegre se poderes;
Por mais que a fortuna corra,
Coração não desesperes.

Oh amores! oh amores!
Oh amores, para que são?
Para quebramento de olhos,
Da raiz do coração.

O sol não nega seus raios
A quem d'elles necessita!
Porque me negas, ingrata,
Os raios de tua vista?

Ainda que mãos mais ditosas
Outros mimos te darão,
Não importa, dou com isto
Alivio ao meu coração.

Já não tenho alegria,
A minha vida é chorar;
Por eu vêr que te não logro,
E por outro te lograr.

Minha alma adora constante
Só a ti, a ninguem mais;
Só tu roubaste a meu peito
A ternura de meus ais.

Da minha janella reso
A' Senhora da Saude,
Que me tire do sentido
Quem quiz amar e não pude.

Eu não sei que sympathia
Minha alma comtigo tem;
Quando te vejo chorar
Metto-me a chorar tambem.

Borboleta que sempre andas,
Nem de noite tens socego;
Tu chegas á luz e morres,
Eu morro porque não chego.

Sou feita de ais e suspiros,
Assim me mandei fazer;
Dou ais por te não falar,
Suspiros por te não vêr.

Oh sol! oh lua! oh estrellas!
Oh anjos! descei cá abaixo;
Vinde vêr a sepultura,
O logar onde me eu acho.

Oh sol! oh lua! oh estrellas!
Andae, dae luz em meu peito,
Vinde achar morada firme
Em palacio tão estreito.

Já os campos verdes choram
Porque não tem que vestir;
Já romperam suas galas
Que lhes dava o mez de abril.

Só a morte, não o tempo,
Póde em mim fazer mudança;
Gravado tenho o teu nome
Sempre na minha lembrança.

Retirada vivo triste,
Suspirando para o tempo;
Vivo sempre no encanto
Só por seguir teu intento.

Quem não ama e não adora
Vivo está na sepultura;
Só amando é que se vive,
Sem amor não ha ventura.

Lança para mim teus olhos,
Meu amor, de quando em quando;
De noite, que ninguem veja,
Que nos 'stamos namorando.

Acordei antes da aurora
Dando suspiros por ti;
Suspirei um dia inteiro,
Suspirando adormeci.

Se eu a ventura tivesse
De achar amor verdadeiro,
Seria feliz no mundo,
Talvez seria o primeiro.

Se os meus suspiros podessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma saudade,
Tem poder de assassinar.

Vae ditoso passarinho,
Gosar tua liberdade,
Que eu dei a minha a quem quiz
Por minha livre vontade.

Se o meu bem aqui chegasse,
E me jurasse ternura,
Talvez que então renovasse
Minha perdida ventura.

Tenho o meu coração triste
Que não póde suspirar;
Por não ter occasião,
Meu amor, de te falar.

Ter fineza e ter amor
Não póde haver peor lida;
Se eu no mundo te não logro,
Mais vale a morte que a vida.

Oh penas, não venhaes tantas,
Vinde mais poucas e poucas;
Vinde mais bem repartidas,
Dae logar umas ás outras.

Com pennas escrevo penas,
Com a tinta me declaro;
Com as lagrimas dos olhos
Quanto escrevo eu apago.

Dize-me amor se é tempo
De fazer f'liz minha sorte;
Hade ser antes que cheguem
Os laços da cruel morte.

Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia;
Perde quem serve uns amores,
Ganha quem os não servia.

Fui ao tronco de uma planta
Para o teu nome gravar;
A mesma planta chorou,
Só por me vêr suspirar.

No retiro aonde estou
Nada me faz alegrar;
Até as aves do campo
Lamentam o meu pesar.

Até as aves do campo
Suspiram, de mim tem dôr;
Por verem a crueldade
Com que me tratas, amor.

Não se me dá de ter Cruz,
Tendo o Calvario ao pé;
Não se me dá de morrer
Sabendo que por ti é.

Serpentina verde, triste
No campo publica a morte;
Morrendo por teu respeito,
Não quero ter melhor sorte.

Suspiros ao céo darei,
Até lá chegar meu choro;
Para vêr se alcançar posso
Um bem d'alma porque morro.

Suspiros com tristes ais
Não atrahem o meu amor;
Porque já do que é teu
Mais ninguem será senhor.

Trez vezes a maré vaza,
Lá n'esses mares salgados;
Só para mim não se acabam
Os meus dias desgraçados.

Canarinho que cantaes
Em raminhos delicados,
Cantae vós, chorarei eu,
Que assim faz quem tem cuidados.

Contae aquellas pedrinhas
Que aquella maré revolve,
Que eu vos contarei as magoas
Que o meu coração envolve.

O palmito é fechado,
Quem o abre tem segredo ;
Espero de ser feliz
Com o meu bem tarde ou cedo.

Coitado de quem espera
Pelo que está na mão d'outre',
Cedo lhe parece tarde,
Tarde lhe parece noute.

Chorae olhos, chorae olhos,
Chorae que bem tendes rido,
E' bem que agora pagueis
Regalos que tendes tido.

Oh meu terno passarinho
Posto nos pés, adejando;
Com o movimento das pennas,
Parece estares-me chamando.

Se por ventura és meu bem,
A causa da minha dôr,
Paga um bem com outro bem,
Tem dó de mim, tem-me amor.

Eu heide ir para o deserto
Fazer vida com os pastores;
Já que não tive a ventura
De lograr os teus amores.

Eu heide ir para o deserto,
Para onde foi o meu Deos;
Elle não tinha peccados,
Foi padecer pelos meus.

Quando eu nasci no mundo,
Estavam á repartição;
Todos tiveram ventura,
Só eu fiquei sem quinhão.

Meu coração já não bate
Não sei isto o que quer ser;
Devem ser signaes de morte,
Amor vem-me vêr morrer.

Quem me déra agora vêr
Quem eu vi hontem á noute;
Dissera-lhe os meus segredos
Não lh'os mandára por outro.

Cravo roxo ama, ama,
Oh jasmin adora, adora;
Branca rosa da roseira
Se tens penas chora, chora.

Tenho somno de gallinha,
Que a gallinha dorme em pé;
Olha as penas que padeço
Por amor de ti, José.

Tu aonde estás me esqueces,
Eu aonde estou te adóro,
Tu andas lá entre as flores,
Eu cá entre penas choro.

Até onde as nuvens giram
Vão meus suspiros parar;
E tu tão perto de mim,
Sem me ouvires suspirar!

De noite tudo são sombras,
Por ellas te heide ir buscar;
Já que eu de dia não posso
Falas tuas alcançar!

Mil vezes peço a morte
E me torno a arrepender,
Pois considero se morro
Que te não torno a vêr.

Já vi correr um regato
Mais uma fonte tambem,
Vejo tudo sem dar ais
Sem ter amor a ninguem.

Não sejas amor ingrato,
Que os ingratos tem mau fim;
Olha que do céo caíu
Um ingrato Seraphim.

Tenho pena em te não ver,
Sentimento em não te amar;
O alivio maior que tenho
E' em te ouvir nomear.

Oh coração, coração,
Coração sempre doente,
A quem contas tuas magoas?
A quem tua dor não sente.

Tenho uma pena em meu peito,
Contal-a me não convem;
Penas que não tem alivio,
Não se contam a ninguem.

Alecrim verde viçoso,
Alegria dos mortaes,
Foi signo em que nasci,
Quero-te cada vez mais.

Ninguem se póde chamar
Nem feliz, nem desgraçado,
Que dos males que se queixa
Podia ter evitado.

Tenho penas sobre penas,
Todas da banda direita;
Como pode adormecer
Quem sobre penas se deita?

Os meus olhos, mais os vossos
De longe se estão mirando;
Os vossos dizem que sim,
Os meus perguntam-lhe — quando?

Já vi chover e ventar,
Lebrinar, fazer escuro;
Já vi tirar o amor
D'onde estava bem seguro.

VIII

AUZENCIAS E SAUDADES

Não sei se te diga adeos,
Se diga — fica-te embora;
Um adeos é saudoso,
Quem diz adeos sempre chora.

Oh José da crueldade
Vem ver a tua querida,
Revolvida em saudades,
Oh José, que está perdida.

Mangerona com o pé n'agua
Bota raminhos de prata;
Não é nada o ter amores,
O apartar é que mata.

A laranja tem dez gommos
Debaixo da sua capa;
Não é nada o ter amores
O apartar é que mata.

Saudades de oito dias
Ainda se podem soffrer,
Chegando aos quinze dias,
Não ha senão padecer.

Pomba leva-me esta carta
Nas azas, nanja no bico;
Se t'a quizerem tomar,
Bate as azas, põe um grito.

E' certo que o tempo gasta
Ferro e bronze tambem;
Só eu desgastar não posso
Saudades do meu bem.

Todos os males se curam
Com remedios da botica;
Só as saudades não,
Quem as tem com ellas fica.

Quem me dera vêr agora
Quem me alembrou de repente,
Que eu víra se tem saude,
Se está na cama doente.

As saudades são roxas,
As auzencias amarellas,
Ai de mim que sou criança,
Sou tão perseguida d'ellas.

Tenho tantas saudades
Como folhas tem o trigo;
Não as conto a ninguem,
Todas consummo commigo.

Trago-te na mão fechado
Meu diamante escolhido,
Na memoria retratado,
No coração escondido.

*

Meu amor se tu te vires
No deserto sem ninguem,
Dá um ai com sentimento,
Que eu sou comtigo, meu bem.

Meu amor se tu te fôres
Dize-me a quem hei de amar?
Amarás a Deos do céo,
Que se eu fôr heide tornar.

Um corpo sem ametade
Como possa viver não sei;
Se tu és minha metade
Como sem ti viverei?

Os mimosos passarinhos
Aqui já cantar não vem,
Vem gemer commigo afflictos
N'esta ausencia do meu bem.

Já que me ensinaste a amar,
Ensina-me agora a lêr;
Não quero que ninguem saiba
O que me mandas dizer.

Quero-me casar por cartas,
No Fayal me dão amores
Fica-te embora S. Jorge,
Meu ramalhete de flores.

Querem-me casar por cartas,
Oh minha mãe, que farei?
Um homem que nunca vi,
Que respeito lhe terei?

Oh meu amor lá de longe
Escreve-me uma cartinha,
Se não tiveres papel
Nas azas de uma pombinha.

Vós mandastes-me uma carta,
Desculpae, que eu não sei lêr;
A culpa foi do meu pae,
Que me não poz a aprender.

Você se vae e me deixa
N'esta solidão tão triste;
Tem pouco de amante firme,
Que se vae me não assiste.

Coitado quem tem amores
Pela freguezia alheia,
Quantas vezes acontece
O jantar servir de ceia.

Puz-me a escrever na areia,
Ao som do mar que corria;
Veiu o mar levou-me a penna,
Apagou-me o que fazia.

Se vires o meu amor
Na eira do pae trilhando,
Dize-lhe que eu cá estou
Na de meu pae joeirando.

Vou-me embora, vou-me embora,
Vou fazer vontade á sorte;
Vou-me rolar com a vida,
Até encontrar a morte.

Quem me dera çaminhar
Caminhos longos comtigo;
Que eu te fôra perguntando
Que determinavas commigo.

Vejo o mar, não vejo terra,
Vejo navios além,
Vejo vir barco á vela,
Só o meu amor não vem.

Lá no céo existe um Deos,
Deos de tanta compaixão;
Para que deixou no mundo
A cruel separação?

Se as saudades matassem,
Muita gente morreria;
As saudades não matam,
Mas apoquentam a vida.

Quando lanço os tristes olhos
Para a tua habitação,
Sinto voar para ti
Meu afflicto coração.

N'esta terra não ha tinta,
Nem papel que tenha côr;
Nem ave que tenha penna
Para escrever ao amor.

Quem adora o impossivel
Que esperança pode ter?
Vive n'uma saudade
Gosa pena até morrer.

Auzente da tua vista
Nada me faz alegrar;
Eu não vivo para o mundo,
Vivo só para te amar.

Nossos corações unidos
Nasceram para se amar;
Não podem 'star um sem o outro,
Assim mesmo hãode acabar.

Nossos corações unidos
Por ternos laços de amor,
Nada os pode separar,
Nem auzencia, nem rigor.

Tanto ai, tanto suspiro,
Que do fundo d'alma vem;
Não são ais, não são suspiros,
São auzencias do meu bem.

Nas terras que o sol cobre,
Nas que o sol não chega a ver,
Por toda a parte do mundo
Heide amar-te até morrer.

Oh coração toma azas,
Oh azas tomae valôr,
Que havemos de ir esta noite
Ao resgate de uma flor.

O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou,
N'uma lanchinha de prata,
Remos de ouro lhe deitou.

Que importa mudar de terra
Sem o amor abrandar?
Por toda a parte que vou
Vae commigo meu pezar.

As saudades occultas
São custosas de aturar;
Se dão n'um peito mimoso
O seu alivio é chorar.

Saudades, saudades,
Saudades tenho eu;
Quem não hade ter saudades
De um amor que já foi seu?

Saudades te persigam
Que te não possas valer;
Para que saibas, amor,
Quanto custa o bem querer.

Oh saudade tyranna
Vem a mim, tira-me a vida;
A prenda que eu mais amava
Já de mim está arrependida.

Saudades me têm posto
Na maior consternação,
Sem forças e sem alento,
Cuido que me matarão.

Saudades são recusas,
Auzencias são tyrannias;
Se eu não lograr os teus olhos
Acabados 'stão meus dias.

Tristes ais, correi depressa,
Ide dizer ao meu bem,
Que morro de saudades
Se elle acudir-me não vem.

Oh meu amor da cidade,
Tira tempo, vem-me vêr;
Que as cartas são escusadas
Para mim que não sei ler.

Vem-te, amor, para os meus braços
Que não vens a padecer;
Os meus braços dão a vida
A quem está para morrer.

Mandei fazer altas torres
No retiro aonde móro,
Quando tenho saudades
Subo-me a ellas e chóro.

Não te torças, não te mires,
Que eu não olho para ti;
O amor que heide amar
Longes terras 'stá d'aqui.

Já viestes, já chegastes,
Já esta casa está cheia;
Esta cidade sem vós
Para mim é uma aldeia.

Não ha setta mais aguda,
Nem penas tão penetrantes,
Como são as saudades
Entre dois finos amantes.

Este meu coraçãosinho
Tão pequenino que é!
E' um mar de saudades
Onde não entra a maré.

Puz-me a chorar saudades
No portal do meu jardim;
Uma flôr me respondeu:
Call'-te, que tudo tem fim.

Quiz dizer-te adeos, não pude,
A linda mão te apertei;
Quando me vens á memoria
Como não morro, não sei.

Já o adro criou rama,
Já não ha passeadores;
Já se foram d'esta terra,
Menina, os meus amores.

O meu amor foi-se embora,
Pediu-me que não chorasse;
Que se eu lhe queria bem
Que o não mortificasse.

Amores de ao pé da porta
Só servem para tormento;
Amores, querem-se ao longe,
Mas perto no pensamento.

Pelo céo vae uma nuvem,
Leva seu relogio dentro;
Com que vae contando as horas
Do nosso apartamento.

Quem disser que o sol que chora
Digam todos que é mentira;
Como póde o sol chorar
Se elle é o rei da alegria!

O meu amor me mandou
Remedio para uma auzencia;
Veiu um ai com dois suspiros
Que eu tivesse paciencia.

A carta que me mandaste
Não lhe pude entrar com a letra;
Abracei-a e beijei-a,
Fechei-a n'uma gaveta.

IX

MORAES E GRACIOSAS

A desgraça é nascer,
Depois de nascer penar;
Depois de penar morrer,
Depois de morrer penar.

Namorados, falae baixo,
Que as paredes tem ouvidos;
Os segredos mais secretos
Esses são os mais sabidos.

Eu heide subir ao alto,
Ao alto heide assubir;
Quem ao mais alto se sobe
Ao mais baixo vem caír.

Fechei a porta á fortuna,
Entrou-me pela janella,
Quem nasceu para a fortuna
Não pode fugir a ella.

Olha agora o milho verde
O segredo que sabia!
Guardar a agua na ponta
Para beber todo o dia.

Não quero tomar tabaco
Nem do fumo, nem do pó,
A estanqueira está rica,
Eu estou pobre como Job.

Este vinho é bom vinho
Na taça tem boa côr,
Quem beber d'elle uma gotta
Bem dispensa cobertor.

Oh minha bella menina
Escuta que vou dizer:
Tenho uma mão para dar,
Outra para receber.

Ninguem descubra seu peito
Para aliviar sua pena;
Quem o seu peito descobre
Mesmo a si se condemna.

A maçã na macieira
E' como a mãe com a filha,
Que não é senhora d'ella
Senão em mentes a cria.

Semiei linho na serra,
Do linho me nasceu mato;
Quem toma amores com um velho
Nunca de amores é farto.

Os homens entre as mulheres
E' um caso bellicoso;
E' como a pera madura
Na boca de algum guloso.

Botae as ovelhas fóra,
Que vem o sol arraiando;
Botae uma, botae duas,
Botae-as todas n'um bando.

Lá no mato salta a cabra,
No mar *adana* a baleia;
Canta o melro na gaiola,
Chora o preso na cadeia.

O vento do noroeste
Faz andar o mar picado,
Faz andar o marinheiro.
Pelo convés enjoado.

Coitado de quem não tem
Grandezas a offerecer;
E' engeitado do bem
Onde veiu a pertender.

Diga-me, oh senhor piloto,
Que do mar sabe a lição,
Diga-me do norte ao sul
Quantas legoas do mar são.

O sol quando nasce é rei,
Ao meio dia é morgado;
A' tarde já vae doente,
A' noute é sepultado.

Rapariga se casares
Toma conselho primeiro;
Mais vale um rapaz sem nada,
Do que um velho com dinheiro.

Se a inveja fosse tinha
Todos estavam tinhosos;
A inveja não é tinha,
Mas é quebranto dos olhos.

Eu sempre ouvi dizer
Aos lavradores da cidade,
Quem semêa boa terra
Colhe boa novidade.

Que lhe importa a cada um,
Que lhe importa a cada qual,
Que lhe importa a cada um
Quem faz bem, ou quem faz mal?

Que lhe importa a cada um
Co' a vida de cada qual?
Que lhe importa a cada um
Se me eu trato bem ou mal?

Amor fere quando fere
Sem distinguir qualidade;
Fere o pobre, fere o rico,
O vassallo, a magestade.

O passarinho no bosque
Busca algum de sua côr,
Mostra em tudo a natureza
A doce união do amôr.

Coitado de quem não tem
Grandezas a offerecer,
Fica isempto do bem
Que podia pertender.

Eu devia de nascer
Na maré do caranguejo;
Quanto mais vou para diante,
Quanto mais atraz me vejo.

Eu subí ao altar mór,
Accendi a luz da tribuna;
E' desgraçado quem nasce
No mundo sem ter fortuna.

Estudantes são maganos,
Amigos de apalpar tudo;
Apalparam-me a jaqueta
Se era ganga ou veludo.

Dei alta para ser soldado,
Já estou arrependido;
O dinheiro já está gasto,
O meu corpo está vendido.

Estudante larga o livro,
Anda, vamos ao jardim;
Mais vale uma hora de gosto,
Do que duas em latim.

O amor do estudante
E' muito, mas dura pouco;
E' como o milho vermelho,
Que se aparta um do outro.

Esta rua tem pedrinhas,
Eu hei-l-as mandar tirar
Com biquinhos de alfinete,
Para o meu bem passear.

Do Brazil o fino ouro,
Da seda o melhor setim,
Das pedras o diamante,
Das flores o alecrim.

Lá vem o barco á vela
A' vela, que vem rachando;
Lá vem o meu bem á popa
Que bem se vem regalando.

Manoel engana o pae
Com uma flautinha de cana;
Diz que vae vigiar gado,
Vae para casa da dama.

Minha mãe, minha mãesinha,
Minha mãesinha do céo,
Que me trouxe nove mezes
Debaixo do seu mantéo.

Dei um nó que eu nunca déra,
Nunca o eu chegasse a dar;
Dei-o com a mão direita,
Não o posso desatar.

Ainda hoje não fiz caldo,
Nem panella puz ao lume;
Só lá tenho um pucarinho
Que levará um almude.

Minha mãe é minha amiga,
Quando cose dá-me um bôlo;
Quando se enraiva commigo,
Dá-me com a pá do forno.

Não quero homem altivo
Com brazões de alta nobreza;
Eu não quero fidalguia,
Que sou filha da pobreza.

Ninguem se fie nos homens
No tempo das favas verdes;
Umas baixas, outras altas,
Assim são as falas d'elles.

Oh coração de baeta,
D'aquella mais denegrida!
Ha tantos annos que te amo,
Não te posso vêr vencida.

Quando eu vou para casa
E a mulher não tem ceia,
Pego na minha viola,
Já a minha casa está cheia.

O amor do estudante
E' em quanto está presente;
Vêm as ferias, vae-se embora,
Fiem-se lá de tal gente!

Taverneiro, deita vinho,
Deita vinho com fartura;
Que o dinheiro do estudante
Tarde vem e pouco dura.

A pomba dorme na rocha,
Faz a cama no barceu;
Tambem eu faço a minha
Na roda do teu manteu.

X

LOCAES

Lisboa com ser Lisboa,
Com ter o Senhor que tem,
Não ha terra como a minha
Para amar e querer bem.

Oh Lisboa, oh Lisboa,
Quem te atirára dous tiros,
A polvora fôra de ais,
A munição de suspiros.

Oh terra da California,
Terra da minha alegria,
Tu sempre me estás lembrando
Quer de noute, quer de dia.

Oh ilha de S. Miguel,
A desgraça que lá vae;
Tanta mulher sem marido,
Tanto filhinho sem pae.

Adeos Furnas vou deixar-te,
E' lei do fado cruel;
Para sempre abandonar-te,
Meu amor de S. Miguel.

S. Miguel unha na palma,
Terceira faca sem ponta,
Pico, Fayal, Graciosa,
Tudo vae na mesma conta.

Oh ilha de S. Miguel,
Quem te largou o fogo,
Para semear de nabos
Para sustento do povo.

Na Terceira são alferes,
Em S. Jorge capitães;
No Pico são picarotos,
No Fayal finos ladrães.

Oh Angra, nobre cidade,
Assim diz quem de lá vem;
Terra que dá tanta rosa,
Só não dá cravos tambem.

*

A Terceira veste seda,
S. Miguel o chamalote,
O Pico pano da terra,
O Fayal de toda a sorte.

Adeos, ilha do Fayal,
Terra de tanto dinheiro ;
Terra que nada valêra
Se não fôra o estrangeiro.

Oh Pico, Pico das faias,
Oh Fayal, Fayal das canas;
Oh Pico, tu me não logras,
Oh Fayal, tu não me enganas.

Oh meu amor pequenino,
Não vades á Graciosa,
Que o canal é mui comprido,
E a barra é mais perigosa.

Urzelina, Urzelina,
São quatro dias de verão,
Fatía de pão de rála,
Cachinho de uva na mão.

Lá vem a lua saindo
A' ladeira das Manadas,
Com sua saia amarella
Suas meias laranjadas.

Oh que vida regalada
Heide eu levar este verão,
Pelos atalhos das vinhas
C'o meu amor pela mão.

Oh minha Ribeira secca,
Minha ribeira de flores,
Para lá de ti, Ribeira,
E' que eu tenho os meus amores.

Oh minha Fajan dos Vimes,
Oh minha rica Fajan;
Ainda hontem de lá vim,
Para lá torno ámanhã.

Norte, pequeno, airoso,
Calheta, escuridão,
Para lá de ti, Calheta,
Tenho a minha affeição.

Olha o Senhor Santo Christo
Onde foi fazer morada,
Para lá do Norte grande
A' borda d'agua salgada.

Quem me déra um carro novo,
Com bois e com campainhas,
Para ir ao Norte Grande
Carregal-o de meninas.

Oh Toledo, oh Toledo,
Ribeiras que deita ao mar,
Oh maldita freguezia,
Eu não quero lá tornar.

Quero-me casar por carta,
No Fayal me dão amores;
Fica-te embora S. Jorge,
Meu ramilhete de flores.

Rapariga não te fies
Em palavras de homem rico,
São como o calhau miudo
Rola na costa do Pico.

XI

POLITICAS

O Junot quando embarcou
Embarcou em caes de pedra;
Com a lagrima no olho
Pela Condessa da Ega.

Oh Junot, oh general,
Quem te mandou cá meter?
Desprezaste as cinco chagas!
Junot, quem te hade valer?

A Condessa chora, chora,
Chora sem consolação;
Que o seu Junot arribou
A' quinta do Hortelão.

A Rainha de Castella
Está fiando n'uma roca;
Ella quer ganhar dinheiro
P'ra pagar á sua tropa.

SERENADAS DO LUAR

I

ABC DE AMORES

Adorada prenda minha,
Sol e lua a quem venero;
N'este ABC dos amores
Te digo quanto te quero:

O A é pela ausencia
Que tenho do meu amor;
Eu passo crueis tormentos,
Eu sinto uma grande dôr.

O B é pelo brincar
Eu comtigo n'algum tempo;
Muito nos hade custar
O nosso apartamento.

O C é ser constante,
Bem constante tenho sido;
Adorada prenda minha,
Disvello de meu sentido.

O D é para dizer
A quem tenho na affeição;
Só a ti, caro amor,
Darei alma e coração.

O E é pelo estar
Vivendo de ti ausente;
Oh que grande penitencia
Para um terno vivente.

O F é ser fiel,
Bem fiel te tenho sido;
Se me fôres outro tanto,
Unida serás commigo.

O G são muitas glorias
Que eu por ti tenho passado;
Mais me consólo de esperanças,
Que ainda serei amado.

O H é pela hora
Que te eu não posso vêr,
Cercado de saudades,
Arriscado a morrer.

O J quer dizer joia,
Joia do meu coração;
Quero-te mais do que a vida,
Tenho-te grande affeição.

O L é pela lembrança,
Vós sempre me alembraes;
O dia que vos não vejo
Não faço senão dar ais.

O M é pelo amor
Que sempre te tive e tenho;
E's a prenda a quem adoro,
Por quem faço mais empenho.

O N quer dizer nada
Desfallece no amante;
O direito do amor
E' ser firme e ser constante.

O O é pelos teus olhos
Que são dois finos ladrões;
Dispostos no auditorio
Para render corações.

O P são muitas penas
Que eu por ti tenho passado;
Mas eu achando-as certas
Vivo sempre magoado.

O Q é pelo querer,
Que eu sempre te quiz e quero;
Espero de seres minha,
Que eu por isso te venero.

O R é reverencia,
Reverencia posso ter,
Heide amar-te até á morte,
Heide amar-te até morrer.

O S são as saudades
Que eu tenho por ti meu bem;
Eu passo crueis tormentos,
Vivo só sem mais ninguem.

O T é a tyrannia,
Que tyrannia te fiz?
O meu gosto é amar-te,
Viver comtigo feliz.

O U é por vos vêr
E por vos ter affeição;
O dia que vos não vejo
Me entristece o coração.

O X é pelas chaves
Com que abristes o meu peito;
Feristes meu coração
Com raios de amor perfeito.

O Z é pela zombaria
Que vós commigo uzaes;
Eu como firme amante
Cada vez vos quero mais.

A's regras do ABC
Ainda aqui faltam quatro:
Traz a tinta e o papel,
Assenta ali teu retrato.

VARIANTE:

— Menina que passeiaes
Em campo verde de flores,
Dizei-me lá por cantigas
O ABC dos amores.

« O *ABC* dos amores
Vós cuidaes que o não sei?
Dizei-me a primeira letra
Que então vos responderei.

— O *A* é a primeira letra
Que se põe no *ABC*;
Diga-me a minha menina
Quantos morrem por você.

« O *A* é a primeira letra
Que se escreve no papel,
Escrevi-te no sentido
Minha pedrinha de annel.

— O *B* é pelos beijinhos,
Mais tambem pela doçura;
Na face d'esse teu rosto
Criou Deos a formosura.

« O *B* é pelo bem querer,
Ninguem te quer mais do que eu;
Porque não me correspondes
Mui adorado bem meu?

— O *C* significa o cravo,
Esse cravo bem disposto;
Corre a fama que sou teu,
N'isso faço muito gosto.

« O *C* é pela ciencia
Meu amor com que te amei!
Ingrato porque não pões
Em mim essa tua lei?

— *D* — defronte do teu peito
Uma flor eu vi nascer;
Se não souberes amar
Faze como vires fazer.

« *D* — digo eu que só quero
Vêr-te firme até á morte;
Se me não corresponderes
Será em mim pouca sorte.

— O *E* é pelos enredos,
Enredos te eu heide armar;
Menina se fores minha
Por meios te heide ir buscar.

« O *E* significa a era
Que te comecei a amar;
Quem por ti não enlouquece
Vive em peccado mortal.

— O *F* é pela firmeza,
Vós bem firme podeis estar;
Que á palavra que vos dei
Nunca vos heide faltar.

« O *F* é pela fé
Que tenho em te gosar,
Ou heide vir a ser tua,
Ou eu heide me matar.

— O *G* é um generoso,
Heide sel-o até ao fim;
Dei-te o coração por prenda,
Que mais queres tu de mim?

« O *G* é a gentileza,
Não vi cara mais formosa;
Pelo branco és açucena,
Pelo encarnado és rosa.

— O *H* é humildade,
Por sentido te conheço;
Não te faças tão altiva,
Julgas que eu te não mereço?

« O *H* é pela hora
Que te eu comecei a amar,
Ainda espero em Deos,
Meu, amor, de te lograr.

« O *I* quer dizer irei
Para onde ninguem sabe;
Dize-me se n'esse teu peito
Este meu coração cabe.

— *J* é um jardim
Onde se apanham flores;
Ainda heide ser jardineiro
Menina dos teus amores.

« O *J* quer dizer já estou
Meu amor n'esse teu peito;
Estou preza da tua mão
Em laços de amor perfeito.

— O *K* quer dizer cadeia
Em que te tenho prendido,
E's a flor de mais empenho
Que trago no meu sentido.

« O *L* é pela lei
Que o meu coração te tem;
Desde que eu logo te vi
Não quiz bem a mais ninguem.

— O *M* é pelas mãos,
Que as tendes delicadas;
Menina, se fores minha
As trareis mais estimadas.

« *M* significa a morte,
Amor que me hasde causar;
A's tuas ingratidões
E' que me hasde matar.

— O *N* é uma nau
Que navega com bom vento;
Diga-me, minha menina,
Quanto traz no pensamento.

« *N* é pela nobreza,
Vós a todos excedeis;
Já confesso que sou vossa,
De todo me não mateis.

— O *O* quer dizer os olhos,
Tambem quer dizer ouvir,
Anda, amor, para os meus braços
Que ninguem te hade impedir.

« *P* é — porque razão
Desprezas o meu amor?
Já de mim tem compaixão
Se o não fazes com dor.

— O *P* é pelo poder
Que tendes nas vossas mãos;
Tirae-me d'estas cadeias,
Livrae-me d'estas prisões.

« *Q* é que sempre te quiz,
Em verdade te adoro;
Por ti ando suspirando,
Por ti dou ais, por ti choro.

— O *Q* é quando ides,
Menina, para o jardim;
Que na entrada choraes
E' com lembrança de mim.

— O *R* é pelo rir,
Que o tendes engraçado;
Com gaitadinhas que daes
Me tendes enfeitiçado.

« O *R* é pela relação
Da reverencia do peito;
Ainda espero de gosar
Esse teu corpo bem feito.

— O *S* é pelo seres,
Menina, bem delicada,
Eu vos trago na lembrança
Nos braços bem declinada.

« O *S* é a suspeita
Não sendo bem soletrado;
Bem sabeis, meu amorsinho,
Que no meu peito tens 'stado.

— O *T* é pelas thesouras
Menina, com que talhaes;
De ouro são as agulhas,
De prata são os dedaes.

« O *T* quer dizer que tenho
Amor a quem me não tem;
Mereces nome de ingrato,
Mas tudo te fica bem.

— O *U* é quando vos *ides*
Menina, pelo caminho;
Ainda espero em Deos
De andares ao meu dominio.

« O *X* diz achei principio
Primeiro, mas não o fim;
Estou metida entre flores,
Ninguem tenha dó de mim.

— O *X*, ande pelo chão,
Menina por onde andaes,
Apressae os vossos passos,
Dae aceios aos meus ais.

— O *Z* é pelo zelo,
Menina, que eu vos tenho;
Se vós em mim formaes gosto,
Eu em vós maior empenho.

« O *Z* é pela zombaria
D'este galante *ABC*;
Fino pedindo a Deos
Saude e vida nos dê.»

A's letras do *ABC*
Ainda aqui faltam quatro;
Mas aqui fica o logar
Para pôres o teu retrato.

II

RETRATO DE UMA BELLEZA

— Eu sou réo e vós autora
Em certas occasiões,
Menina, dae-me licença
Que eu note vossas feições:

Quer m'a deis, quer m'a não deis,
Sempre vol-as vou notar,
Começarei da cabeça,
Aos pés irei acabar.

Vossos cabellos dourados,
Compostos da vossa mão,
Todo o mundo se admira
De tão linda perfeição.

A vossa testa é espelho
Onde o sol se vae mirar,
Onde vae tomar altura
Dos raios que hade botar.

Os vossos olhos, menina,
São pharoes de mar e guerra,
Quando vão para o mar largo
Deitam faiscas em terra.

Vosso nariz é um cravo,
Redusido do craveiro,
Onde n'elle *impenetraes*
Amor firme, verdadeiro.

Vossas maçãs do rosto,
Como a rosa alexandria,
Dão tanta luz de noute
Como o proprio claro dia.

Tendes os beiços vermelhos
Como o sangue do nariz;
Estaes corrente no amor,
Que nem agua em chafariz.

Tendes os dentinhos ralos,
Mettei-lhe cravos no meio;
Sondes a mais linda dama
Que n'esta terra passeia.

Essas vossas orelhinhas,
Vermelhas assignaladas,
Tem differença das minhas
Só por terem arrecadas.

Tendes o pescoço alto
Para o amor abraçar,
Se até aqui muito gostei,
Muito mais heide gostar.

Os vossos hombros, menina,
Ambos de dous são iguaes,
Não sois bonita, nem feia,
Sois o quanto precisaes.

Vossas mãos de clara neve,
Fio d'ouro rebatido,
Bem podia vir um sonho
Tirar-te do meu sentido.

Vós, menina, de cintura
Sondes a mais delicada;
Tem differença da minha
Só por andar apertada.

Tendes o pé pequenino,
Do tamanho de um vintem,
Bem podia calçar de ouro
Quem tão pequeno pé tem.

Comecei em fios d'ouro
A notar vossos signaes;
Menina, vós sondes d'ouro,
D'ouro sois, d'ouro ficaes.

VARIANTE:

— Eu plantei no meu quintal
O brio da minha dama,
Nasceram perolas finas,
Angélicas côr de cana.

*

Os vossos cabellos, sécia,
E' que vos dão toda a graça,
Parecem meadas de ouro
Aonde o sol se embaraça.

Os vossos cabellos, sécia,
Largos, virados ao vento,
Vós a todos daes a graça,
Só a mim causaes tormento.

Oh arco da sobrancelha
Onde meu intento tenho,
Não te empenhes por amores
Que eu por ti, meu bem, me empenho.

Os lindos olhos que tendes
Abaixo d'essas pestanas,
Rico espairecimento
Tem creaturas humanas.

A vossa face encarnada
Se póde mirar por gosto,
Não ha joia mais subida
Que é vosso tão lindo rosto.

Vossas orelhas de neve,
Viradinhas para traz,
Sobre ellas vae caíndo
Raminho d'ouro que traz.

Tendes os dentes meudos
Que nem pedrinhas de sal,
Tendes a fala ciosa
Para mais graça lhe dar.

A garganta tira a vida,
A vida por ella déra,
Tivera duas mil vidas
Por tua garganta dera.

Abaixo d'essa garganta
Duas joias de crystaes,
Quando para ellas olho
Logo se internam meus ais.

Tendes os braços compridos,
As mãos alvas e mimosas,
Os dedos cheios de aneis
De pedrinhas preciosas.

Tendes cintura delgada,
Mais delgada que uma cana,
Qual será o venturoso
Que logre tão linda dama.

Tendes o pé pequenino,
Mais pequeno que um vintem,
Bem pode calçar veludo
Quem tão pequeno pé tem.

Que lindas mãos para luvas,
Lindos pés para sapatos,
Linda cara para beijos,
Lindo corpo para abraços.

« Eu não sou perola fina,
Nem bonina côr do mar ;
Sou flôr de nunca me deixes,
Que eu nunca te heide deixar.

VARIANTE :

— E's a flôr das bellas flôres,
E's o mimo da lindeza;
Para te tirar feições
Começo-te na cabeça:

Vossos cabellos humanos
Penteae-os de contin'o;
Mandae-os engrandecer,
São madeixas de ouro fino.

Vós trazei-os amarrados
Com fitas de varias côres;
Os meus são vossos escravos,
Os vossos são meus senhores.

Vossa testa, branco leite,
Luz que nem um crystal;
Mandae-lhe deitar um véo
P'ra a calma vos não queimar.

Os arcos das sobrancelhas
São pontes em que me tenho;
Se elles por vida dão vida,
Tambem por vida me empenho.

Oh lindos olhos que tendes
Debaixo d'essas pestanas,
Com elles fazeis perder
As creaturas humanas.

As maçãsinhas do rosto
Mandae-as sobredourar;
Que ellas são mui galantinhas,
Com beijos se hãode gastar.

A vossa bocca é de prata,
Os dentinhos de marfim;
A lingua pena aparada,
Os beicinhos d'*arrebim*.

Vossa garganta de neve
Merece perolas d'ouro;
Essa garganta me mata,
As penas me trazem doudo.

Vossos braços são correntes,
Meu Deos, quem fôra culpado!
Que estivera dez mil annos
N'essas correntes atado.

Ao pé da vossa garganta
Dois montinhos de crystaes;
Onde emprego os meus sentidos,
Dou alivio aos meus ais.

Esses vossos joelhinhos
Em que chão ajoelhaes?
Vossos pés de branca neve
Em que terra passeaes?
Passeae mais ameúdo,
Dae alivio aos meus ais.

III

OS MANDAMENTOS DO AMOR

O primeiro é amar,
Não te amo como devo ;
Ama-me com lealdade,
Que eu serei o teu emprego.

O segundo é não jurar
O seu santo nome em vão;
Juro amar a uma Rosa,
Nome do meu coração.

O terceiro é guardar
Os domingos e as festas ;
Venho amar uma Rosa,
Grandes cegueiras são estas.

O quarto é de honra ;
A honra é de quem a tem ;
Heide-vos amar, menina,
Haveis de ser o meu bem.

O quinto não matarás,
Eu sou o que já 'stou morto ;
O delirio de uma Rosa,
N'este estado me tem posto.

O sexto é não furtar,
N'esse vivo descansado;
Inda que te furte, menina,
N'isso não faço peccado.

O septimo não te explico,
Bem me podes entender;
Antes de muito tempo,
Nos teus braços me heide vêr.

O oitavo, não levantar
Nenhum falso testemunho;
Coitadinhas das meninas,
Que andam nas boccas do mundo.

O nono é não cubiçar
A mulher que é casada;
Hade ser uma solteira,
Que essa é mais desejada.

O decimo é não cobiçar
As cousas que são alheias;
Venho amar uma Rosa,
Aqui por terras alheias.

Mas estes dez mandamentos
Em dois se vem encerrar:
Ou vós haveis de ser minha,
Ou eu vos heide furtar.

IV

MANDAMENTOS DA EGREJA

N'estes cinco mandamentos,
Meu amor, tende cautella:

O primeiro é ouvir missa,
Eu nunca fiquei sem ella;
Senão domingo passado
Com uma menina á janella.

O segundo é confessar,
Eu sempre me confessei;
Só não disse ao confessor
O que com ella passei.

O terceiro é commungar,
Quem se confessa communga;
Quem é rebelde á egreja
O vigario o excommunga.

O quarto é jejuar,
O jejum não é p'ra homens;
Eu sempre ouvi dizer:
Bem jejúa quem mal come.

O quinto é pagar dividas,
Eu nunca fiquei devendo,
Se não o anno passado,
E este que vae correndo.

V

OS SETE SACRAMENTOS

Oh menina eu te peço
Que sigas os meus intentos ;
Olha que eu te proponho
Estes sete sacramentos:

O primeiro é baptismo,
Não sei se sou baptisado ;
Creio em tudo o que Deos disse,
Não sei se sou confirmado.

Segundo é confirmação,
Confirma amor na verdade;
Se te eu quero bem ou não,
Deos do céo é quem o sabe.

O terceiro é commungar,
Quem communga confessou;
Para uns começa o mundo,
Para outros se acabou.

O quarto é penitencia,
Penitente tenho sido;
Quando me ausento de ti
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é a extrema-uncção,
São palavras em latim;
Fostes uma linda rosa
Que criei no meu jardim.

O sexto é a ordem
Que eu tenho de te prender;
Na cadeia dos teus braços
E' que eu me queria vêr.

O septimo é matrimonio,
Quando é o dar da mão;
Nunca se pode apartar
Uma rosa de um botão.

Estes sete sacramentos
São da santa madre egreja;
Anda o mundo ás avessas,
Ninguem logra o que deseja.

VI

OS CINCO SENTIDOS

Passei pela majarona
Cinco ramos lhe apanhei,
Cinco sentidos que eu tinha
Todos em ti empreguei,

O primeiro é o vêr,
Quem não vê não sabe amar,
Sempre o primeiro amor
No coração tem logar.

O segundo é ouvir
Ais do coração sentido;
Não tem graça no mundo
Quem não chega a ser querido.

O terceiro é cheirar,
Flores que em ti *remonecem*;
Quem não tem amores certos
Grande trabalho padece.

O quarto é gostar,
Em tudo és do meu gosto;
Adeos tyranna, ingrata,
Em ti trago o amor posto.

O quinto é apalpar
Tudo o que o amor pertende;
Adeos tyranna ingrata,
Já os meus ais te não rendem.

VII

A CONFISSÃO DA MENINA

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

« Oiça, padre, as minhas culpas.
— Diga, filha, com bem dôr.
« Eu, meu padre, alguma trago,
Mas não deixo o meu amor.

— Olhe, filha, que ha inferno
E fogo abrasador.
« Tudo isso sei, meu padre,
Mas não deixo o meu amor.

— Diga, porém, seus paccados
Sem receio, nem temor.
« Meus peccados vou dizer,
Mas não deixo o meu amor.

— Oh menina tenha medo
De Christo, nosso senhor.
« Eu de Christo tenho medo,
Mas não deixo o meu amor.

« Como pode ser peccado
Do mundo o maior sabor?
Se a natureza o ensina,
Eu não deixo o meu amor.

— Não fale na natureza,
Que me encho de calôr!
« Sinta pois o que sentir,
Eu não deixo o meu amor.

« Para que é que me ensina
A ter de Christo pavor?
Se a natureza obriga,
Eu não deixo o meu amor.

— Menina lembre-se bem
Do demonio tentador!
« Eu de tudo bem me lembro,
Mas não deixo o meu amor.

— Esta justa menina
Da alma é destemidora!
« Embora perca a minha alma
Mas não deixo o meu amor.

— Já de teimar com você
Estou cheio de suor!
« Teime pois o que quizer,
Que eu não deixo o meu amor.

— Então oiça um conselho
Que lhe dá seu director...
« Diga pois o seu conselho,
Mas não deixo o meu amor.

« Lembra-me o meu bem
Sinto medo e temor,
Ha mais tempo que eu sei,
Mas não deixo o meu amor.

— Pois tome amores commigo...
Que eu tambem sou peccador...
« Padre, padre, não me inquiete,
Que eu não deixo o meu amor.

« Olha lá o tal padrinho
Como se faz prégador!
Prégue lá d'essas a outra,
Que eu não deixo o meu amor.

— Menina, eu lhe darei
Muitas joias de valor!
« Vá lá dal-as ao demonio,
Que eu não deixo o meu amor.

— Linda moça, em teu dedo
Este anel eu quero pôr!
« Ponha-o em quem quizer,
Que eu não deixo o meu amor.

— D'aqui ávante, menina,
Serei seu conversador.
« Converse lá outra dama,
Que eu não deixo o meu amor.

« Que este seu procedimento
De Judas é imitador;
Como revelação digo
Que não deixo o meu amor.

— Tyranna, o teu teimar
Do meu mal é causador!
« Eu não tenho culpa d'isso,
Pois não deixo o meu amor.

Contra o padre eu já estou
Cheia de odio e furor;
E já lhe disse a respeito,
Que não deixo o meu amor.

— Menina que heide fazer
Para abrandar seu rigor?
«Posso embora ser meiga,
Mas não deixo o meu amor.

— Já em confissões obtive
De raparigas favores...
«Satisfaça-se com elles,
Que eu não deixo os meus amores.

— Oh menina, fale baixo,
Pode haver escutador...
«Em voz mais alta lhe falo
Que não deixo o meu amor.

— Dou minha alma e coração
Ao meu bem psalmeador!
«Jurei-lhe eterna amisade,
Já não deixo o meu amor.

— Este punhal que aqui trago
Será meu despicador!
«Mostre, padre, um milhão d'elles,
Que eu não deixo o meu amor.

Se o padre com o punhal
Quizer ser pr'a mim traidor,
Soffrerei comtudo a morte,
Mas não deixo o meu amor.

— Menina, heide benzel-a
Quando a sua casa fôr.
«Nunca o padre lá hade ir,
Que eu não deixo o meu amor.

— Ou por força, ou por geito,
Eu serei seu roubador!
«Não seja o padre maroto,
Que eu não deixo o meu amor.

— Ah cruel, que assim me deixas
Com magoa e dissabor!
«E' verdade que assim fica,
Mas não deixo o meu amor.

Padre tome o meu conselho,
Não se faça impostor;
Não aperte mais commigo,
Que eu não deixo o meu amor.

— Já que me não queres amar,
Coma-te um bicho roedor.
«Que me coma um milhão d'elles,
Eu não deixo o meu amor.

— Na fraqueza em que estou
Tem a cabeça um vapor...
«Eu com isso não me importo,
E não deixo o meu amor.

— Menina, guarde segredo
P'las chagas do Redemptor!
«Segredo posso guardar,
Mas não deixo o meu amor.

— Então pode-se ir embora,
Procure outro confessor!
«Isso sim, meu padresinho,
Mas não deixo o meu amor.

VIII

A TRICANA

(VERSÃO DA ILHA DE SAM MIGUEL)

Tricana da aldeia,
Que fazes aqui?
E's meiga, és sincera,
Eu gosto de ti.

Nos montes, nas serras,
Meu peito sentia
Saudades por ella,
Mas ella fugia.

Ingrata fugiste,
Deixaste-me só;
Sósinha nos montes,
Sem pena, sem dó!

*

Não penses que eu trago
Punhal de assassino;
Sou homem, respeito
Do fado o destino.

Ora olha, escuta
No meu coração;
Não fujas, não fujas,
Não me fujas não...

Tricana, tricana,
Minha tricaninha,
Minha Rosa branca,
Oh mansa pombinha.

IX

FADO DO MARUJO

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

Quando nasci n'este mundo
Tive a sorte desgraçada
De ir para aquelle navio,
Sem saber pouco, nem nada.

Oh meu pae e minha mãe,
Botem-me a sua benção,
Que eu vou para aquelle mar,
Para aquella embarcação.

Adeos casa de meu pae,
As costas te vou virando,
Chega-te cá náu de guerra,
Para ti me vou chegando.

Quando eu cheguei a bordo,
Quando a bordo cheguei,
Adeos meu pae, minha mãe,
Que tão cedo vos deixei.

O capitão me escondeu
Debaixo da luz do sol,
Chega-te p'ra 'qui, marujo,
Quero-te assentar no rol.

No outro dia seguinte
Primeiro almoço me dão :
— Moço, pega n'aquelle balde
Para ir dar no alcatrão.

«Oh meu senhor contra-mestre,
E' cousa que nunca fiz.
— Anda p'ra fóra, maroto,
Respondes ao que se diz?

Com uma dor no coração
Eu me metti a chorar,
Veiu o piloto para mim,
Que me havia de calar.

Antes em casa do pae
Apanhando com corrêas,
Do que ser pobre marujo,
Andar por terras alhêas.

Ninguem deixe pae e mãe
P'ra subir maior altura,
Que a bordo d'este navio
A fome ninguem a atura.

Eu por deixar pae e mãe
'Stou levando vida negra,
A bordo d'este navio
Onde a fortuna não chega.

Já não torno a levar vida
Como a que levava em terra,
Que a bordo d'este navio
Não ha senão fome e guerra.

Como posso passar bem
Com tres vintens de ração?
Se a marujada quer carne,
O capitão quer feijão.

Tenho o meu coração triste
Que já não tem alegria,
Alma que não tem remedio
Chora de noute e de dia.

A tristura me diverte,
O passeio me entretem,
Ditoso commigo mesmo,
Sem querer bem a ninguem.

DESPIQUES DE CONVERSADOS

(VERSÕES DA ILHA DE S. JORGE)

I

— Nasce a Aurora em mar de zimbro,
No mundo deita seus raios;
Só tu nasceste, menina,
Para eu sentir desmaios.

«Se por mim sentes desmaios
Não corre da minha conta;
Se o amor é de vontade
N'isso me não faz affronta.

— Se a ti te não faz affronta
Estas penas em que vivo,
P'ra que me matas, tyranna,
A mim, que sou teu cativo?

«Por cativo t'eu não tenho,
Por criado muito menos;
Se elle é o que você cuida
Nós nada d'isso fazemos.

— Nós nada d'isso fazemos
Sem tua livre vontade;
De quem te deveras ama
Deves de haver piedade.

«Que piedade heide eu ter
De quem me procura a morte?
Siga o senhor seu caminho,
Que eu vou seguindo o meu norte.

— Outro norte não sigaes,
Tamanha ingratidão!
Pois eu vos trago, menina,
Dentro do meu coração.

«Este meu coraçãosinho
Pelo teu anda penoso;
Este meu quando te avista
Já vae ficando raivoso.

— Mais raivoso fica o meu
Em te vêr tal confiança;
Dou-vos desculpa, menina,
Por seres muito criança.

«Não me chameis criancinha,
Muito que o sou na idade;
Que eu sou menina e moça
De toda a capacidade.

— Se tendes capacidade,
Guardae-a até ao fim;
Que haveis fazer vós, menina,
Se nascestes para mim.

«Se nasci para você,
Aqui me tem, meu querido;
Se me tratar por mulher;
Tratal-o-hei por marido.

— Plantei os cravos goivos
Dentro de um copo de vidro;
Não quero que o mundo saiba
Que ando de amores comtigo.

«Tenho rosas semeadas,
Nascerão se Deos quizer;
Hasde ser o meu marido,
Que eu serei tua mulher.

II

— Eu vivendo por vós morro,
Vós por mim viveis morrendo;
Quizera acabar a vida
Para ficares vivendo.

«Para eu ficar vivendo?
Vós a mim me daes tormento;
'Stou vendo que desejaes
Que eu morra antes do tempo.

— Não morres antes do tempo,
Minha prenda tão querida;
Se eu te conhecera a morte,
Eu te compraria a vida.

«Eu te compraria a vida,
Depois n'uma prima dêra,
No alicerce do amor
Vós sois a primeira pedra.

— Vós sois a primeira pedra
No alicerce do amor;
Por amor de vós, menina,
Tenho soffrido rigor.

Tenho soffrido rigor
Por amor de vós, menina;
Na onda do amor dispuz
Corpo, alma, vida minha.

«Corpo, alma, vida minha,
Eu de nada sou ciosa,
Entendo que procuraes
Outra mais caprichosa.

«Caprichosa achareis,
Mas não que vos queira muito,
Que o pomar tem muitas arvores,
Cada uma dá seu fruto.

— Cada uma dá seu fruto,
A quem trazeis na vontade;
Bem sabeis que cativei
Por vós minha liberdade.

Por vós minha liberdade,
Ramo de manjaricão,
Eu não vivo descançado
Sem te acolher á mão.

«Sem me acolher á mão,
Dizei-me aonde moraes?
Intendo para commigo
Falares-me aí por demais.

— Não te falo por demais,
Oh minha angelica flor;
Dormindo sonho comtigo,
Hasde ser o meu amor.

«Se heide ser o teu amor,
Minha vida, oxalá!
Dormindo sonho comtigo,
Tomára que fosse já.

— Tomára que fôra já,
Falo-te d'esta maneira;
Vae-o dizer a teu pae,
Fal-o-hemos á carreira.

« Oh meu cravo serenado,
Meu refinado feitiço,
Mais me valêra morrer,
Que a meu pae eu falar n'isso.

— O que vosso pae disser
Vós o haveis escutar,
Que antes que elle peleje
Não vos hade molestar.

« Não me hade molestar,
Valha-me S. Beatriz;
Que temores que eu terei!
Verei o que elle me diz.

III

— Menina dos olhos verdes,
Chegue-se cá para mim,
Que lhe quero dar um cravo,
Uma rosa e um jasmim.

« O cravo que me offerece
Já o tenho em meu peito,
O jasmim e mais a rosa
São favores que não acceito.

— Sou feliz, estou contente
Com a sua acceitação:
Quem tem o cravo no peito
Tem amor no coração.

Um suspiro lhe vou dar
Por não ter mimosa flôr;
E' uma planta que existe
Reunida com amor.

Todo o logar é jardim
Onde suspiros se dão;
Quer seja no povoado,
Quer mesmo na solidão.

« Queria que me dissesse
O nome que você tem?
Pertendia eu saber
Como se chama o meu bem.

— O meu nome é Jacintho,
Que em breve quer dizer:
Dôr, pesar e sentimento,
Que eu tenho em te não vêr.

« Pois o meu tem seus espinhos
Que defende meu amor;
Rosa sou, gostos da vida,
Sou tratada com primor.

— Por certo deves de ter
Espinhos bem penetrantes,
Que ferem sem compaixão
Os compassivos amantes.

« Porém junta c'o Jacintho
Modifico minha aspereza;
Sei amar e bem conheço
A ordem da natureza.

— Tambem eu junto á Rosa
Fico como um cordeirinho;
Mas sempre com o receio
Não me pique algum espinho.

« Vossas graças me namoram,
Vosso genio me agrada;
Possui meu coração,
Por vós quero ser amada.

— Venturoso seja o dia
Da nossa dôce união;
Já eu sinto no meu peito
Abrazar-se o coração.

« O tempo já se apressa
Em dar luz a outra gente,
Vamos vêr o nosso gado
Que de nós ficou ausente.

— Adeos amor da minh'alma
Adeos pastora querida,
Sinto mais do que a morte
Esta cruel despedida.

« Não chores pastor querido
A nossa separação;
Cedo me verás comtigo
E terás satisfação.

IV

Tenho um papel de cantigas
Pr'a cantar aos namorados;
Servem-lhe de espairecimento
Se se vêem enfadados.

— Primeiro fostes meu bem
Falar com quem eu não queria;
Ensinastes-me a mentir,
Cousa que eu não sabia.

« Nunca te menti, meu bem
Sempre te falei verdade;
Que eu espero de gosar
Essa tua mocidade.

— Esta minha mocidade
Já para ti se acabou;
Quando eu de lá saí
Outro sujeito entrou.

« Se outro sujeito entrou
Foi a falar com meu pae;
Se elle é o que você pensa
Esse tempo já lá vae.

— Se esse tempo já lá vae
Pois te hasde arrepender,
Que eu não quero os teus amores,
Outro amor heide ter.

« Se tens outra rapariga
Eu disfarço a chorar;
Que essa não foi a palavra
Com que me quizeste apanhar.

— Se te apanhei, menina,
Não foi muito a correr;
Foi muito do meu vagar,
E muito do teu querer.

« Se era o que tinha de ser,
Anda mais para *diente;*
Heide romper meus joelhos
Em te rogar pragas sempre.

— Meu bem não me rogues pragas,
Que eu nuuca te heide deixar;
Tu hasde ser minha amiga,
E com outra heide casar.

« Eu heide ser tua amiga,
E' cousa que póde ser;
Dando-me tu o vestir,
E mais tambem o comer.

— Para te dar de comer
Meu bem hade guerrear;
Para te dar de vestir
Meu bem hade pelejar.

Mas ande d'aí commigo
Que tudo se hade arranjar.
« Dize-me agora, meu bem,
Quando te vaes a casar?

Que eu quero procurar trigo,
Meu bem, para te botar:
O dia de dar a mão
E' um dia de chorar.

— O dia de dar a mão
Não é dia de chorar;
Hade ser logo á noute,
Se eu te não fôr falar.

Se eu te não fôr falar
A' noute depois de cêa,
De vagar se vae ao longe,
Olha amor minha cegueira.

« Se eu soubera de tu vires
Aliviar minhas penas,
Tinha-te a casa varrida,
Enramada de açucenas.

V

— D'onde vindes, bella dama,
Com vosso lenço lavado?
« Corre a agua dos meus olhos,
Lembra-me o tempo passado.

«Lembra-me o tempo passado
E o passatempo tambem;
Choro pelo meu amor,
Não sei que remedio tem.

— Não sabe que remedio tem,
Que remedio lhe faltou;
Acabe-se o teu amor
Que este meu já se acabou.

«Qual era esse teu amor,
Qual era a tua affeição,
Em mim empregaste os olhos,
Já em outra o coração.

— O meu coração é mudo,
Por isso se não declara;
Se os meus ouvidos ouvissem,
A minha bocca falára.

«Todos os males tem cura
Os que vão ao hospital;
Eu como louca por vós
Vos quero contar meu mal.

Vos quero contar meu mal,
Senhor, que me succedeu,
Que eu perdi um lenço branco
Que vossa mercê me deu.

Não se me dá do lenço,
Dá-se-me do que dirão,
Que eu que sou tão desgraçada
Que perco quanto me dão.

— Confessa-te bella dama
Ao teu amor outra vez;
Quem é bom sempre perdôa
Uma, duas até tres.

VI

— Rosa branca encarnada,
Delicada no saber,
Vas dormir além do mar
Só por me não poder vêr.

«Eu bem julgo de te vêr,
Meus olhinhos de azeviche;
Mas todo o mundo está cheio
De que tu não me eras fixe.

— Se eu te não fôra fixe
Não te andava adorando;
Pela graça dos teus olhos,
Minha alma se anda matando.

Oh rosa, tomae alento
D'essa morte que trazeis,
Bem sei que me chamaes cravo,
Rosa em quanto quereis.

«Aperta-me estes meus braços,
Prenda minha mais querida,
Ajuda-me a dar um ai,
N'esta nossa despedida.

— N'esta 'espedida de amor
Só uma cousa te peço,
Que te alembres de mim,
Que de ti me não esqueço.

Esquecer-me não costumo,
Oh rosa de Alexandria;
Mas por não dizer comvosco
Vosso pae me não queria.

Vosso pae me não queria,
Eu botei-me ao mar de *adano*;
Olha o que foste fazer,
Oh que corpo tão tyranno.

Lancei-me entre flores,
Em craveiros serenados;
Logo vi que eram amores,
Que nos estavam guardados.

Para nós estavam guardados
Para teres o teu quinhão,
Só pela vossa brancura
Vos iria ganhar pão.

*

Vos iria ganhar pão
Antes que fosse a Lisboa,
P'ra gosar a presumpção
Que existe em vossa pessoa.

VII

A CONVERSADA DA FONTE

— Entre canas nascem silvas,
Tambem rosas hãode haver;
Menina que estaes na fonte,
Dae-me agua, quero beber.

«Pucarinho é vidrado,
Tocadinho do amor,
Por ditosa me eu achára
De dar agua a tal senhor.

— Aguas claras corredías
Correm debaixo do chão,
Por ditoso me eu achára
Bebel-a da vossa mão.

«Com licença dos senhores,
Nossa Senhora da Guia!
Perguntarei ao mancebo
Se vem por alguma guia.

— A guia por onde eu cá venho,
Eu a digo na verdade,
Venho por passar meu tempo,
Que é cousa da mocidade.

«A razão está bem dita,
Pois vós senhor a dissestes;
O caminho está seguido,
Tornae por onde viestes.

— O caminho está seguido,
Eu bem o vejo d'aqui;
Mas esperava de levar
Essa rosa após de mim.

«A rosa não levareis
Que seu pae não quererá,
Tornareis cá outro dia
Resposta se vos dará.

— Não torno cá outro dia,
Não gasto solas debalde;
Não quero cousas á força
Descontra sua vontade.

O claro sol já vae baixo,
Vae baixo já Deos o manda;
Vamos tirar os papeis,
Correrei uma demanda.

Antes eu queria ser cravo,
Enxertado na raiz,
Do que na mão de uma nescia,
De uma secia que tal diz.

«Antes eu quero ser rosa,
Fechadinha n'um botão,
Do que na mão de um vadio,
Desfolhada pelo chão.

«Antes eu queria ser porca
E andar apastorada,
Do que dama tão galante
De tão fraco namorado.

— Antes eu queria ser cravo,
Enxertado na raiz,
Do que da dama galante,
Dama porca que tal diz.

Cobra que vae pela serra,
Corre que desapparece,
Quem de mulheres se fia
Grande castigo merece.

A folha da ortelã
E' comprida mas estreita;
Dize-me que amas a outro,
Tira-me d'esta suspeita.

Nunca vi o mar sem agua,
Nem jardim sem arvoredo,
Nem formosa sem senão,
Nem letrado sem sem seu erro.

VIII

— Na eschola de Cupido
Para te amar aprendi;
Para bem de te falar
Uma carta te escrevi.

«A carta que me escrevestes
Ainda cá me não chegou,
Se me queres alguma cousa,
Fala-me que eu aqui 'stou.

— Eu aí te vejo estar,
Bem bonita, bem perfeita;
Desejava de saber
Se me queres ser sujeita?

«Para aí não digo nada,
Mas vou dar minha rasão,
Desejava de saber
Qual era a vossa tenção?

— A minha tenção, menina,
E' esta, já vol-a digo:
Desejava de saber
Se vós quereis ir commigo.

«Eu comvosco não irei,
Meu pae não será contente,
Deitaria-me na rua,
Despresada para sempre.

— Senhora, não arreceie,
Não tem de que arreceiar;
Que as famas que lh'eu pozer
Essas lh'as heide tirar.

«Para famas não as tenho,
Mas d'aí me podem vir;
Fale baixo, de vagar
Que meu pae 'stá a dormir.

— Tanto se me dá que durma,
Como fazel-o acordar,
Se elle agora aqui viesse
Sogro lhe *havera* chamar.

«Se n'isso forma seu gosto
Eu mesma o vou acordar;
Escriptinhos na egreja
Para nos irmos casar.

— Escriptos, minha menina,
Mais de mil vos eu farei,
Se me deixares amar
De uma moda que eu cá sei.

«Eu fui a mais infeliz,
Que no mundo pôde haver;
No melhor pano cae nodoa,
Amor, que te heide fazer.

Oh meu bem, oh laranjeira,
Oh meu bem, oh pau de cana;
Quem da arvor' tira o fructo
Torne a traz, leve-lhe a rama.

Pelo amor de Deos te peço,
Pelo leite que mamastes,
Que não digas a ninguem
O que commigo passastes.

«No beber te falte a agua,
No comer te falte o pão,
Nunca tu entres no céo
Sem me pedires perdão.

— O perdão, minha menina,
E' cousa que pode ser;
Guar'-te de diante de mim,
Que já te não posso vêr.

«Pelo amor de Deos te peço,
Pela alma do teu amor,
Que não descubras teu peito
Senão ao teu confessor.

IX

CANTAR Á DESGARRADA

« D'onde chega este senhor,
Que entra tão marralheiro?
Abri-me lá essa porta,
Deitae-m'o para o chiqueiro.

— Mandas-me para o chiqueiro,
Com muito justas rasões;
Eu serei o pae dos bácoros,
E vós a mãe dos leitões.

« Vae-te lá touro da serra,
Criado á reveria!
Quem te mandou cá meter
Talhão de Santa Maria?

— Vós chamastes-me talhão,
Eu com isso me contento,
Tenho o fundo muito largo,
Só em vós farei assento.

DOUTRINAL DE ORAÇÕES

I

MEZES DO ANNO

Eu sou o Janeiro,
Que espalho o meu grão;
E peço a Deos
Boa conjuncção.

Eu sou o Fevereiro,
Mez dos temporaes;
Descubro as casas,
'Sborralho os portaes.

Eu sou o Março,
Que sempre marcejo,
Farto as terras
De agua a desejo.

Eu sou o Abril,
Sou o mez das flores;
Cantam as aves,
Desperto os amores.

Eu sou o Maio
Da pouca ventura,
Que não guardo grão
Para a amassadura.

Eu sou o Junho,
Que não dou nada;
Mato a fome
Com a minha cevada.

Eu sou o Julho,
Que encho o paúl,
Que farto cidades,
Aldêas e tudo.

Eu sou o Agosto,
Que toco guitarra,
E vendo o vinho
A meia canada.

Eu sou o Setembro,
Que tudo recolho,
Trigos e milhos,
Palhas de restolho.

Eu sou o Outubro,
O mez dos outonos,
Engrosso as terras,
Proveito dos donos.

Eu sou o Novembro,
O mez dos sanctinhos,
Em que os lavradores
Provam os seus vinhos.

Eu sou o Dezembro,
Engordo o meu porco,
E como torresmos,
Regalo o meu corpo.

II

ANNO BOM

Bons annos e annos bons,
Dae-nos outros melhorados;
Christo Deos nosso Senhor,
Perdoae nossos peccados.

Perdoae nossos peccados
Hoje n'este alegre dia,
Nado é o bom Jesus
Filho da Virgem Maria.

Filho da Virgem Maria
Faz que dorme, está acordado
Sempre c'os braços abertos
Para o mais desamparado.

As senhoras d'esta casa
Cobrem o rosto c'um véo;
Mandaram-me abrir a porta,
Deos lh'as abra assim no céo.

Botei um arco de flores
Por cima do Limoeiro,
Deos lhe dê annos de vida
Mais ás meninas solteiras.

Estas meninas solteiras
São flores que estão vendendo,
Deos lhe dê uma boa sorte,
Como ellas a estão merecendo.

E os meninos solteiros
Que não percam o cuidado,
Os que não tem pae, nem mãe,
Deos lhe dê um bom estado.

Estas santas orações,
Que eu aqui tenho resado,
Eu as offereço e entrego
Por quem me tem escutado.

III

A CIRCUMCISÃO

Porta aberta, mesa posta,
Cantemos nós de alegria;
Vamos cantar os bons annos
A' virgem santa Maria.

Este dia de janeiro
E' de grandes merecimentos,
Por ser o dia primeiro
Em que Deos passou tormentos.

Suas cernes lhe cortaram,
O seu sangue a derramar;
Tudo isto passou Christo
Para bem de nos salvar.

Não quiz nascer em palacios,
Nem em camas de Belém,
Em umas tristes palhinhas
Foi nascer a Jerusalém.

Arrodeado de luto,
Chorando mil lagriminhas,
Sua mãe lhe está cantando:
Filho meu, morres com frio.

Sam João ajoelhou
Que o baptisassem no rio,
O rio era sagrado
Levava amores comsigo.

Para bem de nos salvar
Cobri o rosto c'um véo;
Quem nos abriu a porta
Deos que lh'as abra no céo.

Deos nos dè da sua graça,
Mais tambem do seu amor,
Quem se apanhasse no céo,
A par com nosso Senhor.

Apar com nosso Senhor,
Da figueira nascem figos;
Deos lhe dê muito bons annos
Para amparo de seus filhos.

IV

OS REIS MAGOS

Santos reis, santos coroados
Vinde vêr quem vos coroôu;
E mais quem vos ordenou
O vosso santo caminho.

Por uma estrella guiados
Até chegar a Belém,
A estrella se foi pôr
Em cima de uma cabana.

A cabana era pequena
Não cabiam todos tres;
Adoraram o menino
Cada qual por sua vez.

Escutae, oh nobre gente,
Escutae e ouvireis;
Que das partes do Oriente
São chegados os tres Reis.

V

FOLIAS DO ESPIRITO SANTO

Ao ir buscar a corôa a casa do Imperador:

Ajunte-se a gente toda,
A quem nós queremos tanto;
Vamos buscar a corôa,
Do Senhor Espirito Santo.

Ao saír da casa do Imperador:

Botae as ovelhas fóra,
Que vem o sol arraiando;
Botae uma, botae duas,
Botae-as todas em bando.

Lá vem o Espirito Santo,
Mais alvo do que um crystal;
Déra-lhe o vento nas azas,
Começara de voar.

Caminha o Sam José,
Bom Jesus leva por guia;
Ambos vão p'ra Nazareth
Mais a Virgem da alegria.

Olhae para aquelle altar,
N'elle vereis uma cruz:
Serve de cama e leito
Ao corpo do bom Jesus.

Olhae para aquelle altar,
N'elle vereis novo rosas;
Tres brancas e tres vermelhas,
Qualquer d'ellas mais formosa.

Ao entrar o adro da Egreja:

Nossa Senhora das Neves
Eu no vosso adro estou;
Botae-me a vossa benção,
Que sem ella me não vou.

Abri as portas, Sam Pedro,
A esta tão nobre gente,
Que vem vêr o bom Jesus
Lá das partes do Oriente.

Abrí-vos portas do céo,
Com muito grande alegria!
O divino Espirito Santo
Está em nossa companhia.

Ao entrar na Egreja:

Deos vos salve, casa santa
De Jesus acompanhada,
Onde está o calix bento,
Mais a ostia consagrada.

Bemdito e louvado seja
O santissimo Sacramento,
Pois elle é o pão dos anjos
E dos homens mantimento.

Oh divino Sacramento
Aonde é que estaes agora?
Aonde cantam os anjos
E mais a nossa Senhora.

Depois da coroação:

Vejo um resplendor de gloria
Todo bem alumiado;
Todo cercado dos anjos,
Todo dos anjos cercado.

Oh meu nobre imperador
Olhae para vós, vereis,
Vereis toda a bizarria
Ao redor dos vossos pés.

Oh meu nobre imperador
Folha do cravo rosado;
Sois a mais brilhante flôr
Que habita n'este logar.

Dizei que direi agora
Entre tanta fidalguia?
Heide metter-me a cantar,
Chorarei com alegria?

A' meza:

Quero agora aqui cantar
Hoje com grande amor;
Ellas vem a offerecer
Ao mui nobre imperador.

Quero agora cantar,
Ellas são muitas e gordas;
Segundo me a mim parece
O manjar são boas sôpas.

Divino Espirito Santo
Eu á vossa casa heide ir;
Ao pé do vosso altar
Um somno heide dormir.

*

Divino Espirito Santo,
Senhor de sceptro e corôa;
Vós na terra sois pombinha,
No céo divina pessôa.

Senhor Espirito Santo
Como está tanto alegre!
Está dando as suas graças
Aos devotos que o servem.

Lá vem o Espirito Santo
Eil-o lá vem ao ilheu!
Com a corôa na cabeça,
Que vem coroado do céo.

VI

RESPONSO A SANTO ANTONIO

(VERSÃO DA ILHA DE-SANTA MARIA)

O beato santo Antoninho
Se vestiu, e se calçou,
Suas santas mãos lavou,
Seu cajadinho tomou,
Seu caminhinho andou,
Jesu-Christo encontrou:
« Tu, Antonio, aonde vás?
— Eu, Senhor, comvosco vou.
« Tu, comigo não irás.
« A's missas, que se disserem,
« Todas tu ajudarás.
« Todas as cousas perdidas,
« Todas tu depararás. »

(VERSÕES DA ILHA DE S. JORGE)

Oh beato santo Antonio,
Pelo habito que vestiste,
Pelo cordão que cingiste,
Já que vosso pae quizeste
A graça de Deos houvesse:
Dizei-me esses nove mezes
Que andaste pelo deserto
Procurando Jesus Christo
E perguntaste que lança
Foi a que mais lhe doeu?
Disse:—Foi a de Longuinhos
Que no meu coração deu.
O qual botou leite e agua
Na hora da salvação.
Salvae-me a mim Santo Antonio
E a todo o fiel christão.

OUTRA:

Oh beato santo Antonio,
Oh santo conformidote
Da santa contemplação,
Rogae por este varão.
Santo Antonio confessor
Peço-te por teu amor,
Sejas meu advogado
Por mim a nosso Senhor.
Glorié padre, piedoso
Com o filho glorificado,

Em Lisboa te é dado
Doutrina dos Talianos,
Com presos e Africanos
Morte e vida favoravel.
Sondes nosso padroeiro,
De christão forte arnez,
Santo bemaventurado,
Se alguma cousa é perdida,
A seu dono é bem achada
Com alegria crescida.
Oh eschola da verdade,
Cofre da santa bondade,
Balsamo tão milagroso,
Em toda a enfermidade.
Sois de Lisboa patrão,
Da christandade victoria;
Alcançae de Deos perdão,
E na outra vida gloria.

VII

SANTO ANTONIO LIVRANDO O PAE DA FORCA

PRESO:

Santo Antonio da gloria,
Nascido da flôr da palma,
Remedio da nova lei
Eu preso aqui estarei,
E perante el-rei irei!
Morte tão sentenciada,
Que por mim foste provada;
Eu tenho mulher e filhos,
Ficam *orphinhos* perdidos;

Eu te peço anjo bemdito,
Que do céo vens mandado,
Eu te torno a pedir
Que vás para o céo sagrado.

UM ANJO:

Avia-te, santo Antonio,
Avia-te brevemente;
Vae livrar teu pae da forca,
Que está preso innocente.
Em o pino do meio dia
Elle sae logo a matar,
Tirado do Limoeiro
Para ir a enforcar.

—

Santo Antonio ajoelhou,
Ave-Maria pediu,
E em quanto a resou
Duas mil leguas andou.
Chegou á dita cidade,
E a justiça encontrou.

PREGÃO:

Velho preso mal levado,
Matastes por vossa mão
Um menino innocente
Sem mais causa, nem razão.

SANTO ANTONIO:

Eu te requeiro justiça,
Que adiante não vás mais;

Esse homem que levaes,
Não matou quem vós cuidaes,
Se cuidaes que falo trumfo
Não vos falo confrangido,
P'la bocca do homem morto
Eu farei falar o vivo.
Moço morto fala, fala,
Dize-me aqui commigo
Se este homem te matou,
Ou sequer por ti passou?

JUSTIÇA:

Este homem sae a penar
Por um homem que matou;
No seu quintal o enterrou
Testemunha o jurou,
E elle lá se achou
Vestidinho e calçado
Como no mundo andou.

SANTO ANTONIO:

Eu te peço homem morto,
Pelo Deos que te creou,
Que te levantes do chão,
E digas quem te matou!

MORTO:

Esse homem não me matou,
Nem a morte me causou;
Antes me aconselhou
Como o pae que me creou!

JUSTIÇA:

Solto, solto o padecente,
Vá governar sua vida.

PRESO:

Oh meu padre reverendo,
Dizei-me aonde moraes?
Quero-vos ir visitar,
Já que não sirvo p'ra mais.

SANTO ANTONIO:

N'este estado em que me vêdes
Sou vosso filho Fernando,
Mas tomei o nome Antonio
P'ra me livrar do demonio.

PRESO:

Filho meu, muito amado!
De mim tam 'scandalisado!
Cadeiras tenhas no céo,
Para estares assentado.

SANTO ANTONIO:

Meu pae, botae-me a bençâo,
Que eu quero ir a Padua
Acabar o meu sermão,
Que se eu o não acabar
Ai, que de mim não dirão?

PAE:

Eu te abençôo, filho,
Que sejas abençoado;
Confessor das creaturas,
Que vás para o céo sagrado.

VIII

ORAÇÃO DE SANTA BARBARA

Santa Barbara Ludovina,
Pérola mui estimada;
Quando nascestes no mundo
Logo devoção tomaste,
C'o filho de Deos falaste,
Com elle vos saudaste!
Vosso pae, como gentio,
Rouxinol que lhe diria?
A menina que era Santa,
Para o céo assubiría.
Jurou o mouro acabar,
Se ella o céo fosse gozar,
Debaixo da mesma fé.
Quizera-a degolar,
Ella não obedeceu,
Sem do céo vir embaixada.
Vem um anjo com cuidado
A trazer a embaixada:
— Santa Barbara padece
Até santo luminar,
Que depois de padecer
Bom Jesus te hade salvar.
Trovões, faiscas de fogo
A teu pae hãode abrazar.—

Logo ao primeiro trovão
Santa Barbara foi coroada;
Desceram os anjos todos:
Milagre de Santa Barbara!
Santa Barbara Ludovina,
Escutae nossa oração;
Alcançae do bom Jesus
Para nossa salvação.

IX

ORAÇÃO DE SANTA CATHERINA

Beata Santa Catherina
Clara, branca e dina!
Seu pae era o rei Cosme,
A mãe era Constantina.
E lhe puzeram por nome
Beata Santa Catherina;
Nada foste vós, senhora,
Cidade de Alexandria;
Jesus Christo avistaste
Com muita grande alegria.
Treze dias, treze noites
Em vossa casa estiveste,
Sem comer e sem beber
Aos Doutores converteste,
Com phantazias e flores,
Com navalhas de redor;
Que passasses mais tormentos
Já não quiz o Redemptor.
Mandou os anjos á terra

Quebrar rodas de navalhas,
E d'aquella vez morreram
Onze mil quinhentas almas.
Quando a Senhora tal viu
Seus joelhos poz em terra;
Suas mãos alçou ao céo,
E diz: Senhores, Senhoras,
Quem minha oraçãe souber,
Será livre, se a disser,
De carceres e prizões,
E de falsos testemunhos
Para sempre, e Amen.

X

ORAÇÃO DE SANTA APOLLONIA

A Virgem Santa Apollonia
Pelos calhaus do mar ia;
E com a dor dos seus dentes
Encontra a Virgem Maria.

E perguntou-lhe a Sonhora:
«Santa Apollonia aonde ia?»
Ella respondeu :—Senhora
Em cata de vós me ia.

«Torna atrás, Santa Apollonia,
Que por esses nove mezes,
Que andei com o filho no ventre,
Que os teus dentes se adormentem.

XI

ORAÇÃO CONTRA OS COBROS

Jesus ia mais José
Por um caminho iam ambos;
Jesus pergunta a José:
— Oh José, porque não andas?

«Senhor! porque vou doente
De um fogo, e de um cobro!
— Anda, que eu te curarei
C'o agua da fonte que corre;

E com a folha do monte,
E tambem com o pó da guia,
Em nome de Deos,
E da Virgem Maria,
E o cobro se secaria.

XII

ORAÇÃO DE S. BARTHOLOMEU

Sam Bartholomeu me disse:
Quer dormisse, quer velasse,
Que nenhum medo tomasse
Nem da onda, nem do mar,
Na d'aquella malfadada
Que tem uma mão furada,
E a bocca esfarrapada.
Cruz em monte, cruz em ponte, etc.

XIII

— Vinde para mim, meu Deos e Senhor,
Salvae a minha alma, que eu sou peccador.

Que eu sou peccador, não vos sei pedir;
Em vos não amar penas me assistiram.

Penas me assistiram, vou continuando,
Que a minha alma é triste, anda pelo chão.

Anda pelo chão, não se póde erguer,
Meu Deos e Senhor, vinde-me valer.

«Quizera-te valer, mas tens-me offendido,
Dá-me aqui um beijo, cerra-me esta ferida.

— Beijo tão cruel, sem graça nenhuma,
Reparti, Senhor, commigo alguma.

«Quizera, não posso tirar do meu peito,
Eis aqui as chagas que tu me tens feito?

Se tu queres saber o meu sangue divino,
Vae-te aquella fonte beber um pinguinho.

— Se me daes licença quero ajoelhar,
Da vossa lindeza quem se hade apartar?

Da vossa lindeza, do seu esplendor?
Vinde para mim, meu Deos e Senhor.

XIV

Oh verbo divino,
Cordeiro na cruz,
Salvae a minha alma,
Valei-me Jesus.
Valei-me Jesus
Do meu coração,
Pelos tormentos
Da vossa paixão.
Da vossa paixão
O sangue benigno,
Nos seja propicio
Clemente e divino.
Clemente e divino
Senhor e bem meu,
Eu quero ser vosso,
Não quero ser meu.
Eu quero ser vosso
Porque eu vosso sou,
Se vida me destes
A alma vos dou.
Por vosso amor
Meu Deos e meu bem;
Livrae-me do Inferno
Para sempre, amen.

XV

Senhora da Conceição,
Consolae meu coração,
Que elle anda desconsolado
Com peccados carregado.

Se eu tivesse a vós, Senhora,
Sempre por minha advogada,
Minhas culpas não temera,
Para diante de vós nada.
Sondes uma arca fechada,
Com portinholas vidradas,
Bemdita seja e louvada
A hora em que de Gabriel,
Senhora, fostes saudada.
Senhora da Conceição,
Madre da comprida graça,
No ventre de Santa Anna
Fôstes já sanctificada.
Rainha do céo coroada,
Se alguma má sentença
Sobre mim está dada,
Por vós e o vosso filho
Me ella seja revogada.
Meu corpo fique livre,
Minha alma seja salva!
Rosa da consolação,
Rogae por mim ao Senhor,
Peça pelo seu amor
Remedio p'ra salvação.

XVI

Deos vos salve cruz sagrada,
Porta do remedio humano!
P'ra no céo termos entrada
Fazeis o caminho plano.
Deito-me aos vossos pés
Humildemente rendida;
O conçolo que acho em Deos
E' levar a cruz na vida.

Quem a leva mais pesada
N'ella tem maior partido.
Acaba alma de entender
O que o mundo não explica:
N'outra vida é gloria,
Nos trabalhos é a dita.
Peccador, olha que tens
Muitas culpas contra ti;
Olha que tens só uma alma,
Se a perdes, ai de ti!
Olha que a morte é só uma,
Só uma vez hasde morrer;
E não tornas a vêr Deos,
Eternamente hasde arder.
Não tornar a vêr a Deos,
Nem acabar de penar!
Chega-te aos sacramentos,
Faze a oração mental.
Reza o rosario á Virgem
Que as almas vae visitar.
A musica de um anjo
Enche o mundo de alegria;
Que farão os anjos todos
De meu Deos em companhia?
Oh alma, despreza o mundo
Que é uma grande immundice,
Faze por ganhar a gloria,
Que é uma grande delicia.

XVII

ORAÇÃO DO JUSTO JUIZ

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

Justo juiz regedor,
Sois direito rei senhor!
Senhor do tempo antigo,
Fôste preso e amarrado
Da mão do vosso inimigo.
Fazei, fazei meu senhor,
Por vossa morte e paixão,
Que se quebrante o inferno,
E pela vossa ascenção,
Os espiritos malignos
De mim queiram-se afastar,
Sem me poder fazer mal.
Com a vossa santa paz
O descuido foi bem forte,
Livrae, senhor, da má morte
Da morte da amargura,
Aquella que sempre dura,
Dae-nol-a sim, se puderes,
A'quelles que mal nos querem!
Oh meu senhor bom Jesus,
P'lo signal da santa cruz,
Mais clara do que um espelho,
Ajudae-nos vós senhor
Com verdadeiro conselho.

XVIII

SOBRE O DIA DE JUIZO

Agora me obriga a vida
A cuidar na triste sorte,
Quando o meu corpo se vir
Nos braços da cruel morte.

Quando o meu corpo se vir
No fundo da sepultura,
Por debaixo terra fria,
Por de cima pedra dura.

Lá diante em largos annos,
Quando Deos o permittir,
Meus ossos se hãode juntar,
E a minha pelle vestir.

Oh que pejo! oh que vergonha!
Sentirei n'aquelle dia,
A' vista de um rei supremo,
A quem tanto offendia.

Não me queixo contra a hora,
Nem contra o meu nascimento,
Queixo-me contra mim mesmo,
Que não tomei bom exemplo.

Quando ia confessar-me
Ia por satisfação,
Que nunca conheci dôr
Dentro no meu coração.

*

Pois agora a penitencia,
Que me deu o confessor,
Não resei com devoção,
Que é essa a minha dôr.

Almas, que vão p'ra direita,
Essas são as bem julgadas,
As que estiverem á esquerda,
Almas tão estamagadas!

Nós cuidamos que este mundo
Que nos dura para sempre,
E' uma luz que se acende,
Que se apaga de repente.

XIX

A B C DO SENHOR AMOROSO

*A*i meu Senhor amoroso,
Meu Jesus crucificado;
Quem fôra tão venturoso,
Que morrera confessado!

*B*em conheço, meu Jesus,
As culpas que tenho graves,
Que vos puzestes na cruz
Para nol-as perdoares.

*C*om a grande contricção
Vos peço, senhor, perdão;
Por vossas divinas chagas,
Por vossa morte e paixão.

*D*ae-me, senhor, liberdade,
Com a grande contricção,
De minha propria vontade
Procure eu a confissão.

*E*m as vossas mãos sagradas
Encommendo a alma, senhor,
Por vossas divinas chagas,
Por vosso grande amor.

*F*ostes, Senhor, a nascer
A' cidade de Belem,
Tambem fostes padecer
Dentro a Jerusalem.

*G*randes mysterios se encerram,
Maravilha tão notoria,
Descestes do céo á terra
Então fostes para a gloria.

*H*era de mil e seis centos
Sessenta e quatro fazia,
Que tomastes alimento
Nas entranhas de Maria.

*J*á veiu o Senhor da luz
Nos alcançou a victoria,
Vós sois o mesmo Jesus,
Que nos haveis de dar gloria.

*L*ouvada seja a hora
Em que vós, Senhor, nascestes,
Immaculada Senhora,
Que em teu ventre o concebetes.

*M*eu Deos de misericordia,
Vós comvosso Padre eterno,
Nos haveis de dar a gloria,
E livrar-nos do Inferno.

*N*unca pude comprehender,
Senhor, os vossos mysterios,
Que infundiste em meu poder,
Sendo vós um Deos eterno.

*O*h immensa luz da gloria,
Thesouro de graça cheio,
Alta soberana victoria,
Que por nós á terra veiu.

*P*ara que quereis vós, meu Deos,
Mostrar os vossos rigores,
Sendo vós um rei dos reis,
Sendo um senhor dos senhores?

*Q*uando vós, um Deos soberano,
Descestes do céo á terra,
Para todos sois humano,
Dae-nos paz, não nos deis guerra.

*R*esuscitastes a Lasaro,
Salvastes a Cananêa,
Grandes mysterios se encerram,
Jonas no ventre da balêa.

*S*endo Messias chamado,
Fostes um manso cordeiro,
Tambem vos fizeram filho
De José o carpinteiro.

*T*ambem diziam senhores
Que eras fino feiticeiro,
Vossos discipulos traidores
Vos venderam por dinheiro.

*V*ae-se o Senhor acabando,
Não se acabem os louvores
D'este *abc* tão santo,
Todo cercado de flores.

*X*po é Christo, que morreu,
Padeceu p'los peccadores,
N'uma cruz crucificado,
Cheio de angustias e dores.

*Z*ombando tomei a penna
Para escrever estas regras;
Livre-nos nosso Senhor
Das penas que são eternas.

XX

A B C DE NOSSA SENHORA

*A*mo-vos muito, senhora,
Sois meu amor tão constante;
Vós sempre deveis, senhora,
Conhecer-me por amante.

*B*ella e formosa senhora,
Sois qual rosa no jardim;
Sondes rainha dos Anjos,
De Thronos e Serafins.

*C*ativo estou de vós,
Maria, minha flor,
Podera sim assubir
Não descera meu amor.

*D*izei que faça senhora,
P'ra vossa graça merecer,
Farei tudo o que puder
P'ra no coração vos metter.

*E*staes viva e presente
Sempre na minha memoria,
Quando de vós me alembro
Cuido que estou na gloria.

*F*ormosa sois de tal sorte
Que não ha que vos dizer,
Sois ramalhete de flores,
Do melhor que póde haver.

*G*ravidade tendes, senhora
Sobre todas estremada,
Sois gelosia da aurora,
Sois a estrella dourada.

*H*ora tão afortunada
Aquella em que me lembraes,
De entrares na minha memoria,
Cada vez vos quero mais.

*J*anella sois vós de gloria,
Eu n'ella quero entrar,
Fazei, Senhora, que eu possa
Essa dita alcançar.

*L*eal foi o meu amor,
Com que sempre vos amei,
E' sempre o vosso desejo,
E eu outro não buscarei.

*M*edecina do peccado,
A cura podeis fazer,
Na vossa mão 'stá o remedio,
Não me deixeis padecer.

*N*ão posso deixar, senhora,
De sempre vos adorar,
Nem menos de vos servir
E constantemente amar.

*O*s vossos olhos, senhora,
Todos misericordiosos,
Para nós os volvei,
Todos seremos ditosos.

*P*oder tendes muito grande,
Fazeis tudo quanto quereis,
Na hora da minha morte,
Senhora, não me deixeis.

*R*azão tenho grande, senhora,
De sempre vos adorar,
Bem sei que sondes rainha
De todo o mundo em geral.

*S*ondes vida da minha alma,
Amor do meu coração,
Tendes acção de belleza
Por lira da discripção.

*T*udo tendes bem perfeito,
Nada em vós se acha falta;
Quem com devoção vos ama,
Não lhe haveis de ser ingrata.

*V*ida sois da minha vida,
E tambem dos meus cuidados;
Quando de vós me alembro,
Tenho os maiores regalos.

*Z*ombar posso do demonio
Se me assistires na morte;
Com vossa ajuda, Senhora,
Eu terei a melhor sorte.

XXI

A CONFISSÃO

A Virgem se confessou
Pela manhã ao domingo,
Nanja por ter peccados,
Nem por os ter commettido;
Foi só por guardar preceito
Ao seu bemdito filho.
Mas o padre que a vira
Pensamento duvidára,
Ao pé se assentára
Onde ella ajoelhára.
Vamos a remir peccados
Todos pelos mandamentos:
Primeiro foi que adorei
Ao meu adorado Senhor,

Que o trouxe no meu ventre
Criado a meu favor.
O segundo foi que amei
A minha mãe mais que á vossa;
Não sei se faço offença
A tratar Jesus por vós?
O terceiro — desejei
Ser creada de um menor,
Ser esposa de Jesus,
Mãe do divino sol.
O quarto foi que matei
Um demonio infernal,
Queria matar a Jesus
Sem ter culpa original.
O quinto foi que jurei
Certa jura de contin'o:
A vinte e cinco de março
Encarnei o verbo divino.
O sexto — que communguei
Meu Jesus sacramentado;
Filho confessa-te bem
Diante do teu ministro;
Olha que nada se esconde
Diante de Jesus Christo.
Oh que linda confissão
Veiu nossa Mãe fazer,
Para o seu filho aprender.
Filho confessa tua culpa
Que eu confesso o meu peccado;
Logo o confessor me disse:
Christão estás perdoado.

XXII

AS QUINZE PETIÇÕES

Vossa sagrada cabeça
Coroada com mil espinhos!
Por amor dos meus peccados
Passastes tantos martyrios.

Vosso sagrado cabello
Mais puro que o fio d'ouro,
A minha alma entrou pr'a elle
Entrou pr'o vosso thezouro.

Vossos sagrados olhos
Inclinados para o chão,
Por amor dos meus peccados
Passastes morte e paixão.

Vosso sagrado rosto
Cheio de escarros nojentos!
Por amor dos meus peccados
Passastes tantos tormentos.

Vossa sagrada bocca
Cheia de fel amargoso!
Por amor dos meus peccados
Oh meu Deos todo poderoso.

Vossos sagrados hombros
Denegridos de um madeiro,
Por amor dos meus peccados
Meu bom Jesus verdadeiro.

Vossos sagrados braços
Estendidos n'uma cruz,
Por amor de meus peccados
Oh meu divino Jesus.

Vossas sagradas mãos
São pregadas com dous cravos,
Senhor Deos de misericordia
Por amor de meus peccados.

Vosso sagrado peito
Foi aberto c'uma lança,
A minha alma entrou por elle,
Entrou, que tem confiança.

Vossa sagrada cintura
Amarraram com mil cordas,
Por amor de meus peccados
Senhor Deos de misericordia.

Vossos sagrados joelhos
Arrastados pela terra!
A minha alma já é vossa,
Dae-me salvação a ella.

Vossos sagrados pés
Mais alvos que a neve pura,
Gotas de sangue derramam
Pela Rua da Amargura.

Indo mais para diante
Vi estar uma charola,
Onde n'ella ajoelhou
A virgem nossa Senhora.

Indo mais para diante
Bem vi estar um andor,
Aonde n'elle ajoelhou
Meu Deos, meu pae, meu Senhor.

Indo mais para diante
N'aquelle outeiro sagrado,
Vi estar os pastorinhos
Cada qual com seu cajado.

Respondera o mais moço
Por ser mui bem doutrinado:

D'onde vens, Santa Maria
Que vindes tanto orvalhada?
Venho de seguir os passos
D'esta terra mui sagrada.

Sete passos são corridos,
Outros sete por correr;
Aqui hade vir Jesus
Acabar de padecer.

Dae-me do pago que d'este,
Meu senhor santo Sudario,
A'quella santa mulher
Que assistiu no Calvario.

Estas quinze petições
As offereço ao Senhor,
Que me abra as portas do céo
Quando d'este mundo fôr.

XXIII

OS MANDAMENTOS DA LEI DE DEOS

Dos Mandamentos divinos
Que devemos de guardar,
Dados pelo rei da gloria
Para bem de nos salvar:

O primeiro amarás
A Deos como bom christão,
Amarás a um só Deos,
Sobre quantas cousas são.

Segundo não jurarás
O seu santo nome em vão;
Mas antes o pedirás
De todo o teu coração.

O terceiro guardarás
Os domingos e as festas,
Officio nenhum farás
Nem as cousas deshonestas.

O quarto é que honrarás
A teu padre e tua madre;
Longos dias viverás
Sobre a terra de Deos padre.

O quarto não matarás
N'isso serás avisado,
Teu corpo defenderá
A tua alma do peccado.

O sexto não communicarás,
Livrarás de tal torpesa;
Casto, limpo tu serás
P'ra que os anjos te appareçam.

O setimo não furtarás
Livrarás-te do peccado,
Que no céo não entrarás
Tendo o alheio furtado.

O oitavo não levantarás
Falso testemunho erguendo;
Que no céo não entrarás
Tal beneficio fazendo.

O nono não desejarás
A mulher que é casada,
Põe o sentido em Deos
Que te não lembre mais nada.

O decimo não cubiçarás
As cousas que alheias são;
Contenta-te com o que é teu,
Viverás como christão.

Estes dez mandamentos
Se vêm a encerrar em dois:
O primeiro amar a Deos
E ao proximo depois.

XXIV

PARLENDAS E JOGOS POPULARES

I

A'manhã é domingo
Do pé do cachimbo,
Toca na gaita,
Repica no sino,
O sino é d'ouro,
Repica no touro;
O touro é bravo
Mata fidalgo;
Fidalgo é valente,
Enterra o menino
Na cova de um dente.

II

Pico, pico, me piquei,
Um grão de milho achei;
Um moinho me moeu,
Um ratinho me comeu,
Eu chamei por sam Thiago,
Sam Thiago não me ouviu,
Ouviram-me dois ladrões,
Apalparam-me os calções;
Eu cuidei que era graça,
Bebi vinho da cabaça.

III

Era e não era
No tempo da era,
Meu pae era vivo,
Minha mãe por nascer,
Que lhe havia de fazer?
Deitei as pernas ás costas
E puz-me a correr.
Subi por escada abaixo,
Desci por ella acima,
Encontrei um pecegueiro
Carregado de maçãs,
Fui-me a elle
E comi avelãs.
Veiu o seu dono
E deu-me com um páo,
Bateu-me n'um olho
Magoôu-me um joelho.

IV

Ora vâmos e venhâmos
Pela terra dos ciganos,
Um burrinho compraremos,
O folar que elle fizer
Será para o primeiro
Que aqui falar quizer;
Fóra eu que sou juiz,
Como perna de perdiz,
Fóra eu que sou capitão,
Como perna de leitão.

V

« Cabra cega, d'onde vens?
— De Castella.
« Que me trazes?
— Pão e canella.
« Dás-me d'ella?
— Não que é para mim
E p'ra minha velha.
« Pica-me n'ella.

VI

Rei e rainha
Condeça, cestinha;
Vamos a dar
Uma tarefinha.
Sam Pedro me leve,
Me queira levar,
Se alguma menina
Me fizer olhar,
Rir ou conversar.
— Agora o senhor sam Pedro
Dá licença de eu olhar?
— « Não te deixo olhar
Sem essa agulha acabada,
E a outra começada.
— Já acabei, já comecei,
Já tornei a começar.
Agora o senhor sam Pedro
Deu licença de eu olhar.

*

VII

«Truz, truz.
— Quem é?
« O velho das contas.
— Elle o que quer?
« Vender contas.
— Não ha dinheiro.
« Fia até Janeiro.

VIII

Sorrobico,
Massarico,
Quem te deu
Tamanho bico?
Foi nosso senhor
Jesus Christo.
Bicho vae,
Bicho vem,
A ganhar
O seu vintem.
Piolho na lama,
Pulga na cama,
Dá um pincho,
Põe-se em França.

ROMANCEIRO
DE ARAVIAS

ROMANCES NOVELLESCOS

1

Romances da filha do rei de França

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

A caçar se foi Dom Jorge,
A caçar como solia;
Seus perros leva cansados,
Seu falcão perdido havia.
Anoutecera na serra,
N'uma escura montilla;
Vira estar um arvoredo
Bem alto á maravilha;
No pé lhe tinia o ouro,
Na rama a prata fina.
Lá no mais alto dos galhos
Vira estar uma menina,
Com pente de ouro na mão
Que pentear-se queria.

— Que fazeis aqui donzella,
Que fazeis aqui menina?
« Sete fadas me fadaram
Nos braços de uma mãe minha,

Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e um dia.
Hontem se encerraram annos,
Hoje se acaba o dia!
Leva-me tu, cavalleiro,
Leva-me por tua vida !
Não me leves por mulher,
Nem mais pouco por amiga;
Leva-me por tua moça,
Por tua escrava captiva,
Que eu sou filha de um *malato*,
Da maior *malataria*,
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.

Puzera-a na sua sela,
Nas andilhas não cabia.
Indo mais para diante
A donzella se sorria.

— De que vos rides donzella,
De que vos rides, menina?
« Não me rio do cavallo,
Nem da sua selaria,
Rio-me de um estorninho
Que pelo ár vae zunindo.

Indo mais para diante
A donzella se sorria:

— De que vos rides donzella,
De que vos rides, menina ?
« Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia.

— Torna atraz meu cavallinho,
Que a espora é perdida;
Na fonte aonde estivemos
Ella lá nos ficaria.
« Tate, tate, cavalleiro
Não façaes tal tyrannia;
Se a espora é de prata
Meu pae de ouro t'a daria.
O meu pae lavra no ouro,
Minha mãe na prata fina:
Sou filha do Rei de França,
Da rainha Constantina.
— Valha-me Deos, Deos me valha,
Valha-me a Virgem Maria!
Cuidei que trazia amores,
Trago uma irmã minha.
« Se meu pae tal soubera
Que sua filha aqui ia,
Mandára correr cavallos,
Mandára tanger manilha.

2

O caçador e a donzilla

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE.

Caçador que foi a caça
Na caça lhe foi o dia;
Anoutecera na serra
Onde casas não havia.
Vira estar um arvoredo
De uma alta françaria;

No pé lhe tinia o ouro,
E na rama a prata fina,
E nos galhinhos mais altos,
No derradeiro de cima,
Vira estar uma donzella,
Vira estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão
Que pentear-se queria.
O cabello da cabeça,
Todo o arvoredo cobria,
Os olhos da sua cara
Todo o mundo *relumbria*.
Da maçã do seu rosto
Arrubim bello corria ;
Os dentes da sua bocca
Crystaes bellos pareciam;
Dos beiços da sua bocca
Sangue vermelho corria.

— Que fazeis aqui donzella ?
Que fazeis aqui donzilla ?
« Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e um dia;
Hontem se acabaram annos,
Hontem se encerra o dia.
Quer-me levar, cavalleiro,
N'essa sua companhia ?
Sem me levar por mulher,
Nem tampouco pór amiga;
Leve-me por sua serva,
Por sua escrava cativa.
— Dize-me, por a tua alma,
Dize-me de quem és filha ?

« Sou filha de um *malato,*
Da maior *malataria!*
Quem no meu corpo tocar
Malato se tornaria.
— Diga-me a minha menina
Se quer ancas ou andilhas?
« Quero ancas, cavalleiro,
Que eu na sela não regia.

Indo em meio da serra
A donzella se sorria.

— De que vos rides donzella,
De que vos rides donzilla?
Ou vos rides do cavallo,
Ou da sua selaria;
« Não me rio do cavallo,
Nem da sua sellaria.
Rio-me de um estorninho
Que pelo ar vae zunindo.

Avistando a cidade,
A donzella se sorria:

— Valha-te Deos, oh donzella,
Oh valha-te Deos, donzilla;
Tu ou te ris do cavallo,
Ou da sua selaria?
« Não me rio do cavallo,
Nem da sua selaria:
Rio-me do cavalleiro,
Da sua má covardia:
Achou a *ninha* no campo,
Não a quiz por sua amiga...
— Volta p'ra traz meu cavallo,

Que a espora é perdida!
« Tenha-se em si, cavalleiro,
Não faça tal tyrannia!
Se a espora é de prata
Meu pae de ouro lh'a daria;
Que em casa de meu pae
Lavra-se ouro todo o dia.
— Dize-me, pela tua alma,
Dize-me de quem és filha?
« Sou filha do Rei de França,
Minha mãe Dona Maria!
— Valha-te Deos, oh donzella,
Valha-te Deos, donzilla.
Disseste que eras *malata*,
Tu és uma mana minha!...

3

Donzella encantada

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE.

Caçador que ia á caça,
Caçador que á caça ia,
Seus cães leva cansados,
Sua furôa perdida;
Se sentára a descançar
De tão cansado que ia,
Debaixo de um arvoredo
Bem alto da françaria.
Levantou olhos p'ra cima,
Viu estar uma donzilla,
Com pente de ouro na mão,
Que pentear-se queria.
O cabello da cabeça

Todo o arvoredo cobria;
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbria;
Os dentes da sua bocca
Marfim bello pareciam.

— Que fazeis aqui donzella,
Que fazeis aqui donzilla?
« Sete fadas me fadaram
No collo de uma mãe minha,
Para estar aqui sete annos,
Sete annos e um dia.
Hontem se atimaram annos,
Hoje se atima o dia.
Bem podias, cavalleiro,
Levar-me na companhia;
Não me leveis por mulher
Nem tampouco por amiga,
Levae-me por vossa serva
Que eu tambem vos serviria.
— Espera-me aqui donzella,
Té ámanhã, que é dia;
Que eu vou a tomar conselho
De uma mãe que me pariu.
Resposta que me mandar
Essa mesma vos daria:
—« Não a tragas por criada,
Nem tambem por tua amiga;
Tral-a por tua mulher,
Tua mulher toda a vida.»—

Puzera-a no seu cavallo,
Pois nas ancas a trazia;
Lá no meio da estrada
De amores a acommettia.

« Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal tyrannia;
Que eu sou filha de um *malato*,
Da maior *malataria* :
Homem que a mim se chegasse
Malato se tornaria.
A fonte aonde eu beber
Sangue lá correria.

Indo mais para diante
A donzella se sorria :

— De que vos rides donzella ?
De que vos rides donzilla,
« Não me rio do cavallo,
Nem da sua selaria ;
Rio-me de um estorninho
Que pelo ár vae zunindo.

A' entrada da cidade
A donzella se sorria.

— De que vos rides donzella ?
De que vos rides donzilla ?
« Não me rio do cavallo,
Nem da sua selaria,
Rio-me do cavalleiro
Mais da sua phantasia ;
Achou menina na serra
E logo a acommettia!
— Torna atraz meu cavallo,
Temos uma espora perdida!
« Adiante cavalleiro,
Adiante, paz em guia!
Se a espora é de prata,

Meu pae de ouro t'a daria,
Eu sou filha do rei Cosme,
Da rainha Constantina.
— Mais tolo é o menino,
Que de meninas se fia!
Cuidei de levar mulher
Levo uma irmã minha.

4

Romance da Sylvana

I — VERSÃO DA ILHA DE S JORGE.

Passeava-se Sylvana
Por um corredor acima;
Seu pae estava mirando
Passos d'onde ella vivia:

— Bem puderas tu, Sylvana,
Gosar minha companhia!
« E as penas do inferno,
Pae meu, quem as passaria?
— Passava-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.
« Mas deixae-me ir a palacio
Vestire outra camisa;
Que esta que tenho no corpo
Peccado não o faria.

Chegara d'onde a mãe estava
Justiça do céo pedia,
Justiça do céo á terra,
Que no mundo não na havia.

« Um pae que Deos me déra
De amores me commettia.
— «Despe esses trajos Sylvana,
Que d'elles me vestiria;
Irei aonde o rei estava,
Pois muito bem no sabia.

Tanto cego estava o pae,
Cuidava que era a filha.

— Se eu sabia, tal peccado
Pois d'elle não commettia.
—« Não tive senão dois filhos,
Dom Pedro e a Sylvaninha!
— Filha que chocalha o pae
Que castigo merecia?
— « O pae que acommette a filha
Mil infernos merecia.

Mandou fazer altas torres
A fim d'elle lá não ir;
Ao cabo de sete annos
A mãe as mandou abrir,
Chegára onde o pae estava,
Estava o pae p'ra acabar:

« Oh meu pae da minha alma
Vós estaes para acabar!
Lembrae-vos da grande conta
Que a Deos tendes para dar!
A Dom Pedro deixaes tudo,
Só a mim nada deixaes.
— Que mulher é esta aqui,
Que tanto está de enfadada?

— « E' vossa filha Sylvana
Que a deixaes desherdada ;
A Dom Pedro deixaes tudo,
A ella não deixaes nada?
— Deos se não lembre de mim,
Se tal filha me lembrava!
Aqui tem um punhal de ouro,
Para seu brio sustentar;
Agora que a tua mãe,
Que te acabe de herdar.

5

Aldina

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

Um rei tinha tres filhas,
Alvas como prata fina;
Namorou-se da mais moça
Por lhe chamarem Aldina:

— Bem podias tu, Aldina,
Fazer-me a cama um dia!
« Padre Santo não confessa
Peccados de pae com filha.
— Bem puderas vós, Aldina,
Ser a minha namorada;
Eu te vestiria de ouro,
De prata fina lavrada.
« Não o permitta Jesus,
Nem a ostia consagrada

Que eu sendo vossa filha
Fôsse a vossa namorada.
Nem meu pae por amor d'isso
Não condemne a sua alma.
— Pois as penas do inferno
Eu por ti as passaria.
« Deixae-me ir á minha sala
Vestir uma alva camisa,
Que esta que eu tenho vestida
Tal peccado não faria.

Indo para a sua sala
Com sua mãe se encontrou:

« Oh rica mãe da minha alma
Casae-me hoje n'este dia,
Que um pae que Deos me deu
De amores me commettia.
— « Dae-me cá os teus vestidos
De semana cada dia,
Que eu por ti, Dona Aldina,
Faço essa romaria.

— Se eu soubera, Dona Aldina,
Que estavas tão corrompida,
Eu as penas do inferno
Por ti as não passaria.
— « Quando zombavas commigo,
Oh Dom Pedro de Castilla,
Eu era mulher honrada,
Não era mulher vadia.
— Maldição cubra a Aldina
Que a seu pae foi descobrir.
— « Maldição cubra seu pae
Que de amores a commettia.

Mandou fazer altas torres
De prata fina lavrada,
Para lá meter Aldina
Sete annos degradada,
A comer a carne crua,
A beber agua salgada!
Ao cabo de sete annos
Aldina fôra soltada,
Fôra ter a uma varanda
Onde sua mana estava:

« Rica mana da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se me aparta,
De comer a carne crua,
De beber agua salgada.
— Rica mana da minha alma
Eu não te posso dar agua,
Que meu pae me tem jurado
Pela ponta da sua espada,
Quem a ti agua désse
Que a vida lhe tirava.

Chegou a uma varanda
Onde sua mãe estava:

«Oh rica mãe da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua,
Que eu tenho os meus bofes seccos,
A minha alma se meaparta,
De comer a carne crua,
De beber agua salgada.
— « Guar'-te tu d'aí, Aldina,
Triste filha mal fadada;

*

Que ha sete annos, vae em outo,
Que eu por ti sou mal casada.

Chegara a uma varanda
Aonde seu pae estava:

« Oh rico pae da minha alma,
Dae-me uma gotinha d'agua;
Heide ser a vossa filha,
Mais a vossa namorada.
— Corre, corre, cavalleiro,
A' Aldina buscar agua,
Em garrafinhas de prata,
Em taça sobredourada!
O primeiro que chegar
Será Rei de Portugal.

O Rei como mais esperto
Foi o primeiro a chegar;
Quando elle cá chegou
Já Aldina era passada,
Com sete tochas accezas
A cabeça arrodeada.
Estava no céo a cantar
N'uma rosa encarnada!
O pae estava no inferno
Com sua alma condemnada;
Mandara forrar as ruas
De preto e tafetá,
Não quiz a boa fortuna
Que as chegasse a lograr.
Ajuntaram-se os anjinhos
Logo em Aldina pegaram,
Ajuntaram-se os garrazes
Logo em seu pae agarraram.

6

Silvana desamparada

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE.

Passeava Dona Sylvana
Por o corredor acima,
Viola de ouro ao peito
Pois ella bem retinia,
Pois se ella bem retinia
Melhor romance fazia;
Com sua viola á cinta
Melhor balanço trazia.
Seu pae a estava mirando
Da sala aonde assistia.

— Bem me pareces, Sylvana,
Em vestias de cada dia,
Do que tua mãe rainha
Com quanto ouro havia.
Bem puderas tu, Sylvana
Ser o meu amor um dia?
«Pois as penas do inferno,
Meu pae, quem as passaria?
— Passaria-as eu, Sylvana,
Por ter um gosto na vida.
«Deixae-me, senhor, deixae-me
Com honra e cortezia;
Quero ir á minha sala
Vestir uma alva camiza,
Pois esta que tenho no corpo
Com ella não peccaria.

—«Que tendes, bella Sylvana,
Que vindes tão assustada?
«Um pae, que Deos me deu,
Quer que eu seja sua amada.
—«Dae-me cá os teus vestidos,
Vestidos de cada dia,
Quero ir a esse logar
Cumprir essa romaria.
— Se eu soubera, oh Sylvana,
Que estavas tão corrompida,
As penas lá do inferno
Por ti não as passaria.
—«Eu não sou Dona Sylvana,
Sou a mãe que a paria;
Em quanto falei comtigo,
Oh Dom Pedro de Castilla,
Eu era mulher honrada,
Não era mulher vadia.
— Maldição cubra a filha
Que o seu pae descobria.
—«Maldição cubra o pae
Que tal filha commetia.

Mandara-a meter n'um carcer'
D'onde sol nem lua havia;
Dava-lhe o pão por onça,
Agua por uma medida;
Ao cabo de nove mezes
Corredores ella corria.
Encontrara sua mãe,
Pediu-lhe um pinguinho d'agua:

«Oh rica mãe da minha alma,
Dae-me um pinguinho d'agua,
Que eu trago os meus bofes seccos,

Minha alma se desaparta,
De comer a carne crua,
De beber agua salgada,
De comer pão bolorento
Que o senhor pae me mandava.
—«Rica filha da minha alma
Eu não te posso dar agua,
Pois teu pae me tem jurado
Pelo fio da sua espada,
Que a quem te desse agua
Sete vidas lhe tirara!
Vae ter com o teu irmão
Que te dê uma pinga d'agua.
«Oh rico irmão da minha alma
Dae-me uma gotinha d'agua, — etc.
= Rica irmã da minha alma,
Quem vol-a pudesse dar!
O rei meu pae, se o sabe
Logo me manda matar;
Mas vae ter ao senhor pae
Que te dê uma gotinha d'agua.
«Oh rico pae da minha alma
Dae-me uma gotinha d'agua;
Que eu d'hoje por diante
Serei sempre a tua amada.
— Inda me appareces diante
Sylvana desamparada?
Deos se lembre da minha alma
Se tu filha me lembravas.
Andem moços, corram moços
Depressa a buscar agua;
O que mais depressa fôr
Será rei de Portugal.
«Oh rico pae da minha alma
Já não quero a vossa agua,

Que a minha alma está no céo
Está n'uma rosa pintada;
A vossa está no inferno,
Pois bem o tendes ganhado
— Andem moços, corram moços
Depressa a forrar palacio,
A minha alma está no inferno,
Pois ella o tinha jurado.

7

Romance da Noiva desertora

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

— Deos esteja com as tias
Todas trez a costurar!
« Deos venha com o sobrinho
Que vem de passar o mar.
— Que é do meu cavallo branco
Que eu deixei aqui ficar?
« Vosso cavallo, menino,
Lá nas guerras hade andar;
— Que é do meu anel de ouro,
Que eu deixei aqui ficar?
« O vosso anel, menino,
No dedo da prima hade andar.
— Que é da minha rica prima
Que eu deixei aqui ficar?
« A vossa prima, menino,
Já comnosco não quiz estar;

Está hoje cosendo pão
Para ámanhã se casar.
— Digam-me as senhoras tias
Ella aonde vae morar?
Quero ir a sua casa,
Quero com ella falar.
« Menino, não vades lá,
Que elles podem-vos matar.
— Matarem-me, senhoras, não,
Que eu tambem sei praticar;
Nas terras por onde andei
Aprendi a conversar.

Quando lhe bateu á porta
Já estavam p'ra jantar;
Arrearam-se as cadeiras
Para o senhor se assentar:

— Deos esteja com os folgantes,
Pois bem sabem de brincar;
Não se arrojem as cadeiras,
Não me quero assentar,
Não me quero assentar, não,
Nem nada quero gastar;
Se o noivo dá licença
A' noiva quero falar.
— « Licença, senhor, a tem,
Se ella lh'a quizer dar.

— Toma lá este vestido
Para levares a casar;
Outros melhores que eu tinha
Não os quizeste ganhar.
« Aqui d'El-Rei quem me acode,
Justiça d'este logar!

Os meus primeiros amores
No coração tem lugar,
Vá o noivo para a rua,
Fique este no seu logar.

8

Romance de Bernal-Françoilo

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (URZELINA)

—Francisquinha, Francisquinha,
D'esse corpo tão gentil!
Abri-me lá essa porta,
Que m'a costumaes abrir.
« Não abro a minha porta,
Que são horas de dormir.
—Abri ao homem de França,
Que lh'a costumaes abrir.
«Se é outro no seu logar,
Digo que não quero ir;
Se elle é Bernal-Françoilo,
Descalsa lhe vou abrir;
Lhe pegarei pela mão,
O levarei ao jardim,
Lavei-lhe pernas e braços
Com agua do alecrim,
Tornei-lhe a pegar na mão,
O deitei a par de mim.
Era meia noite em ponto,
Outra meia por venir,
E vós Bernal-Françoilo
Sem vos virares p'ra mim?

Ou tendes dama em França,
A quem queiraes mais que a mim?
— Não tenho dama em França
A quem queira mais que a ti...
« Não te temas de meu pae
Que é velho não vem aqui;
Não temas de meus irmãos
Que inda agora vão d'aqui.
Não temas o meu marido
Longas terras está d'aqui:
Oh maus mouros o cativem,
Novas me venham á mim.
— Eu não temo a teu pae,
Homem que nunca temi,
Eu não temo a teus irmãos
Que são homens com'a mim:
Teme-te do teu marido
Que o tens a par de ti!
« Se tu és o meu marido
Que é que me trazes a mim?
— Trago-te saia de grana,
E *bajú* de carmezim;
Gargantilha de cutello
Pois a mereceste assim.
« Oh lua que vás tam alta
Que não quer amanhecer,
Para esta triste coitada
Acabar de padecer.
— Nem com essas, nem com outras
Pois tu me hasde vencer;
Antes da manhã ser fóra
Pertendo de tu morreres.

— Onde te vaes, cavalleiro,
Vaes tão furioso em ti?

— « Vou a vêr a minha dama
Que ha muito que a não vi.
— Tua dama já é morta,
E' morta, eu bem a vi.
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim.
Sete cirios accenderam,
Todos sete eu accendi:
— Volta, volta meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim!

Chegando ao pé de uma ermida
Lá um vulto preto vira:

« Não te temas, cavalleiro,
Não te temas tu de mim,
Que eu já fui a tua dama,
Por amores teus morri.
Olhos com que te mirava,
Já não tem vistas em si;
Beiços com que te beijava
Já não tem sabor em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem forças em si.
A mulher com quem casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Põe-lhe o nome de mim;
Quando para ella olhares
Para te lembrares de mim.
— Quer eu case, quer não case,
Heide-me lembrar de ti;
Abre lá já essa campa,
Quero-me enterrar comtigo.
« Vive, vive, cavalleiro,
Por amor de ti morri.

9

Dom Pedro Françoilo

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

«Alecrim bateu á porta,
Manjerona quem está aí?

— E' um cravo d'Arrochela,
Oh Rosa, mandae-lhe abrir!
«Se elle é Dom Pedro de França,
Descalsa lhe vou abrir.

Pois se erguera d'onde estava
Descalsa lhe fôra abrir,
Lhe pegara pela mão
O levára ao seu jardim;
Lhe lavára pés e mãos
Com bella agua de alecrim;
Uma gota que ficara
Lavara tambem a si,
Vestira-lhe uma camisa
Como quem vestira a si,
Fizera cama de rosas,
O deitara a par de si.

« Era meia noite em ponto,
Outra meia por dormir,

E tu, Dom Pedro Françoilo,
Sem te virares para mim!
Se temes o meu marido
Longes terras 'stá d'aqui;
Más ballas frias o passem,
Novas me venham aqui.
Se tu temes meus irmãos
Inda agora vão d'aqui!
— Eu não temo o teu marido,
Que o tens ao par de ti,
Eu não temo os teus irmãos
Que são homens como a mim.
Manda chamar teus irmãos
Que te venham a carpir,
Manda chamar thesoureiro
Que dobre os sinos por ti!
Manda chamar o coveiro
Que a cova te venha abrir.
Antes da manhã nascida
Eu quero voltar d'aqui,
Tenho navio no porto
E n'elle me quero ir.
« Oh que sonho seria este
Que agora sonhei aqui?
Se tu és o meu marido
Que me trazes para mim?
— Trago saia de brocado,
Vestido de carmezim.
Tambem trago um punhal de ouro,
Que o quizestes assim;
Quando vier a manhã
Tu já morta jazerias.
« Matae-me, senhor, matae-me,
Pois a morte mereci!

Quando viu coisas tão bellas,
E o sangue pelo chão,
A's mãos tivera quebrado
As cordas do coração.
Elle que vinha saíndo
O cavalleiro encontrou:

— Onde vás, tu, cavalleiro?
Tão penoso vás em ti!
— «Eu vou vêr a minha amada,
Que ha dias que a não vi!
— Tua dama já é morta,
E' morta que eu bem a vi;
Sete frades a levaram
N'uma tumba de marfim!
Com sete tochas accezas,
Todas sete lhe accendi;
Sete missas lhe disseram,
Todas sete eu as ouvi.
Aqui levo pá e enchada
Com que de terra a cobri!
— «Volta, volta, meu cavallo,
Vamos vêr se isto é assim?
Abre-te campa sagrada,
Quero vêr quem está em ti:
Francisquinha da minha alma,
Tu já moras por aqui?

Indo pelo adro dentro
Vira um vulto para si.

«Não temas tu, cavalleiro,
Não tenhas medo de mim;
Que eu sou a tua dama,
Sete annos te servi!

Pernas com que te aguentava
Já calor não tem em si;
Braços com que te abraçava
Já força não tem em si;
Bocca com que te beijava
Já de terra a enchi!
Olhos com que te mirava
Já de terra os cobri!
Mulher com quem tu casares
Não lhe queiras mais que a mim;
Filha que d'ella tiveres
Poem-lhe o nome como a mim;
Quando por ella chamares
Que te alembres de mim.
Filho que d'ella tiveres
Seja lindo como ti,
Que se perca o mundo por elle
Como me eu perdi por ti;
E a esmola que fizeres
Fal-a por ti mais por mim;
Quando puzeres a meza
Resa-me uma Ave-Maria,
Para bem de me pagares
Sete annos que te servia.

10

Romance do Conde da Alemanha

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Já o sol dá na vidraça,
Ai Jesus! tão claro dia!

Ainda o Conde de Alemanha
Com a rainha dormia!
Não o sabia el-rei,
Nem quantos na côrte havia;
Sabia-o Dona Bernarda,
Filha da mesma rainha.

— Senhora Dona Bernarda,
Bem nos podeis encobrir;
Que este Conde é muito rico,
De ouro vos hade vestir.
«Não quero vestido de ouro,
Que eu o tenho de damasco;
Ainda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto!
Mangas da minha camisa
Não as chegue eu a romper,
Se meu pae vier p'ra casa,
Se lh'o eu não fôr dizer.

Estando com este verso,
O pae á porta a bater:

— «Que tendes, Dona Bernarda,
Que tendes, oh filha minha?
Conta-me das tuas magoas,
Que eu contarei maravilhas.
«Estando no meu tear,
Bordando ouro e tela,
Veio o Conde de Alemanha
Dois fios me furtou d'ella.
—«Calae-vos, Dona Bernarda,
Andae p'ra meza jantar,

Que o Conde é pequenino,
E' menino, quer brincar.
«Leve o diabo seus brincos,
Mais o seu lindo brincar,
Que me pegou pela mão
A' cama me quiz levar.
—«Calae-vos, Dona Bernarda,
Vinde p'ra meza jantar,
Que o pagem de Alemanha
A'manhã vae a matar.

«Meu pae, se o mandar matar
Não o enterre em sagrado;
Enterre-o em campo verde
Onde se apastou o gado,
Com um letreiro na testa,
Um letreiro bem lavrado,
Que o letreiro vá dizendo:
Já morreu o namorado.
Senhora Dona Maria
Andae, chegae á janella;
Vêde o Conde de Alemanha
A companhia que leva!
Oh minha mãe, vinde vêr
O Conde da bizarria,
Elle acolá vae morto,
Leva toda a fidalguia.
Chegue-se, senhora mãe,
Chegue á janella do mar,
Vêr o Conde de Alemanha
Como vae a desbancar.
Chegue-se, senhora mãe
Chegue á vidraça do meio,
Vêr o Conde de Alemanha
Como lhe fica o vermelho.

— Eira-má te leve, filha,
Mais o leite que mamaste!
Era um Conde tão perfeito,
A morte que lhe causaste.
Oh que corpo tão pequeno,
Maldito te seja filha;
Oh cadella que mataste
Minha leal companhia!
«Calae-vos, senhora mãe,
Calae-vos por cortezia;
Se o senhor pae tal soubera
Outro tanto lhe faria.

11

Romance de Dom Varão

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DO NABO)

— Hoje se apregôam guerras
Entre França e Aragão;
Ai de mim! um pobre velho,
As guerras me acabarão:
De tres filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!

Responde a filha mais moça
Por ter grande descripção:

«Venham-me armas e cavallo,
Quero ser filho varão!

*

Quero ir vencer as guerras
Entre França e Aragão.
— Tendes o cabello grande,
Filha, conhecer-vos-hão?
«Venha-me pente e tesoura,
Que o vereis caír ao chão.
— Tendes os olhos bonitos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Quando falar c'os soldados
Heide inclinal-os p'ro chão.
— Tendes os hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão;
«Venham-me armas carregadas,
Meus hombros abaixarão.
— Tendes os peitos mui grandes,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Vou-me a casa do alfaiate
Fazer apertado gibão.
— Tendes as mãos fidalguinhas,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Metel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas saírão.
— Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão?
«Metel-os-hei n'umas botas,
Nunca d'ellas saírão.

Foi p'ra casa do alfaiate
Fazer apertado gibão;
Montou logo para a guerra
A brigar como varão.

—

—«Minha mãe eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
«—Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco ao pomar,
Que se elle mulher fôr
A' maçã se hade apegar.

Dom Varão como discreto
A uma cidra foi mirar:

«Oh que rica cidra esta
Para Dom Varão cheirar!
Oh que ricas maçãsinhas
P'ra uma secia merendar.
—«Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
«—Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar,
Ponde-lhe cadeiras altas
E baixas p'ra se sentar,
Que se elle mulher fôr
Nas baixas se hade assentar,
E quando fôr a partir pão
Ao peito o hade levar.

Dom Varão como discreto
Nas mais altas se assentou:
E quando foi a partir pão
Sómente ao punho o levou.

—«Minha mãe, eu trago magoas
Dentro do meu coração,
Que os olhós de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
«— Convidae-o vós, meu filho,
P'ra ir comvosco á botica,
Que se ella mulher fôr
Hade se apegar ás fitas.

Dom Varão como discreto
A's espadas se apegou:

«Oh que rica espada esta
Para Dom Varão brigar;
Mas que lindas fitas estas
Para moças enganar.
—«Minha mãe eu trago magoas
Dentro do meu coração;
Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
«— Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco dormir;
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer despir.

Dom Varão como discreto
Começou a descalsar;
'Naquella noite seguinte
As guerras a começar.

—«Minha mãe eu trago magoas
Dentro do meu coração,

Que os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não.
«— Convidae-o vós, meu filho,
Para ir comvosco nadar,
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer botar.

Dom Varão como discreto
Começou-se a descalsar;

«Oh que novas, oh que novas
Me acabaram de chegar!
Que meu pae que era morto,
Minha mãe para acabar.
Acompanhe-me, acompanhe-me
Se quereis-me acompanhar;
Sete annos servi el-rei
Em palacio a brigar!
Virgem vim, e virgem vou,
O filho do rei como asno ficou;
Se quizer casar commigo,
Siga-me por onde eu vou.

12

Donzella guerreira

II — VARIANTE DOS ROSAES

— Ai de mim! um pobre velho,
Que as guerras me acabarão!

**De tres filhas que eu tenho,
Não ter um filho varão!**

**Respondera-lhe a mais moça
Com toda a deliberação:**

«Meu pae, dê-me o seu cavallo,
Que eu serei o Dom Varão.
— Tendel-o cabello grande,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Dê-me cá pente e tesoura
Vel-o-heis cair ao chão.
— Tendes os olhos mui lindos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Quando falar c'os soldados
Inclinarei-os ao chão.
— Tendes os beiços vermelhos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Quando olhar para os soldados
Meus beiços se cerrarão.
— Tendes as orelhas furadas,
Filha conhecer-vos-hão.
«D'ellas tirarei os brincos,
Os buracos se cerrarão.
— Tendes os peitinhos altos,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Eu vestirei uma farda
Que me aperte o coração.
— Tendes as mãos muito lindas,
Filha, conhecer-vos-hão.
«Metel-as-hei n'umas luvas,
Nunca d'ellas sairão.
— Tendes o pé pequenino,
Filha, conhecer-vos-hão.

«Os meterei n'umas botas,
De lá nunca saírão.

Vae Dom Varão para a guerra,
Com toda a deliberação!
O filho do rei índo á caça
Logo disse a sua mãe:

—«Os olhos de Dom Varão
São de mulher, de homem não!
«— Convidae-o vós, meu filho,
P'ra comvosco vir jantar,
Que se elle fôr mulher
A' couve se hade apegar.

Dom Varão como discreto
Pela couve não quiz dar,
Pegara de pão e carne,
Começara de gastar.

«— Convidae-o vós, meu filho,
P'ra comvosco ir ao quintal,
Que se elle fôr mulher
A' maçã se hade apegar.

Dom Varão como discreto
Pelas maçãs não quiz dar;
Pegara n'um limão doce,
Começara de o gabar.

«Que rico limão cheiroso
Para moças enganar!

—«Oh minha querida mãe
Já não ha que exp'rimentar.
Dom Varão como discreto
Pelas maçãs não quiz dar!
Pegara n'um limão doce,
Começou de o gabar:
Que rico limão cheiroso
Para moças enganar.
«—Convidae-o vós, meu filho,
P'ra ir comvosco á botica;
Que se elle mulher fôr
Hade se apegar ás fitas.

Dom Varão como discreto
Pelas fitas não quiz dar!
Pegara-se ao pano fino
Começou de o gabar:

«Oh que rico pano fino
Para uma farda talhar!
—«Oh minha querida mãe,
Já não ha que exp'rimentar!
Dom Varão como discreto
Pelas fitas não quiz dar...
«—Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco ir dormir,
Que se elle mulher fôr,
Não se hade querer despir.
—«E' meia noite passada,
Outra meia para vir;
Ande lá senhor amigo
Vâmo-nos deitar a dormir.
«Deixe-me, senhor amigo,
Não me queira affrontar,

Que na casa aonde habito
Por mim estão a esperar.
—«Oh minha querida mãe,
Já não ha que exp'rimentar...
«— Convidae-o vós, meu filho,
Para com vosco ir nadar,
Que se elle mulher fôr
Não se hade querer botar.

Dom Varão como discreto
Em bragas se foi botar;
Levou-o lá tanto fóra
Arriscado a o matar.
Viu um barquinho na agua
Começou de navegar:

«Donzella vim, e donzella vou
O filho do rei como asno ficou.

13

Romance da Donzella que se fina de amor

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

A fortuna convidou-me
P'ra ir com ella jantar,
Em meza de sentimentos,
Toalhinha de pesar:

«Dize-me tu, oh fortuna,
Quando me hasde deixar?

— Quando se seccarem fontes,
E rios que correm ao mar.
«Fica-te embora fortuna,
Que bem te podes ficar,
Eu vou-me de terra em terra,
E de logar em logar,
Vêr se encontro um cavalleiro,
O meu amor natural.

Indo por uma praça acima,
Tres senhores vira estar:

«Beijo-vos as mãos, senhores,
Cada qual no seu logar.
Não pergunto por ermida,
Nem por contas de resar,
E' só por um cavalleiro
Freguez do meu natural?
— Namoremos a donzella
Discreta no seu falar;
Não pergunta por ermida,
Nem por livros de resar;
E' só por um cavalleiro
Freguez do seu natural.
—«O senhor Dom foi p'ra caça,
Aqui não póde tardar;
Mas se a pressa é muita
Eu o mandarei chamar.
«Elle a pressa não é muita,
Tambem possò esperar.

Palavras não eram ditas
O senhor Dom a chegar.

«—Que fazeis aqui, donzella,
Terra do meu natural?
«Meus suspiros c'os teus ais
Me fizeram cá chegar!
Dize-me tu, cavalleiro,
Que dia vâmos casar?
«— Quando te eu mandava prendas
Não m'as quizeste acceitar;
Quando t'eu falar queria
Não me quizeste escutar.
Quando eu quiz não quizeste,
Agora que vens buscar?
Agora, bella donzella,
Está outra no teu logar;
Tenho mulher mui gentil,
Meninos para criar.
«Bem a vejo acolá
Com filhinhos de criar!
Dae-me licença, senhora,
Que eu o quero abraçar.
—«A licença vós a tendes,
Não vol-a posso negar.

Palavras não eram ditas
Donzella o foi abraçar;
Ella caíu para traz
Ali se deixou finar.

— Jesus! tamanha é a dôr,
Jesus, tamanho o pesar;
Cavalleiro, dá-lhe um beijo
Que torna a ressuscitar.
«—Nem com beijo, nem sem beijo
Não torna a ressuscitar,

Ella já está tão fria
Como o ferro natural.
Venha cá minha mulher
Conselho quero tomar;
Que faremos á donzella,
De ermida para a enterrar?
—«O conselho que te dou
E' que a mandes arrastar,
Arrastar pelo cabello,
E lança-a n'aquelle mar.
Vae andando, vae rolando,
Irá ter ao seu logar.
«— Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar;
Eu inda tenho dinheiro
Para a mandar enterrar.
—«Carregae-a d'ouro e prata,
Mandae-a deitar ao mar;
Para que aonde ella chegue
Ter com que a enterrar.
— «Esse conselho não tomo,
Esse não heide tomar;
Ainda tenho uma ermida
Para n'ella se enterrar;
Esse ouro, essa prata
Para com ella gastar.
Heide fazer-lhe um enterro
Como seja pae e mãe,
Mandarei fazer uma cova
Para a mandar enterrar;
Os seus cabellos dourados
Por fóra hãode ficar,
P'ra todos os namorados
Ali irem acabar.

Palavras não eram ditas
Cavalleiro se finára;
Enterrou-se um na capella,
Outro ao pé do altar;
A rainha com inveja
Se mandára degolar;
Aqui vereis vós menina
O que é amor natural.

14

Rosal-florido

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DE AREIAS)

— Rosa que estas na roseira,
Manda-me um vintem de rosas;
As abertas não as ha,
Fechadas são mais formosas.
«Vá-se embora cavalleiro,
Não me queira attentar,
Que o rosal é muito alto
Não as posso apanhar.
— Rosinha, dê-me licença,
Que eu as irei apanhar!
«Vá-se embora, cavalleiro,
A má ida vá comtigo;
Pelo bafo que me botas
Cheiras-me a lodo pudrido.
— Volta, volta meu cavallo,
A boa ida vá comtigo!
Pelo bafo que me cheira
E' rosal enflorecido.

Ao cabo de sete annos
Rosinha d'ali partia,
N'uma lanchinha de prata
A par da Virgem Maria.
Fôra ter a uma terra
Onde gente não havia,
Senão só duas senhoras
Cada uma em seu lugar.

«Senhora, dae-me noticia
Do que vos vou perguntar,
Por um senhor estrangeiro
Do meu paiz natural?
—«Esse senhor foi p'ra caça
Aqui não póde tardar.
«Senhora, dê-me licença,
Que eu me quero assentar.

Palavras não eram ditas,
O senhor ali a chegar.

— Que fazeis aqui donzella
De mi terra natural?
«A vossa vinda, senhor,
E' que me fez aqui chegar.
— Quando eu quiz tu não quizeste,
Está outra em teu logar,
Aí tens a par de ti
Um filhinho de criar.

Ella quando tal ouviu
Logo ficou passada.

—«Pega-lhe pelo cabello
E bota-a n'aquelle mar.
— Esse conselho, mulher,
Eu não o quero tomar;
Ainda tenho prata e ouro
Para com ella gastar.

Mandou fazer um moimento,
Para o mandar enterrar;
O seu cabello de fóra
Para por elles chorar.

15

Romance de Dona Helena

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Chorava Dona Helena,
Chorava que rasão tinha.

— Que tendes, Dona Helena,
Que estaes pósta a chorar?
«As saudades me apertam
Pela casa de meu pae.
— Se isso é assim, Dona Helena,
Cavallo mando sellar.
«Se o homem vier da caça,
Quem o hade ir visitar?
— Vou eu, vou eu, Dona Helena,
Vou eu em vosso logar;
Em elle vindo da caça,
Na caça lhe irei pegar.

Quando ella tal ouviu
Tratou sim de caminhar;
Dona Helena caminhando
Seu marido a chegar.

— «Que é da minha esposa Helena,
Que me não vem visitar?
— A tua esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti filho de mau pae.
— «Se assim é, minha mãe,
Trato sim de caminhar;
Viagem de outo dias
Faço-a até ao jantar.

Mete esporas ao cavallo,
Tratou sim de caminhar;
Chegou a casa do sogro,
Seu cunhado a montar:

«— Dou-vos novas, meu cunhado,
Que tendes filho varão!
— «Pois a mãe que o teve
Ou o criará ou não!

N'aquelle mesmo tempo
Mandou-a logo montar.

«Ai Jesus, vou tão fraquinha,
Quem me dera confessar.
— «A quem deixas teus vestidos
Que tu deixaste de usar?
«A' minha irmã mais velha,
Que Deos lh'os deixe gosar.

— «A quem deixas tuas joias,
Que tu deixas de usar?
«A' minha irmã mais moça,
Que Deos lh'as deixe gosar.
— «A quem deixas o teu filho
Que tu deixas de criar?
«A' perra de tua mãe,
Causadora de meus males!
— «Antes o deixes á tua,
Que a minha t'o hade matar.
«Oh que ermida é aquella,
Que a vejo alvejar?
Chama-me um padre d'ella
Que me quero confessar.
—« Confessa-os a mim Helena,
Que elles serão perdoados!
«Confesso-te os mais miudos,
Que os grandes não tem logar.

16

Dona Helena

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Passeava Dona Helena
Por um corredor acima;
Cantares que ella cantava,
Ouvidos que a sogra ouvia.

— O que tens, oh Dona Helena,
O que tens, oh nora minha?

*

«As saudades me matam,
Que a casa de meu pae via!
— Se as saudades te matam
Caminha, caminha, e vae,
No cavallo andaluz
Que é ligeiro no andar.
Viagem de outo dias
N'uma hora a ides passar.
«Se meu marido vier,
Quem lhe porá de cear?
— Se teu marido vier
Eu lhe porei de cear,
A caça que elle trouxer
Eu a saberei guardar.

— «Que é da minha esposa Helena,
Que eu aqui deixei ficar?
— A vossa esposa Helena
Foi p'ra casa de seu pae;
A mim me chamou má velha,
A ti, filho de mau pae!
Se quereis ir ter com ella,
Caminha depressa e vae,
No cavallinho andaluz,
Que é ligeiro no andar;
Viagem de outo dias,
Fáze-l-a até ao jantar.

Elle por escada acima,
Cunhado por ella abaixo:

«— Dou-te novas, meu cunhado,
Tendes um filho varão.
—«Essas novas que me daes
Tanto me dá como não;

Porque a mãe que o teve
Ou o criará ou não.
Levanta-te, mulher minha,
Vâmos para nossa casa.
«Pois doentinha de uma hora
P'ra onde heide caminhar?
—«A viagem é d'outo dias,
N'uma hora a vâmos passar.
O cavallinho andaluz
E' ligeiro no andar.
«Olha para esse cavallo
Como em sangue vae banhado!
Vae banhado com o sangue
Que d'este meu corpo sae!
Pois que ermida é aquella
Que eu vejo branquejar?
Chamae-me um padre de missa
Que me quero confessar.
—«Confessa-te a mim, Helena,
Que Deos te hade perdoar,
Dos peccadinhos miudos,
Que os grandes não tem logar.
A quem deixas o teu fato
Que t'o haja de estimar?
«A' minha irmã mais velha,
Que Deos lh'o deixe gosar.
— A quem deixas o teu ouro,
Que t'o haja de estimar?
«A' minha irmã mais moça
Que Deos lh'o deixe gosar.
—«A quem deixas o teu filho
Que t'o haja de estimar?
«A' perra de tua mãe,
Causadeira de meus males.
—«Tu não o deixes á minha,

Que ella t'o hade matar;
Deixa-o antes á tua,
Que ella t'o hade criar;
Com as lagrimas dos olhos
E' que t'o hade levar,
Com a coifa da cabeça
E' que t'o hade limpar.

17

Romances de Joãosinho ou o Banido

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS).

Joãosinho foi jogar
Uma noite de Natal,
Ganhou cem dobras d'ouro,
Marcadas e por marcar.
Matou um padre de missa
Revestido no altar!
Enganon sete donzellas
Que estavam para casar;
E furtou sete castillos
Todos do passo real.
O seu pae quando tal soube
Quizera-o mandar matar;
A mãe, como triste mãe,
Começou de prantear:

«Não mateis o nosso filho,
Que bem custou a criar;
Mandae-o p'ra terras longes
Fóra do céo natural.»

Andando por terras dentro,
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá pão
P'ra este pobre mercar?
—«N'esta terra não ha pão,
Nem padeira p'r'o guisar.

Andando mais por diante,
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá vinho
Para este pobre mercar?
—«N'esta terra não ha vinho,
Nem se usa cultivar.»

Andando mais para diante,
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá agua
P'ra este pobre mercar?
—«N'esta terra não ha agua
Nem Deos destina a mandar.

Andando mais para diante,
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá erva
Para este pobre mercar?
—«'Nesta terra não ha erva
Nem se usa a semeiar.

Foi tal a dor que lhe deu
Que logo santo acabára.

18

Flores e Ventos

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'AREIAS)

Caminhou Flores e Ventos
Uma noite de natal,
Deshonrou sete donzellas
Todas de sangue real!
Arrasou sete cidades
Que o pae tinha p'ra lhe dar;
Matou seis padres de missa
Revestidos no altar!
Jogou cem dobrões de ouro
Marcados e por marcar.
Sua mãe quando tal soube
Logo ao rei foi falar:

«Não o mateis, senhor rei,
Que é o nosso filho carnal,
Desterrae-o para longe,
Longe do vosso reinado;
Que não tenha pão, nem vinho,
Nem comida o seu cavallo!
— Se lhe eu não der castigc,
Ou outro qualquer extranho,
Já não sou imperador,
Sou imperador de engano.

Andando de terra em terra,
Começou de perguntar:

«— A senhora vende pão
P'ra ajuda do meu jantar?
—«Eu não, senhor cavalleiro,
Não o ha n'este logar.
«— Senhora, vendeis cevada,
Para dar ao meu cavallo?
—«Eu não, senhor cavalleiro,
Não a ha n'este cerrado.
«— A senhora me desculpe,
Que eu sou um pobre vassallo.
—«Deos o encaminhe, senhor,
Não tenho que desculpar.

Sete annos andou em sella,
Outros sete andou a pé,
Foi acabar santamente
Ao adro de Nazareth.

19

Dona Branca

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (URZELINA)

Deos me dera ter a graça
Além das ondas do mar,
Que teve Flores e Ventos
N'uma noite do Natal.
Deshonrou sete donzellas
Que o rei tinha p'ra casar!
Abrazou sete cidades,
Que o rei tinha p'ra lhes dar.
Jogou cem dobras de ouro
Que o rei tinha p'r'as dotar.

Tambem matou sete padres
Revestidos no altar!
O Rei quanto que o soube
Logo o mandou matar!
Sua mãe, que lh'o disseram,
Por elle foi apellar:

«Se deshonrou as donzellas
Sete tenho p'ra lhe dar;
Se abrazou sete cidades
Sete tenho p'ra lhe dar;
Se jogou cem dobras de ouro,
Eu cem tenho p'ra lhe dar.
Se elle matou sete padres
Deos lhe queira perdoar.
Vem-te cá, oh filho meu,
Que te quero amaldiçoar!
Que a mulher com quem casares
Nunca te seja leal.»

Caminha Flores e Ventos,
Longes terras foi casar;
Foi casar com Dona Branca
A mais linda do logar.
E d'ali a sete mezes
Tratara de caminhar;
Foi p'ras partes de Aragão,
Longes terras foi caçar.

Caminhara Dona Branca
Para o jardim passear;
Com agua n'um copo d'ouro,
Para o seu rosto lavar.
Passàram dois cavalleiros
Iam por lá a passar:

— Oh que rica Dona Branca,
Deos ma dera namorar!
«Vinde, vinde cavalleiros,
Uma noite e outra não,
Que o meu homem foi caçar
A's partes de Aragão.

Mas d'ali a quinze dias
Já para casa viera:

— Quem eram aquelles pombos
Que 'stavam na minha janella?
«Aquelles dois pombos, vosso
Pae devia-os mandar.
— De quem são os dois cavallos
Que estavam no meu saguão?
«Aquelles dois cavallos,
Vosso pae cá os mandou.
— Quem eram esses dois homens
Que estavam na minha sala?
«Matae-me homem, matae-me,
Que a morte tenho ganhado.
— Não te mato, Dona Branca,
Mate Deos que te criou;
Que isto tudo foram pragas
Que a minha mãe me rogou.

20

Dom Alberto

IV — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

«Dom Alberto foi á caça
Lá á terra dos Leões,
Lá lhe apodreçam os ossos,
Mais tambem os seus falcões.

Estando n'estas rasões,
Dom Alberto a chegar:

— Que tendes, Dona Maria
Que estaes tam descorada?
Alguma traição se armou,
Ou está p'ra ser armada!
«Não é nada, senhor Alberto,
Traição nenhuma é armada;
Fui eu que perdi as chaves
As chaves do cadeiado.
— Calae-vos, minha senhora,
Calae-vos Dona Maria,
Que se ellas são de prata
Eu d'ouro vol-as daria.
Que cavallo é aquelle
Que em minha loja rinchou?
«E' o nosso, senhor Alberto,
Meu irmão vol-o mandou.
— Pois que selim é aquelle
Que no meu cabido está?
«E' vosso, senhor Alberto,
Meu irmão o mandou cá.

— Que espingarda é aquella
Que no meu quarto está?
«E' vossa, senhor Alberto,
Meu irmão a mandau já.
— Que esporas são aquellas
Que na minha meza estão?
«São vossas senhor Alberto,
Mandou-vol-as meu irmão.
— Que cavalleiro é aquelle
Que em meu logar se deitou?
« Matae-me, senhor Alberto,
Gram traição se vos armou.
— Não te mato, minha rosa,
Pelo muito que te quero!
Vou mandar chamar teu pae
P'ra de ti ser entregue.
— « Você se a não confessou
Trate de se confessar,
Que eu sou caçador do rei
E mato caça real.
Vim apanhar uma pomba
Que pousou n'este logar.

21

Flor de Marilia

V — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

— Marilia, flor das Marilias,
Mais bella que o sol e a lua;
Quizera dormir comtigo
Uma noite e mais nenhuma.

«Suba, suba cavalleiro,
Uma noite e mais nenhuma.
Meu marido foi p'ra caça
Para as partes de Aragão;
Disse que ia matar mouros,
Os mouros o matarão.

Estando ella n'estas praticas
Seu marido ao portão:

—«Que cavallo branco é aquelle
Que 'stá aqui no meu saguão?
«Aquelle cavallo é vosso,
E meu pae vol-o mandou.
—«Que espada nova é aquella
Que está n'aquella janella?
«Aquella espada é vossa
Para vós venceres guerras.
—«Que cavalleiro é aquelle
Que está no meu dormitorio?
«Elle é um irmão meu,
Irmão meu, cunhado vosso!
—«Se elle é um irmão teu
Porque me não vem falar?

Pegara no seu punhal
Logo para o ir matar.

«Não no mateis, meu marido,
Não no mates, Dom João,
Matae-me antes a mim
Que vos ando com traição.
Pegara no seu punhal
Metera-lh'o no coração;

Sangue que d'ella corria
Fazia poças no chão.
Elle o mandou ajuntar
Com dor do seu coração,
E o mandou enterrar
Ao pé de um manjaricão.

—«Quebradas tivesse as mãos,
E as cordas do coração! »
Quando viu as carnes bellas
Derramadas pelo chão.

22

Romances de Dom Aleixo

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Levantou-se Dom Aleixo
Da cama d'onde dormia,
Chegou á sua janella
A vêr que horas seriam.
E' meia noite passada,
Outra meia está por vir;
São horas de caminhar
A quem tem de seguir.
Aleixo como valente
Adiante caminhou;
Encontrou um vulto preto
D'onde se não assustou.
— Que fazes, oh vulto preto,
Que fazes, alma penada?

«Sou a morte, Dom Aleixo,
Que te venho dar aviso;
Que na côrte estão sete homens
Para te tirar a vida!
— Antes que sejam mais sete,
Não fazem valentaria!

Aleixo, como valente
Adiante foi seguindo;
Os vira estar todos sete,
Onde se não assustou.
Chegou onde elles estavam
D'esta sorte lhes falou:

— Que fazeis, oh gente nobre?
Que fazeis, oh gente ouzada?

Elles como eram sete
Nenhum lhe respondeu nada;
Aleixo como valente
Desembainhou sua espada.
Levou a dois de um golpe,
A trez de uma cutilada.
Os outros dois que ficaram
A cabeça lhe cortaram,
E a levaram a sua mãe
Na ponta da sua espada:
Sua mãe quando tal viu,
Começou de prantear:

—«Eu bem te avisei, filho,
E melhor te aconselhava;
Que as tuas saídas de noite
Não davam ganho, nem nada.

— Conselhos de minha mãe
Eu havia-os ter tomado;
Antes quiz morrer d'amores,
Do que deixar de amar!
Peço a minha mãe,
Faça bom enterramento;
Uma sepultura de prata,
Forrada de ouro por dentro.
Perde quem serve os amores,
Ganha quem os não servia;
Perde quem anda de noite,
Ganha quem anda de dia.

23

Dom Aleixo

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Na cidade de Hungria
Passeava um cavalleiro;
Cavalleiro, gente nobre,
E' chamado Dom Aleixo.
O chamado Dom Aleixo
Uma noite que saía,
Vira estar um Ermitão
Oh bem alto, em demazia!

— Se tu és carne humana,
Vae na minha companhia;
Se tu és alma que pena,
Eu te esconjuraria.
«Eu não sou carne humana,

Que te vá em companhia;
Tambem não sou alma em pena
Que tu me esconjurarias;
Sou a morte de Dom Aleixo
Que te venho avisar,
Na côrte estão sete homens
Para a vida te tirar!
— Antes que sejam outros sete
Dom Aleixo não temia;
E juro por minha espada,
Por a sagrada Maria,
Vou cumprir uma promessa,
Que fiz a Dona Maria.

Palavras não eram dadas
As espadas retiniam.
Quatro já estavam mortos
E trez já eram feridos;
O mais pequenino d'elles
Uma pedra lhe atiraria.

— Magano, não jogues pedras,
Que é guerra de covardia;
Jogae a vossa espada
Que é guerra de valentia!
Se essa vossa vos não vale,
Vos emprestaria a minha.

Aos gritos de Dom Aleixo
Acordae, Dona Maria!
Vós me matastes, senhora,
Vossos irmãos não podiam.
Dêem-me tinta e papel,
Oh minha escrivanaria,
Quero deixar os meus bens

Todos a Dona Maria,
Que não morra por amores,
Que foi porque m'eu perdi.

Mal de amores não tem cura,
Que é um mal desesperado;
Quem morre de mal de amores,
Não se enterra em sagrado.
Enterra-se em campo verde,
Onde vae pastar o gado.

24

Romances de Claralinda

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DE AREIAS)

— Claralinda está doente
Vejo-a tão descorada?
«Foi de um pucarinho de agua
Que bebeu na madrugada.

Seu pae tanto que o soube
Logo a mandou sangrar;
Mandou chamar tres donzellas
P'ra com Claralinda estar.
D'onde vinha uma d'ellas
Mui liberal no falar:

«Claralinda está pejada,
Já o não pode negar.

*

Seu pae quanto que o soube
Logo a mandou matar;
Todos os primos e primas
Lá a foram visitar.

—«Todos os primos e primas
Aqui me vem visitar;
Só não ha um primo de alma
Que se dôa do meu mal,
Que me vá levar uma carta
A João de Gibraltar.

Respondeu-lhe o mais moço,
O mais moço que ali estava:

«—Oh prima, apromptae a carta,
Quero vol-a ir levar;
Se a jornada é de dez dias
N'uma hora a quero andar.

Quando elle lá chegou
'Stavam á mesa a jantar,
Arrojaram-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

«— Venho aqui com uma carta
Não me quero assentar;
Claralinda está doente,
Seu pae a manda matar.
— Eu não se me dá que a mate,
Nem que a mande matar,
Da-se-me do ventre d'ella
Que é filho de tão bom pae.

Respondera sua mãe
A sua mãe que ali estava:

«Se isso tem algum remedio
Filho, trata de lh'o dar.
— Eu não lhe sinto remedio,
Que remedio lhe heide dar?
«Despe o vestido de seda,
E veste habito saial,
Dize que és um clerigo
Que a queres confessar.

Quando elle lá chegou
Já estavam p'ra matar.
Já o theatro está feito
Para ir a degolar.

— Tate, tate, bons algozes,
Que eu quero aí chegar;
Que ella é menina e moça,
Terá de que se accusar.

Primeiro lhe perguntou:
— Vós a quem deveis amar?
«Primeiro a Jesus do Céo,
E a João de Gibraltar.
— Os senhores dão licença
Deixem-m'a ir confessar;
Ella pede sacramentos,
Tem tempo de se emendar.

Entram pela porta travessa,
Saíram pela principal...

— Embarque-se, senhora, embarque-se
Vâmos para Gibraltar!
Fica-te embora meu sogro,
Aqui não quero tornar;
Toda a filha da fortuna
Commigo queira embarcar,
A nossa cama está feita
Sobre as ondas do mar.

25

Dom Carlos de Montealvar

II — VARIANTE DE RIBEIRA DE AREIAS

Claralinda está presa,
Seu pae a manda matar;
Seu tio a veiu vêr,
Seu primo a visitar.

— Muito me pésa prima,
Muito me pésa o seu mal.
« Assim elle me não pése
E não me póde pesar,
Que o que anda em meu ventre
E' filho de bom pae.
Não se me dá de morrer,
Que eu nasci para acabar;
Dá-se-me do meu filhinho,
Que outra mãe não hade achar.
Não haver anjo no céo,
Para carta me levar,

A portos da Inglaterra
A Dom Carlos Montealvar!

Appareceu um pombinho
Na janella foi poisar:

— Dae-me cá essas cartas
Que eu quero-as ir levar
A portos de Inglaterra,
A Dom Carlos Montealvar.
Viagem de outo dias
N'uma hora se hade passar.

Entrando pelo palacio
Senhores á mesa a jantar;
Apromptem-se as cadeiras
Para o senhor se assentar.

— Não se aprompteem as cadeiras
Que eu não me venho assentar;
Aqui tendes estas cartas
Tratae já de as passar.
Claralinda está presa,
Seu pae a manda matar.

Entrou de lêr logo as cartas
Entrou de as passar;
As lagrimas eram tantas
Que eram de par a par.
Respondeu a sua mãe
Lá da sala onde estava:

«— Anda filho, anda filho,
Se tem remedio vae dar.

— «Como póde ter remedio
Se elle já não tem logar?
« — Mete-te pelo convento,
Veste-te em trajo de frade,
Que ella é moça, é menina
Hade ter que confessar;
Debaixo da confissão,
Nada se pode negar.

— « Oh justiça, oh justiça,
Vós podeis bem descansar;
Claralinda é menina,
Hade ter que confessar!
Diga-me a minha menina
A quem deve de amar?
«Eu amo a Deos do céo,
E a Dom Carlos Montealvar;
Lá lhe mandei umas cartas,
Não lhe puderam chegar.
— « Diga-me a minha menina
A quem deve de amar?
Debaixo de confissão
Se um bejo me póde dar?
«Não permitta Deos do céo,
Nem os santos do altar,
Onde o Conde poz os beiços
Que os ponha nenhum frade;
Nem vos posso dar um beijo
Porque eu vou a matar.
— « Dê-me a menina um beijo,
Que já não vae a matar.

Puzera-a no seu cavallo,
Tratou já de caminhar;

Passára por uma rua,
A mãe á janella estava:

«Deos te guie cavalleiro,
Deos te queira guiar;
Que livraste Claralinda
D'ella não ir a queimar.

26

Romances da Condessa

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

A Condessa teve um filho,
Teve um só, não teve mais;
Foram offerecer ao rei
P'ra saber e valer mais.
Se o rei muito lhe queria
A rainha muito mais.
El-rei dava o bom vestido,
A rainha o bom calçado;
Mandavam-no passear
Com cavalleiros fidalgos.
Os vassallos com inveja
Ao rei foram-no accusar,
Que elle estava e a rainha
Debaixo de um laranjal,
Elle em gibão de linho,
Ella em rico saial.

— Corre, corre, cavalleiro
Anda, vae-m'o apanhar;

Logo que chegar aqui,
Quero-o mandar castigar.

Mandou-lhe tirar as pernas
Para lhe quitar seu andar;
Mandou-lhe tirar os olhos
Para mais não a mirar;
Mandou-lhe tirar a lingua
Para perder seu falar;
Mandou-lhe tirar os braços
Para mais não abraçar.
Nem os olhos, nem a lingua
Não lh'os quizeram tirar;
Mandou-o deitar na praça
Para ir a apedrejar.

— Passasse um anjo do céo,
Novas a minha mãe levasse!
Se não tivesse papel
Sobre as azas lh'as levasse.

Passára um anjo do céo
Voando pelo seu ar:

« — Oh moço dá-me uma carta
Que t'a quero ir levar;
Jornada é de outo dias
Hoje lh'a vou entregar.

Chega a casa da Condessa
Ella o mandou entrar;
Mandou-lhe deitar cadeira
P'ra com elle conversar.

«— Não quero sua cadeira
Que me não venho assentar;
Trago-vos novas, senhora,
Bem custosas de vir dar!
«Que fará a quem as ouve,
Se são caras de contar!
«— Trago-vos novas, senhora,
Seu filho quer-se casar.
«Diga-me o senhor menino
Que tal é a qualidade;
Se é filha de algum Duque,
Ou de rei de Portugal?
«— Pois não é filha de Duque,
Nem de rei de Portugal,
E' filha de um carniceiro,
Neta de um que talha carne.

Logo cobriu seu manto
Começou de caminhar;
Criados que vão com ella
Não a podem alcançar.
Quando lá chegou á praça
Aquelle vulto viu estar;
Metteu a mão no seu manto
Para uma esmola lhe dar.

— Não quero vossa esmola
Que lhe não posso pegar;
Dae-me a vossa mão direita
Que vol-a quero beijar!
«Oh meu filho, oh meu filho,
Quem vos fez tamanho mal?
— Foram os vassallos do rei
Que me foram accusar,
Que eu estava mais a rainha

Debaixo de um laranjal,
Eu em castello branco,
Ella em rico saial.
«Oh meu filho, oh meu filho,
Tua morte vou vingar.

Fôra-se a casa do rei,
Elle a mandára entrar:
Mandára-lhe pôr cadeira
P'ra com ella conversar:

«Senhor rei que é do meu filho;
Que eu o venho visitar?
— «O seu filho é na caça,
E' na caça, foi caçar.

Botou seu manto p'ra traz
Que queria desabafar:

«Não me soffre o coração
Que não torne a perguntar,
Senhor rei que é do meu filho
Que o quero abraçar?
— «O seu filho é na caça,
Aqui não póde tardar;
Do meio dia para a uma
Elle aqui hade ficar.
«Não me soffre o coração
Que não torne a perguntar:
Senhor rei que é do meu filho,
Que o venho visitar?
Que caça tão rigorosa,
Tão custosa de apanhar...

Puchára do seu punhal,
Logo ali o matára.

« Ali te fica, rainha,
Manda-o agora enterrar;
Tambem te fica meu filho
Para com elle casares.
Fica-te embora meu filho,
Tua morte está vingada,
Que eu vou corrida da morte
Da justiça arreada.

27

Dom Pedro Menino

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

O Marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o Marquez;
O rei os mandou chamar
Cada um por sua vez.
Do primeiro fez um Bispo,
Do outro fez seu barbeiro;
Dom Pedro, por ser mais moço,
Ficou para dispenseiro;
P'ra servir o rei á mesa
Como triste maravilha,
A princeza que o viu
Logo d'elle se agradou.
Seu pae assim que o soube
Logo em carcere o fechou;

A rainha que o soube
Logo o mandou chamar:

« Que fazes aqui, sobrinho,
Minha carne natural?
— Estou preso por ter amores
Com a princeza real.

Puchára da sua manga
Esmola para lhe dar.

— Agradeço, minha tia,
Não posso esmola pegar;
El-rei me quitou as mãos
Para esmolla não pegar;
Tambem me quitou os braços
Para amores não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não falar!
Tambem me quitou os olhos
Para amores não mirar!
Diga lá a minha mãe
Que me venha visitar,
Nos dias em que nós estamos,
Que é tempo de caminhar,
Com seu mantinho no braço
Sem o poder enfiar,
Sua viola na mão
Para seu filho tocar.

« Que fazeis aqui meu filho
Minha carne natural?
— Estou preso por ter amores
Com a princeza real.

Puchára de sua manga
Esmola para lhe dar.

— Agradeço, senhora mãe,
Que não a possa acceitar;
Que o rei me quitou as mãos
Para esmola não pegar!
Tambem me quitou os braços
Para amor não abraçar;
Tambem me quitou a bocca
Para amores não falar.
Tambem me quitou os olhos
Para amores não olhar.
« Tomae lá esta viola,
Ide tocar um *baixão!*
— Oh minha mãe tão cruel
Tão dura do coração!
Seu filho para enforcar,
Manda tocar um *baixão!*
Deos me dera um portador
Que esta carta levara
A' minha esposa Leonor.
« Dá-me cá essas cartas
Quero ser o portador.

Fôra-lhe bater á porta
Mesa posta p'ra jantar:

« Oh El-rei, que é do meu filho,
Com elle quero falar!
— « Teu filho foi para a caça,
Aqui não póde tardar!
« Oh El-rei, que é do meu filho,
Com elle quero falar.

— « Valha-te Deos, mulher,
Mais o teu importunar;
Teu filho foi para a caça
Aqui não póde tardar.
« Que mal te fez o meu filho,
Para o mandares matar?

— Já os linhos enflorecem,
'Stão os trigos em pendão!
Ajuntem-se as moças todas
No dia de Sam João;
Uns com cravos e rosas,
Outros com manjaricão;
Aquelles que o não tiverem
Tragam-me um verde limão.—

— « Vinde, vinde, minha filha
Ouvir tão doce cantar;
Ou são anjinhos no céo,
Ou são sereias no mar?
« Não são anjinhos no céo
Nem são sereias no mar;
E' o Dom Pedro Menino
Que o senhor pae manda matar.
— « Se elle é Dom Pedro Menino
Comvosco venha reinar!
Tragam tinta e papel,
Comvosco venha casar.

28

Dom Pedro Pequenino

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

O Marquez tinha tres filhos,
Tres filhos tinha o Marquez;
O rei os mandou pedir
Cada um por sua vez:
O mais velho p'r'o vestir,
O do meio p'r'o calçar;
O mais moço d'elles todos
Para o rei barbear.
A princeza que tal soube
D'elle se quiz namorar;
O rei que tal soubera
Quizera-o mandar matar;
Manda-o meter n'uma torre
Até elle ir degollar.

Passava um caçador
A caçar caça real:

— Que fazeis aqui Dom Pedro,
Minha carne natural?
« 'Stou com sentença de forca,
A'manhã vou a matar,
Por uma fala de amor
Que á princeza qu'ria dar.

Foi-se embora o caçador
A caçar caça real:

— Eu trago noticias novas
As quaes as não posso dar;
Vi vosso filho na forca,
A'manhã vae a matar.

Ella, que ouviu aquillo,
Tratou já de caminhar;
Suas aias e criadas
Não a podem alcançar!
Os seus vestidos no braço
Sem os poder enfiar.

— « Que fazeis aqui meu filho
N'este escuro hospital?
« Estou com sentença de forca,
A'manhã vou a matar,
Por uma palavra de amor
Que á princeza queria dar.
— « Tomae-lá n'esta viola,
Tocae-me n'ella um *baixão*,
Como vosso pae tocava
No dia de Sam João.

Dae vós a Deos tal mulher
Tão dura do coração!
Tem o filho para morrer,
Manda tocar um *baixão*.

« Oh dia, que eras um dia,
Oh dia de Sam João!
Quando todos os mancebos
Com as suas damas vão,
Uns levam cravos e rosas,
Outros um manjaricão;

Ai de mim, triste coitado
'Stou n'esta escura prisão,
D'onde não vejo saír
O tão lindo claro sol.

O rei, que ia passeando,
Cavallo mandou parar:

« — Que vozes do céo são estas,
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar?
— Não são os anjos no céo
Nem as sereias do mar,
E' Dom Pedro Pequenino,
Que meu pae manda matar!
Eu o queria por marido,
Se o pae m'o quizera dar.
« — Chama á pressa o carcereiro,
Que á pressa o vá soltar;
Aí o tens por marido,
Deos vol-o deixe gosár.

29

Romance do Conde Yano

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DE AREIAS)

Passeava-se a Sylvana
Por um corredor acima;
Seu pae a estava mirando
Da cama d'onde jazia;

*

Se ella mui bem passeava,
Melhor romance fazia.

— Bem me pareces, Sylvana,
Em trajo de cada dia,
Que a madre de vossa mãe
Com quanto ouro havia.
Bem podieis vós, Sylvana,
Dormir commigo um dia !
Que as penas do inferno
Eu por vós as penaria.
« Deixae-me ir ao meu quarto
Vestir um novo vestido,
Que este que agora tenho
Tal cousa não commettia.

« Case-me, senhora mãe,
Hoje n'este santo dia;
Que um pae que Deos me deu
De amores me commettia.
— « Vosso pae é homem velho,
Isso foi em zombaria.
« Renego do seu zombar,
Mais da sua zombaria;
Case-me, senhora mãe,
Hoje n'este santo dia.
— « Filha, já não ha na côrte
Um que vos merecia.
« Eu mereço-me de um Conde,
Marido de minha tia.
Mandae vós cá chamar
Para cá jantar um dia;
Que depois da sobremeza
Eu propria lhe falaria.

A rasão não era dita
Criado á porta batia:

« — Senhor Conde está em casa?
El-rei o manda chamar.
— « Isso não é p'ra meu bem,
Certo será p'ra meu mal.

Indo pela côrte dentro
Mil cortezias fazia ;
Mandaram-lhe pôr a mesa,
Puzeram-lhe graves comidas.
Atimante a sobremeza
O seu prato de alegria:

« Alembra-te Conde, alembra-te
O que fizestes um dia?
= Eu tal cousa não me lembra,
Nem isso me parecia.
« Anda, vae para casa,
Vae matar Dona Maria.
= Saiba o senhor Rei Conde
Que ella a morte não merecia.
— Pega por agua dos pés,
Por outras cousas que tal;
Se ella não a tiver prompta
Rasão tens; vae-a matar.

Foi-se o Conde para casa,
Bem triste, bem anojado:

= Contae-me, Conde, contae-me,
Contae-me das vossas magoas.
— Como heide contar magoas,
Senhora Dona Maria?

Se elle a ceia está prompta
Eu ceiar quereria.
= A ceia está já prompta
Como d'antes succedia;
Contae-me das vossas magoas,
Como contas alegrias.

Foram-se assentar á meza,
Nem um, nem outro comia;

— Como heide contar magoas,
Senhora Dona Maria?
Se a agua dos pés está prompta
Eu lavar-me quereria.
= A agua dos pés está prompta
Como d'antes succedia.
Contae-me das vossas magoas,
Como contas alegrias.
— Se a cama está feita
Eu deitar-me quereria.

Foram-se deitar na cama,
Nem um, nem outro dormia;
As lagrimas de um e outro
Toda a cama alagariam.

= Contae-me das vossas magoas,
Como contaes alegrias.
— Como vos contarei magoas,
Senhora Dona Maria?
O rei vos manda matar
Para dar honra á filha!
= E vós não lhe perguntastes
Isso que remedio tinha?

— Isso lhe preguntei eu,
Disse elle que não sabia.
= Esse rei de mil diabos
Que raiva me tomaria?
Já me matou pae e mãe,
E tres irmãos que havia.

Estando n'esta affliçâo
O rei á porta batia:
A condessa não é morta?
Senão elle a mataria.

— A condessa não é morta,
Mas já está n'essa agonia.
— « Mata Conde, mata Conde,
Antes de uma Ave-Maria.
= Deixa-me dar um passeio
Da sala para o quintal;
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flôr do laranjal!
Deixa-me dar um passeio
Da sala para o jardim,
Adeos cravos, adeos rosas,
Adeos flor do alecrim.
Deixem-me dar um passeio.
Da sala para a cosinha;
Venham-me cá os escravos
Que tanto bem me serviram,
A'manhã servirão outra
De mais alta senhoria.
Venham-me cá os meus filhos,
Que os quero abraçar;
As palavras da madrasta
Nunca os hãode accalentar;

Quando lhe pedirem pão
Agua fria lhe hade dar;
Quando lhe pedirem vinho
Com um viminho lhe hade dar!
Mama, mama, meu menino,
N'este leite derradeiro;
Nunca tornarás a achar
Uma mãe como a primeira.
Chamem-me o filho mais velho
Que eu o quero aconselhar,
Que conselhos da madrasta
M'o hãode escandalisar.
Venha cá uma toalha,
D'essas mais finas que houver,
Para apertar a garganta
Que o nosso rei assim quer.

Tocam os sinos na corte,
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o infante do berço
Que ainda falar não sabia:

« Alviçaras, senhor pae,
Que eu as dou com alegria:
Morreu a Dona Sylvana
Pela traição que fazia;
Quiz descasar um casal,
Cousa que Deos não queria.

30

Romances de Gerenaldo

I — VERSÃO DA ILHA DE S. MIGUEL

« Gerenaldo, Gerenaldo
Pagem do Rei bem querido;
Porque não falas de amores,
Que estás aqui só commigo?
— Por eu ser vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo?
« Gerenaldo, eu não zombo,
Falo de veras comtigo.
— Vós quando quereis, senhora,
Que vá ao vosso serviço?
« Das dez horas para as onze,
Quando o rei 'stiver dormindo.

Ainda não eram dez horas
Gerenaldo já erguido,
Sapatinho descalçou
A fim de não ser sentido;
Foi á sala da Infanta
Deu um ai mui dolorido.

« Quem é esse cavalleiro
Das armas tão atrevido?
— E' Gerenaldo, senhora,
Que vem ao vosso serviço.
« Levanta os cortinados,
Vem-te aqui deitar commigo.

De beijinhos e abraços
Hasde ser mui bem servido!
Nada mais t'eu não prometto
Que entre nós será sentido.

D'ali mais a poucochinho
O rei andava erguido,
Chamando por Gerenaldo,
Que lhe désse o seu vestido.
Andou de sala em sala,
De postigo em postigo:

— « Gerenaldo não me fala,
Gerenaldo é falecido!
Ou Gerenaldo é morto,
Ou traição tem commettido;
Ou me está com a Infanta,
A prenda que eu mais estimo.

Alevantou-se o bom rei,
O seu vestido vestiu;
Seus sapatos na mão
P'ra o passo não ser sentido.
Fôra de passo em passo,
De castillo em castillo!
Foi á cama da princeza
Aonde elle nunca ia;
Estavam cara com cara,
Como mulher com marido!

— « Para matar Gerenaldo
Criei-o de pequenino!
Para matar a Infanta
Meu reino fica perdido.

Pegára do seu punhal
Entre elles ficou metido.

— Acordae, senhora Infanta,
Que o nosso mal é sabido!
O punhal de vosso pae,
Entre nós está metido.
« Cal'-te, cal'-te Gerenaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Se elle te mandar matar,
Applico que és meu marido;
Se elle te mandar prender,
Não hasde ser mal servido.
Se elle te perguntar,
Não lhe negues o partido:

— « Donde vens, oh Gerenaldo,
Qne vens tão descolorido?
— Venho de regar a horta
Pela manhã do rocio.
— « Não me mintas Gerenaldo,
Que nunca me has mentido!
— Venho de caçar a rôla
Da outra banda do rio.
— « A rola que tu caçaste
Já t'a tinha promettido,
Pois toma-a por tua mulher,
E ella a ti por marido;
Se queria outro mais alto
Tivera ella juizo!

31

Girinaldo

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

« Girinaldo, Girinaldo,
Pagem d'El-rei tão querido!
Porque não tratas de amores
Quando te achas só commigo?
— Porque sou vosso vassallo,
Senhora, zombaes commigo!
« Girinaldo, Girinaldo,
Pois eu devéras t'o digo.
— Vós quando quereis, senhora,
Que eu vá ao vosso serviço?
Das dez horas para as onze
Quando meu pae está dormindo.

Inda as dez não eram dadas,
Girinaldo já erguido:
Foi á porta da Infanta,
Deu um ai muito sentido.

« D'onde vindes, cavalleiro,
Das armas tão atrevido?
— Elle não é cavalleiro,
Nem traz armas atrevido;
E' Girinaldo, senhora,
Quem vem ao vosso serviço.
« Aferra-te a essas cortinas,
Vem-te cá deitar commigo.

Ainda bem não eram onze
Já o rei andava erguido;
Andava de sala em sala,
De postigo em postigo
A chamar por Girinaldo,
Que lhe désse o seu vestido.

— « Girinaldo não me fala,
Que lhe terá succedido?
Ou Girinaldo é morto,
Ou d'amores está rendido.

Foi-se á camara da Infanta,
Aonde nunca tinha ido,
Com seu calçado na mão
Para menos ser sentido;
E os achara estar dormindo
Que nem mulher com marido.

— « Para matar Girinaldo,
Criei-o de pequenino!
Para matar a Infanta
Fica o meu reino perdido.

Pegára do seu cutello
Deixa-o entre ambos metido,
Com a ponta para a filha
Que a morte tinha merecido!
Despertára Girinaldo
Do somno adormecido:

— Acorda, oh bella Infanta,
Já nosso mal é sabido!

O punhal de vosso pae
Entre nós está metido,
Com a ponta para vós,
Que a morte tens merecido.

« Cal'-te, cal'-te, Girinaldo,
Que meu pae é meu amigo!
Vae-te botar aos seus pés
Que elle te dará o castigo.
Se te elle mandar matar,
Carpir-te-hei por marido;
Se elle te mandar prender,
Canta que hasde ser ouvido :

— « Erguei-vos bella Infanta,
Vinde ouvir lindo cantar ;
Ou são os anjos no céo,
Ou as sereias no mar?
« Pois não são anjos no céo,
Nem as sereias no mar;
E' um triste prisioneiro
Que meu pae manda matar.
— « Dizei-me, bella Infanta,
Se com elle queres casar?
« Esse é o melhor dote.
Que meu pae me póde dar.
— « Girinaldo, Girinaldo
Tu fôste bem atrevido!
Hontem eras meu vassallo,
Hoje és meu genro querido;
Hontem comias de parte,
Hoje é á meza commigo.

32

Romances da Filha Maria

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

— Escutae, se qu'reis ouvir
Um rico, doce cantar!
Devem de ser as marinhas,
Ou os peixinhos do mar?
« Elle não são as marinhas,
Nem os peixinhos do mar;
Deve de ser Dom Doardos
Que aqui nos vem visitar.
— Elle se fôr Dom Doardos
Eu o mandarei matar!
« Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.

Quando Dom Doardos chegou
O rei o mandou matar;
E tambem o rei mandou
A' princeza degollar.
Elle se enterrou ás grades,
Ella á porta principal;
Ella se formou em arvor'
Elle n'um pinho real;
Um cresceu, outro cresceu,
Ao ár foram-se abraçar.
Seu pae tanto que o soube
Os mandou logo cortar.
Nunca houve ferramenta
Que com elles podesse entrar;

Ella se tornou em pomba,
Elle n'um pombo real;
Um voou, outro voou,
Longes terras foram dar.
Ella se formou em ermida,
Elle n'um altar real!
Seu pae tanto que o soube,
Logo os foi visitar.

« Ajoelhae, pae da minha alma,
E começae a resar;
Que eu sou a filha Maria
Que não quizestes casar;
Alimpae as vossas lagrimas
Não caiam a este mar.
Nunca haja pae, nem mãe,
Que tal torne a augmentar:
Apartar o matrimonio
Que Deos tem para ajuntar.

33

Dom Doardos

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

— Chegae, Infanta, á janella,
Ouvi um doce cantar;
Ouvi cantar as sereias
No meio d'aquelle mar.
« Elle não são as sereias,
Nem o seu doce cantar;

Elle é o Dom Doardos,
Que a mim me vem visitar.
— Se elle é o Dom Doardos,
Heide mandal-o matar!
« Se o mandares matar, pae,
Mandae-me a mim degollar.

Mataram a Dom Doardos
A' noite pelo luar;
Degollaram a princeza
Antes do sol arraiar.
Enterrou-se um na capella,
Outro á porta principal;
D'ella nasceu oliveira,
E d'elle um pinho real;
Cresceu um e cresceu outro,
Ao ár foram-se abraçar.
O pae quando tal soube
Logo os mandára cortar!
Da oliveira corre leite,
Do pinho sangue real.
A rainha com inveja
Mandara-os botar ao mar!
Foram os barcos ao peixe,
Nada de peixe pilharam;
Viram estar uma Ermida
C'uma santa no altar!
Chamaram os padres todos
Que a fossem baptizar,
Que lhe fossem pôr por nome
Sam João de Baixa-mar;
Que a Senhora que está n'ella
Fosse a Virgem do Pilar.
Ajuntou-se muita gente
Onde ia tambem seu pae;

Seu pae, quando lá chegou
Começára de chorar.

« Calae-vos, pae da minha alma,
Calae-vos, não choreis mais;
Não haja pae, nem mãe
Que tal torne a considerar,
Desmanchar o casamento
Que Deos tem para ajuntar.

34

A Ermida no mar

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Maria, pondo a meza,
Para seu pae vir jantar,
Viu vir uma nau á vella,
A' vella por esse mar.
São os amores de Maria
Que a vem enamorar!

— Se são amores de Maria,
Eu não a quero casar!

Ella não se dá d'isso,
O mandou apregoar;
Seu pae quando o soube
O mandaria matar.

« Se o mandares matar,
Mandae-me a mim degollar.

Mandou-o matar a elle,
E a ella degollar.
O senhor se enterraria
Antes do gallo cantar,
E a senhora rainha
Antes do sol arraiar!
Um se enterrou na capella,
Outro ao pé do altar;
A um nasceu um craveiro,
A outro um pinheiro real;
Foram crescendo e andando,
Se vieram a abraçar!
Seu pae com toda a inveja,
Os mandaria cortar;
Da mais alta rocha que havia
Os mandou botar ao mar.
Andavam os marinheiros
Tirando peixe do mar,
D'onde viram uma Ermida
Que a fossem baptisar.
Ajuntou-se muita gente,
Na companhia ía o pae;
Seu pae, quanto que a viu,
Começou de prantear:

« Que tendes pae da minha alma
Que estaes tanto a chorar?
Casamentos que Deos fez
Não os faças desmanchar;
Tudo o que tendes resado
Seja á Virgem do Pilar,
Que esta é a vossa filha
Que aqui está no altar.

*

35

Romance de Flóra

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

— Bemvindo sejas, sobrinho,
Sobrinho meu, muito amado,
Muito folgo de vos vêr
A esta casa chegado;
Com esta vossa chegada
Estou cheio de prazer,
Dae-me p'ra cá essas cartas
Que eu as quero ir lêr.
Entrae, e ide falar
A' vossa tia e á prima,
Que hãode gostar de vêr-vos
E estimar a vossa vinda?

«As mãos vos beijo, senhoras,
Os céos vos queiram guardar;
Sois vós minha prima Flóra,
A quem tanto ouço gabar?
— « Eu é que sou a Flóra,
Eu é que sou essa tal,
Mas a fama não condiz
A' pessoa natural.
Vinde tomar gasalhado,
Que vos será importante;
Haveis de vir mui cançado
De um caminho tão distante.

Gasalhado foi tomar
N'uma sala mui brilhante,

Ao pé d'onde Flóra ía
A falar ao seu amante.
Flóra se preparou
Com seu lenço de volante,
E como era de costume,
Foi falar ao seu amante.

= Flóra, minha Flóra,
Minha Flóra querida!
Comtigo quero falar
Uma vez por despedida:
Outros amores te occupam,
Tu amas com affeição,
Em casa tens já morando
Quem te rouba o coração,
— « Quem te disse que eu amava
A Felix com affeição?
Meu amor sempre foi firme,
Não muda minha eleição.
= De certo mudas, Flóra,
Eu t'o direi verdadeiro,
Que em má hora entrou em casa
Aquelle homem forasteiro.
— « Que importa elle em casa assista,
Se o meu amor está fóra;
Se o meu coração é teu,
Que assim m'o diz toda hora.
= Ninguem se deve fiar
Em palavras de mulher;
Ellas mudam como o vento,
Firme só em quanto quer.
— « Não passes mais adiante,
Que te não posso ouvir,
Fazes-me dobrar a pena,
Não me posso despedir.

= Adeos meu cravo rosado,
Adeos minha branca flor,
Adeos joia do meu peito,
Adeos meu lindo amor?

« Ouvi-me, senhor, ouvi-me,
O que vos quero dizer,
Para evitar certas cousas
Que possam acontecer:
Estava na minha cama,
Estava eu já deitado,
Ouvi uma voz mui doce
A'quelle muro chegado.
Levantei-me de repente
Para me certificar;
Nas varandas das janellas
Me fui pôr a escutar:
Era minha prima Flóra
Mais o seu bello amado,
Que lhe falava de amores
N'aquelle muro encostado;
Por pouco tempo falaram
Mas em caricias de amor;
E do coração de Flóra
Elle está possuidor.
— Ainda que minha filha
Amores queira tomar,
Dará a mão a seu primo,
Ou seu sangue derramar?
« Não vos convém, senhor,
Partir tão accelerado,
O casamento de Flóra
Não está ainda ultimado;
Saíndo nós d'esta terra,
Procurando outra nação,

O coração de Flóra
Talvez perca esta affeição.
— Oh Flóra, oh Flóra,
Trata de te preparar,
Que ás quatro horas da tarde
Nos devemos embarcar?
— « Que partida, senhor, é esta
Sem nada se me dizer?
Ainda a uma criada
Não se deve isto fazer?
— Tambem eu, com ser mais velho,
Não sei tudo á vontade;
Não me pediste conselho,
Sendo de menor idade.
Caminha Dona Flóra,
São horas de embarcar;
Pela tua má cabeça
Terra alheia vou andar.
— « Ainda que meu pae me mate,
Me chegue á sepultura,
Nunca deixo o meu amor,
Com elle é minha ventura.
Que partida tão cruel,
Com tanta acceleração!
Cá me fica o meu amor,
Eu vou morrer de paixão!

O pae disse p'ra companha:
Os musicos toquem que vão,
Para alegrarem a Flóra
De sua triste paixão.

— Principiemos tocando
A nossa moda do mar:
Quem ama sem reflexão

Vem a ter grande pesar!
— « Oh coração magoado,
Mais triste que a noute escura;
Melhor fôra que este mar
Fosse minha sepultura!

O filho faltou em casa,
O pae o foi procurar;
Foi dar com elle no muro
Como um velho a caducar.

— Que tens meu amado filho,
Que a vida te faz perder?
= Perdi minha amada Flóra,
Não a torno mais a vêr?
— Foram n'uma romaria,
Elles não devem tardar,
Devemos dar tempo ao tempo,
O tempo se deve esperar!
= Senhor, não digaes isso
Porque não me dá contento,
O seu fim foi estorvar
Fazer-se o meu casamento.
— Córta já os teus cabellos,
De pelles nos vestiremos,
Correndo por toda a terra
Flóra descubriremos.
Embarcaram pae e filho
Çorreram tudo por ella;
Passando por certo rua
Flóra viram á janella.
— « Diga-me, senhor, d'onde é,
Eu o quero conhecer,
Se será da minha terra,
Se d'ella se quer esquecer!

= Eu nasci na mesma terra
Onde o amor vi nascer,
Sam de partes da Hungria,
Fugindo quero morrer!
Essas partes da Hungria
Hãode ter muito que vêr,
Pois as do norte são frias
Enfadonhas no viver.
— « A terra onde nasceu
Muito o fez esquecer,
O amor que lhe fugiu
Não o sabe conhecer.
= O amor que me fugiu
Eu bem o sei conhecer;
Mas se elle me é firme
Isso não posso dizer.
— « Suba, senhor, cá p'ra cima
Que o quero receber,
E fujâmos d'esta terra,
Onde eu estou sem querer.
Acudam, senhores, acudam,
Justiça d'este logar;
Os meus primeiros amores,
No coração tem logar.

36

Romance de Lizarda

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

No jardim do seu recreio
Passeava uma donzella,
Tão linda, como engraçada,
Como as mesmas flores bella;
Seus cuidados e disvellos
Era no jardim das flores,
Por não saber até ali
Que haviam outros amores.
Seu nome era Lizarda,
Unica filha herdeira,
Filha do rei d'Aragão,
Por ser na casa a primeira.
Saíndo á tarde á caça
A um monte que ali 'stava,
A um monte sobranceiro,
O principe á caça andava.
Lizarda botou seus olhos
Ao principe, como innocente,
E já com settas d'amor
Seu peito ferido sente.
Quando o principe a viu
Foi tal a inquietação,
Que aos olhos lhe arrebentaram
Lagrimas do coração.

« Trata já querida ama
Minhas joias ajuntar;

Que eu pertendo esta noute
Com o principe me ausentar...
— Socegue vossa alteza,
Advirta que não convém,
Menos passear de cór
A troco de querer bem...
« Dizes bem, querida ama,
Bem discreta entre as flores,
Mas d'elle podes saber
Se por mim morre d'amores.
— Socegue vossa alteza,
Que isso fica á minha conta,
Que o principe que desejaes
Seus passos para nós monta.

— No mais alto d'este monte,
No meio d'este jardim,
Está uma flor de encanto
Parece-me a ser jasmim.
« Pois esse jasmim, senhor,
Que procura vossa alteza,
E' d'este jardim senhora,
E' d'este reino princeza;
Louca d'amores me diz
A saber o que quereis,
Que á noite áquella porta
Uma fala lhe dareis.
— Este anel, oh bella dama,
Por alviçaras offereço,
Se chegar a possuir
Esta flôr que não mereço.
« Adeos, senhor Dom João,
Haja segredo e cautella;
Que eu lhe dou minha palavra
D'esta ser sua flor bella.

— Oh sol, que a quarenta raios
Luzes ao mundo vas dando,
Apressa mais os teus passos,
Que por amores 'stou penando.
Chega, chega, noute escura,
Dos amantes desejada;
Quero vêr a feliz pessôa
D'aquella prenda adorada.

— Estás aqui, luz dos meus olhos,
Minha linda prenda amada?
« Estou aqui luz dos teus olhos,
Tua affeição adorada.
— Dá-me cá esses teus braços
E juntamente o querer;
Quero apagar o fogo,
Que no peito sinto arder.
« Heide dar-te alma e vida,
Juntamente o coração;
Por firme e leal esposa
Amor acceita esta mão.
Adeos casa, adeos espelhos,
Adeos pae da minha vida,
Que hoje de ti se aparta
Uma prenda tão querida.
Fica-te embora Menónia,
Minha leal companhia;
Se meu pae te perguntar,
Pois que muito me queria,
Dize-lhe que o amor me leva,
A culpa que não é minha.
Adeos meu jardim das flores,
Minha fonte d'agua fria;
Que em quanto eu mais viver
Te verei tam só lo dia.

ROMANCES MARITIMOS

37

Romances da Nau Catherineta

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Ha sete annos e um dia
Que andam na volta do mar!
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar;
Botaram sola de môlho
Para a poderem rilhar;
A sola era mui dura
Não a poderam tragar.
Botam sortes ao acaso
A qual haviam matar!
Caíu por inf'licidade
No tenente general.

— Arriba, p'riquito, arriba,
A'quelle tópe real!
Olha se vês minhas terras,
Areias de Portugal?
« Eu não vejo vossas terras,
Areias de Portugal;
Véjo tres espadas nuas,
P'ra comvosco guerrear.
Tambem aqui tenho uma,
Ella me defenderá.

— Arriba, p'riquito, arriba,
A'quelle tópe real,
Olha se vês minhas terras,
Que Deos te hade ajudar.
« Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu Tenente general;
Já vêjo terras de Hespanha,
Areiàs de Portugal.
Tambem vêjo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma doba fio de ouro,
Outra fio de crystal;
A mais pequenina d'ellas
Essa perdeu o dedal.
E vêjo cinco mulheres
N'uma ribeira a lavar;
E vêjo cinco marchantes
No açougue a cortar carne,
Tambem vêjo seis padeiras
N'um forno a padejar.
— Essas são as minhas filhas
Todas tres te eu heide dar;
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais excellente d'ellas
Para comtigo casar.
« Não quero as tuas filhas,
Te custaram a criar.
— Hei-te dar cavallo branco,
Que é para tu passeares.
« Não quero o teu cavallo
Que é para tu passeares.
— Hei-te dar tanto dinheiro,
Não hade ter fim a contar.
« Não quero o teu dinheiro

Que te custou a ganhar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.

Ainda a troco d'essa Nau
Inda ha muito que contar;
Que sete annos e um dia
Andou na volta do mar.

— Essa Nau já não é minha
E' do Rei de Portugal;
Que ella assim que lá chegar
Elle a mandará queimar.

38

A Nau Catherineta

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

Lá vem a Nau Catherineta
Que tem muito que contar;
Ha sete annos e um dia
Sobre as aguas do mar!
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar;
Botaram sola de môlho
Para ao domingo jantar;
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar.
Botam sortes á ventura,
A qual haviam matar!

A sorte caíu em preto
Ao capitão general.

— Assobe acima gageiro,
A'quelle tope real!
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
« Não vêjo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Vêjo tres espadas nuas
P'ra cabeça te cortar.

Pensando que era verdade
As sortes botou ao mar;
Tanta cutilada deram,
Sem nenhuma lhe acertar.

— Assobe acima, chiquito,
A'quelle tópe real;
Senão poderes assobir
Pois Deos te hade ajudar.

Palavras não eram ditas
Chiquito caíu ao mar;
Eram botes, e escaleres
Sem o poder agarrar.

— Assobe acima, gageiro,
Acima, á gávea real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

« Alviçaras, senhor, alviçaras,
Meu capitão general;

Já vêjo terras de Hespanha,
Areias de Portugal;
Tambem vêjo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
Uma está lavrando ouro,
Outra fio de crystal,
A mais mocinha de todas
Anda buscando o dedal.
— Essas são as minhas filhas,
Todas tres t'eu quero dar,
Uma para te vestir
Outra para te calçar;
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.
« Não quero as tuas filhas,
Deos vol-as deixe criar;
O que te quero pedir,
Se vós me quizeres dar,
E' a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.
— Essa Nau já não é minha,
E' do Rei de Portugal,
Elle, assim que lá chegar,
Elle a mandará queimar.

38

A Nau Catherineta

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Lá vem a Nau Catherineta,
Que traz muito que contar;
Ha sete annos e um dia
Sem nunca terra encontrar!
Já não tinham que comer,
Nem mais pouco que manjar;
Botaram sola de môlho
P'ra no domingo jantar.
A sola era mui dura,
Não a puderam rilhar!
Entraram a botar sortes
A qual haviam matar;
Todas as sortes caíram
No capitão general.

— Acima, gageiro, acima,
A'quelle tópe real!
Vê se vês partes de França,
Ou reinos de Portugal?
« Não vêjó partes de França,
Nem reinos de Portugal;
Vêjo tres espadas nuas
Que vem para vos matar;
Tambem aqui tenho uma,
Ella me defenderá.

Tornaram a botar sortes
A qual haviam matar,

Todas as sortes caíram
No capitão general.

— Acima, gageiro, acima,
Torna-te bem a afirmar!
Vê se vês partes de França
Ou reinos de Portugal?
« O que vêjo são tres lanças
Para te espostejar.

Tornaram a botar sortes
A qual haviam matar;
Todas as sortes caíram
No capitão general.

— Acima, gageiro, acima,
Que Deos te hade ajudar:
Vê se vês partes de França,
Ou reinos de Portugal.
« Alviçaras, senhor, alviçaras
Meu capitão general;
Já vêjo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Ribeirinhas a correr
Lavadeiras a lavar;
Bem vêjo fornos a arder,
Padeiras a padejar.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal;
Uma fiando fio de ouro,
Outra fio de crystal;
A mais bonita de todas
Anda buscando um dedal.
— Essas são as minhas filhas,

*

Todas tres t'eu quero dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais bonita de todas
Para comtigo casar.
« Não lhe quero as suas filhas,
Lhe custaram a criar!
— Tambem te heide dar dinheiro.
Que o não saibas contar.
« Não lhe quero o seu dinheiro,
Pois lhe custou a ganhar.
— Tambem te heide dar cavallo
Para em terra passear.
« Não lhe quero o seu cavallo
Pois lhe custou a domar;
Quero a Nau Catherineta
Para no mar navegar.
— A Nau Catherineta, amigo,
Essa não t'a posso dar;
Que ella assim que fôr em terra
Logo irá a queimar.

39

A Nau Catherineta

IV — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Lá vem a Nau Catherineta,
Que traz muito que contar,
Ha sete annos e um dia
Que andam na volta do mar!

Não tinham já que comer,
Nem tam pouco que manjar.
Já mataram o seu gallo
Que tinham para cantar.
Já mataram o seu cão
Que tinham para ladrar.
Não tinham mais que comer,
Nem tampouco que manjar.
Botaram sola de môlho
P'ra no outro dia jantar.
A sola era muito dura
Não a puderam rilhar.
Botaram sortes ao fundo
A qual haviam matar,
A primeira que caíu
Foi ao capitão general.

— Arriba, gageiro, arriba,
Arriba ao mastro real!
Olha se vês minhas terras,
Ou reinos de Portugal?
«Eu não vêjo tuas terras,
Nem reinos de Portugal,
Vêjo tres espadas nuas
Todas para te matar.»

— Arriba, Pedro, arriba,
Meu marinheiro leal;
Olha se vês minha terras,
Ou reinos de Portugal.

O gageiro lá em riba
Em altas vozes gritára:

«Alviçaras, senhor, alviçaras
Meu Capitão general!
Que eu já vêjo as tuas terras
E reinos de Portugal.
Se não nos faltar o vento
A terra iremos jantar.
Lá vêjo muitas ribeiras,
Lavadeiras a lavar;
Vejo muito forno accêso,
Padeiras a padejar.
E vejo muitos açougues,
Carniceiros a matar.
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.
Uma lavrando ouro,
Outra a prata real;
A mais bonitinha d'ellas
Em procura do dedal.
— Essas tres são minhas filhas,
Todas tres t'eu heide dar.
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.
« Não quero as tuas filhas,
Que Deos t'as deixe gosar;
Que eu tenho mulher em França,
Filhinhos de sustentar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.
— A Nau Catherineta, amigo,
Eu te não posso dar.
Assim que chegar a terra
Pois ella vae a queimar.
Dar-te-hei tanto dinheiro

Que o não saibas contar.
« Não quero os teus dinheiros
Pois te custam a ganhar;
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar,
Que assim como escapou d'esta
D'outra ainda hade escapar.

40

A Nau Catherineta

V — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

A Nau Santa Catherina
Nove annos andou no mar!
Já não tinham que comer,
Nem mais pouco que manjar;
Botaram sola de môlho
P'ra no domingo jantar.
Ella era tanto dura,
Não a poderam rilhar.
Pegaram a botar sortes
A qual haviam matar;
As sortes caíram todas
Ao Capitão general.

— Affirma-te, Pedro, affirma-te,
Torna-te bem a affirmar,
Olha se vês nossas terras
Ou reinos de Portugal?
« Eu não vêjo vossas terras
Nem reinos de Portugal,

Vêjo duas 'spadas nuas
Que são para te matar.

Pegaram a botar sortes
A qual haviam matar;
As sortes caíram todas
Ao capitão general.

— Afirma-te, Pedro, afirma-te,
Torna-te bem a afirmar;
Olha se vês nossas terras
Ou reinos de Portugal?
« Vêjo rios a correr,
Lavadeiras a lavar;
Tambem vêjo trez donzellas
Debaixo de um laranjal;
Uma caíu-lhe a agulha,
Outra caíu-lhe o dedal;
Ergueu-se a mais mocinha,
Ergueu-se, foi-lh'os buscar.
— Se ellas forem minhas filhas,
Todas trez t'as quero dar;
Uma para te vestir,
Outra para te calçar
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.
« Não quero as vossas filhas,
Deos vol-as deixe lograr,
Quero a Nau Catherineta
Para n'ella navegar.
— Afirma-te, Pedro, afirma-te,
Torna-te bem a afirmar;
Se o vento nos fôr á pôpa
Em terra havemos jantar.

Se elle nos não fôr á pôpa
Nós hemos lá ír cear.

Capitão pilhou-se em terra
De Pedro não fez mais caso!
Pedro p'la palavra dada
Foi-se meter no quintal.
As tres filhas á janella,
Do Capitão general,
Respondera uma d'ellas :

— « Está um homem no quintal.
Rospondeu uma outra :
« — Nós hemos il-o matar.
Caminharam todas tres
Com suas tochas accesas,
E bordões de laranjal;
Deram-lhe tanta pancada
Que elle se não pode virar.
Foi ter com um confessor
Para este o confessar :

= O' Pedro quem te fez isto,
Que te causou tanto mal.
« Foram essas tres filhas
Do Capitão general.
A mais velha é Maria,
A do meio Brianal,
A mais moça Flor-do-Dia
Com quem eu quero casar.

41

Romance da Bella Infanta

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES.)

Estando a bella Infanta
No seu jardim assentada,
Com pentes de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Correra os olhos ao mar
Vira vir tão linda Armada;
Capitão que n'ella vinha
Tanto bem a governava.

«Dize-me tu, Capitão,
Dize-me pela tua alma,
Marido que Deos me deu
Se o trazes na tua alçada?
— Não o vi, nem o conheço,
Dae-me os signaes que levava.
«Levava cavallo branco,
Com sua sella dourada,
Na ponta da sua sella
Um Christo d'ouro levava;
Na copa do seu chapéo
Laço de fita encarnada.
— Bem o vi, bem o conheço!
Com vinte e cinco facadas,
Lá ficou morto na guerra
De outras tantas estocadas:
A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.
«Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!

Tres filhinhas que eu tenho
Sem nenhuma ser casada!
— Sou soldado ando na guerra,
Não habito por aqui;
Que darieis vós, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«Dera-lhe tanto dinheiro,
Que no contar não tem fim!
— Não quero o vosso dinheiro,
Que não me convem a mim!
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«As telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim;
Tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti:
Um é de moêr canella,
Outro de moêr farinha;
Dos trez moinhos que tenho
O outro móe *gerzelim*.
— Não quero as vossas telhas,
Não quero os vossos moinhos;
Sou soldado, sirvo o rei,
Não assisto por aqui.
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«Trez filhinhas que eu tenho,
Todas trez t'as dera a ti,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais bonitinha d'ellas
Para comtigo casar.
— Não quero as vossas filhas,
Que me não convém a mim!
Sou soldado, sirvo o rei,

Não assisto por aqui.
Que mais darieis, senhora,
A quem o trouxesse aqui?
«Valha-me Deos! Deos me valha,
Isto já não leva fim!
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.
— Vós tendes mais que me dar,
E eu mais que vos pedir:
Vosso corpo bem gentil
Para com elle dormir.
«Cavalleiro que tal diz,
Hade mister arrastado
A' roda do meu jardim,
Ao rabo do meu cavallo.
Abaixo, pretos, abaixo,
Matem-m'o agora qui;
Que eu abaixarei meus olhos,
Farei que o não vi.
— Alto, alto meus criados,
Que criados são de mim!
«Se tu és o meu marido
Ai não zombavas commigo.
— Se o queres saber ao certo,
Anda, vamos ao jardim
O annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti,
Mostrae-me a vossa ametade,
Pois a minha eil-a aqui.
«Se tu és o meu marido
Que me vem experimentar,
Se eu a morte te mereci
Podes-me agora matar.
— A morte me não merecestes,
Sempre me foste leal.

42

Romance de Flor do Dia.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Eram trez irmãsinhas,
Todas trez de um parecer;
Ensinavam umas ás outras
A bordar e a coser.
A mais velha respondeu:

«Irmãs, vâmo-nos deitar;

A do meio respondeu:

— Anda um homem no quintal.

A mais moça respondeu:

— «Irmãs, vâmol-o matar.

Foram com tochas accezas
E seus paos ao laranjal;
Deram-lhe tanta pancada,
Fica em risco de escapar.
Lá pela meia noite
Começou de engatinhar,
Foi ao hospital de Sam Bento:
Se o queriam confessar?

— Oh amigo, oh tyranno,
Quem te fez tamanho mal?
« — Foram as trez irmãsinhas

Que Deos as livre do mal,
A' mais velha chamam-lhe Anna,
A' do meio Lealdade;
A' mais moça Flor do Dia
Com quem eu queria casar.

43

Romance de Dona Maria

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Eu era a filha de um rei,
Chamada Dona Maria;
Amava um capitão
Pelo bem que me elle queria.
Meu pae tanto que o soube
Dava-me muita má vida,
Dava-me o pão por onça,
E a agua por medida;
Mandou botar um pregão
Por toda a cidade acima,
Calafates, carpinteiros
Se ajuntassem n'esse dia,
Para fazer uma nau
Para ir Dona Maria.
Calafates eram muitos,
Deram-na feita n'um dia;
Metteram-lhe mantimentos
Para sete annos e um dia,
Deitaram-na n'esses mares
Sem velas, nem remaria,
Dona Maria foi n'ella,
Só sem a mais companhia.

Chegou lá a uma terra
Onde gente não havia,
Senão um Ermitão santo
Que vida santa fazia.

— Quem te trouxe aqui, mulher,
A fazer perder minha vida?
«Vá d'aí, Ermitão santo,
Mais a sua santa vida,
Que o vento que aqui me trouxe
Outra vez me levaria.
Carrega, vento, carrega,
Obedece marezia,
Levae-me á minha terra
Que isso era o que eu queria.

Estando o rei á janella
A' hora do meio dia,
Vira entrar uma nau
Sem vela, nem remaria.

— «Dizei-me que nau é aquella,
Que entra sem licença minha?
«E' vossa filha, senhor,
Chamada Dona Maria.
— «Pois se ella é minha filha
Quero-a ir visitar:

— « Dize-me tu, filha minha,
Como passastel-o mar?
«Os mares me cataram honra,
E os ventos cortezia,
E os anjos iam de noite
Para minha companhia;

Iam com uma hora de sol,
E vinham com outra de dia,
E a Virgem me chamava
Sua donzella Maria

44

Dom João da Armada

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DO NABO.)

Sua alteza, a quem Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para de noite largar.
Dom João se aparelhou
N'uma fragata mui bella,
Para em pino do meio dia
Pegar a largar á vella.
Em pinos do meio dia
Deitou a peça de leva,
P'ra a companha se ajuntar
Que queria dar á vella.
Uns a saltarem p'ra bordo,
Outros no caes a chorar,
Com saudades da terra
Não ouzavam embarcar.

— Deixae-vos ficar em terra
Homens de maior idade,
Deixae ir a mancebia
Que vae para o mar brigar.

A' partida da galera
Houve taes gritos e choros!
Capitão e Commandantes
Todos se encheram de dores.
Entrando pelo mar dentro
Ouviram grandes terrores:
Eram Mestres, Contra-mestres
Amostrando os seus valores.
Indo mais pelo mar fora
Ouviram tinos de prata:
Oh que rico commandante,
Leva esta real fragata.
Indo mais pelo mar fóra
Onde terras se não viam,
Chegou a armada uma á outra,
Lá em pinos do meio dia.

— Dize-me alferes da bitante
Que na retaguarda vinha,
Dize-me alferes habitante
Galeras que traz Turquia?
«Se me perdôas a morte
Dom João, eu t'o diria;
Novecentas e oitenta
Galeras que traz Turquia.

Pegara em Jesus nas mãos,
De pôpa á proa dizia:

— Sondes neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria!
Vós, Senhor, não permittaes
Que eu vá parar á Turquia,
Nem permittaes que alperros
Se encham de valentia;

Nem os fracos portuguezes
Se encham de cobardia.

Chegou a armada uma á outra
Lá em pinos do meio dia!
As ballas que lhe atiravam
Tornavam-se mosquetaria;
As que Dom João lhe atirava
Eram de grande valia.
As cabeças pelos ares
A luz do sol encobriam.
Oh Jesus! oh tanto sangue
Nem um pingo d'agua havia!
Mandou o gageiro acima
Para vêr que descobria?
O gageiro lá de cima
Que em altas vozes dizia:

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,
Alviçaras com alegria!
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia.
Leva a bandeira de rasto
A' pôpa atraz rendida;
E rendida traz a pôpa
Só para desprezar Turquia.

Ainda a Nau não apontava
Lá na barra de Lisboa,
Já diziam: vem a armada
Com o scetro mais a corôa.

« — Dize-me Alferes da bitante
Que na reta-guarda vinhas,

Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?
«Foi Dom João rei da armada,
Que é o rei da valentia.
Capitão e Commandantes
Vâmo-nos para a Turquia,
Vâmos fazer um rei novo
D'esta nossa fidalguia.

45

Dom João Rei da Armada

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'AREIAS)

Dom João se preparou
'Numa fragata mui bella!
Atirou peça de leva
Que queria gente n'ella.

— Oh homens do mar mais velhos
Não vos queiraes embarcar;
Deixae ir a mancebia
P'ro meio do mar brigar!

Oh que choro vae no porto,
Apartamento no caes;
Choram os paes pelos filhos,
Não os tornam a ver mais.
Oh que choro vae no porto
Ao partir dos mareantes;
Choram as mães pelos filhos,

*

As secias pelos amantes.
Oh que choro vae no porto,
Ao embarcar dos soldados;
Choram os paes pelos filhos,
As secias p'los namorados.
Ao ir das lanchas a bordo
Ouviu-se grandes terrores:
Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus amores.
A içar panos acima
Com seus apitos de prata!
Oh que ricos mandadores
Traz esta real fragata.
Já estavam em mar largo
Onde terras não havia:

— Acima, acima gageiro,
Vae vêr o que descobria!
«Gageiros da nossa Nau
Alimpem a artilheria,
Que aqui para a nossa Nau
Vem uma combataria.

«Aonde vinha um *belchor*
Que na retaguarda vinha:

— Dize-me tu, oh *belchor*,
Que navios traz Turquia?
«Se Dom João me perdôa
Eu tudo lhe contaria!
Novecentas e oitenta
Galeras traz a Turquia,
Fóra doze naus de linha
Que trazem a fidalguia.

Pegára em Jesus nos braços
Da ré p'ra prôa dizia:

— Vós sois neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria!
Vós não permittaes, Senhor,
Que morra tal christandia!
Morram esses mouros perros
Bem cheios de phantazia.

O que elles de lá botavam
Tornou-se em mosquetaria;
O que elle de cá botava
Lindo emprego fazia.

Pelas duas horas da tarde,
Passado do meio dia:

— Acima, acima gageiro,
A vêr o que descobria!

O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

«Tanto sangue derramado,
Já nenhuma agua havia!
Cabeças por esses ares
Sol e lua encobriam.
De novecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Leva seus mastros quebrados,
Suas vellas vão rendidas,
Leva bandeira de rastos
Só p'ra desprezar Turquia.

— Leva novas, leva novas,
Micheriqueira afamada,
Leva novas a el-rei Turco
Que sua armada é tomada.
— «Eu não se me dá dos navios,
Eu outros de pau fazia;
Dá-se-me da gente d'elles
Que era a flor da bizarria.

Dom João mal apontava
Contra a barra de Lisboa:
Já lá vem Dom João da Armada,
Traz o sceptro mais a corôa.

46

Batalha de Lepanto

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

Sua alteza, a quem Deos guarde,
Aviso mandou ao mar,
Que se aparelhasse o Conde
Para uma manhã largar.
O Conde se aparelhou
De uma maneira tão bella!
Pela meia noite em ponto
Atirou peça de leva.
As lagrimas eram tantas
Em riba d'aquelle caes;
Choram as mães pelos filhos
Que vão para nunca mais.
Chegando á dita Nau

Ouviram grandes terrores:
Eram mestre e contra-mestre
Amostrando os seus valores.
Oh que rico Commandante
Leva esta real fragata,
Tocando novos apitos
Encastoados em prata.
Oh que rico Commandante
Leva este real thesouro,
Tocando novos apitos
Encastoados em ouro.

Caminhara Dom João
Na sua viagem seguida;
Era meio dia em ponto
Mandou gageiro acima.
O gageiro subiu logo
Para vêr que descobria,
O gageiro lá de cima
Em altas vozes dizia:

«Safa, safa Dom João,
Safa a tua artilheria,
Que aqui vem tamanha armada
Que o sol e a lua encobria.

Dentro da mesma armada
Um arrenegado vinha;
Empenhando as suas barbas,
Dom João lh'o pagaria!
Dom João que tal ouvira
De tristeza se cobria;
Pega em Jesus nos seus braços
De pôpa á prôa corria:

— Sondes neto de Santa Anna,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes vós, Senhor,
De eu acabar em Turquia!
Não permittaes que os mouros
Se encham de phantazia;
Não queiráes que os vossos filhos
Se encham de cobardia!
Chegou a armada uma á outra
Em pino do meio dia;
A fumaria era tanta,
Nem uns, nem outros se viam.
Bala que Dom João botava,
Era de ferro, rendia;
Bala que elles deitavam
Tornava-se em mosquetaria
A sangreira era tanta
Que pl'os embornaes corria.
Era tanta a gente morta
Os navios empeçariam.
De setecentos e oitenta
Só uma galera havia;
Com os seus mastros quebrados,
O seu garupés rendido;
Com a bandeira de rastos
P'ra desprezo da Turquia.
Chegando á sua terra
Ancoram em francaria;
O seu rei que o ouvira
Pergunta que succedia.

«Foi o Dom João da Armada
Que a todos meteu a pique.

O rei lhe respondeu:

— «Não se me dá dos navios,
Eu outros melhores faria;
Dá-se da minha gente,
Que era a flor da Turquia.
Quem venceu esta batalha,
Que era de tanta valia?
«Foi o Dom João da Armada,
Que era o rei da valentia.

ROMANCES MOURISCOS

47

Romance do Moiro atraiçoado

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

— Vesti-vos vós, minha filha,
Vesti-vos d'ouro e prata;
Detende-me aquelle Moiro
De palavra em palavra.
As palavras sejam poucas,
Sejam bem arrematadas,
Essas poucas que lhe deres
Sejam de amores tocadas.

«Bem vindo sejas, bom Moiro,
Melhor a vossa chegada!
Ha sete annos, oh bom Moiro,
Que sou tua namorada.
— «Ha sete annos, vae em oito
Que eu por vós cinjo a espada!
«Se por mim cingís a espada
Comvosco quero ir de casa.
— «Se o fizerdes, senhora,
Não sereis mal avisada;
Sereis rainha dos moiros
Em minha terra estimada.
«Se por mim cingís a espada
Não digas que te fui falsa;

Que eu vêjo vir cavalleiros,
Sinto-lhe tocar as armas.
Lá vêjo vir uma armada
N'ella vejo vir um homem
Que se parece meu pae.
— «Eu não temo cavalleiros,
Nem armas que elles tragam;
Não temo senão Gabello,
Filho da minha egua baia,
Que o perdi em pequenino
Andando n'uma batalha.

Chegados os cavalleiros
Elle se foi na desfillada.

— Valha-me o Deos dos moiros,
Em tão comprida lavrada.
— Essa lavrada perro moiro,
Fôra lavrada em Maio,
Quando os bois andavam gordos,
E os mancebinhos em bragas;
Eram bois de cinco annos,
Mancebos de vinte e quatro.
— «Oh mal haja o barqueiro
Que não tem a barca n'agua;
Que a hora da minha morte
Já para mim é chegada.

48

Romances de Dom Franco

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

Lá no mais alto da serra,
Em terra de massapez,
Morava uma menina
Chamada Dona Inez;
Os seus paes a não davam
A Duque, nem a Marquez.
Passara um cavalleiro
Lhe pagára e a levára:
Chegou ao meio da serra
A descansar se assentara.
Fôra olhar para ella
A vira estar a chorar:

— Que tendes Dona Inez,
Que tendes, que 'staes a chorar?
Se choraes por vossos paes
Vós os não tornaes a vêr,
Se choraes vossos irmãos
Eu matei-os todos trez.
«Eu não choro por meus paes,
Se os não torno a vêr;
Choro por meus irmãos,
Que um d'elles era Marquez.
Emprestae-me a vossa faca,
Vosso cutello joanez,
Que eu quero desmanchar gallas,
Gallas que minha mãe fez.

Tomae lá a vossa faca,
Vosso cutello outra vez,
Que a morte de meus irmãos
Está vingada a todas trez.

49

Dona Inez

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Lá por traz d'aquella serra
Vae uma serra Monez,
Onde vae uma menina
Chamada Dona Inez,
Que seu pae a não dava
A Duque, nem a Marquez,
Nem a dava por dinheiro
Que se contasse n'um mez.
Veiu o Duque da Turquia
E furtou a Dona Inez.

«Dê-me cá, senhor Dom Franco,
O seu punhal joanez,
Que eu quero desmanchar gallas,
Gallas que minha mãe fez.
Tome lá senhor Dom Franco
O seu punhal outra vez,
Que eu quero vingar a morte
De meus irmãos todos trez.

50

Romances de Florbella

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Estava uma triste viuva
Mettida em sua terra;
Ella tinha duas filhas
Como duas flores bellas.
Veiu um turco da Turquia
E lhe pediu uma d'ellas;
Elle pediu a mais moça,
Ella lhe deu a mais velha.
Mandou-lhe talhar vestidos
Ao uzo da sua terra;
Puzera-a no seu cavallo
E caminhára com ella.
No fim de trez semanas
A casa da sogra viera:

— Deos 'steja comvosco, sogra.
«Deos venha comvosco em bo' hora,
Como está Branca-flor
Filha minha e mulher vossa?
— Muito doente na cama
Com mil saudades vossas;
Manda-vos pedir Florbella
Para sua companhia,
Que está lá na terra alheia
Onde ninguem a conhecia.
«A Florbella eu não a dou
Porque é menina donzella;
Da salla para a cosinha

Cuido que o vento m'a leva.
— Florbella com seu cunhado
Mal nenhum lhe viera.
«Pois aviae-vos, Florbella,
Ide com vosso cunhado.

Mandou selar seu cavallo
Ao seu lado a puzera.
Indo no meio da serra
Rasões d'amor teve com ella:
«Olha turco da Turquia
Olha turco arrenegado,
Olha turco da Turquia
Olha que és meu cunhado.

Elle que a razão ouviu
Logo ali se apeiára,
Tirou-lhe a lingua da bocca,
E os olhos da sua cara.
Os seus olhos lhe tirou
Pelo mal que ella o olhara,
A ponta da sua lingua
Pelo mal que ella falava.

—Branca-flor ponde-me a meza
Que aqui trago que jantar,
A lingua de Florbella
E os olhos da sua cara.

Branca-flor que tal ouviu
Começou de prantear:

« — Oh mães que tendes filhas,
Casae-as em vossas terras,
Duas que minha mãe teve

Goso nenhum viu d'ellas:
Uma morreu nos caminhos,
A outra em tão longes terras.
Foi um turco da Turquia
Que é que foi o senhor d'ellas.
'Nesta terra não ha tinta,
Nem papel, por meus peccados;
Nem aves que tenham penna
Para escrever meus cuidados.
Pastores que andaes aqui
Escrevei isto a mi madre;
Se não tiveres papel,
No bastão d'esta bengala.

51

A pobre Viuva

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Sendo uma pobre viuva
Dentro em casa arrecolhida,
Tendo eu duas filhas bellas
Mais lindas que a prata fina;
Estando ellas á janella
Passa o Duque da Turquia,
Me pedira uma d'ellas
Me pedira a mais bonita.
Eu lhe dera a mais velha,
Se foi embora com ella;
Ao cabo de sete mezes
Não li tornára a apparecer:

« Oh de fóra, oh de dentro,
Oh de dentro, quem está hi?
— Senhora, é o vosso genro,
Senhora mandae-lhe abrir.
« Se elle é o meu genro
Eu mesmo lhe irei abrir,
Como está Dona Angelica?
— A minha mulher é viva.
Dona Angelica é doente
Com as saudades que tinha,
Florinda mandou buscar,
Sua irmã p'ra companhia.
« A sua irmã não a dou
Que ella é menina donzilla.
Cuido que o vento m'a leva
Da sala para a cosinha.
Mas como é com seu cunhado
Eu posso deixal-a ir,
Vão-lhe apromptar o cavallo
Que ella se irá vestir.
— « Requeiro de caminhar
Por terras de povoado,
Fosse pelos quintaes d'ella
Não o attente o peccado.

Só com aquellas palavras
Mui assombrado ficou!
Cortou-lhe com a espada
A lingua com que falou;
Tirou-lhe com a espada
Olhos com que ella mirou.

— Põe a mesa, Dona Angelica,
Que eu já trago que jantar,

Lingua de tua irmã Florinda,
E os olhos da sua cara.

Dona Angelica que ouvira
Logo caíra por terra :

= Toda a mãe que tiver filhas
Não as case fóra da terra ;
Minha mãe que teve duas
Não viu mais nenhuma d'ellas,
Foi o Duque da Turquia,
Que é que foi o senhor d'ellas.
Oh de fóra, oh de dentro,
Oh de dentro, quem está aí ?
— Senhora é um pastor,
Má nova vos vem trazer.
« Se ellas são ruins novas
Diga-m'as logo d'aí.
— Florinda que já é morta,
E' morta, eu bem n'a vi !
Aqui trago pá e enchada,
Terra com que a cobri.

« Toma lá tinta e tinteiro
Escreve n'essa bengala,
Já que se perdeu o corpo,
Que se lhe não perca a alma :
Toda a mãe que tiver filhas
Não case-as fóra da terra,
Que eu tive duas e dei-as
Fiquei sem nenhuma d'ellas.
Foi o Duque da Turquia,
Que é que foi o senhor d'ellas.

52

Romances do Cativo d

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORG

Os mouros me cativaram
Entre a paz e a guerra;
Me levaram a vender
Para Argelim, que é sua
Não houve perro, nem pe
Que o comprar-me quizer
Só o perro de um mouro
A mim só comprar havera
Dava-me tanta má vida,
Tanta má vida me déra!
De noite a moêr esparto,
De dia a pisar canella;
Punha-me um freio na bo
Para eu não comer d'ella;
Mas parabens á ventura
Da filha ser minha amiga
Quando o perro ia á caça
Commigo se divertia;
Dava-me a comer pão bra
Do que o perro comia,
Deitava-me em catre d'ou
Junto commigo dormia.

« Christiano, vae a tu ter
Christiano, eu bem t'o dig
— Como posso ir a mi te
Se eu sou escravo e cativo

*

Um dia pela manhã
Mil branquinhas me trouxera:

« Toma lá, meu bom Christiano,
Resgate para tu terra.
Pelo Deos que tu adoras
Tu não digas a meu pae:

Palavras não eram ditas,
O patrão era chegado.

— Vem-te cá, oh meu bom turco,
Vem-me agora aqui ouvir,
Toma lá este dinheiro
Para me eu redimir.
— « Vem-te cá, meu bom Christiano,
Dize-me aqui a verdade,
Quem te deu esse dinheiro
Para tua liberdade?
— Meu pae, é um pobre velho,
Por mim anda desterrado;
As manas que eu tivera
Por mim andam assoldadadas.
Um irmão que eu tivera
Sentou praça de soldado;
Me mandaram o dinheiro
Para minha liberdade.
— « Oh vem cá, meu Christiano,
Vem agora aqui ouvir,
Eu te faria alferes,
Capitão d'este reinado,
Dera-te a cara mais linda
Que em Argel ha afamado.
— Como posso eu ser alferes,
Capitão do teu reinado,

Se eu trago a Jesus Christo
No coração retratado?
— « Vem-te cá Angela, filha,
Dize-me aqui a verdade!
Se o bom do christiano
A ti deve a liberdade?
« Deixae-o vós ir o bom Christiano,
Que elle a mim não deve nada,
Se não a flôr de mi bocca,
Que a dou por bem empregada.
Abre-me aquella janella,
Fecha-me aquelle postigo,
Deos que me fez tão bella
Deos me hade dar marido.

53

O Cativo

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'AREIAS)

— Meu pae era de Hamburgo,
Minha mãe de Hamburgo era;
Cativaram-me os mouros
No canal de Inglaterra.
Foi fortuna, sorte minha
Dar com patrôa tão bella.
De dia moía pimenta,
A' noite cravo e canella;
D'aquella hora em diante
Dormia no collo d'ella!
Ella por vezes me disse:
Christiano, vae p'ra tu terra.

— Como m'eu heide ir, senhora,
Se me faltára a moeda? —
Meteu a mão na algibeira
Trinta mil d'oiro me déra.
« Vae-te embora, Christiano,
Vae-te p'ra tua terra.
Dize-me oh Christiano,
Se vas por mar ou por terra?
— Por terra irei, senhora,
Por mar não póde ser,
O canal é mui comprido
N'elle me posso perder.
« Vem-te cá, oh Christiano,
Monta aqui na minha egoa,
Se encontrares os soldados
Diz-lhe que vas para a guerra;
Se encontrares a meu pae
Diz-lhe que vas para a herva.

Rasões não eram ditas,
Seu pae ali chegára.

— « Dize-me, oh Christiano,
Dize-me, oh meu escravo,
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?
— Tres irmãos que eu tinha
Todos para mim ganharam;
No primeiro paquete
Para aqui m'o enviaram.
— « Tu ou te hades tornar moiro,
Ou turco arrenegado.
— Não me quero tornar moiro,
Nem turco arrenegado,
Que aqui trago commigo

Um Senhor crucificado;
Quem a mim me offender
D'elle será castigado.
— « Se casasses co'a princeza
Te faria rei coroado,
Te faria commandante
Das minhas tropas reaes.
« Deixae ir o Christiano
Que a mim não deve nada,
Senão a vista dos olhos,
Dou-lh'a por bem empregada.
— « Vae-te embora Christiano,
Vae-te para a tua terra,
Dize a el-rei de Portugal
Que me não arme mais guerra.
— Adeos, oh alta princeza,
Adeos, oh rei da Turquia;
Que eu vou-me d'aqui embora
Com Deos e a Virgem Maria.
« Deixae-me ir para a janella
Tocar na minha guitarra;
Que não digam os mouriscos
Que eu fiquei anojada:
Por aquelle mar abaixo
Vae o meu amor João;
Já não quero mais viola,
Nem mais guitarra na mão.

ROMANCES HISTORICOS

54

Romances da Má-nova

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (URZELINA)

Casada de outo dias
A' janella foi chegar;
Viu vir um cavalleiro
Tão de contente a mirar:

« Que novas traz, cavalleiro,
Que novas traz p'ra me dar?
— Novas vos trago, senhora,
Má nova é de contar...
Vosso marido é morto,
Caíu no areal;
Rebentou o fel no corpo
Em duvida de escapar;
Se o quereis inda vêr vivo,
Tratae já de caminhar!

Cobriu o seu manto preto,
Começou de caminhar;
Ao pranto que ella fazia
O chão fazia abrandar.
Tres Infantes atraz d'ella
Sem a poder alcançar.

Chegando á freguezia
Começou de perguntar;
Chegando aonde elle estava
Começou de prantear.

— Isto são ais da Infanta,
Quem tal nova lhe foi dar?
Calae-vos, minha mulher,
Não me dobres o meu mal;
D'aqui não vos ficam filhos
Que vos custem a criar;
Sondes menina e moça
Vos tornareis a casar.

Pegam na mão um ao outro,
Ambos foram acabar.

— Toquem-me harpas e violas
E sinos á reveria,
Para entrar a senhora,
Senhora Dona Maria.
« Já me não chamem senhora,
Senhora Dona Maria,
Chamem-me triste coitada
Apartada de alegria,
Que lhe morreu o seu bem
Capitão de infanteria;
Elle não morreu em guerra,
Nem batalha que trazia,
Morreu no areial
De poços e agua fria.

55

O Casamento mallogrado

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Casadinha de outo dias,
Sentadinha á janella,
Vira vir um cavalleiro
Com cartinhas a abanar:

« Que trazeis vós cavalleiro?
Que trazeis p'ra me contar?
— Senhora, trago-vos novas
Muito caras para as dar.
« Quando vós de as dares,
Que farei eu de acceitar!
— Vosso marido caíu
No fundo do areial;
Rebentou-lhe o fel no corpo,
Está em risco de escapar!
Se o quereis achar vivo,
Tratae já de caminhar.

Cobrira-se com o seu manto,
Tratara de caminhar;
As servas iam traz ella,
Cuidando de a não alcançar.
O pranto que ella fazia
Pedras fazia abrandar.
Respondeu-lhe o marido
Do logar aonde estava:

— Calae-vos, minha mulher,
Não me dobreis o meu mal;
Tendes pae e tendes mãe,
Podem-vos tornar a levar.
Ficaes menina e moça,
Podeis tornar a casar.
« Esse conselho, marido,
Eu não o heide tomar,
Heide pegar n'umas contas,
Não farei fim a resar.
— Abri lá esse portão
O portão da galhardia,
Para a senhora entrar,
Senhora Dona Maria.
« Chamem-me triste viuva
Apartada da alegria!
Que me morreu um cravo
A quem eu tanto queria.
Elle não morreu na guerra,
Nem em batalha vencida;
Morreu, morreu cá em terra
N'um poço de agua fria.

56

Romances de Dom Duardos e Flerida

GIL VICENTE (VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

Era pelo mez d'Abril,
De Maio antes um dia,
Quando a bella Infanta
Já da frota se espedia;
Fôra ao jardim de seu pae,

Ella chorava e dizia:

« Fica-te embora mil flores,
Meus jardins d'agoa fria,
Qu'eu te não torno a vèr
Senão hoje, n'este dia.
Se meu pae te perguntar
Pelo bem que me queria,
Diz-lhe que o amor me leva,
Que me venceu uma porfia;
Não sei pr'a onde me leva
Nem que ventura é a minha.

Respondeu Dom Duardos
Que escutava o que dizia:

— Calae-vos bella infanta,
Calae-vos pérola minha!
Em portos de Inglaterra
Mais claras agoas havia,
Mais jardins e arvoredos
Para vossa senhoria;
Tambem isto quero donzella
Para vossa companhia

Chegados são ás galleras
Que Dom Duardos trazia;
A mar lhe catava honra
E as ondas cortezia!
Ao doce remar dos remos
A menina adormecia
No collo do seu amor,
Pois assim lhe convencia.

57

Dom Duardos

II — LIÇÃO DO CAVALHEIRO DE OLIVEIRA

Era pelo mez d'abril,
De maio antes um dia,
Quando lyrios e rosas
Mostram mais alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no céo podia,
Quando a formosa infanta
Flérida já se partia;
E na horta de seu padre
Entre as arvores dizia:

« Com Deos vos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!
Vou-me a terras estrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe que amor me leva,
Que eu por vontade não ia;
Mas tanto ateimou commigo,
Que me venceu co'a porfia.
Triste não sei onde vou,
E ninguem m'o dizia!...

Ali fala Dom Duardos:

— Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra

Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
De alta genealogia;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacinthos,
E ouro fino da Turquia
Com letreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me déstes n'esse dia
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Mataste-me vós, senhora,
Que eu a elle não temia...

Suas lagrimas enchuga
Flérida, que isto ouvia.
Já se foram ás galleras
Que Dom Duardos havia;
Cincoenta eram por conta,
Todas vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princeza adormecia,
Nos braços de Dom Duardos,
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valía.

58

Romance que se fez d'algumas magoas, e perdas que causou o tremor de Villa Franca do Campo — em 1522.

LIÇÃO DE GASPAR FRUCTUOSO

Em Villa Franca do Campo
Que de nobre precedia
Na ilha de S. Miguel
A quantas villas havia,
Era de mil e quinhentos
E vinte e dois que corria,
Vinte e dois dias de outubro,
Quarto de Lua seria:
Era uma quarta-feira
Quarta-feira triste dia,
E em a noite mais serena
Que o céo fazer podia,
Inda que corre Levante
Nada d'elle se sentia;
Não corre bafo de vento,
Nem folha d'arvore bolia,
Estrellado estava o céo,
Nuvem não o escurecia.
Ante manhã duas horas
Inda não amanhacia,
Começou tremer a terra,
Mais que outras vezes tremia,
E a dar fortes balanços
Parecendo marezia:
Não treme de baixo a cima,
Mas para os lados tremia;

Nem abre bocca nenhuma
O espirito que isto fazia;
Sacodiu sómente a terra
Dos lados em que feria.
Sacode a terra dos hombros,
Com o peso que sentia
O gram gigante Almoural
Que deitado ali jazia.
Movem-se todas as cousas
Quando seu corpo movia;
Estrondo que faz a terra
Roncos são do que dormia,
Que de ser velho cansado
Ronca quando adormecia.
Correo a terra d'um monte
Que d'alta serra pendia,
E com impeto furioso
Sobre a villa se estendia,
Ali começa a dar gritos
A gente que se affligia,
D'elles chamaram por Deos,
D'elles por Santa Maria.
Quando chegou a manhã
Nenhum d'elles parecia
Que correu d'aquella terra
Que sobre a villa jazia,
Essa gente que escapara
Como pasmada morria;
Outra que viva ficava
Vivendo assi não vivia.
Aqui chega Frei Affonso,
E com a tocha que trazia
Da Ordem de Sam Domingos
Do Toledo reluzia,
Esse padre glorioso

Que da gloria parecia.
Para consolar o povo
Assi falava e dizia:

— Confessae-vos, irmãos meus,
Em quanto vos dura o dia,
Resae todos o rosario
Da virgem Santa Maria;
Edificae-lhe uma casa
Indo a ella em romaria,
Tomae-a por valedora
Que ella por vós rogaria,
Tende n'ella confiança
Que certo vos valeria.

Não acaba de falar
Quando a casa se fazia,
Uns acarretam pedra
Outros madeira á porfia.
Trabalham moços e velhos,
Pessoas de gram valia,
Até as nobres mulheres
Serviam sem fantezia.
Trazem telha dos telhados
Que no arrabalde havia,
Como formigas ligeiras,
Andam a quem mais faria,
Tanto que em poucos dias
A Ermida já servia,
Já celebram missa n'ella
Já lá vão em romaria.
O Capitão Ruy Gonçalves
Que da Camara se dizia,
Como soube em sua quinta
D'esta terra que corria,

Manda sellar seu cavallo
A' espora-fita corria,
Por soccorrer o seu povo
Que estava n'esta agonia.
E chegando a Villa Franca
Do Campo, campo só via,
Campo em que estivera Troia
Que soberba ser soia
De mui populosas casas
Nem uma só apparecia,
Seus paços postos por terra
Terra que n'elles cobria,
Com seu filho e duas filhas
A que elle muito queria,
Tambem um filho bastardo
Que não tinha bastardia,
E uma sua irmã
Chamada dona Melicia.
Dissimula sua dor
Ainda que muito a sentia;
Seus olhos se arrazam d'agua
Por mais que elle se encobria,
Com coração esforçado
De senhor de gram valia,
Esforça todo seu povo
Que de pasmo fallecia.
Manda logo cavar gente
Onde antes estar soia
O Santissimo Sacramento
Cuidando que se acharia,
Vendo quanto Deos nos ama
Quam grande bem nos queria,
Que querendo dar castigo
Sobre si o tomaria,
Em todos nossos trabalhos

Companhia nos faria;
Dos açoutes que nos dava
Tambem participaria,
Sendo uma vez sepultado
Outra se sepultaria;
Por extranhar nossas culpas
A si mesmo enterraria,
Mas tão mal cheiravam ellas
Que Deos d'ali se desvia;
Pois que cavando a gram pressa
Ali já não apparecia.
A arca acham no Altar
Mas sem elle estava vazia:
Não sabem se foi ao céo,
Se na terra ficaria
N'algum sacrario mettido,
Para o qual se mudaria.
Alguns signaes viram d'isto
A gente que ali acudia,
Vendo d'aquelle logar
Uma nuvem que subia,
Ouvindo muitos cantares
De suave melodia,
Suspeitando ser dos anjos,
Alguma gram companhia
Que da terra para os céos
A Deos acompanharia;
Ou por mãos angelicaes
N'outra Villa se poria:
Mas quando não foi achado,
Um grande grito se erguia,
D'aquella grande companha,
Que misericordia pedia;
Vendo uma tal maravilha
Com gritos ninguem se ouvia

*

D'aquelle povo tão triste
Quem então não gritaria?
Batendo todos nos peitos
Quem peitos não quebraria?
Em tempo de tanta angustia
Pois d'elles seu Deos fugia.
Para lhe pedir remedio
N'aquella triste agonia,
Já não sentem perder nada
Só não vêr Deos se sentia.
Este castigo mais choram,
Este só mais lhe doia,
Vendo apartar-se Deos d'elles
Quem não esmoreceria?
Depois cavam em outras partes
Por vêr se alguem vivia,
Acham mortos pelas ruas,
Que a terra afogado havia.
Outros acham em seus leitos
Sem temor do que viria,
Cuidando dormir de noite
Mas tambem dormem de dia.
Somno de uma noute só
Para sempre duraria.
Alguns vivos se acharam
Pouco numero seria,
Mas quem quer que os vira vivos
Por mortos os julgaria:
Tinham todos côr da terra
Que toda a Villa cobria:
Mas não cobre uma criança
Que só tres annos havia,
A qual achára folgando
Sobre a taboa em que jazia,
Nove dias são passados

Depois de morta a alegria
Quando com gram diligencia
A gente cavando ia.
Causa de grande tremor
Quem contar ousaria,
Indo o povo em procissão
Que com choro se fazia.
Ouvida foi uma voz,
D'outro mundo parecia,
Mui fraco vem o tom d'ella
Porque do centro saía.
Muitos ouvem o som confuso
Mas ninguem o entendia;
Ali vem um Capitão
Que a tudo sempre acudia:
Manda cavar a gram pressa
Aonde aquelle tom se ouvia,
Entendendo que era gente,
Que soterrada gemia.
Depois de muito cavar
Uma trave se descobria,
Com a ponta para o chão
Que encostada assi jazia;
Fazem logo uma abertura
Em um vão que ali havia,
Vão era que fôra logea
Onde sobrado caia.
Saem por ellas trez vivos,
Mortos cada um parecia,
Com as mãos alevantadas
Como cada um saía;
Joelhos postos no chão
A seu Deos graça rendia,
Pelo livrar de tal morte,
Que, vivendo, ali soffria;

Onde estavam mais confusos
Não sabendo o que seria,
Se era toda a gente morta
Ou se o mundo se fundia:
Não sabem quando amanhece
Se um gallo lh'o não dizia,
Que cantava a horas certas,
Que sempre cantar soía;
Mantinham-se de biscouto
Que para viagem havia,
Que queriam navegar
Para onde o sol saía;
Onde tinham sua terra
Mas a terra lh'o impedia,
Que correndo aquella noute
Ali todos os prendia;
Bebem agua que do lodo
Gota a gota lhe caía,
E tambem de uma fundagem
Que vinagre se fazia:
Assaz de morte passava
Quem escuro ali vivia,
Contavam isto chorando,
Com choro o povo os ouvia,
Tantas lagrimas choravam
Que a terra se humedecia,
Já não choram seus parentes
Mortos que a terra cobria;
Muito mais choravam os vivos
Que mais morre o que vivia,
Não choram amigos mortos
Nada d'isto lhes doía;
Pois sabem que tarde ou cedo
Qualquer dos vivos morreria,
Choram não saber da morte

Em que estado os tomaria;
E mais choram a si mesmos
Pelo que ainda se temia,
Choram seus proprios peccados
De que o castigo nascia;
Que quem planta culpas graves
Graves castigos colhia.
Era tudo ali um grito
Que ao céo empyreo subia:
Pedem misericordia a Deos
Cada um assim dizia:
« Senhor Deos, misericordia,
Que eu, meu Deos, não merecia.
Tambem tiraram um morto
Que entre elles jazia,
Que falleceu ás escuras
Entre a viva companhia,
A quem dava gram trabalho
Pelo muito que fedia,
O qual depois d'enterrado
Como a outros se fazia:
Vão todos em procissão
A uma Ermida que havia,
Da Virgem Santa Catharina
Que de parochia servia;
Dão todos graças a Deos
Como cada um podia,
Pelos livrar da prisão
Da terra que os cobria:
Cinco mil foram os mortos
Que em toda a Ilha haveria,
Por que affirmam os antigos
Tantos morreram em tal dia:
Outros contam n'esta conta
Os que a peste feria,

Logo nos annos seguintes
Em que entre os vivos ardia:
O que parece mais certo,
Que então tantos não havia,
Alguns morreram nos logares
Debaixo da casaria,
Que com o tremor de terra
Em todas partes caía:
Morreram religiosos,
Morreu muita cleregia;
Morre muita gente nobre
Que em toda a Ilha vivia,
Qualquer rico e poderoso
Sem as riquezas partia;
Que por ventura ficava
A quem não lhe agradecia
Cuidando gosal-a muito .
No melhor se despedia;
Não a logrou muitos annos
Nem jámais a lograria,
Se fez algum bem com ella
Isto só lhe valeria.
Morreram altos e baixos
Sem lhe valer fidalguia,
Morrem grandes e pequenos,
Todos a morte offendia:
Mas mais morrem em Villa Franca
Onde mais povo havia
Quasi todos ali morrem
Se não algum que fugia;
Mas são poucos os que fogem
Porque cada um dormia,
Poucos são os que escaparam
Debaixo da terra fria:
E alguns no arrabalde

Além da agua que corria:
Outros escapam nas quintas
Porque Deos assim queria.
Cuidando ser acabado
O mal que mais não seria,
As nove horas são passadas
Depois que já o sol saia.
E eis torna a tremer a terra
Mais que d'antes parecia.
Corre na Penha da França
E na Maia o mesmo dia:
Terra que matou a muita
D'este numero e quantia.
Contando cousas pequenas
De que contar não sabia:
Lembra-me d'estas grandes
Das pequenas me esquecia.
Onde houve magoas sem conto
Quem contar as poderia!

[illegible]

Romance de Dona Inez de Castro

[illegible] XVII

Dos seus paços de Coimbra
Nobre Infante se partia
Com seus pagens e creados
Para real montaria.
Vae em ginete formoso
Que encantava quem o via;
Leva seu açôr em punho,
Falcoeiro a quem cumpria.

Da mui bella Dona Inez
Com amor se despedia!
Mal sabia ao seu esposo
Que nunca mais o veria.
Embuçado no seu manto
O bello rosto cobria,
Para não verem o pranto
Que de seus olhos corria.
No seu ginete alasão
Oh que saudoso que ía:

— Onde vás, senhor Infante
Mal haja tal montaria!
Mau fado senhor Dom Pedro
Te traz essa romaria;
Volta depressa aos teus paços
Que matam tua alegria.

Mas em vão, que seu fadario
Destinado assi o havia;
Ficou sosinha a esposa
Tão exposta a tyrannia;
A sua voz maviosa
Toda a noite se ouvia,
Cantando suas saudades
Com mui triste melodia.
No bandolim abraçada,
Oh que tão doce o tangia;
Seu cantar mui lastimoso
N'este sentido dizia:

«Meu Infante, meu senhor,
Que me déste a regia mão,
Escuta de d'onde estás
Da tua Inez a canção.

Já não podem meus suspiros
Chegar ao teu coração;
Repitam montes e valles
Da tua Inez a canção.

Em prantos mui lastimosos
Está esta habitação;
Só se ouve n'estes paços
Da tua Inez a canção.

Os meus olhos tão quebrados
Sangue choram que al não!
Sabem de cór estes vales
Da tua Inez a canção.

ROMANCES SACROS

60

Romance da Noite de Natal.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

O gallo bateu as azas
Quando o Salvador nasceu,
Os anjos todos cantaram,
Glorias ao céo descendeu.
Deos andava pelo mundo,
Mas Sam Pedro assim dizia:

— Quem não quer pobres em casa
Tambem me não quereria?

Vinte quatro de Dezembro
Foi a noite do Natal,
Que rompeu a primavera
Meia noite do signal.
Vamos, vamos nossa gente,
Que aqui não fica ninguem,
Vamos visitar Maria,
Teve o Menino em Belem.
Em Belem nasce o menino,
O bom Jesus verdadeiro,
Que desceu do céo á terra
A livrar do cativeiro.

61

Romance de Natal.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

A Virgem nossa Senhora
Está ao portal de Belem,
C'o seu menino nos braços,
Jesus! que está tanto bem!
Cantou-lhe uma cantiguinha:

«Filho meu, que te farei?
«Não tenho cama, nem berço,
«Em braços te embalarei.
«C'o as lagrimas dos olhos
«Filho meu te lavarei!
«Na manguinha da camisa,
«Filho meu, te alimparei.
«Nas mantilhas do meu rosto,
«Filho meu, te embrulharei.

62

Vilancico do Natal.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

A lua vae tanto alta
Como o sol ao meio dia;
Mais alta ia a Senhora
Quando p'ra Belem corria.

Sam José ia atraz d'ella
Sem alcançal-a podia;
Quando chegou a alcançal-a,
Já seu menino nascia.
Sam José foi para o céo,
Os anjos lhe perguntaram:

— Como ficou lá Maria? —
Como Rainha a trataram.
Respondeu-lhe Sam José
Cantando a Ave Maria:
« Maria lá ficou bem,
Ficou n'uma estrebaria,
Com suas portas de prata,
E paredes de ouro fino,
Quem seria o lavrador,
Que taes portas lavraria?
Era o Menino Jesus,
Filho da Virgem Maria.

63

Romance dos Tres Reis.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Uma fragata divina
Nove mezes navegou,
Achou o mar em bonança
Em Belem descarregou.
Ella parece que é pobre,
Traz fazendas excellentes,
Para ir vender á India
A partes do Oriente.

Marinheiros que vão n'ella
Levam um tão doce cantar,
As aves dos altos ceos
Nos mastros lhe vem poisar!
Os peixinhos do mar fundo
A' borda vem escutar.
Os tres Reis do Oriente
Todos tres em romaria,
Foram visitar Deos-homem,
Filho da Virgem Maria;
Guiados por uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam vèr outra mais bella
Que era o menino Jesus.

64

Romance dos Reis Magos.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Partiram os tres Reis Magos
Das partes do Oriente,
Visitaram a Deos-homem,
Nosso Deos omnipotente.
Em caminho de um anno
Gastaram só treze dias,
Com favor muito soberano
Do infante rei Messias.
Guiados d'uma estrella,
Que a todo o mundo dá luz,
Iam vêr outra mais bella,
Que era o menino Jesus.

Elles ouviram dizer
Ha presepio em Belem,
Onde estava Deos nascido
Remedio p'ra nosso bem.
Herodes como malvado,
Como perverso inimigo,
A's avessas ensinou
Aos tres Reis o caminho.
A estrella se escondeu
Chegada a uma cabana,
Logo os tres reis adoraram
A Jesus, neto de Anna.
Oh meu menino Jesus
Em que palhas 'staes deitado,
Sendo vós um Creador
Que o mundo tinhas creado!
Offereceram-se ao menino,
Cada um por sua vez,
Por a lapinha ser pequena
Não couberam todos tres.
Offereceram-lhe ouro fino
Como rei oriental,
Incenso como divino,
E myrrha como a mortal.
Porta aberta, meza posta,
Cantemos com alegria,
Nado é o rei de gloria,
Filho da Virgem Maria,
Que nasceu pobre em Belem
Para a todos nos salvar,
Entre a mula e o boi bento,
Que o estava a bafejar.
Patriarcha Sam José
Pegae no vosso menino,
Que entre palhas 'stá deitado

A chorar que é pequenino.
Os anjos com alegria
Musicas lhe vão cantando,
E' o rei dos altos céos
Que na gloria está reinando.

65

Romance da Fugida para Belem.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

P'ra Belem párte a Senhora
Com o seu esposo amado;
Sempre foi e hade ser
O seu rosto delicado.

«Oh Belem tão rigoroso,
De gente tão desastrada!
Nem á Rainha da gloria
Vós quizestes dar pousada.
Não tiveram dó da Virgem,
Da Virgem n'aquella hora!
Não quizeram obrar com Deos
As obras de Misericordia.
A Virgem se recolheu
A um curral de animaes,
Para haver as estalagens
Que o logar não deu p'ra mais.
Sam José muito sentiu
De vèr tão fraco amparo...

— Quem será este menino,
Qual será pae que se atreva
Não deitar esta senhora
Na mais amorosa cama?
Se não dê-m'o cá, que o levo,
Minha mãe lhe dará mama.
Tambem me offereço, senhora,
Para o embalar no berço:
O senhor é mui poderoso,
Não sei se será travesso.
Essas vossas travessuras,
Senhor, bem vol-as entendo:
Vós viestes dar alivio
A quem estava padecendo.

66

Romance do Presentimento da Paixão.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Senhora Santa Maria,
Seu cabello de ouro fino!
Perguntou seu bento filho:
«Se velava ou dormia?»
Respondeu Nossa Senhora:
— Filho perguntas se vélo?
Eu não velo e não durmo,
Pela vossa vinda espero!
Sonhei esta noite um sonho,
Mais valera não sonhal-o:
Que o meu filho era morto
N'uma cruz crucificado!

Seus sagrados pés e mãos
N'uma cruz estão pregados!
A sua sagrada bocca,
Cheia de fel e vinagre!
«Calae-vos oh minha mãe,
Senhora Santa Maria!
Não valera não sonhar,
Que isso verdade seria!

Quem esta oração souber,
Quando este mundo largar,
As portas do céo abertas
De par em par achará,
Pelas portas do inferno
Nunca por lá passará.

67

Romance da Vespera do Sacrificio.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Falou a Senhora a Christo,
Grande pranto lhe fez ter:

«Oh meu filho tão amado,
Parece que ouvi dizer,
Que andavam os Phariseus
Meu filho, p'ra vos prender!
Assim andaes demudado...
Filho, a semana que vem,
Vos hãode vir buscar prêso
P'ra ir a Jerusalem.

*

Meu filho, não vades lá,
Filho da minha alegria!
Eu não posso estar no mundo
Sem a vossa companhia.
— Lagrimas de minha mãe,
Que bem as vejo correr!
Antes da Festa chegar
Tambem vos quero dizer:
Que terei crueis martyrios
Pelas ruas e caminhos,
Na cabeça me porão
Uma corôa de espinhos,
E a corôa é toda feita
Feita de juncos marinhos.
Corra verdadeiramente,
Corra o sangue do meu lado,
Para abrandar o meu povo
Que vae tão atormentado.

Quem esta oração souber,
E por um anno a rezar,
Jesus lhe manda dizer
A hora em que hade acabar.

68

Romance da Paixão.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Estando a Virgem Maria
N'uma santa sexta feira,
Esperando Sam João
Com grande nova tristeza:

— Que fazeis aqui Senhora
N'este triste desamparo?
Os judeus e gentios
'Stão cegos por seus peccados.
Já o vosso bento filho
Já o tem crucificado!
Se o queres achar vivo
Começae de caminhar.

A logar de mau quebranto,
Chegando a um tal logar,
Vira estar o seu filho
Estando elle semelhado,
Com chagas e açoutes
Que os judeus lhe tinham dado.
Abraçou-se n'uma cruz
Que era de pau de limo;
Por uma banda corre agua,
Por outra sangue divino.

«Oh Jesus que fico só
Em tristes enganadores,
Que é que foram causantes
De haverem veadores;
Peço ao meu bento filho
Por todos os peccadores.

Quem minha oração souber
A sua alma será salva,
Com cem annos de perdão
Para sua mãe e seu pae.

69

Romance do Planto da Senhora.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Alto Deos omnipotente,
Rei dos céos e flôr da palma,
Toda a vida andei cuidando
De salvar a nossa alma.
Em nome de Deos, amen,
E a Virgem Santa Maria,
Ella chorava dizendo
Que o seu filho abrandaria:

«Oh meu filho mui amado,
Que mal fizeste aos judeus?
Rei dos judeus vos chamaram
Antes do gallo primeiro!
Cavalleiros traz comsigo
Judas, vosso despenseiro!
Entre bispos e escrivães
Vos levaram a dinheiro.
Que mal fizeste aos judeus
Que tanto mal vos julgaram?
O ataram á columna,
Seus cabellos arrancaram,
Cordas lhe fiaram d'elles
Com que de rasto o levaram.
Sentaram-n'o n'uma cadeira
A' morte o condemnaram.
Antes do gallo primeiro
No vosso rosto escarraram!
Já vem a mulher Veronica:

— Que é que por aqui buscaes?
« Busco a esse homem que está preso
Amarrado á columna!
— Quanto sangue por hi está,
Olha bem por essa rua.
« Vosso sangue derramado
Meu Deos, sem culpa nenhuma!
Oh Jesus que leva a Cruz,
Tão pezada que ella é!
Nem sete homens a levaram,
Filho, sósinho é que a levas.

Passos que dava Jesus
Todo o chão ajoelhava.
Logo o Senhor se alevanta
Com açoutes que lhe davam.
Lá vem a nossa Senhora
Toda cheia de tristura,
Que ella no planto dizia
Pela rua da Amargura:

« Oh sangue tão precioso
Gerado em minhas entranhas;
Um pingo d'elle bastava
P'ra remir culpas tamanhas.
— Onde vás por essa rua,
Onde vás mulher tão pura,
Fartae-vos bem de me vêr
Pela rua da Amargura.
Morto me vereis levar
A'manhã á sepultura.
Aí fica Sam João
Que é o vosso sobrinho,
Ell' vos tomará por mãe,
Vós o amareis por filho.

«Como é que posso trocar,
Fazendo o vosso mandado,
Filho de Deos verdadeiro
Pelo filho de um vassallo?

Foi-se a Senhora embora
A andar de rua em rua,
Com o planto que fazia
Té chegar á da Amargura,
Quando viu estar seu filho
Prêso e atado á columna:
«Oh falsos, enganadores
Que escrevestes aos phariseus!
Soltem a Christo por nós
Que não fez mal aos judeus.
Oh mulheres, oh mulheres
Que tendes filhos criado,
Que sabeis a dôr que é
A morte de um filho amado,
Ajudae-me a carpir
Que o meu planto é acabado.
Quem o meu planto souber
E escripto o trouxer tambem,
Ganhará tantos perdões
Como areias o mar tem;
Como hervas tem o campo,
Como areias tem o prado.
Quem o souber que o diga,
Quem o ouvir que o aprenda,
Lá no Dia do Juizo
Verá o que elle defende.
Quem minha oração souber
Todo o anno a dirá,
Se no sentido a trouxer
Má morte não morrerá,

Nem d'agua será vencido,
Nem terá medo ou pavor;
E nem dos Mouros cativo,
E quando do mundo fôr
Um côro de anjos o guia
Ao pé de Nosso Senhor.

70

Romance dos Passos do Senhor.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Ai Jesus da minha alma,
Senhor do meu coração,
Quem soubera imitar
Passos da vossa Paixão!
Quinta feira d'Endoenças
Vos deram sacramentado,
P'ra livrar do cativeiro
O que está em peccado.
Tambem lavastes os pés
A'quelles judeus malvados,
Vos destes por convencido
De vos terem condemnado.
Ai Filho, não me deixeis
Em tamanho desamparo:
Fico coberta de lucto
A' falta de sol mais claro.
Filho haveis de morrer,
O que se não póde escusar;
As prophecias sagradas
Se não hãode quebrantar

Filho haveis de viver
Para o mundo se salvar!
Pedro e João enleiaram
Que dormiam descançados;
Acordae amigo meu,
Acordae tende cuidado
Vede que lá vem Judas
C'os judeus acompanhado,
P'ra fazer uma prisão
A este innocente culpado.
Já lá vem o Senhor preso
Em tão injusta prisão;
Vem preso por nos livrar
Do cativeiro de Adão.
Já lá vem o Senhor preso
Meu verdadeiro Jesus!
Por amor de nós o cravam
No alto d'aquella cruz.
E os judeus lhe fizeram
A justiça com rigor,
Jogaram a pata-cega
Com meu Deos, pae e senhor:
O levaram a Caiphás,
Foi a primeira estação
Onde padeceu sem culpa
O senhor do coração.
Oh lenço mais inferior
Ditoso rosto coberto!
Grande é o vosso amor,
Maior o vosso affecto.
Rigorosa bofetada
Levou o ditoso rosto,
Bemdita e louvada seja
A paixão do Redemptor.
Já que te dizes Messias

Que és só um Deos verdadeiro,
Dizem que és adivinhão
Adivinha quem te deu?
O levaram a Annaz,
Para tanto padecer,
Feiticeiro lhe chamaram
Por maior desprezo ser.
O levaram á varanda,
Botaram capa de louro,
Na mão uma cana verde
Lhe puzeram em desdouro.
Lá vem o Senhor preso.
Pela rua da Amargura;
Elle era o sol mais brilhante
Mas já vem sem luz nenhuma.
Lá vem Simão Cyreneu
Que á cruz o vem ajudar,
Vem a dispor nos seus hombros
Para o não mortificar.
Lá vem os dois varões santos
Que á cruz o vem despregar,
Nos braços da mãe magoada
Para o irem lançar.
Que encontro tão cruel
Tiveram dois corações,
Quando a mãe viu o filho
Mudado em suas feições.
— Isto não é o meu filho,
Alguem aí o trocou;
Quem isto fez a meu filho
Minha alma traspassou.
Lá vem mulher valorosa
Cheia de todo o valor,
Com a mais alva toalha
Para alimpar o Senhor.

Muito vos custa, Senhor,
Lograr o vosso thesouro;
Descançar já no sepulchro
Que é mais fino que o ouro.
Filhas de Jerusalem
Chorae por vossos peccados,
Permitta o Padre eterno
Que torne a resuscitar,
Para na vida eterna
Comnosco ires cantar.
Quem esta oração souber,
E a disser com attenção,
No meu reino seja salvo
E toda a sua geração.

71

Romance de Sancta Iria.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Estando cosendo na minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,
Chegára um cavalleiro a pedir pousada,
Meu pae lh'a dera, a mim bem pesára.
Entrára p'ra dentro, elle se assentára,
Fizera-lhe a ceia, elle ceiára;
Botára-lhe agua, elle se lavára,
Fizera-lhe a cama, elle se deitára.
Lá por meia noite elle se levantára,
De tres que nós eramos só a mim levára.
Lá por terras longas a mim perguntára:

—Como te chamavam em casa de teu pae?
«Chamavam-me Iria, Iria fidalga...

Por terras alheias Iria coitada.
Ao pé de um pinheiro a mim degolára,
Fizera uma cova, a mim me enterrára.

D'ali a sete annos por ali passára :
— Que ermida é aquella, ou casa caiada?
« Não é ermida, nem casa caiada,
E' a santa Iria bemaventurada.
— Oh santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares, serei teu romeiro.
« Não te perdôo; a um cão carniceiro,
Que me degolastes que nem um cordeiro!
Da minha garganta fez um picadeiro,
Da minha cabeça fez um machadeiro.

Entrára p'ra dentro mui apaixonado,
Saíra p'ra fóra já bem perdoado:
Vestiste-te de verde, tambem de amarello,
Assim Deos me queira, como eu te quero.

72

Santo Antonio e a Princeza de Leão

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Era el-rei de Leão
Casado c'uma princeza
Devota de Portugal
De Santo Antonio varão;
Tinha uma só rainha,
Uma filha já mulher,
Ella só lhe convém

Pelo muito que lhe quer;
Tres dias chegou a 'star
Morta e por enterrar.
O rei mais e mais a corte
Para a sepultura se ajuntam;
A mãe em continuo pranto,
Com grande fé no seu santo
Que lh'a hade ressuscitar,
Ergueu seu rosto choroso
Ao céo com fé verdadeira:

« Vós que sois universal
Dos milagres que fazeis,
Dae-me a minha filha viva,
A verdade a não negueis.

Ainda não tinha feito
Sua oração santa,
O santo lhe poz a mão
A moça se alevanta.
Aggravada, offendida,
Contra a mãe responderia:
— Deos vol-o perdoe, senhora,
D'entre as virgens me tirastes
Do côro celeste, santo
Onde eu estava agora,
Tres dias trago dispensa
P'ra estar em vossa presença
E tornar a subir á gloria.

Oh que ditoso recado
Traz a ditosa menina,
E' o tempo acabado
Diz p'ra pratica divina.

73

Romance do Pobre preso

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

— Senhora santa Catherina,
Senhora Catherina santa,
Que era tanto cantadeira,
E porque agora não canta?
« Não canto, nem cantarei,
Tenho o meu marido preso
No Limoeiro do Rei!
Talhei-lhe sete camizas,
Todas sete lh'as mandei;
Acceitou-as e beijou-as
E tornou-m'as a mandar:
— « Para que quero eu camisas,
Se as não posso eu lograr?
Dizei-lhe aos meus filhinhos,
Que orfãos se podem chamar.
E dizei aos meus visinhos
Que me podem perdoar.
Dizei á minha mulher
Que se trate de casar;
E dizei ao thesoureiro
Que me toque o meu signal,
E dizei aos padres santos
Que venham-me acompanhar;
Que tragam as cruzes todas
Mais o habito saial.

« Cavalleiros vão por terra
E as cartas pelo mar,

Dar novas a el-rei que mande
O meu marido soltar!
Irão pelo mar as cartas,
Cavalleiros vão por terra;
Que me solte o meu marido,
Senão, que eu lhe armarei guerra.

74

Romance de Santa Thereza

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Dae Altissimo Senhor
Vossa graça com presteza:
Do céo desceu uma estrella
A madre Santa Thereza.
Santa que era procedida
De uma illustre geração,
Por ser por Deos escolhida
Para mestra da oração.
Esta era a gloriosa,
Que tinha amor verdadeiro;
Santa que era esposa
De trinta e dois mosteiros.
Com humildade e mór fé,
Fez voto de castidade,
Era esposa divina
Da Santissima Trindade.
Appareceu-lhe o Senhor,
N'um velho se convertera,
A pedir esmola a Thereza,
Santa Thereza lhe dissera:

« Ai muito, muito me peza.
Peza-me na alma e na vida
Já ter dado a comida.
Não lhe fazer caridade.

Mas no coração lhe pedia
Que ao refeitorio tornasse.
A vèr se achava algum pão
Que áquelle irmão offertasse.
Achou o refeitorio cheio.
A comida em quantidade,
Com excessiva alegria
Enchia o seu arregasso.
D'esta maneira dizia:
« Irmão, irmão tomae lá:
Pois já que Deos vol-a deu.
Peço-vos que aqui venhaes,
Quero-vos em cada dia
Fazer uma caridade.
— Eu a esta portaria
Por ter occasião e luz,
Por quem heide perguntar?
« Por Thereza de Jesus.

Em breve se foi o pobre,
Ao outro dia tornou,
Com caridade e certeza,
Thereza lhe perguntou:

« Meu velho, como se chama?
— Chamo-me Jesus de Thereza.

Quem d'isto tiver memoria
Receberá divina alteza.

75

Romance de Jesus Peregrino

VERSÃO DA ILHA TERCEIRA

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobresinho,
O pobresinho lhe disse:
«Leva-me no teu carrinho.»
O lavrador se desceu
E subiu o pobresinho,
Levou-o p'ra sua casa,
P'ra a melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a ceia
De capão e de gallinha;
Mandou-lhe fazer a cama,
Oh! que rica cama tinha,
Por cima lençoes de renda,
Por baixo cambraia fina.
Lá pela noute adiante
O pobresinho gemia;
Levantou-se o lavrador
A vêr o que o pobre tinha,
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

«Se eu soubera, oh meu Jesus,
Que em minha casa vos tinha,
Vos teria outros preparos
Que a minha casa precisa.»
— Cala-te, oh lavrador,
Deixa-te d'essa porfia;
Lá no reino de Deos Padre

Uma cadeira te tinha,
P'ra teu pae, p'ra tua mãe,
P'ra toda a tua familia.
A'manhã por estas horas
Cá te mandarei buscar:
Sete anjos e nove archanjos
Te virão acompanhar.

---

*

ROMANCES ENTRETENIDOS

76

Xacara do Cégo

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Era meia noite quando o ladrão veiu,
Bateu tres pancadas á porta do meio:
— Abre a tua porta, cerra o teu postigo,
Deita cá um lenço, que eu venho ferido.
« Se tu vens ferido, ferido embora,
Que a minha portinha não se abre agora;
Qual é o vadio que a estas horas vem,
Eu 'stava em anágoa para ir a Belem.
— Se estavas em 'nágoa, em 'nagua te quero,
Has ser meu amor, n'esse logar te espero.
« Minha mãe, acordae do vosso dormir,
Escutae o cégo a cantar e pedir.
« — Se o cégo pede, dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cégo passar o caminho.
— Não quero o seu pão, nem tambem seu vinho,
Quero que a menina, me ensine o caminho.
« — Pega n'uma roca, carrega-a de linho,
Vae c'o pobre cego, ensina-lhe o caminho.
« Minha roca espiada, acabou-se o linho ;
Adiante cégo, que aí vae caminho.
— Ande a menina mais um bocadinho,
Sou curto da vista, não vejo o caminho ;
Ande a menina, vamos mais além,
Que eu era ceguinho, mas já vèjo bem.

« Adeos minhas vinhas, adeos minhas terras,
Adeos minha mãe, que tão falsa me eras.
« — Adeos minha filha, que eu bem te dizia
Que ao cégo fizesses uma cortezia.
« Uma cortezia lhe quiz eu fazer,
O ladrão do cégo me quiz commetter;
De fidalgos e duques eu fui comettida,
Agora de um cégo me acho rendida.

77

Xacara da Rosa Pastorinha

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

— Deos vos salve Rosa, se sois para mim,
Pastora tão bella, que fazeis aqui?
« A falar verdade, que eu mentir não sei,
Vigio o meu gado, que eu aqui deitei...
— Pastora tão bella vigiando gado!..
« Sim, senhor, nasci para este fado...
— Por altas montanhas corre grande p'rigo,
Diga-me a menina se quer vir commigo...
« Rasão como essa nunca a ouvirei,
Perguntarão meus amos em que me occupei.
— Se elles perguntarem em que se occupou,
Uma nuvem d'agua que a demorou...
« A falar verdade que eu mentir não sei,
Vou buscar meu gado que acolá deixei...
— Vosso gado, senhora, aqui vol-o trago,
Venturoso moço ser vosso criado.
Deixe ir o gado lá por serra fóra,
Deixe ir o gado, deixe-o ir embora;

Perca-se o gado por serra adiente,
Perca-se o gado, não se perca a gente...
« Senhor vá-se embora, não me dê desgosto,
Não venham meus amos trazer-me o almoço...
— Se os amos vierem, comeremos juntos
As boas alcatras, melhores presuntos...
« Senhor vá-se embora, não me dê pesar,
Não venham meus amos trazer-me o jantar.
— Pastora tão bella, tão impertinente !
Homens não são lobos, que comam a gente...
« Homens não são lobos, que comam a gente,
Mas pelejarão por estares presente.
Senhor vá-se embora, não me dê mais pena,
Não venham meus amos trazer-me a merenda.
— Pastora tão bella e tão rigorosa:
Como está ingrata, como está zelosa !
« Se eu estou zelosa faço muito bem,
Se estou ingrata assim me convém.
— Cá me vou, senhora, cá me quero ir,
Eu me vou chorando, vós ficaes a rir.
« Senhor, vá-se embora, não dê tormento,
Já o não posso vêr nem por pensamento.
— Cá me vou, senhora, cá me vou andando,
Vós ficaes a rir, eu me vou chorando.
« Como vae bandarro por essa restêva!
Não rompa o sapato, nem meia de seda.
—Meias e sapatos, tudo romperei,
Só por lhe dar gosto eu tudo farei.
« Sentae-vos á sombra que o mundo está vendo
Mulheres não querem e estarem querendo.
—Bem sei que quereis de mim um abraço
Não vol-o posso dar, tenho um embaraço.
« Venha cá meu amo, venha cá correndo,
Que o amor é cego, já me vae rendendo.
—Sentar-me-hei á sombra, não com má tenção,

Que a falar verdade sou vosso irmão.
« Irmão da minha alma, do meu coração,
D'aqui d'onde estou vos peço perdão;
Se sois meu irmão, não de geração;
Vós sois o amor do meu coração.
— Cala-te pastora, não digas mais nada,
Que a aposta que fiz tenho-a ganhada;
A aposta que fiz tenho-a ganhada,
Metade d'um navio com a sua carga.
Vinde para baixo, dae cá vossa mão,
Vinde acceitar prendas de vosso irmão.
« Se tu tens ganhado, eu tenho perdido,
Que essas tuas falas já me tem rendido.
— Já te tem rendido, isso mesmo quero,
Vae buscar teu gado, que eu aqui te espero.

Oh gente da Ilha acudí ao gado,
Que foge a pastora com o seu namorado.

78

Xacaras da Morena

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Erguera-se Frei João
Um dia de madrugada,
Atacando seu calção,
Tocando sua guitarra,
Chegou á porta da dama
Um romance lhe cantára:

— Abre-me a porta Morena,
Abre-m'a pela tua alma.
« Como te hei-de abrir a porta,
Meu Frei João da minha alma,
Se estou c'o meu filho ao peito
E meu marido á ilharga.
— « Dize-me tu, mulher minha,
A quem dás as tuas falas?
« E' ao moço da padeira,
Que vem saber se amassava;
Se o pão era de leite
Que lhe não deitasse eu agoa.
— « Ergue-te d'aí, mulher minha,
Vae reger a tua casa,
Manda os cativos á lenha,
Manda os criados á agua ;
Para mais descanço vosso
Vos irei varrer a casa.
« Erguei-vos d'aí, homem meu,
Chamae os cães, ide á caça,
Que o mais certo coelho
E' esse da madrugada,
Que não ha caça mais certa
Do que a da madrugada.

Assim que elle caminhou,
Ella toda se arreiara,
Com sua saia de seda
Pela cidade arrastava,
Com sua capinha nova,
Seu nó de fita rosada,
Com seu chapeu na cabeça
Que o seu ouro lhe abanava.

Chegára á portaria
Por Frei João perguntára?
Frei João que tal ouviu,
Se havia correr saltava;
Pegára-lhe pela mão
Levara-a p'ra sua sala,
Com galinhas e capões
Nada de comer faltava...
Déra-lhe pão e vinho
Do que a sua Ordem dava;
Comprou-lhe saia de seda
De cem mil reis cada vara.

Ao saír da portaria
Seu marido encontrára:

— « D'onde vens tu, mulher minha,
Que vens tanto arreiada?
« Venho de ouvir missa nova,
Que venho bem regalada.
— « Qual foi o padre que a disse,
Qual foi o que a cantou?
« Foi Frei João da minha alma,
Que tão bem me regalou.
— « Quem me te dera, mulher,
N'uma fogueira queimada,
Com cem carradas de lenha,
Todas cem t'eu atiçara.
« Quem me te dera, bem meu,
N'umas meias laranjadas,
Todas lavradas em sangue
Com duas mil adagadas.

79

Frei João

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Erguera-se Frei João
Uma manhã de geada
Penteando o seu cabello
Tocando sua guitarra,
Foi á porta da Morena,
Da Morena mal casada:

— Abre-me a porta, Morena,
Que estou c'o pé na geada,
Se me não abres a porta
Não és Morena, nem nada.
« Como te posso abrir,
Frei João da minha alma,
Se eu tenho um filho ao peito
E meu marido á ilharga.
— « Dizei-me minha mulher,
A quem daes as vossas falas?
« Dou á filha da padeira,
Que me veiu perguntar:
Se amassava pão de milho
Que lhe deitasse pouca agua,
Se amassava pão de trigo
Qualquer gotinha bastava.

— « Levantae-vos, oh mulher,
Arranjae a vossa casa,
Chamae as vossas criadas
Para vos vir ajudar.

« Levantae-vos, homem meu,
Ide p'ra caça caçar,
Que a caça da manhã,
E' mais certa que a da tarde.

Seu marido caminhando,
A Morena se aceára,
Calçára meia de seda
Que na perna lhe estalava,
O seu vestido de seda
Que no corpo desbancava;
O seu lencinho de seda
Que o ventinho lhe abanava;
Chegou ao portão dos frades
Por Frei João perguntára?
Frei João que tal ouviu
Se havia correr saltava;
Pegara-lhe pela mão
Levara-a p'ra sua sala,
Deu-lhe um copinho de vinho,
Talhada de marmelada,
Deu-lhe um vestido de seda
De cem mil reis cada vara;
Chegou ao meio do caminho
Seu marido encontrára:

— « D'onde vindes, mulher minh
Que vindes tão arreiada?
« Venho de ouvir missa nova,
D'isso venho regalada.
— « Qual foi o padre que a disse,
Quem foi o que a cantou?
« Foi o padre Frei João
Que muito me regalou.

— « Deixae estar, mulher minha,
Temos contas para ajustar.
« Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar;
Importa-me os meus filhinhos
Que me ficam por criar.
— « Não te importes c'os teus filhos,
Que outra mãe lhe heide dar.
« Não se me dá de morrer
Que eu nasci para acabar,
Dá-se-me da triste conta
Que a Deos tenho para dar.
— « Pega lá uma facada
Do lado do coração,
P'ra teu não tornar a vèr
Em braços de Frei João.

« Se vires a Frei João,
Dizei-lhe que digo eu,
Que não ponha chapéo pardo,
Que a Morena já morreu.

79

Xacara da Confissão do Pastor

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'AREIAS)

— Meu padre cura, que eu resar não sei,
Fui á confissão, não me confessei!
« Não te confessaste onde não hasde ir,
E's um penitente, Deos ha-te acudir.
— Deos ha-me acudir, não o sei dizer,

Que me não ensina que lhe heide fazer.
« Que lhe hades fazer, dizes muito bem;
Dize-me, pastor, dize d'onde vens.
— Oh meu padre eu venho c'o suór em bica,
Tudo me ensinaram, eu nada me fica.
« Não te fica nada, o teu corpo sente,
Já me está mentindo este penitente;
Este penitente eu vou desculpando,
Tu d'hoje em diante já has-de ir resando.
— Já heide ir resando, palavra me déstes.
« O que tu querias, é safar-te d'esta.
— Safar-me d'esta, bem dizia eu;
Padre como este ainda cá não veiu.
« Ainda cá não veiu tão bonito caso!
Dize-me, pastor, o mal que t'eu faço.
— O mal que me fazes não é nada bom,
Confessar ao padre, direi que é bem bom.
« Dirás que é bem bom, cabeça de vento,
Confessar as freiras dentro do convento.
— Dentro do convento faço sentinella,
Meia noute á noute eu durmo com ella.
« Dorme com ella ninguem te acoite,
Dize-me, pastor, que fazes á noite.
— Meu padre cura, são cousas sem dono,
Deito-me na cama porque tenho somno.
« Isso não é somno, é grande priguiça,
Dize-me, pastor, se assistes á missa.
— Oh meu padre cura, qu'eu não te engano,
Assisto á missa uma vez no anno;
Uma vez no anno porque sou pastor,
Eu vigiu o gado, que é do meu amor.
« Ajoelha, pastor, dize a confissão.
— Frechada de leite, dentada de pão.

80

Xacara da Vida da Freira

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Já não ha, nem pode haver
Uma vida tão penosa!
Sendo eu a mais formosa,
Me encerraram, me encerraram.

A meu pae aconselharam
Que me não désse o meu dote,
Que era a minha melhor sorte
O ser freira, o ser freira.

Meu dote não é ser freira,
O meu dote é o casar;
Que meu pae se aconselhou
Com a gente do Faial.

O meu dote é casar,
O meu dote não é freira;
Que meu pae aconselhou-se
Com a gente da Madeira.

Avisaram a Rodeira,
E juntamente a Abbadessa,
Que me metesse em cabeça
Que casaria, que casaria.

Eu como tolinha cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia, casar podia.

Cuidando que assim seria,
Que depois de professar
Inda podia casar,
Caí no laço, caí no laço.

Agora que aqui me acho
Metida n'esta clausura,
Parece-me noite escura
O meio dia, o meio dia.

Já não tenho alegria,
Que alegria posso ter;
Lembrar-me eu que heide ir comer
Ao refeitorio, ao refeitorio.

A' sombra do dormitorio
Onde dormem outras madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós, cá entre nós.

Cuidar que dormimos sós
Nos causa grande agonia,
Sempre toda a noite fria
Me alevanto, me alevanto.

Acordo, faço o meu pranto
Toda me lavo em choro,
Em ouvir tocar ao coro
E ás matinas, e ás matinas.

Resando resas divinas
Lá por certos corredores,
Me lembram os meus amores
Por quem morro, por quem morro.

Toda a minha cella corro,
Vejo-me ao meu espelho;
Vejo o meu rosto já velho.
Malfadada! malfadada.

O regalo da casada
E' lograr os seus amores,
De continuo os seus favores;
Mas eu nada, mas eu nada.

Antes ser mulher casada
De noite embalar meninos,
Do que ser freira professa
Afinar orgão, tocar os sinos.

Meus paes, que Deos lá tem,
Deos lhes dê contentamento;
Deixaram em testamento
Que me casassem.

Se me não cazassem bem
Que gritasse em altas vozes,
E que arrenegasse da casa
Que não tem homens.

82

Xacara do Galante

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Foi-se o galantinho
Rondar pela vida;
Eu fui-me atraz d'elle
A vêr para onde ia,
Eu vi-o entrar
P'ra casa da amiga;
Beijos que lhe dava
Na rua se ouviam,
Abraços lhe dava
Que os ossos rangiam;
Voltei para casa
Mais triste que o que ía,
Fechei minha porta
Melhor não podia.
Era meia noite
Galante não vinha,
Os gallos cantavam
Galante batia.

— Abre-me essa porta,
Abre lá mi vida,
Que eu venho cançado
De rondar na vida.
« Mentes Dom velhaco,
Mentes meu marido;
Se tu vens cansado
E' de casa da amiga,

Beijos que lhe davas
Na rua se ouviam,
Abraços que davas
Ossos lhe rangiam.
— Abre-me essa porta,
Abre lá que chove,
Que a capa é curta
Não me encobre.
Já os canarinhos
Pelas faias cantam,
Já os meus visinhos
Por aqui se levantam,
Já os estudantes
Vão pr'os seus estudos;
Com meias de seda,
Calção de veludo,
Fivellas de prata,
Que desbancam tudo.

NOTAS E PARADIGMAS

CANCIONEIRO

I. A intuição popular nas cantigas: Ideas juridicas, Cosmographia e Botanica.
II. Medicina popular, orações e esconjuros.
III. Folia do Espirito Santo, e Imperio dos Nobres.
IV. O Santo Antonio no Cancioneiro hespanhol.

I. O que mais admira e surprehende na poesia popular, quando a estudamos pelo lado historico, são as reminiscencias profundas de costumes antigos hoje totalmente obliterados. Os romances colhidos da tradição oral estão em um accordo completo com o direito consuetudinario dos *Foraes*. Nas cantigas, visivelmente mais modernas, tornase maravilhosa a analogia:

> Heide *atar o meu cabello*,
> E viral-o para traz,
> Com uma fitinha vermelha
> Que me deu o meu rapàz.

Quem não vê n'esta quadra esse costume juridico a que alludem os Foraes portuguezes na phrase *mancipia in capillo?* «No Foral da Ponte do Sôr, dado por Dom Sancho II em 1225, esta

*

belecendo as penas do que faz violencia a uma mulher, distingue-se *si fuerit mancipia in capillo, aut cum touca.* Os cabellos soltos eram signal da mulher solteira, e que ainda estava sob o poder paternal; os *cabellos atados* eram symbolo da submissão matrimonial; e os cabellos curtos, *aut cum touca,* como diz o Foral, designavam a viuvez [1].» Nas cantigas do continente encontrámos esta mesma reminiscencia: é um namorado que fala de casamento muito por alto, e com certa malicia:

Menina, *ate* o cabello,
Que *atado* fica-lhe bem...

Quando a alma do povo se sente desolada, gera os prophetas. Elle tem a intuição das grandes verdades, como Dante e como Seneca, quando annunciavam no ardor da inspiração o polo do norte e as quatro estrellas do sul. O povo diz:

Coração bom para amar
De certo não se acha um;
Corra-se o mundo á roda.
Como o meu não ha nenhum.

D'onde lhe viria esta idea da circumducção da terra, quando se obstina a não se convencer das mais claras demonstrações da rotundidade do orbe. E' a verdade inconsciente, que lhe irrompe dos labios. Ignora os processos do calculo mathematico, e annuncia a possibilidade de medir o globo:

Diga-me, oh senhor piloto
Que do mar sabe a lição,
Diga-me *do norte a sul*
Quantas leguas do mar são?

1 Vid. Historia do Direito portugez, Parte I, cap. IV, p. 59.

O povo não conhece a sexualidade das plantas, não caracterisa as cryptogamicas de Linneu, mas a paixão d'alma leva-o a tocar a natureza como ella é:

A flor do manjaricão
Não abre senão de noute,
Para não dar a saber
Os seus amores a outrem.

Algumas d'estas observações foram lembradas pelo sabio collector insulano o snr. João Teixeira Soares, dotado de um sentimento profundo do genio do povo e fervoroso admirador da sua naturalidade e verdade.

Nas cantigas açorianas reflecte-se a rivalidade que se dá de ilha a ilha. São como visinhas da porta, abocanham-se e alcunham-se; aos habitantes da ilha de Santa Maria chamam *cagarros;* aos de Sam Miguel *unha na palma;* aos da Terceira *rabos-tortos:*

Sam Miguel *unha na palma,*
Terceira *faca sem ponta,*
Pico, Fayal, Graciosa,
Tudo vae na mesma conta.

A phrase *unha na palma* no seculo XVI não tinha ainda o sentido mau que lhe damos hoje; significava força de pulso e não ladroeira. A tradição da valentia e destreza dos habitantes da ilha de Sam Miguel, conhecida no continente, d'onde iam varios athletas desafial-os, ainda hoje se propaga nos cantos populares. Gaspar Fructuoso, no livro das *Saudades da Terra,* capitulo 60 até 64, appresenta alguns casos bastante curiosos, que Cordeiro resumiu na *Historia Insulana,* cap. XIX, pag. 215. De um Antonio de Sá,

que se afamou nas guerras de Africa, se lê que «sobre as duas *palmas* das mãos levantava dous homens.» De um Belchior Baldaya conta Cordeiro: «A mais grossa ferradura quebrava entre as mãos, em cujas *palmas* pondo dous homens os levava como pellas vinte passos». [1]

Os grandes desastres das convulsões volcanicas, ainda hoje são lembrados nos cantos populares açorianos. O terremoto de Villa Franca do Campo de 1522, foi historiado em um romance anonymo, conservado por Gaspar Fructuoso. Nas cantigas soltas ainda se diz:

Oh ilha de Sam Miguel,
Quanta desgraça lá vae!
Tanta mulher sem marido,
Tanta criança sem pae.

II. O povo tem por medecina especial as orações de quebranto. A velha oração a Santa Apollonia, contra a dor de dentes, que já no seculo XIV a *Celestina* recitava, lá se encontra na ilha de Sam Jorge, ainda inteira na sua veneranda antiguidade. Os documentos explicam este capitulo.

Em uma sentença do Santo Officio se enumera o poder de uma feiticeira, chamada Maria Antonia, a qual «sem saber lêr, nem escrever, nem aprender sciencia alguma, curava todo o genero de enfermidade de quaesquer pessoas ou animaes que se lhe offereciam, lançando dos corpos de outras endemoninhadas espiritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre os casados, levantava os queixos da bocca aos que lhe cahiam, e fazia parir com bom sucesso as mulheres pejadas; ob-

1 Pag. 218, Liv. v, Cap. xiv, da *Hist. Ins.*

servando para os effeitos das ditas cousas especialmente as quartas e sextas feiras da semana por as ter mais proporcionados para os fins que procurava; usando para elles sómente de *palavras, orações, benção, agua benta, terra de adro, de nove hervas, de cruzes* que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma cousa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes nove vezes uma *quarta de agoa,* a fim de vasadas as outo a nona servisse para remedio dos ditos males. Para a cura das quaes primeiro estremecia e se esperguiçava e fazia visagens com a bocca cobrindo-a. Dizia que ella tomava os males e ar dos ditos enfermos, aos quaes mandava que passassem por pontes escuras para traz. Dava cartas, a que chamava de tocar para fins torpes e deshonestos, mandando-as metter primeiro escondidamente debaixo da pedra de Ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma mesa de tres pés para cima, pondo em cada um sua véla, ou candeia accesa, e no meio uma imagem de S. Arasmo, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava *pintãos,* os quaes logo visivelmete lhe appareciam negros, e os consultava para saber d'elles como havia de fazer as ditas curas, e dada a resposta, desappareciam.» (*Mem.* do seculo XVIII.)

III. O povo parodía, com a mesma audacia da edade media, as orações religiosas, fazendo uma *farciture* de amor dos Cinco sentidos, da oração dos Dez mandamentos e dos Sacramentos; é o instincto revolucionario que introduziu no canon da missa a canção da *Bella Alix.* A oração antiquissima, traduzida por el-rei Dom Duarte,

do *Justo Juiz*, ainda se repete nas ilhas, quasi com os mesmos versos, senão com a mesma crença.

As festas do *Espirito Santo*, de origem aristocratica, quasi completamente esquecidas no Reino, ainda estão no seu fervor primitivo nas ilhas dos Açores, e conservam o nome historico de *Imperio dos Nobres*.

Nos Apontamentos historicos de Coimbra, do snr. Ayres de Campos, veiu uma curiosa noticia do *Imperador de Eiras*, d'onde aproveitaremos bastantes subsidios. [1] Esta solemnidade foi estabelecida pela rainha Santa Isabel, mulher de Dom Diniz, na villa de Alemquer, e d'ali passou para os paços de Cintra, até que se alargou a todas as povoações, como se pode vêr nas Chronicas de Frei Manoel da Esperança [2], e Dom Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto. [3] A origem da festa do Espirito Santo, em Eiras, acha-se descripta pelo Dr. Fabião Soares de Paredes, vigario da freguezia em 1734; e do manuscripto da junta da Parochia, intitulado *Rol dos confessados da Freguezia de Sam Thiago da Villa de Eiras*, tirou o snr. Ayres de Campos o seguinte extracto: « Consta por tradição antiquissima entre os moradores d'esta villa, que sendo combatida da peste a comarca de Coimbra, todos elles com o seu parocho entraram a fazer gravissimas deprecações ao Divino Espirito Santo para que os livrasse de tão grande estrago; e como quer que ficassem singularmente livres, logo fizeram voto ou promessa de em todos os annos elegerem um homem dos melhores do povo, a quem os mais

1 Instituto de Coimbra, vol. XII, pag. 43.
2 Historia Seraphica, P. I, L. I, C. XXXVII, e P. II, L. IX, C. XVII.
3 Historia da Vida, morte e milagres, consideração, etc. 194.

haviam de tributar offertas dos seus fructos, para que com o nome de *Imperador* do Espirito Santo, festejasse ao mesmo Divino nos dias da Paschoa, da Ressurreição e Pentecostes, etc.» A discripção é extensa e curiosissima, e em nada discrepa com os usos dos Açores. A origem das festas do Espirito Santo em muitos pontos dos Açores proveiu do conflicto da peste, e Cordeiro conta o *milagre da Pombinha*, d'onde nasceu o *Imperio dos Nobres* de Ponta Delgada. Muitas Constituições dos Bispados e Cartas Pastoraes combateram esta festa que se tornava popular, mas nada conseguiram. O Padre Manoel Fernandes [1], explica a presistencia da festa, porque « cae n'aquelle tempo do anno o mais faminto, e particularmente em terras menos populosas, fica esta devassam reparando muito da penuria do tempo e alegrando a gente pobre em aquelle modo de festa.» Em uma nota que acompanhava as cantigas da *Folia do Espirito Santo*, dizia o snr. João Teixeira Soares: « A devoção com o Espirito Santo e as festas que hoje nos Açores em sua honra se celebram, tiveram origem no continente. Importaram-nas no archipelago os primeiros colonos. Foram ainda nos Açores em seu principio uma devoção e festividade toda aristocratica. João Soares d'Albergaria em Santa Maria, e João Vaz Corte Real em Angra, foram seus grandes devotos. Esta devoção teve nos primeiros tempos uma mais ampla esphera caritativa do que hoje; as irmandades sustentavam hospitaes e praticavam a assistencia domiciliaria. Foi sobre estas irmandades que assentaram as da Misericordia que ha nos Açores, con-

1 Alma Instruida, t. II, p. 914.

servando sempre annexa a primitiva instituição, que por ser sustentada pela classe nobre d'ellas, sempre o melhor da terra, se denominava o *Imperio dos Nobres.*

«Hoje são uma instituição eminentemente popular e a mais ruidosa dos Açores. Só com o volver de muitos seculos se poderá modificar, tão implantada está nos habitos e costumes populares.

«Lembro-me ter lido ha muitos annos em uma nota do *Passeio* de Costa e Silva, que este ainda conhecera a coroação e festividade do Espirito Santo, nas immediações de Lisboa.

«A folia compunha-se primitivamente de cinco foliões; hoje ordinariamente são quatro;—os instrumentos musicos de que usam são tambor e pandeiro. Em S. Miguel usam viola ou rebeca; um d'elles leva uma bandeira branca ou vermelha com insignia adequada, em pintura ou bordadura, etc.

«Antigamente nas cabeças dos Municipios eram as Camaras quem faziam a nomeação dos foliões, constrangendo-os até com prisão ao exercicio do cargo; e isto pela rasão de que ellas tambem se serviam de folia nas festividades religiosas que tinham a seu cuidado!

«O Cancioneiro da *Folia* tem pouco de privativo, recorrendo quasi constantemente os foliões ao cancioneiro geral.

«Os foliões tem de mencionar em cantigas especiaes cada um dos manjares que vem á mesa; e no fim tem de adivinhar os objectos que vem cobertos, o que de ordinario é objecto de longo processo. Remetto este cancioneiro mais para desengano dos que o suppõem rico (o que tambem suppuz em algum tempo) do que pela sua importancia».

IV. Das devoções populares a mais viva e poetica é a de Santo Antonio, que, desde os primeiros seculos da monarchia até hoje, tem dado que fazer aos cancioneiros, romanceiros e legendarios portuguezes, hespanhoes e italianos. No *Cancioneiro español*, de D. Emilio Lafuente y Alcantara, ha pouco fallecido, vem muitas e engraçadas seguidilhas ao patrono do casamento das novas:

A' San Antonio le pido
Que me dé conformidad,
Que los bienes de este mundo
Dios los quita y Dios los da.

Qué tienes com San Antonio
Que tanto te acuerdas de él?
— San Antonio está en el cielo,
Quien estiviera con él.

San Antonio está en el cielo
Eso no lo ignoro yo,
Y tambien está en la tierra
La Antonia que adoro yo.

La estampa de San Antonio
Siempre la llevo en el pecho,
Cuando me acuerdo de Antonio
Saco la estampa, y la beso.

San Antonio lleva el nino,
Santo Domingo la estrella,
Y sam Juan lleva la palma:
Entiénda-me quien me entienda.

Tan impossibile lo hallo
El duvidar tu carino,
Çomo llegar á quitarle
Á San Antonio su nino.

Ni mi padre, ni tu madre,
Ní San Antonio bendito
Me pueden a mi quitar
Que yo te quiera un poquito

Aunque me digan de ti
Lo que dicen do demonio,
Yo te tengo de querer
Carita de San Antonio.

San Antonio bemdito,
Ramo de flores,
A las descoloridas
Dáles colores

La primera verbena
Que Dios envia,
Es la de San Antonio
De la florida.

De San Antonio vengo,
Antonia mia,
Solo de ver lo Santo
Tengo alegria.

Tiènes una carita
De San Antonio,
Y una condicioncita
Como un demonio.

ROMANCEIRO

1, 2, 3.—Romances da Filha do Rei de França. —O illustre collector insulano, o snr. João Teixeira Soares, remettendo-me essas tres versões, escreve: «Peço a v. conserve a estes romances a designação que tem de *Filha do Rei de França*, porque é a que o povo aqui lhe dá, e é na verdade preferivel á de *Infanta de França*. A palavra *Infanta*, na poesia popular, não significa filha de rei, mas simplesmente senhora de alta qualidade; e demais, terão as filhas do Rei de França a denominação de Infanta? Algumas das versões acima tambem me vieram com o titulo do *Caçador e a donzilla*, que bom será conservar.» Este romance é commum á poesia popular do Meio-Dia da Europa, como já provámos nas notas 10 e 11 do *Romanceiro geral*, p. 179 a 180. Agora ha a accrescentar, que desde o seculo XVII encontramos vestigios d'este romance na tradição portugueza, por isso que Dom Francisco Manoel de Mello no *Fidalgo Aprendiz* o cita n'aquella bella scena de

Gil Alcoforado cantando á janella da dama a quem galanteava. [1] Garrett quando fala d'este romance, phantasia á vontade. Diz: «A anecdota não está nos nossos costumes, nem dos nossos visinhos, nem siquer nos costumes das eras cavalheirescas [2].» E' porém certo que se encontra no *Nobiliario* esta mesma tradição na velha e ingenua prosa do seculo XIV; é a mimosa lenda de *Dom Inigo Guerra e da Dama pé de cabra,* que o snr. Alexandre Herculano desenvolveu nas suas *Lendas* e *Narrativas:*

«Este Dom Diego Lopez era muy boo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atemdendo quando verria o porco, ouvyo cantar muyta alta voz huma molher em çima de huma pena; e el foy pera lá e vioa seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorousse logo della muy fortemente e preguntoulhe quem era: e ella lhe disse que era huma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher d'alto linhagem que casaria com ella se ella quizesse, ca elle era senhor daquella terra toda: e ella lhe disse que o faria, se lhe prometesse que nunca se santificasse, e elle lhe outorgou, e ella foisse logo com elle» [3].

Todas as circumstancias do romance provam a a sua alta antiguidade e até a identidade com os primitivos costumes da Peninsula. Os versos:

Filha sou de um *malado,*
Da maior *malataria;*
O homem que a mim chegasse
Malato se tornaria.

1 Vid. *Floresta de Varios Romances,* introd. pag. XXXIX.
2 *Rom,* t. II, p. 31. Ed. 1851.
3 Livros de Linhagens, p. 258.

estão de accordo com a organisação social da sociedade moderna da Peninsula. Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no *Elucidario*, Antonio Caetano do Amaral, nas *Memorias da Academia*, P. 2, p. 149, João Pedro Ribeiro, nas *Dissertações Chronologicas*, t. II, p. 126 e o snr. Herculano na *Historia de Portugal*, t. IV, p. 480, nota 3.ª, dissertaram largamente sobre a intelligencia da palavra *malado*. Nenhum d'estes escriptores procurou no direito germanico as origens do direito consuetudinario portuguez, por isso não precisaram o valor juridico d'esta palavra.

Na *Historia do Direito portuguez* [1] dissemos que o *home-lige* corresponde ao estado de *malado*, e tinhamos equiparado antes [2] o *lite* ao *colono*. O profundo Guérard, na sua celebre introducção á *Polyptica de Irmion*, estabellece uma differença quasi insensivel entre o *colono* e o *lite*: ambos estão em um estado intermediario que os separa da liberdade, porém o *colono* estava ligado á terra, pertencia á gleba e não ao homem, e com o rendimento d'essa terra remia a pequena independencia que gosava; pelo contrario o *lite* ou *lige* estava na dependencia de um senhor que em troca das terras que lhe concedia, exigia prestações e serviços. Segundo outros o *lite* era propriamente o servo germanico, equiparado ao *colono*. Tal é a opinião de Laboulaye na *Histoire du Droit de propriété foncière en Occident*, p. 448: « Reparando para a affinidade da condição do *litus* com o *colonato*, affinidade tão estreita, que leva a fazer explicar a origem da instituição romana por imitação dos usos barbaros, — é facil de compre-

1 Pag. 16. — 2. Pag. 14.

hender como estas duas condições se confundiram; o nome de *lite* foi mais usado no Norte, o de *colono* no Meio Dia, mas a lei da tenencia foi pouco mais ou menos a mesma.» A palavra *Ome-lige* encontra-se empregada no nosso *Cancioneiro galleziano* do seculo XIII, conhecido com o nome de *Cancioneiro da Ajuda.* Ali se deve de emendar a strophe d'esta sorte, seguindo a indicação da rima:

Dizer vos quer' eu una ren, Senor,
Or sachaz que sempre ben quige,
Ya a min qu'oje soy votr' *ome-lige*. 1

Assim entendemos que a palavra *Malado* é uma corrupção natural da palavra *ome-lige,* que nada tem de forçado quando se conhecem tantos exemplos d'esta ordem nos documentos da edade media. *Ome-lige* ou *Ome-lite:* *'me-lide* e *ma-lado* ou *malato* como ainda se usa no romance popular. Insistimos n'estes pontos para mostrar a luz que se pode tirar da poesia do povo para a intelligencia do seu direito; tal foi o criterio descoberto por Jacob Grimm.

N'este romance tambem se encontra uma palavra antiquissima empregada no celebre fragmento da *Canção de Cava:*

Hua *atimaram* prasmada façanha.

Bluteau define este vocabulo, como emprehender e acabar, e tal é o sentido da dicção do povo:

Hontem se *atimaram* annos,
Hoje se *atima* o dia.

1 Edição de Lord Stuart, pag. 67, verso; na de Varnhagem, p. 145, n.º 140.

Na III variante d'este romance, quando a donzella perde o encantamento, acha-se ensanguentada:

Dos beiços da sua bocca
Sangue vermelho corria.

Ainda hoje, nas superstições das ilhas dos Açores, só se pode romper o encantamento fazendo sangue á pessoa infeitiçada; e tanto, que para fixar o dinheiro que se acha enterrado é necessario derramar algumas gotas de sangue do proprio descobridor, sob pena de converter-se o thesouro em carvão. Tambem os *lobis-homens* não podem vencer o seu fadario e deixar a vida vagabunda em quanto não acham quem lhes faça sangue. [1]

Na versão asturiana d'este romance, colligida por Amador de los Rios, que elle intitula *El caballero burlado,* a donzella não é encantada; ella está no monte, porque

Fiz puesta con mis hermanas
Cien vasos de plata fina,
De rondar con vos el monte
Volver con honra á la villa. [2]

Nos *Canti popolari del Piemonte,* (Fascicolo V, p. 178) o cavalheiro Nigra traz um romance bastante parecido com o portuguez. Du Puymaigre, nos *Chants populaires recuellis dans le Pays Messin,* (pag. 112,) publica duas versões d'este mesmo canto, em uma fórma visivelmente mais moderna, e accrescenta: «Sente-se a gente tentado a reconhecer n'estes romances uma origem franceza, quando lê esta velha canção normanda:»

1 Vide as *Superstições e prejuisos populares açorianos,* por F. M. Supico, no seu *Almanak do Archipelago dos Açores* para 1868, pag. 106 a 116.
2 Vid. *Hist. critica da Litteratura hespanhola,* t. VII, pag. 443.

— Eh! qui vous passera le bois
Dictes ma doulce amye?
Nous le passerons cette foi
Sans point de villenye.

Quant elle feust au bois si beau
D'aymer y la requise:

«Je suis la fille d'un *mezeau*,
De cela vous advise.
— De Dieu soit maudit le merdier
Qui la fille a nourrie!
Quant il ne la mest a mestier
On ne la faict en lieu bouter
Que homme n'en ayt envie!

Quant elle fut deshors du bois,
Elle se print à subzrire:

— Belle qui menez tel desgoys,
Dictes moy, qu'esse à dire?

Et respondit a basse voix:

«Je suys la fille d'un bourgeois
Le plus grand de la ville,
L'on doibt conard maudire.
— Femme je ne croiray d'un mois
Tant soit belle ou habille.

(*Viaux de Vires*, d'Olivier Basselin, p. 225).

4, 5, 6. — Romances da Sylvana. — A versão do romance de *Sylvana*, recolhida nas Ilhas, é muito mais simples do que as de Lisboa e Coimbra. A sua antiguidade prova-se com a allusão ao costume barbaro da desherdação da mulher:

— Que mulher é esta aqui,
Que tanto está enfadada?
«E' vossa filha Sylvana
Que a deixaes *desherdada*.

Sobre este costume, diz Michelet nas *Origines du Droit Français*, (p. 33): «A exclusão da herança ou, pelo menos, da terra salica, com que a mu-

lher é ferida nas leis barbaras, vigorou durante a edade media. Em muitas de nossas provincias a filha nada tem a esperar; ella é dotada com uma simples *capella de rosas;* muitas vezes, ainda tem menos, *uma noz*, como em Anjou e Maine.» No romance insulano o barão moribundo deixa á filha um *punhal de ouro*. Nas formulas lombardas, os esponsaes faziam-se pela *espada*, e pelo *guante:* «Por esta *espada* e por este guante eu te dou a minha filha por esposa.» Canciani, *Leges Barbarorum*, (t. II, p. 467). Segundo Tacito, o noivo é que trazia o dote á mulher, entre os Germanos; o velho barão desherdava a filha, mas deixando-lhe o *punhal de ouro* dava a entender no symbolismo heroico que procurasse o casamento, que era a sua riqueza. Os cantos populares portuguezes estão cheios de allusões juridicas, aonde florescem restos do symbolismo germanico:

Agora que a tua mãe,
Que te acabe de herdar.

Segundo o direito germanico, pertenciam ás filhas as joias das mães. Michelet, (*op. cit.* p. 65.) O romance de *Sylvana* é antiquissimo na tradição da Europa; pertence, segundo o nosso entender, ao seculo X, ao tempo dos contos de Fadas, por isso que este amor desnaturado de um pae por sua filha se encontra no conto de *Peau d'Ane*, recolhido pela primeira vez da tradição moderna por Perrault. Na historia apparecem factos similhantes. Jacob Grimm traz a seguinte lenda, recolhida da tradição oral, e encontrada tambem no *Gargantua:* «Mathilde, filha do Imperador Henrique III, era tão bella e tão graciosa, que seu pae concebeu por ella um violento amor. A me-

*

nina pediu a Deos, e rogou do imo de sua alma que a puzesse feia, para extinguir os desejos de seu pae; mas Deos não a ouviu. Então o espirito maligno lhe appareceu e offereceu-se, com a condição, que ella lhe pertenceria de mudar a inclinação e o amor do Imperador em raiva e colera. Mathilde consentiu, com a reserva, de que não caíria no seu poder, senão depois d'elle a encontrar adormecida trez noites a fio; e que se estivesse acordada, não teria nada que lhe exigir. Em vista d'isto, começou um magnifico bordado, e passou a noite a lavrar, com o que conseguiu estar acordada; tinha comsigo um cãosinho fiel, chamado *Queld* ou *Weld*, que ladrava, e lhe batia com o rabo logo que fechava os olhos e parecia ceder ao somno. Ora, como o diabo tivesse vindo todas as trez noites e a encontrasse sempre acordada, enfureceu-se; meteu-lhe as unhas na cara, achatou-lhe o nariz, rasgou-lhe a bocca até ás orelhas, e lhe vazou um olho. Quando seu pae viu o olho arrancado, a bocarra e o nariz amassado, passou-lhe toda a paixão que sentira, e o culpado amor deixou de o atormentar. Mathilde consagrou-se á vida religiosa, e em lembrança do cão, edificou uma abbadia, a que poz o nome de *Castello de Queld.*» *Tradições allem.* t. II, p. 217.

Nas duas ultimas versões da *Sylvana,* o povo descreve o Paraiso do mesmo modo que se acha na *Divina Comedia* de Dante:

Estava no céo a cantar
'Numa *Rosa encarnada.*

e tambem:

A minha alma está no céo,
Está n'uma *Rosa pintada.*

Confrontados estes versos da tradição popular com os admiraveis tercetos do vate florentino, torna-se para nós evidente a theoria de Aroux, que considera a *Divina Comedia* como a historia das luctas dos Albigenses, ou da França municipal contra a prepotencia da Egreja Romana e dos Barões feudaes. Essa lucta deu-se em todo o Meio Dia da Europa, e em Portugal tambem, não só pela existencia dos Templarios aqui, que eram os sectarios d'essa politica, senão tambem pelas continuas revoltas com que se alcançaram os Foraes. Como temos observado, a poesia popular está sempre em harmonia com o direito consuetadinario foraleiro. Eis os tercetos de Dante:

In forma dunque di *candida rosa*
Mi si mostrava la milizia santa,
Che nel suo sangue Cristo fece sposa.
Ma l'altra, que volando vede e canta
La gloria di colui, che l'innamora,
E la bontà che la fece cotanta;
Si come schiera d'api, che s'inflora
Una fiata, e d'altra si ritorna
Là, dove suo lavoro s'insapora,
Nel gran flor discendeva, che s'adorna
Di tante foglie, e quindi risaliva
Là, dove il suo amor sempre soggiorna.

Paradiso, canto XXXI.

A aproximação d'estes factos parecerá extraordinaria, mas a realidade existe. A novella de *Amadis de Gaula*, apesar de ser escripta em portuguez, é a historia da perseguição dos Albigenses, ou do partido democrata do seculo XII. Estas vagas allusões hoje achadas na poesia do povo já não tem sentido, mas ainda denotam a commoção primitiva.

O romance da *Delgadina*, que é a versão asturiana do romance portuguez da *Sylvana*, é tambem popular em Navarra, Rioja e Aragão, e na Serrania de Ronda. Na versão insulana os diabos

que vem arrebatar o pae de Sylvana são os *Garrazes:* na asturiana chamam-se *degorrios.*

Sobre o romance de *Sylvana* veja-se tambem a nota 12, no *Romanceiro geral,* p. 180.

7. — **Romance da Noiva Desertora** — E' pela segunda vez recolhido este romance do tempo das Cruzadas, mas agora mais simples, mais primitivo, em uma ilha dos Açores aonde a tradição não foi perturbada por novos successos. No *Romanceiro Geral,* (p. 172) já o comparámos com um canto da Grecia moderna. A noiva está prestes a casar-se, porque a tinham illudido com a falsa noticia da morte do primo. Esta scena parece uma *confarreatio* do casamento romano, em que o verdadeiro noivo apparece de repente e leva á força a noiva para sua casa. O povo conserva os costumes immemoriaes, mesmo sem lhes conhecer o sentido; portanto, estas aproximações nunca se devem julgar forçadas. A versão recolhida por Garrett, (Rom. t. III p. 108) tem o titulo de *Noiva arraiana,* posto, por ser *o logar da scena inquestionavelmente na raia do Algarve.* E' uma rasão á falta de outra melhor. O romance não pertence, como elle diz, ao tempo das nossas emprezas de Africa, por isso que se encontra tambem na Grecia moderna. Ora, pode-se concluir que todos os romances que ali se encontram, apparecendo entre qualquer povo da raça neo-latina, são do tempo das Cruzadas, e por tanto originarios da Provença. Temos bastantes vezes verificado este principio descoberto pelo cavalheiro Nigra. O romance de *Flora* parece uma versão mais moderna, ou, para melhor dizer, uma nova elaboração da *Noiva desertora.* Sobre a passagem das tradi-

ções do Occidente para o Oriente, é notavel este periodo de Chassang na *Histoire du Roman*, (pag. 438): «A quarta Cruzada teve consequencias profundas: os conquistadores estabeleceram na Grecia e na Morêa suas leis, costumes, e até a propria litteratura; muitos dos romances de cavalleria foram traduzidos ou imitados em grego moderno, e as mais illustres familias do imperio pensavam que ficariam mais honradas criando uma genealogia imaginaria, inscrevendo entre os seus antepassados os paladins francezes, os Roland e e os Olivier.» Pode vêr-se a auctoridade de Fauriel, nos *Cantos populares da Grecia*, (pref. p. 15) e sobre tudo a vasta e conscienciosa introducção de Du-Méril á edição do romance de *Flore et de Blanceflor*, d'onde Chassang tirou a sua asserção.

Esta situação em que o marido chega e encontra sua esposa prestes a casar-se, ou a sua prometida já nas festas da boda, é frequente na poesia popular de toda a Europa. No velho poema carlingiano *La Spagna*, Carlos Magno vem achar a sua esposa a casar-se com outro. Os romances carolinos hespanhoes e italianos não são affectos ao seu heroe. Nas *Observaciones sobre la poesia popular, Romancerillo catalan*, por Don Manuel Milá y Fontanals, (pag. 108,) vem o romance de um marido que volta da guerra depois de uma ausencia de sete annos; sabendo que a sua mulher está em poder de um mouro, veste-se de peregrino e rouba-a. Du Puymaigre, nos *Chants populaires du pays Messin*, traz um canto intitulado *Le retour du Mari*, em que algumas strophes apresentam a situação da *Noiva desertora*:

Tous les gens de la noce
M'y ont tous regardé.

— Oh! non, mon beau gendarme
Ne vous y trompez pas,
Notre belle mariée
Ne vous appartient pas.
— Je ne jouerai point aux cartes
Aux cartes ni aux dés;
Et si j'aurai la belle
Ce soir à mon coucher.

Pag. 20, n.º III.

8, 9.— Romances de Dom Pedro Françoilo.— O lindo romance de *Bernal-Francez*, foi encontrado na ilha de S. Jorge com o titulo de *Dom Pedro de França*, *Dom Pedro Françoilo*; Garrett diz que se não encontra nas collecções hespanholas, mas é inegavel que de lá nos veiu, apesar de que o povo criou novamente sobre o mesmo thema. França, ainda hoje, na imaginação popular é a capital das tradições; o povo não se engana no seu instincto: é da Provença que saíram os mais bellos cantos que ainda hoje circulam na Europa. No *Decameron* de Boccacio já se encontram equivocos como os d'este romance, mas em vez de ser no thalamo é no confessionario. O romance, posto que entre nós se vulgarisasse pelo seculo XVI, é mais antigo, como se deprehende dos versos:

Mandae chamar teus irmãos
Que te venham a *carpir*.

No tempo de Dom João I, uma postura da camara de Lisboa, de 1385, prohibia o uso das carpideiras. No romance da *Bella mal maridada* do *Cancioneiro d'Anvers*, tantas vezes glosado pelos Quinhentistas, ha situações identicas. Cumpre notar que a maior parte dos romances colligidos na edição de Anvers são do seculo XIV e XV. Veja-se sobre os paradigmas d'este romance a nota 13 do meu *Romanceiro geral*, (p. 184.)

No *Cancioneiro de Romances*, de Anvers, (pag. 289,) vem o romance da *Blanca Niña,* que appresenta tambem analogias capitaes com o *Bernal Francez,* ou *Dom Pedro Françoilo.* Du Méril nos Prolegomenos da *Historia da Poesia Scandinava,* diz que sobre o mesmo assumpto ha uma ballada dinamarqueza, (*Dauske Viser fra Middelalderen,* t. IV, p. 228, 362 e 363); uma ballada sueca (*Svenska Folk-Visor,* t. III, p. 107) e uma escossesa (*Scotish songs,* London, 1794, t. I, p. 231). A cada investigação se descobre cada vez mais evidentemente a unidade das tradições poeticas da edade media da Europa.

10.— Romance do Conde de Allemanha.— Recebemos quatro versões, todas da ilha de Sam Jorge; a lição de Ribeira de Areias era a mais antiga na linguagem; traz aquella praga de *Eira-má* tam usada nos Autos de Gil Vicente A lição de Rosaes terminava com o mesmo fecho do romance da *Sylvana,* d'onde se vê que os romances populares tendem a confundir-se, e que ha na memoria do povo um certo numero de versos *centões,* que servem para todos os romances. A versão da Beira era a mais original; apresentava o pedido da infanta, que queria um letreiro na sepultura do Conde, e que apontava o sitio aonde havia de ser enterrado. Na versão de Urzelina, a donzella chamava-se *Dona Claudina,* e aquellas partes dithyrambicas, em que a filha convida a rainha para vêr o saimento do Conde, são mais acintosas e extensas. A lição escolhida tem todas estas bellezas e é superior ás já publicadas no *Romanceiro geral,* n.º 29 e 30, aonde se lerá a notà a pag. 198.

11, 12.— Dom Varão — Donzella Guerreira.— Estes romances são dos mais frequentes na tradição popular; são todos compostos de partes dithyrambicas, nas quaes o narrador improvisa á vontade. As duas versões que apresentamos são notaveis pela graça pittoresca, e em tudo superiores ás lições do continente. Recebemos outras versões de Ribeira de Areias e de Santo Amaro, na ilha de Sam Jorge, mas nada tinham de aproveitavel, confrontadas com as duas escolhidas. No *Romanceiro geral* já apresentamos os estudos e paradigmas d'este romance, o primeiro que modernamente foi colligido em Portugal por Costa e Silva. O snr. João Teixeira Soares indica um facto da historia portugueza, muito popular, que talvez não pouco contribuisse para a vulgarisação d'este romance commum aos povos do Meio Dia da Europa. E' a historia da celebre Antonia Rodrigues, que militou e se distinguiu no Oriente como soldado, que se conta no *Theatro heroino* de Froes Perym, t. I, p. 54, e de que fala Duarte Nunes na *Descripção de Portugal*, cap. 89, pag. 346, edição de 1785.

D'este mesmo romance, colhido no Piemonte, diz o cavalheiro Nigra: « Qualunque ne sia l'origine, io penso che non altramente che dalla Provenza venne tresmesso alle due peninsole italica e iberica, passando poi colle prime crociate in Grecia e ne' paesi slavi.» *(Canti popolari del Piemonte*, Fascicolo III, p. 90.) Esta observação do cavalheiro Nigra torna-se justissima, á medida que os factos a corróboram. Os cavalleiros francezes ajudaram Affonso Henriques na conquista de Lisboa, quando iam pelo Mediterraneo á Terra Santa; o romance da *Donzella guerreira* não se encontra

nas antigas collecções hespanholas, circumstancia que mostra ser o romance uma tradição do litoral; na collecção do Conde de Marcellus dos *Cantos populares da Grecia moderna*, encontra-se uma versão: a *Partida do hospede*, em que a donzella se veste de guerreiro, (p. 143.) Tudo isto comprova a seguinte lei de tradição poetica descoberta por Nigra: « Questi canti romanzeschi comuni alle nazioni di razza latina, debbono, nel dubio, considerarsi como trasmessi e spesso originati dalla Provenza.» (Fascicolo II, p. 60.) Este romance é um dos mais vulgares do Meio Dia da Europa. Wolf publicou um canto veneziano, variante do romance piemontez, intitulado la *Figlia coragiosa*. (*Volkslieder aus Venetien*, gesammelt von Georg Widter heransgegeben von Adolf Wolf. Vien, 1864, p. 57, n.º 79.) Segundo as indicações de Wolf, este canto acha-se tambem colligido no *Boehmische Granaten*, t. I, p. 266; no *Slavische melodien*, p. 34, e no *Neugriescke Volkslieder*, p. 5.

Na poesia popular da França tambem se encontra a *Donzella guerreira;* não vae á guerra em logar do pae já velho, que tem de obedecer ao preito feudal de acudir ao seu monarcha, vae sim em busca de um amante. Nos *Chants populaires du pays Messin*, Du Puymaigre traz o seguinte romance:

La petite Claudine s'habille en garçon
C'est pour aller en ville, pour s'engager Dragon.
Le capitaine la regarde. — Tu es joli garçon,
Même tu n'as point de barbe, point de barbe au menton.
«Ah ! si je n'ai point de barbe, point de barbe au menton,
Ah si je n'ai point de barbe, j'ai un cœur de lion.
Le capitaine l'engage, l'engage dans les dragons.
La petite Claudine retrouva son mignon,
Son mignon qui la laisse em triste abandon.
Elle lui chercha querelle et tua son mignon,
On la prend, on l'emène jusque à la prison,
Elle se declare fille pour avoir son pardon.

N.º XXV, p. 73

Em muitos outros pontos da França este romance é cantado; é sempre uma donzella que vae servir na tropa para se encontrar de frente com o amante que a despresára. Não será isto uma tradição já totalmente obliterada, produzida pela confusão dos velhos romances *Donzella guerreira*, e *Donzella que se fina de amor?*

13, 14. — Donzella que se fina de amor — Rosal florido. — Que lindos, estes dois romances açorianos, comparados com o romance da *Promessa de Noivado*, colligido na Beira Baixa! (Rom. geral, n.º 15.) Nos *Chants populaires du Pays Messin*, encontram-se duas variantes mais simples e modernas, que ajudam a seguir o veio da tradição:

LA FEMME ABANDONÉE

Mon amant s'est engagé
Pour aller dans la Flandre;
N'ai-je pas sujet de pleurer
Mon ami qui s'est engagé?
Je cours en bas, je monte em haut
Dans ma plus haute chambre,
Je ne vois rien venir
Qu' un messager de Flandre.
— Messager, bon messager,
Quelle nouvelle dans la Flandre?
« Les nouvelles que j'apporte
Ne vous rendront pas contente.
Votre amant s'est marié
Avec une Flamande;
Elle n'est plus si riche que vous,
Mais elle est plus puissante.
Elle fait venir le soleil
A minuit dans sa chambre,
Elle fait buillir la marmite
Sans feu et sans rente.

N.º VII, p. 31.

N'esta mesma collecção se encontra outra variante intitulada *Petite Rosalie*, cujo titulo não

sei que analogia tem com *Rosal florido*, a donzella abandonada; tanto n'esta variante portugueza como na *Petite Rosalie*, ella vae encontrar o amante já casado e com filhos. Na poesia das Asturias, do Piemonte e da Inglaterra ha bastantes analogias com este romance insulano, o mais puro e antigo que se tem conservado.

15, 16.— Romance de Helena.— Tambem foi encontrado na tradição oral das Asturias, pelo snr. Amador de los Rios, que o colligiu com o titulo de Romance de *Arbela* (Collec. n.º XXXI y XXXII). Na poesia popular da Catalunha tambem se encontra este mesmo romance, colhido por Milá y Fontanals, com o titulo *La vuelta de Don Guillermo*. (*Poesia popular*, p. 119.)

Tambem nos *Cantos populares da Provença* publicados por Damase Arbaud, existe esta mesma legenda com o titulo *Pourcheireto*. Na versão portugueza o assumpto já se não refere á realeza, mas sim á vida vulgar; na lição asturiana, vem:

Oh palacios, los palacios
Palacios de Valledale!
El rey mi padre vos fizo!
Quien fuera parir allae?

Alforgo, é o nome do marido cruel; o nosso povo chamou-lhe *Pedro*, talvez pela tradição do *Cruel* ou *Justiceiro*.

17, 18.— Romances de Joãosinho ou o Banido, Flores e Ventos. — Estes dois mimosos e ignorados romances merecem uma particular attenção dos philologos e eruditos. E' o unico documento da poesia popular portugueza em que encontramos

a antiga tradição germanica do *banido,* tantas vezes empregada na penalidade foraleira. Sustentem os escriptores academicos o que quizerem acerca da origem romana dos Foraes, que os factos comprovarão sempre a sua origem germanica. Eis o que tinhamos dito na *Historia do Direito portuguez,* (cap. IV, parte I, p. 52:) «A penalidade germanica do *banido* acha-se no nosso povo, tal como o *Wargus,* o sentenciado para quem o *tecto, lar e agua* estão interdictos nos Codigos Barbaros. O *Wargus* é comparado ao *lobo nocturno;* póde ser morto impunemente. No baixo povo a expressão de *lobis-homens* tem o mesmo sentido. No Foral da Ponte do Sôr encontra-se tambem a mesma penalidade severa do *banido,* o *Wargus* a quem se prohibe tecto, lar e agua: « A quem demandarem que omem a traysom lide et si caer, pectet mille morabitinos: et si non habuerit de que los pectet, faciant de illo iusticiam como de aleiuoso et de traditor: *Si los pectar exeat de sancta cruce pro aleiue, et de suo termino, et derribem suas cazas:* et per istam vocem vicinum ad vicinum det directum et non ad iudicem: etc.» No Foral de Freixo ha tambem a penalidade do *banido:* manda que se lhe derribem as casas, e que, ao espalhar-se sobre elle a voz de aleivoso e de traidor, os visinhos fiquem sobre elle com direito como de seus juizes. A interdicção do *tecto, lar* e *agua* encontra-se nas versões da ilha de Sam Jorge, bellas pela sua antiguidade, e como monumento de uma poesia que se extingue. Não é a primeira vez que encontramos a poesia do povo em accordo perfeito com o direito consuetudinario dos Foraes, principalmente quando o velho uso a que allude tem uma côr germanica. A perda do

estado de liberdade, era peior entre os povos da edade media do que a *capitis diminutio magna* dos romanos. O criminoso, que estava fóra da garantia civil era como o *lobo nocturno*, o bruto. No velho romance hespanhol de *Lanzarote del Lago*, se allude a esta metamorphose :

> Tres hijuelos habia el rey,
> Tres hijuelos que no mas ;
> Por *enojo*, que hubo d'ellos
> Todos malditos los ha.
> *El uno se tornó ciervo,*
> *El otro se torno can*, etc. 1

Não podemos deixar de transcrever aqui as illustractivas palavras do snr. João Teixeira Soares ácerca d'estas duas versões : « Eis aqui um romance de alto preço. Não podia ir parar a melhor mão do que ás de V. para lhe fazer um condigno commentario philologico e criminalistico. Eis aqui a philosophia popular precedendo Beccaria e seus discipulos ; ha ainda muito a percorrer para satisfazer as exigencias d'ella, as unicas verdadeiras no meu sentir. Eu não sei que se possa com mais eloquencia pintar as amarguras do exilio. Recolhi este romance ha doze annos ; não tomei nota do nome do tradicionalista, nem da freguezia. Agora debalde perguntei por elle. Ha dias, nas Vellas, uma rapariga interrogada ácerca d'elle respondeu-me com um fragmento de uma variante notavel, dizendo que o não recordara mais depois que ha annos o apprendeu, e por isso o não sabia todo. Hoje 24 de Novembro me prometteram da Beira esse fragmento completo, que se chama *Flores e Ventos*.» Estas palavras do sin-

1 Ochoa, *Tesoro de los Romanceros*, p. 14.

cero collector georgiense são o melhor commentario historico d'estas venerandas reliquias.

19, 20, 21. — Romance de Dona Branca, Dom Alberto, e Flor de Marilia. — Estas trez versões parecem uma sequencia dos romances de *Flores e Ventos*; foram pela primeira vez recolhidas da tradição portugueza na ilha de Sam Jorge, e lá existem desde a primitiva elaboração poetica dos povos da Peninsula. Na mais antiga collecção de Romances, hespanhoes, o *Cancionero de Romances* impresso em Anvers, vem lá o romance de *Blanca sois, señora mia*, que é em tudo similhante ás versões portuguezas. Qual será mais antigo na tradição, o hespanhol ou as lições portuguezas? A resposta a esta pergunta é nada menos do que uma grande descoberta: os romances portuguezes não são imitados, como se suppõe, dos cantares hespanhoes; foram elaborados ao mesmo tempo pelo genio da mesma raça a que os dois povos pertencem. Desde o seculo XV que se recolhem romances populares em Hespanha, e em Portugal só desde a ultima metade do seculo XIX; muitos thesouros da tradição poetica perderam-se cá, e pelo facto de apparecerem nas collecções hespanholas não se pode concluir que nos falte a invenção poetica. Quando encontramos romances antigos na tradição portugueza, os de que se acham paradigmas hespanhoes são sempre do seculo XVI, já recolhidos na collecção de Nucio; por isto se pode vêr a riqueza das nossas lições, a abundancia de variantes, e a diversidade de versões, ao passo que o collector hespanhol só appresenta uma lição contemporanea das nossas.

Os dois mil romances do Romanceiro hespanhol, não valem mais do que os nossos cem; aquelles,

tirando-lhes pouco mais de noventa, puramente *anonymos* e bellos, foram escriptos por litteratos conhecidos, que contrafizeram o gosto do povo, e porisso não podem ter o merito dos cem romances genuinos que ainda se repetem em Portugal. Nos primeiros trez volumes do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* duvidavamos da originalidade do nosso povo; agora sentimos o prazer de restituir ao povo portuguez a parte que lhe cabe na elaboração dos romanceiros da Peninsula.

Eis o citado romance da collecção de Anvers, para que se confronte com as lições que discutimos. Duran e Ochoa dizem que este romance, no seculo XVIII, ainda era popular em Hespanha:

«Blanca sois, senora mia
Mas que no el rayo del sol:
Si la dormirè esta noche
Desarmado y sin pavor?
Que siete anos habia, siete
Que no me desarmo, no?
Mas negras tengo mis carnes,
Que no un tiznado carbon.
— Dormidla, senor, dormidla,
Desarmado sin temor,
Que el Conde es ido á la caza
A los montes de Leon.
Rabia le mate los perros,
Y aguilas el su halcon,
Y del monte hasta casa
A él arrastre el moron.

Ellos en aquesto estando
Su marido que llegó:

= Qué haceis, la blanca nina,
Hija de padre traidor?
«Senor, peino mis cabellos,
Peinolos com gran dolor,
Que me dejais á mi sola
Y á los montes os vais vós.
= Esas palabras, la nina,
No eram sino traicion;
Cuyo es aquel caballo
Que allá bajo relinchó?
«Senor, era de mi padre,
Y enviólo para vós.

— Cuyas son aquellas armas
Que están en el corredor?
«Senor, eran de mi hermano,
Y hoy vos las envió.
— Cuyas es aquella lanza
Que desde aqui la veo yo?
«Tomadla, Conde, tomadla,
Matadme con ella vos,
Que aquesta muerte, buen Conde,
Bien os la merezco yo.

A tradição é a mesma entre os dois povos. Qual d'elles romanceou com mais graça e paixão? As versões portuguezas nada deixam a desejar em belleza e antiguidade.

22, 23 — Romances de Dom Aleixo. — Encontra-se ainda completo na tradição oral dos Açores. A cidade de Hungria, como logar da acção, está aqui substituindo Castella, alludida na versão da Foz, o que prova, pela antiguidade da lição insulana, que a lenda se formou fóra do territorio da Peninsula. Nos *Chants populaires recuellis dans le Pays Messin*, traz Du Puymaigre o romance da morte do *Duque de Maine*, que tem suas analogias com a lição presente. O cavalleiro, ferido de morte, pede para escrever:

Il demande une plume
De l'encre et du papier,
Pour écrire à son maître
Son roi, son allié. P. 184.

Dom Aleixo moribundo, diz:

Dae-me tinta e papel,
Oh minha escrivanaria...

Se os dois romances são filhos da mesma tradição, podemos assignar-lhe a sua formação pelo seculo xv; por isso que, segundo Du Puymaigre, se refere á morte de Carlos d'Anjou, conde de Mai-

ne, sobrinho do bom rei René, morto em 1481. — Estas versões insulanas são devidas a Maria Ignacia da Silveira, sympathica e intelligente moça dos Rosaes, que de boa vontade communicou muitos romances de que tinha conhecimento, investigou e decorou outros muitos, que enriquecem a presente collecção.

24, 25 — Romances de Caralinda. — Um resto dos costumes primitivos se descobre ainda n'este romance. Segundo o *Codigo Wisigothico*, L. III, Tit. II, c. II, a mulher livre que se abandonava ao servo tinha pena de fogo. Esta versão é uma variante do bem conhecido romance de *Dom Claros d'Alem-mar*; a amante vae a queimar, por não saberem que o filho que ella traz no seu ventre é de sangue real. (Veja-se o *Romanceiro geral portuguez*, pp. 83 e 198). Acceitamos a opinião de Depping, attribuindo este romance ao cyclo de Carlos Magno. Nas tradições da Italia e de Hespanha Carlos Magno é representado como um typo ridiculo e cobarde. Antonio de Esclava, nos *Amores de Milon y Aglante*, retrata-o como tyranno de suas irmãs e filhas. Bertha, irmã do imperador, acha-se gravida, e elle, *segundo a lei*, a manda queimar; o amante a vem libertar do fogo e leva-a comsigo.

Assim se vão apagando as tradições, e d'este cyclo resta-nos apenas o *Dom Carlos d'Alem-mar*. No romance de *Dona Ausenda* (Garrett, t. II, p. 172) ha as mesmas situações, mas esse pertence ao cyclo da Tavola Redonda, como se descobre pelo *maravilhoso* da *erva fadada*. No seculo XVII, este romance do *Conde Claros* tinha abandonado completamente os *pliegos sueltos*, e absorvera-se

na tradição do baixo povo. A este facto allude Don Francisco de Quevedo, na *Musa* VI, p. 455:

El *Conde Claros*, que fue
Titulo de las guitarras,
Se quedó en las barberias,
Con chaconas de la gala.

O romance do *Conde Claros* considerado *velho* já no seculo XVI, foi recolhido por Salinas e por elle posto em musica, bem como o romance de *Retraida está la Infanta*, L. v. p. 342 e 348.

26, 27, — Romances da Condessa. — Apparece aqui pela primeira vez este romance colligido da tradição oral dos Açores. Não tem referencia a facto algum da historia; as situações que apresenta lembram o *Conde de Allemanha*, o *Conde Niño* do cyclo da Tavola Redonda, o *Dom Garfos* e *Dom Claros d'Alem-mar*, do cyclo carlingiano. O povo confundindo os lances produz romances novos. Não se acha nas collecções hespanholas. A mãe, que vem vingar o filho e pedir conta d'elle ao rei, tem a grandeza das creações do *Niebelungen*, a energia d'aquellas mulheres que afrontavam destemidas os maiores guerreiros, como Bruhnild; esta não é a mulher feudal, a *Griselidis* submissa, é a mulher como o coração a fez, bella como um seraphim de Klopstock, terrivel como um diabo de Milton. (Diderot.)

28 — Romance de Dom Pedro Menino. — Quando se recolhe um romance da tradição oral é preciso conservar o nome que o povo lhe dá. O romance do *Conde Nillo*, publicado por Garrett, que o julgava francez, provençal e normando,

(t. III, p. 7) recolhido novamente em Bragança com o titulo de *Conde Niño*, trouxe um nome que descobriu o mysterio da sua origem. (*Romanceiro Geral*, p. 185, nota 14). Os amores do *Conde Niño*, como os conta o romance, acham-se na *Chronica do Conde Dom Pedro Niño* de Gutierre Diez de Games; a sua amada era Dona Beatriz, filha do Infante Dom João, e neta de Dona Inez de Castro. Este romance, colhido na tradição da Ilha de Sam Jorge, com o titulo de *Dom Pedro Menino*, vem confirmar de um modo mais absoluto a verdade do que tinhamos provado nas notas ao *Conde Niño;* esta versão parece-nos mais proxima ainda da realidade historica, por isso que, sumida nos Açores, não assimilou a si o episodio do romance de *Tristão e Yseult,* em que das sepulturas dos amantes nascem arvores d'onde corre leite e sangue, quando o rei as mandou cortar. E' difficil destrinçar todos os elementos da tradição, mas o trabalho tudo consegue. Este romance, já desconhecido no continente, continua a repetir-se nas ilhas. Garrett falou verdade quando disse, que sómente se encontra «na provincia de Traz-os-Montes e nas ilhas dos Açores.»

29 —**Romance do Conde Yano.** —A versão que appresentamos é de Ribeira d'Areia; tem uma originalidade e traços pittorescos não conhecidos. Bem se vê que ali está ainda em elaboração a poesia, por isso que da pequena circumstancia por onde Sylvana começa a accusar o pae, sae esta fusão do romance do *Conde Yano*; tambem as lições da Beira-Baixa e do Porto começam com a abertura do romance da *Sylvana*, o que revela a tendencia que os dois romances têm para se fundirem. O

snr. João Teixeira Soares descreve-nos o logar de Ribeira de Areia como: «uma pequena povoação na vertente norte da ilha de Sam Jorge, no extremo do concelho das Vellas a confinar com o da Calheta. E' uma das mais antigas povoações da ilha. E' notavel a elaboração que ali soffre a poesia popular. As mais das vezes, porem, os romances apparecem obliterados e confundidos, outros, com uma completa modificação na idèa ou na forma. D'este ponto resultaram para a presente collecção versões e variantes curiosas, como V. deve de ter advertido. Muitas vezes tivemos de desprezar as versões pela sua grande adulteração. Ainda que receiamos a rejeição da nossa versão do *Conde Yano,* sempre a offerecemos em prova do que dizemos.» Recebemos mais trez versões do *Conde Yano*, bellas e antigas, mas tão conformes com a lição da Beira-Baixa, que as rejeitámos por isso. Basta-nos esta advertencia para as supprir. A versão de Ribeira d'Areia é superior a todas as que temos recolhido. Diz mais o nosso digno collector: «*Conde Yano* é a denominação mais geral d'este romance aqui. Em Rosaes chamam-lhe *Conde Delpho,* e *Conde Dalvos* na Ribeira de Nabo.» Sobre as origens d'este romance importa vêr a nota 27 e 28 do *Romanceiro Geral.*

O *Conde Yano,* na collecção dos Romances asturianos do snr. Amador de los Rios, é o n.° XXXVI; diz elle que nas regiões orientaes da Peninsula se chama *El Conde Flores.* (Hist. crit. p. 454.)

30, 31 — Romances de Generaldo. — Tambem nas ilhas dos Açores se cantam os romances do pagem ditoso de Carlos Magno; os romances de *Gerinaldo* tem a particularidade de serem para o

povo a mnemónica da musica ou toada dos outros cantares. A versão da ilha de Sam Jorge termina com a idêa, verdadeiramente feudal, da distinção á mesa. Grande parte dos desafios na edade media faziam-se com a quebra dos rigores da pragmatica nos banquetes. Carlos Magno para elevar o pagem a seu genro senta-o comsigo á mesa. E lê-se nos livros de historia que não conhecêmos a sociedade feudal! A lenda de *Eghinart*, ou *Gerinaldo*, anda escripta tambem em prosa em um livro de contos intitulado: *Hora de recreyo nas ferias de mayores estudos e oppressão de maiores cuidados*, a p. 35, Centuria III, n.° 61. Vide a extensa nota do *Rom. Ger.* n.° 6, p. 167.

32, 33, 34 — Romances da Filha Maria. — As tres mimosas versões da Ilha de Sam Jorge são uma transformação da lenda dos amores de *Pedro Niño*, com a tradição do *Dom Duardos* de Gil Vicente. Todas ellas conservam essa pincelada caracteristica do romance de *Tristão e Leonis*, do antigo *Cancionero de Romances* de Anvers:

Ferido está Dom Tristão
De mal ferida lançada;
Dera-lh'a el-rei seu tio
Com zellos que d'elle andava.
O ferro tem na ferida
De fresco que ainda vibrava;
Foi vel-o a rainha Ausêa
Por sua desdita má;
Juntaram bocca com bocca,
Como pombas cazaladas;
Chora um e chora outro
Que a relva deixam molhada,
D'onde nasce um arvoredo,
Açucenas se chamavam,

. . . .

. . . .

Nos *Cantos populares do Norte* de Xavier Marmier, ha tambem a situação de uma donzella lançada ao mar. As tres versões que publicamos todas mutuamente se completam e desenvolvem.

35, 36 —Romances de Flora, e de Lisarda.— Remettendo algumas variantes d'este bello e um pouco aprimorado romance, diz-nos o snr. João Teixeira Soares: « Do proprio romance consta que o primo de Flora se chama Felix. De uma copia manuscripta consta pelas rubricas ser o pae Conde, e o amante, com quem veiu a ficar, Anteaque e Entheor, e seu pae Anacleto. Seria este romance já impresso em *folha volante?* Sempre d'elle tive esta desconfiança. E' vulgar, mas anda auxiliado na tradição por copias manuscriptas. Cento e outenta versos é muita extensão para romance inteiramente popular.» Todas estas considerações são judiciosissimas ; o facto de ainda hoje se encontrarem copias d'este romance, vem em parte comprovar a asserção de Don Pascual de Gayangos e Don Henrique de Vedia, sustentando que os romances populares do seculo XIV e XV antes de andarem em *pliegos sueltos*, primeiro se vulgarisaram por *copias manuscriptas*, como as palavras do editor da *Silva de varios romances* de 1550 dão a entender claramente. E' de crêr que não exista, ou nunca se imprimisse *folha volante* do romance de *Flora*, e que a copia manuscripta seja o indicio da sua primitiva lição jogralesca, d'onde o povo iria tirando as partes mais bellas e dramaticas, isto é, *abreviando-o*, como diria Walter Scott. No decurso do nosso trabalho de collecionação bastantes vezes encontrámos cadernos de uso popular.

O romance de *Lisarda*, é uma versão moderna do *Dom Duardos* de Gil Vicente, porém mais phantasiada e mais dramatica.

37, 38, 39, 40 — Romances da Nau Catherineta.— Ao passo que esta admiravel reliquia da poesia da navegação portugueza se vae obliterando no continente, parece tornar-se mais vividoura na tradição oral das ilhas dos Açores. A nau a que se refere a lenda é sem duvida a nau *Santa Catherina*, como se vê pela terceira variante da ilha de Sam Jorge. Quem abre as sublimes e inimitaveis paginas da *Historia tragico-maritima*, vê como os velhos mariantes costumavam mudar o nome official dos galeões por outro de afeição. O galeão *Sam João* era chamado o *Biscainho*, a nau *Aguia* era conhecida pelo nome da *Patifa*. E que nau seria a chamada *Barrileira*, *muito velha, da qual até ao presente não houve mais noticia, nem se soube onde se perdeu.* [1] Que tela soberba para a imaginação do povo crear á larga os seus romances! Quasi todas as nossas naus antigas tinham nomes de predilecção: a nau *Sam Thiago*, que se perdeu na barra de Quilôa em 1506, tinha por apellido a *Gallega;* outra chamava-se *Frol de la mar;* a nau *Sam Jorge* era a *Taforêa*, o galeão *Sam Bartholomeu* era o *Bota-fogo*, a nau *Santa Catharina* era *Zambuco*. Os marinheiros afaziam-se ao navio em que navegavam, soffriam com elle as tormentas e as desgraças; ás vezes, nas suas relações de naufragio, falam como amantes e apaixonados. Os nomes das naus portuguezas só por si fazem lembrar essa poesia perdida das nossas

1 *Historia tragico-maritima*, t. I, p. 43.

expedições longiquas. Que tradições não acompanhariam na sua carreira a nau *Leonarda*, a *Ferrôa*, a *Frol da Rosa*, o *Gripho*, a *Urca*, a *Botica*, a *Framenga*, o *Drago* e o *Tigre*, nome apprendido na plaga africana. [1] Garrett apresentou a hypothese de ser o *Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho* o facto historico a que se refere o romance; devia ter apresentado o paralello da relação de Bento Teixeira Pinto que se achou n'esse transe, com as circumstancias similhantes do romance. Sem acceitar a hypothese do primeiro collector, fazemol-o nós para elucidar a questão da formação poetica da nossa epopea naval. O naufragio deu-se em 1565, quando Jorge Coelho vinha do Brazil. [2] Das terriveis fomes que passaram no mar, e das luctas de morte que entre si tiveram, conta-nos o velho marinheiro: « Faltava a agua e mantimento na Nau, e padeciam-se muitas necessidades de fome e sede; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nau mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por elle, posto que todos lhe queriam pagar por valer muito, e elle não quiz por elle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos, e se consolaram, e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o *demonio*, que não soffre ver ninguem contente, semeou entre os marinheiros e passageiros, que vinham na dita Nau, brigas e discordias

1 Sobre este ponto é interessante vêr o *Livro de toda a Fazenda dos Reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes*, por Luiz de Figueiredo Falcão, no anno de 1607. Publicado por ordem do governo em 1859. Este livro é tambem de uma alta importancia para a *historia dos preços*.

2 *Historia tragico-maritima*, t. II, pp. 7 a 59.

com que se houveram de perder de todo: etc.»[1] Na altura das Ilhas o galeão foi acommettido por um Corsario francez, que se apossara d'elle e da manobra. Em uma versão insulana do romance ha uma allusão a este successo:

— Não quero as tuas filhas
Que Deos t'as deixe gosar;
Que eu tenho mulher em França
Filhinhos de sustentar;
Quero a Nau Catherineta
Para nella navegar.

Em outra versão, se diz:

« Acima, gageiro, acima
A'quelle tope real;
Vê se vês partes de França,
Ou reinos de Portugal.

O snr. João Teixeira Soares, collector d'estes romances fez-nos a seguinte pergunta: «Referir-se-ha o romance a algum facto occorrido na marinha franceza?» A' vista da Relação do naufragio de Jorge Coelho torna-se evidente a allusão historica: «logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra *desessete francezes armados* de armas brancas, com suas espadas, e broqueis, e pistoletes, e alguns d'elles com alabardas: os quaes, sem se lhe poderem estorvar, se senhorearam da Nau, etc.»[2] Um piloto francez caíu ao mar quando se renovou o temporal; seria esse o perfido gageiro da tradição popular? O maravilhoso do *diabo,* que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa: « os mares davam na Nau, que pareciam que a que-

1 *Hist. Trag. Marit.* t. II, p. 14.
2 Id. t. II, p. 17.

riam abrir: e isto com tantos relampagos, que pareciam que *andavam ali os demonios do inferno.*» [1] A presença dos francezes na Nau, a exagerada e insuportavel fome, fizeram passar pela mente dos marinheiros portuguezes as iguarias da mesa de Thyestes: « N'este tempo, *por não haver mantimento,* e os nossos estarem lastimados dos francezes, se quizeram levantar contra elles: etc.» [2] Porém em outro logar descreve a assombrosa tentação da antropophagia, e como o primeiro que esteve em perigo foi o *Capitão general:* « Aos vinte e sete d'este mesmo mez, que foi dia de Sam Cosme e Sam Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que tinham morrido de fraqueza, e com pura fome e trabalhos: e foi tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, e lhe disseram: Que bem via os que morriam e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham cousa de que se sustentar; e que pois assim era, *lhes desse licença para comerem os que morriam,* pois elles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua quando ouviu este espantoso requerimento, por vêr a que estado os tinha chegado sua necessidade, e lhes disse com muita dôr, que aquillo que lhe diziam era tão fóra de rasão, que erro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo; mas que bem via, que vencidos da necessidade presente tomavam aquelles conselhos que lhes dava

1 Pag. 29.
2 Pag. 31.

tão ruim conselheiro como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque elle em quanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiam fazer o que quizessem, *e comel-o a elle primeiro.*» [1] As facas e as espadas que o gageiro vê, como conta o romance, tambem vem citados na relação em prosa: « veiu a saber que estavam todos os que haviam vivos na Nau, postos em bandos e brigas...na Nau não havia mais que uns pedaços de *facas e paos para poder brigar.*» A peripecia do romance popular, de apparecerem os cansados mareantes de repente na barra de Lisboa, está admiravelmente descripta na relação: « Estando no misero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sede e trabalho que contei, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nossa Senhora, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreu tão favoravelmente, que *milagrosamente,* a dois dias do mez de outubro, a uma terça feira, sem o cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas, e a Roca de Cintra, defronte de Nossa Senhora da Pena, a qual casa vimos á horas do meio dia, *acabando-se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina,* que se fizera pela manhã...» [2] E' natural que o povo romanceasse de preferencia este naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque, por isso que foi o que mais lhe falou á imaginação, como se vê por esta passagem: « o Infante D. Henrique, Cardeal n'este reino de Portugal, que n'este tempo governava, mandou uma Galé

1 *Hist. Trag. Marit* p. 47.
2 Idem, ibid. p 51.

para que trouxesse a Nau pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita Nau defronte da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia, *e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vel-a, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados, vendo o destroço e davam muitas graças* e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que nella vinham de tantos perigos como passaram.»[1] Este periodo explica a propagação do romance da *Nau Catherineta*, e a sua ubiquidade em quasi todas as provincias. Porém as versões da ilha de Sam Jorge estão na sua pureza primitiva, taes como começariam a correr desde 1565.

Todas as cinco versões que apresentamos são profundamente bellas; cada uma tem situações differentes, que revelam a elaboração poetica da mente do povo. A I é a mais parecida com as versões do continente, tem mais uns toques mimosos no retrato das tres meninas, e no que o gageiro alcança no horisonte. Não tem *maravilhoso*, nem o diabo intervem com as suas tropelias; o nó da acção está em não poder o capitão general dar em premio a Nau, que é do rei.

A II versão tem mais outra situação; as facadas caem de todos os lados sobre o Capitão, que se acha milagrosamente protegido; o gageiro é *chiquito* ou o diabo, o qual ouvindo pronunciar o nome de Deos, caíu logo ao mar. A situação das meninas que o capitão offerece para vestirem e calçarem o gageiro, que já se encontra no romance da *Bella Infanta*, lembram os versos do velho romance de *Lanzarote do lago*:

1 *Hist. Trag. Marit.* t. II, p. 56.

Nunca fuera caballero
De damas tan bien servido...
Que duenas curaban dél
Doncellas del su rocino,

A III versão appresenta uma circumstancia que, aproximada do facto historico, explica a formação do romance: é a allusão a *partes de França*, mais sensivel ainda na versão V. De facto o naufragio que mais se aproxima do romance é o de Jorge Coelho de Albuquerque, o qual na altura das Ilhas foi agarrado por uns corsarios francezes. Na versão II a scena das sortes está horrivelmente bem descripta. As terras de Hespanha, que o gageiro diz estar vendo, concordam com estas linhas da Relação: « *e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Gallisa*...»[1] O quadro do *Naufragio de Medusa* de Gericault faz comprehender esta situação estupenda. A IV versão é a que apresenta mais novidade; ainda conserva um nome proprio, que é a primeira cousa que se perde na tradição; o gageiro chama-se Pedro, e acceita a offerta que o capitão lhe faz das suas filhas; porém, quando chega a terra já não está pelo prometido e as filhas, que deram com o gageiro no quintal, desancam-no todas tres com muita pancada. Sobre este lance já o povo tinha margem para continuar a rhapsodia. E' assim que se fazem as grandes epopeas. A V versão faz lembrar o naufragio descripto por Byron no *Don Juan*:

Já mataram o seu gallo
Que tinham para cantar;
Já mataram o seu cão
Que tinham para ladrar!

1 Loc. cit. pag. 51.

O genio de Byron encontrou-se com a alma do povo. Vid. *Rom. Ger.* nota 23, p. 191.

41, 42 — Romances da Bella Infanta. — Parece visivelmente uma continuação da *Nau Catherineta;* o romance da *Flor do Dia* que o completa, ajuda a esta hypothese. Os paradigmas da *Bella Infanta* são innumeros. Nos *Chants populaires du Pays Messin*, a lenda de *Germaine*, versa sobre o mesmo ponto da tradição portugueza:

Son mary l'a quitée
A' l'âge de vint ans,
Pour aller guerroyer.
PAG. 8.

No *Romancerilho catalan*, de Milá y Fontanals, (p. 119, n.° 21) vem um romance de *Don Guillermo*, aonde, seguindo o mesmo enredo, vem a situação do anel:

A la porta de la cambra un anell li entregué,

M. Damase Arbaud, tambem recolheu uma ballada provençal, *la Pourcheireto,* bastante parecida com o romance catalão. Tambem se deve confrontar a *Esposa do Crusado*, recolhida por Villemarqué no *Barzas Breiz,* (t. I, p. 24), e o romance da Normandia, *Germine*, recolhido por Beaurepaire, e publicado por Chaupfleury, nas *Chansons populaires des Provinces de France*, (p. 195). No *Wolkslieder aus Venetian,* publicado em 1864 por Adolf Wolf, tambem se acha uma versão d'este mesmo romance:

« E si fosti il mio marito
Qualche segno n'avreste dá?
Tira fuora la man bianca:
— Quest'é l'anelo che vi ho sposa.
PAG. 59, N. 81.

Adolpho Wolf, nas notas de uma versão, indica as seguintes origens: collecção de Uhland, *Alte hoch und nederdeustsche Volkslieder*, (p. 263;) na de Mitler, *Deutsche Volkslieder*, (n.º 54); na collecção de Schade, *Volkslieder aus Thuringen*, (n.º 4); e dá-o como conhecido na Hollanda e em Flandres.

Nas cercanias de Genova tambem se canta, como se vê pelos *Canti popolari raccolti da* Marcoaldi, (p. 152).

Acrescente-se o que dissemos na nota 1, do *Romanceiro geral*, (p. 164). A forma dithyrambica d'este romance mostra a sua antiguidade; podemos assignar-lhe a sua formação pelos seculos XI e XII, época da grande elaboração das epopeas modernas. E' de todas as tradições poeticas da Europa a mais antiga, vulgar e vividoura.

43 — Romance de Dona Maria. — O genio celtico do povo portuguez revela-se n'este romance; a aventura maritima inspirou-o ao povo das ilhas dos Açores. Não se encontra, até hoje, em collecção alguma. Parece uma tradição dos claustros bretões, quando Barontus, Kadoc e San Brendan se deixavam perder pelo Oceano, entregues ao fluxo das aguas, enlevados na admiração do espectaculo da natureza. A leitura d'este romance confirma o principio de Grimm, que *o povo não mente na sua poesia*. Ha aqui um resto do antigo symbolismo juridico dos povos celticos. O rei, vendo que sua filha amava um capitão, mandou lançal-a ao mar em um navio sem leme e sem piloto. Junto do lago de Grandlien, o tribunal, a quem pertencia alta, media e baixa justiça, era assente em um

barco afastado da terra duzentos passos. [1] Em Athenas havia um tribunal, no porto do Pireu, á borda do mar, para julgar aquelles que, tendo sido condemnados ao desterro, eram accusados de homicidio. O réo estava dentro de uma barca a alguma distancia, e d'ali se defendia, sem lhe consentirem que tocasse na praia; provado o seu crime era desamparado á mercê dos ventos e das ondas, sem remos e sem leme: « Erat vero judicium in mari; et reum quidem adnavigantem, terram non attingentem, e navi causam dicere opportebat, neque scalam, neque anchoram in terram injicientem.» (Pollux, *in Phreatt,* apud Chassan, loc. cit. p. LXXXI, aonde cita: Demosthenes, *in Aristocratem;* Meursius, *Areopag.* c. XI, e Robinson, *Ant. grecque,* trad. t. I, p. 170, 282. [2]

Nos *Cantos populares da Grecia moderna* encontram-se aventuras maritimas inspiradas pelo mesmo genio que dictou o romance açoriano; porém na legenda de *Edward* se lê: [3]

= Oh! eu matei meu pae,
Desgraçado de mim!
« Que pena terás tu d'isso,
Dil-o meu caro filho.
= Heide embarcar n'um navio
Minha mãe, madre minha,
Heide ir em um navio
Por esse mar perdido.

Na *Historia do Direito portuguez* provamos á evidencia a origem germanica dos nossos Foraes;

1 Mem. da Acad. Celtica, t. V. p, 145: apud Chassan, *Symbolique du Droit*, p. LXXX.

2 Na edade media, a litteratura grega era conhecida dos romancistas e troveiros. Diz Ritson: « Nothing seems more probable than that the composers of romance were wel acquainted with the ancient greek and latin poets » Du Meril, na introd. do poema de *Blanceflor*, p. cvij, not. 2, modifica a proposição, mas não a rejeita.

3 Percy, *Reliques of ancient poetry*. t. I pag. 60.

a cada instante a poesia do povo nos vem confirmar esse pensamento, revelando ainda restos da poesia do tempo dos godos. Michelet, nas *Origines du Droit français*, (pag. 401) traz a seguinte lei do norte: «Se alguem fôr convicto de traição, metam-no em um navio, e aguardem-no na praia até que o vento ou os remos o façam perder de vista. Logo que esteja assás longe para ser engolido pelas vagas, toquem as trombetas e gritem tres vezes: Fulão perdeu os direitos da antiga alliança.» Vid. Du Cange, *Glossarium ad Scriptores mediæ et infimæ latinitatis*, vb.º *Abjuratio tarræ.*

44, 45, 46 — D. João de Austria ou a Batalha de Lepanto. — Foi recolhido da tradição oral na Ilha de Sam Jorge; em Coimbra descobrimos uma variante mais moderna e incompleta, em que o facto historico se acha completamente obliterado. Na versão dos Açores, a allusão aos galeões dos turcos, ao mar vermelho de sangue, a Dom João de Austria, tornam evidente a referencia á batalha de Lepanto. Na *Floresta de varios*, de 1642, vem commemorado este facto; com as versões portuguezas nada tem de commum. Os dous povos da Peninsula romancearam a seu modo o feito que lhes deslumbrara a imaginação. Quevedo, na *Vida del Gran Tacaño*, (lib. II, cap. II, p. 58,) allude ás tradições e cantos populares da batalha de Lepanto: «Celebrava mucho la memoria del señor Don Juan, y oyle dezir muchas vezes de Luis Quixada, que avia sido honrado amigo: Nombrava turcos, galeones, y capitanes, *todos los que avia leido en unas coplas que andavan desto*: Y como èl no sabia nada de mar (porque no tenia

nada de nabal, mas de comer nabos) dixo (contando la batalha que avia tenido el señor Don Juan en Lepanto) que aquel Lepanto fué um Moro muy bravo. Como no sabia el pobrete que era nombre del mar, passavamos com èl lindos ratos.» Por este trecho de Quevedo se vê a popularidade da batalha de Lepanto nas coplas da tradição. O romance portuguez ao mesmo assumpto, é incontestavelmente contemporaneo do feito.

A batalha de Lepanto foi um dos successos mais estrondosos do seculo XVI; os catholicos exageraram-lhe a importancia, considerando-a como o triumpho definitivo da religião sobre a ruina ottomana. No anno de 1571, Dom João d'Austria, filho de Carlos V e irmão do terrivel Filippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa. Dom João d'Austria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistivel da gloria. André Doria oppoz-se ao plano de ataque e conservou-se immovel na acção. O enthusiasmo da liga christã deu-lhe a victoria; Dom João d'Austria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancor do Demonio do Meio Dia, que o desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalharia na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto? Os nossos poetas cantaram a batalha como os de Hespanha e de Italia. Pedro da Costa Perestrello, o traductor do *Livro de Job*, ali esteve com o posto

de capitão. Elle escreveu um poema em outava rima, em seis cantos, a *Batalha Ausonia*, que, segundo Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, principiava:

> La santa Liga de Christianos canto,
> De Austria las armas, y el varon potente.

O auctor do *Naufragio de Sepulveda*, Jeronymo Corte Real, tambem cantou em um poema heroico a *Victoria de Lepanto*. Herrera em Hespanha, e João Rufo em Italia, na sua *Austriada*, cantaram as glorias de Don Juan d'Austria. Existe em Italia uma collecção de poemetos em latim celebrando esta batalha.

As tres versões da ilha de Sam Jorge são altamente mimosas; tambem recebemos outras tres ver sões que omittimos, vindas das freguezias da Beira e Rosaes, que pouco diversificavam das guardadas, a não ser em furtuitas variantes de verso. O digno collector georgiense diz da versão de Ribeira de Areia: «Viva a Ribeira de Areia, que apresenta com um differente colorido as suas tradições poeticas. Esta lição vale um romance novo. Já aconteceu o mesmo com o *Dom Varão*.» Tambem em uma versão do *Conde Yano* a Ribeira de Areia leva a palma no concurso poetico; esta pequena povoação é para a tradição dos Açores o mesmo que a Covilhã é para a Beira-Baixa, a provincia aonde a poesia popular está ainda em elaboração. A' ultima versão pozemos o nome de *Batalha de Lepanto*, visto que não é possivel duvidar-se da realidade da allusão historica. O povo tambem conheceu a importancia de

> esta batalha,
> Que era de tanta valia.

47 — Romance do Mouro atraiçoado. — Apparece primeira vez recolhido da tradição; recebemos duas versões, de que aproveitamos só uma por isso que tinham apenas meras discrepancias de verso. Nada se encontra de similhante no vasto Romanceiro hespanhol; é verdadeiramente original e popular. A acção fez lembrar as lendas pavorosas dos amores dos Abencerrages, dos Gomeles e dos Zegries. Como iria esta tradição cavalheiresca refugiar-se nos Açores, quando a imaginação do povo tinha ali thema bastante para phantasiar as lendas escuras dos piratas argelinos que infestavam a costa? O romance do *Mouro atraiçoado*, é a perola dos cantos insulanos; tem o colorido que teriam, por certo, os romances granadinos de Abindarraes, de Gazul, de Aliatar, de Celidaja, se se conhecessem as versões anteriores á forma litteraria com que se lêem hoje. Ao desfiar as tro vas cadentes e apaixonadas do romance do *Mouro atraiçoado*, parece que entramos n'esse mundo de vistosas ficções, arranjadas por Gines Peres de Hita na *Historia de los bandos de los Zegries y Abencerrajes, caballeros moros de Granada, de las civilles guerras que huvo en ella, y batallas particulares que huvo en la Vega entre moros e christianos, hasta que el-rey Fernando quinto la ganó...*

Este monumento da tradição insulana, prova a sua antiguidade e pureza, se a comparamos com os cantos da Beira-Baixa e Traz-os-Montes. Foi dictado pela senhora Maria Victorina, natural dos Rosaes, a qual religiosamente guarda na memoria os thesouros poeticos de sessenta annos. Não me esquecerei de lembrar aqui tambem o nome de Mariana da Conceição, rapariga de Ribeira de

Areia «o mais rico repositorio vivo de romances e xacaras, que por ventura existe em todo o Archipelago,» como com toda a justiça diz o sabio collector o snr. João Teixeira Soares.

48, 49, — Romance de Rico Franco, e Dona Inez. — E' admiravel este pequeno romance, colligido em uma das ilhas dos Açores, e conhecido nas collecções hespanholas com o nome de *Rico Franco*. Na lição portugueza ainda ha vestigios do mesmo nome:

Dê-me cá senhor *Dom Franco*...

Aqui está um bello quadro da sociedade feudal. A donzella depois de haver á mão o punhal emprestado, restitue-o ao roubador, cravando-lh'o no peito; comtudo esta peripecia não se comprehenderia se não conhecessemos a lição hespanhola:

RICO FRANCO

A caza iban, á caza
Los cazadores del rey,
No hallaban en ellos caza
Ni hallaban que traer.
Perdido habian los falcones,
Mal los amenaza el rey;
Arrimaram-se á un castillo
Que se llamaba Maynés,
Dentro estaba una doncella
Mui hermosa y muy cortés.
Siete condes la demandan,
Y asi hacen reys tres.
Robárala Rico Franco,
Rico Franco aragones:

— Si lloras tu padre ó madre,
Nunca mas vos los vereis,
Si lloras os tus hermanos,
Yo los maté todos tres.
«Ni lloro padre, ni madre,
Ni hermanos todos tres;

Mas lloro la mi ventura
Que no sé cuál ha de ser.
Prestédesme, Rico Franco,
Vuestro cuchillo lugues,
Cortaré fitas al manto,
Que no son para traer.»

Rico Franco de cortese
Por las tachas lo fué tender.
La doncella, que era artera,
Por los pechos se le fué á meter:
Asi vengó padre y madre,
Y aun hermanos todos tres. [1]

O romance do *Rico Franco* é commum aos povos do Meio Dia da Europa; em Italia, na Normandia e nas Asturias se encontram variantes proximas. No romance popular do Piemonte o *Corsario,* descobriu o cavalheiro Nigra profundas analogias; elle attribue a redacção primitiva ao seculo XI, vulgarisando-se na Provença:

O CORSARIO

« O marinar de la marina,
Oh cantè'-me d'una canson.
(Su la flor del'acua,
Su la flor del mar.)
— Montè' bela, su la mia barca,
La canson mi la canterò.

Cuand la bela l'è stajta 'n barca,
Bel marinar s'buta cantè.
L'han navigà pi d'sincsent mia,
Sempre cantant cula canson.
Cuand la canson l'é 'stá furnia,
La bela a ca' n'in vol tornè'.

— Sej già lontan pi d'sincsent ma,
Sej già lontan da vostra cà.
« Cosa dira la mama mia
Che n'a sto tant a' ritorne' ?

1 Wolf y Hoffeman, *Primavera y Flor de Romances*, Berlin, Asher y Comp. 1856. t. II, p. 22. Duran, *Romancero general*, Madrid, Rivadaneyra, 1854, t. I, p. 160.

— Pense' pa pi a la vostra mama,
Oh pense', bela, al marinar.

S'a n'in ven la mesa noiteja,
N'in ven l'ora d'ande' durmi

— Oh despoje'-ve, oh descause'-ve,
Coge'-ve si col marinar.
« I'm'son solà-me tanto sciassa,
Che'l gital poi pi dessole'.
O marinar de la marina,
O preste-me la vostra spa;
Preste, galante, la vostra speja,
Che'l me gital possa tajè.

Cuand la bela l'ha vu la speja,
An mes al cor a s'le' piantá.

— Oh maledetta sia la speja
E cula man ch'a i l' há prestá!
Ma s'i l'hai nen basá-la viva,
A l'é morta la voj base'.
A l' ha pjà-la per soe man bianche,
Ant' el mar al l'h campá.
(Su la fior de l'acua,
Su la fior del mar.) 1

Eis como a traduzimos:

« Oh canta-me uma canção,
Oh marinheiro do mar,
(Por sobre a flor das aguas,
Por sobre a flor do mar.)
—Entra, bella, em minha barca
A cantiga hei de soltar.

Mal que a bella entrou na barca
Poz-se o mareante a cantar.
Navegam quinhentas milhas
A cantar sempre a cantar;
Quando a canção se findou
Quiz a bella atraz voltar.

— Estamos quinhentas milhas
Tão longe do vosso lar!
«Que dirá a minha mãe
Que tanto tardo a voltar.

1 Caselli, *Chantos populaires de l'Italie*, p. 194.

— Não penseis em vossa mãe
Pensae no homem do mar!
Isto é já meia noite,
A hora de repousar.
Oh despi-vos, descalçae-vos,
Deitae-vos aqui a par.
«Eu estou tão apertada,
Não posso os nós desatar.
Emprestae-me a vossa espada
Oh marinheiro do mar;
Donzel empresta-me a espada
Quero este cinto cortar.»

Mal a bella toma a espada
No peito a foi enterrar.

— Oh maldita seja a espada
E a mão que a quiz emprestar;
Se a não abracei em vida
Assim morta heide-a abraçar.

Pegou-lhe pelas mãos brancas
E no mar a foi lançar,
(Por sobre a flor das aguas,
Lá por sobre a flor do mar.)

Este canto é tambem popular na Normandia, como se pode vêr na canção do *Beau Marinier*, colligida por Beaurepaire:

LE BEAU MARINIER

«Beau marinier, que marines,
(Vive l'amour, vive le marinier!)
Apprends-moi à chanter.
— Entrez dans mon navire,
Je vous l'apprendrai.»

Quand la belle fut dans le navire
Ell' se prit à pleurer.
— Eh! qu'avez-vous, la belle?
Qu'avez-vous à pleurer?
« Hélas! j'entends mon pèr' qui m'appelle,
Qui m'apelle pour souper.
— Eh! taisez-vous, la belle,
Avec moi vous soup'rez.»

Quand la belle fut pour se coucher,
Son lacet s'est noué.

— Pretez-moi votre dague,
Mon lacet s'est noué.»
Et quand elle eut la dague,
Dans le cœur se l'est plongé. [1]

Oreste Marcoaldi publicou um outro romance piemontez, a *Monferrina*, que se aproxima bastante do *Rico Franco:*

O filho do senhor Conde
Vae a pedir prezenteiro,
Vae pedir a Monferrina,
A filha de um cavalleiro.
No sabbado são as bodas,
Domingo vae a esposar;
Levou-a quinhentas milhas
Sem uma palavra dar.
A primeira vez que fala
Fez logo este arrasoado:
— Olha, bella Monferrina,
O Castello bem murado!
Já cincoenta Monferrinas
Já para aqui arrastei;
A todas as Monferrinas
A cabeça lhes cortei.
Heide fazer outro tanto
Quando lá sejas chegada.
«Escutae-me, senhor Conde,
Emprestae-me a vossa espada.
— Diz oh bella Monferrina,
O que é que queres fazer!
«Quero cortar um raminho
Para o cavallo tanger.»

Logo que ella toma a espada
Meteu-lh'a no coração:

«Oh vae agora bom Conde
Para debaixo do chão.»

Volta redeas ao cavallo,
E para traz se tornou;
Logo foi um irmãosinho
Quem primeiro ella encontrou:
— «Dize oh bella Monferrina
Como é que estás aqui?
«Mataram-me o meu marido
Uns salteadores aí.

1 E. Beaurepaire, *Etudes sur la Poésie populaire en Normandie, et spécialment dans l'Avranchin*, p. 57. Avranches, 1856, 1 vol. in-8.

— Diz-me oh bella Monferrina
Se fizeste essa maldade.
«Fui eu, oh meu irmãosinho,
Mais vale falar verdade.
— Diz-me oh bella Monferrina,
Se a casa queres voltar?
«Não quero não, irmãosinho,
Não quero a casa tornar,
Sem que vá primeiro a Roma
Ao Papa me confessar.

CASELLI, OP. CIT. P. 191.

De todos estes paradigmas se conclue a unidade da poesia popular no Meio Dia da Europa. Importa vêr o estudo que acompanha o romance da *Romeirinha,* no *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* t. III, p. 175.

O velho romance de *Rico Franco* tambem se encontra modernisado na tradição oral das Asturias, e foi colligido pelo snr. Amador de los Rios com o titulo *La hija de la Viudina.* A esta mesma idêa se prende o romance que já publicámos da *Romeirinha.*

A presente versão é pela primeira vez recolhida e publicada.

50, 51 — Romances de Florbella e da Pobre Viuva. — Este romance pertence tambem ao cyclo do *Rico Franco;* o heroe é um marido pelo gosto do Marquez de Saluce, cuja victima é o typo eterno de *Griselidis.* O *Duque da Turquia,* citado em ambas as versões, mostra a affinidade d'ellas. Historias de maridos máos são frequentes nas tradições do Meio Dia da Europa. Nigra, (*Revista Contemporanea,* Genajo, 1858) publicou um romance, cuja realidade historica refere a Clotilde, filha de Cloves, casada com Amalaric, que a tratava horrorosamente. Nas *Memoires de la societé des Antiquaires de France,* e na *Histoire de la*

Langue Romane, de Mandet, encontra-se um canto provençal, em que é o thema uma mulher casada victima do marido. (Du Puymaigre, t. II, p. 458, not. 2, dos *Vieux Auteurs Castillans*). A situação em que o *Duque da Turquia* dá a comer á sua mulher a lingua da cunhada, é frequente nas tradições da sociedade feudal. Nas *Tradições Allemãs*, de Jacob Grimm, (t. II, p. 252), a Duquesa da Austria come pela mão de seu marido o coração do trovador Brennberger. A este cyclo de atrocidades maritaes se prende tambem o velho conto de Fadas, colligido por Perrault com o titulo de *Barbe-Bleu*. Por tanto as origens d'estas tradições datam na Europa desde o seculo XI, e foram successivamente recebendo as formas novas da poesia popular. O romance da *Pobre Viuva* foi recolhido em uma ilha, aonde as tradições de quatro seculos se conservam na sua pureza; não se encontra no *Romanceiro* de Garrett, nem no meu *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*.

Este mesmo romance da *Pobre Viuva* que tinha as duas filhas, uma casada com o *Duque da Turquia*, e a outra solteira, tambem foi encontrado na tradição oral das Asturias, pelo senhor Amador de los Rios, e colligido com o titulo de *Filomena*. (Vid. *Historia critica da litteratura hespanhola*, t. VII, p. 452.) A mesma circunstancia da carta ali se repete:

— No tengo papel nin pluma
maguer servíros quisiera.
«El papel, será mi pano,
la tinta será mi lengua,
la pluma una yerbecira
que de este campo saliera.

52, 53—Romances do Cativo de Argel.—Tambem na ilha de Sam Jorge existe o lindo e inimi-

tavel romance do *Cativo de Argel*. Não é menos bella esta versão comparada com as do *Romanceiro geral*, n.os 41 e 42. Já Camões fazia allusões a este romance, nos *Disparates da India*, (*Rimas*, Lisboa, 1666, p. 284.) Camões termina uma estrophe com os dois versos com que o romance principia no *Cancionero de Romances* de Anvers:

> Mi padre era de Ronda
> Y mi madre de l'Antequera, etc.

A poesia d'este romance animava todos os espiritos no seculo XVI. Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon*, de Vicente Espinel, o mais bello episodio é o de uns amores que teve o aventureiro, quando cativo em Argel. (Pag. 216, 218 e 220, da edição de 1868.)

Logo que Marcos de Obregon chegou cativo a Argel, encontrou a mulher e a filha do capitão pirata na praia: «Saliéronle á recibir su mujer y una hija, muy española en el talle y garbo, blanca y rubia, con bellos ojos verdes, que realmente parecia más nacida em Francia, que criada en Argel: algo aguileña, el rostro alegre e muy apacible, y en todas las demás partes muy hermosa. — Hallé un agradable albergue en hija y madre; pero mucho mas en la hija, porque como habia oido decir á su padre muchos bienes de España y los habitadores de ella, que naturaleza la llevaba por este camino. Regalábame más que á los demás esclavos;....» A prosa de Vicente de Espinel dobra-se, aprimorada em phrases introduziveis, para contar o amor occulto que nascia entre elle e a filha do capitão pirata. A *doncellita* mandava-o continuamente, para ter o prazer de ser servida por

elle; o cativo veiu a receiar que descobrissem estes amores e tractou de combater em si a paixão: «La pobre doncella que sentió novedad en mi, llevólo con mucha melancolia de corazon, abatimiento de ojos, arcaduces y lumbreras del alma, color mudado de rostro, suspencion en las palavras y encogimiento en el trato.» Era uma nostalgia profunda; depois de tentados todos os remedios, chamaram o cativo para lhe dizer umas palavras mysteriosas que sabia. Milagre do amor! ao aproximar-se da *doncellita*, ella começou a animar-se, a falar, a sorrir-se. Que pena! o cativo, mais do que tudo, amava a sua terra.

54, 55 — Romances da Má Nova, e Casamento mallogrado. —Para nós este romance é allusivo ao desastroso successo que privou Dom João II do herdeiro da sua corôa. Pela morte do Principe Dom Affonso casado de pouco tempo com Dona Isabel de Castella, da queda de um cavallo abaixo, veiu o sceptro a pertencer a Dom Manoel. O romance tradicional conserva quasi todas as circunstancias da historia; é digno de confrontar-se com um romance hespanhol, que vem no *Cancionero de diversas obras*, por Fray Ambrosio de Montesino, o qual inserimos na segunda parte da nossa *Floresta de Varios romances com forma litteraria.* Tanto na versão portugueza, como na lição hespanhola, as circunstancias são as mesmas; d'onde se conclue que o romance popular e a composição jogralesca foram á mesma fonte commum da historia. No *Cancioneiro geral* de 1516, Garcia de Resende colligiu numerosas coplas dos poetas portuguezes da corte de Dom João II á morte do principe Dom Affonso. As trovas de Alvaro de Bri-

to são notaveis pela sua forma quasi romanceada. Mais tarde ainda Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos cavalleiros da Tavola Redonda*, compoz um romance ao mesmo assumpto, que se pode vêr no cap. 46, e se acha reproduzido no quinto volume do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*.

56, 57.—Romance de Dom Duardos e Flérida. —A maior e mais bella parte dos romances cavalheirescos, os quaes se encontram no *Cancionero de Romances* de Anvers, vêm citados nos *Autos* de Gil Vicente. O poeta da corte de Dom Manoel tinha todos os sentimentos da alma popular; as suas obras são a historia dos nossos costumes antigos. Elle tambem compoz varios romances, como Lasso de la Vega, Juan de la Cueva e outros, mas com mais facilidade e graça. Na tragicomedia de *Dom Duardos*, introduziu um romance de lavra sua, sobre os amores de Flérida, de tal forma simples e bello que o povo o adoptou na tradição, e os Romanceiros hespanhoes o acceitaram dando-lhe as honras de anonymo. Pode-se vêr na rarissima collecção de Anvers de 1581; o Romancero de Duran, já hoje o restitue ao seu auctor. A versão popular portugueza, recolhida pelo curioso cavalheiro de Oliveira, foi achada, segundo elle confessa, em um papel de letra do seculo XVII. A versão que apresentamos é mais verdadeira do que a do infeliz cavalheiro de Oliveira; foi achada na ilha de Sam Jorge pelo senhor João Teixeira Soares, antigo collaborador do *Romanceiro* de Garrett, que me confiou todos os seus trabalhos de investigação local. Em carta de 24 de Septembro de 1868 diz: «Na minha ultima an-

nunciei a descoberta de mais dois romances, e a grande probabilidade de que um d'elles fosse o *Dom Duardos* de Gil Vicente; hoje cabe-me a honra de lhe appresentar o referido romance de *Dom Duardos*, refugiado desde seculos em uma freguezia d'esta ilha! Apparece *contrahido*, como que para provar plenamente a theoria de Sir Walter Scott, mas não menos bello, se por ventura não mais. Foi um feliz achado. Tenciono ir a Rosaes ouvil-o da propria bocca da senhora Maria Victorina, mulher de José Silva Soares, abastado lavrador do logar, que m'o remetteu de bocca por uma rapariga que muito me tem ajudado n'estas cousas. Declarou ella, que o apprendera em sua mocidade, contando hoje sessenta e tantos annos.» E', portanto, a versão que appresentamos a mais genuina; a lição de Oliveira está muito proxima do original hespanhol; a versão insulana mostra-nos mais claramente o processo da elaboração popular. O principio do romance de Gil Vicente:

Em o mez era de Abril,
De Maio antes um dia,

acha-se muitas e muitas vezes repetido nos romances hespanhoes, o que levou Du Méril a dizer, que era uma como *convenção poetica*, e que Gil Vicente se inspirara talvez de alguma antiga tradição.

Esta convenção poetica, como lhe chama Du Méril, encontra-se em grande parte dos cantos populares da Europa. Um hymno á Virgem, copiado de um manuscripto do seculo XII, começa:

En mai ki fet flurir les prez, etc.

Apud Thomas Wright e Hallmiell,
Reliquiæ antiquæ, t. I, p. 200.

Gil Vicente em outro logar começa uma enselada d'esta forma:

En el mes era de Maio
Véspera de Navidad,

Obr. t. III, p 323.

E nas tragicomedias:

Por Maio era por Maio
Ocho dias por andar,
El Infante Don Felipe
Nació en Evora ciudad.

Id. t. II, p. 531.

Tambem no *Cancioneiro de Romances:*

Por el mes era de mayo
Cuando hace la calor,
Cuando canta la calandria
Y responde el ruisenor,
Cuando los enamorados
Van á servir al amor, etc.

Du Méril na introducção ao poema do seculo XII *Flore et Blanceflor,* julga esta tradição de origem oriental *où le printemps est bien plus avancé.* Pag. LXV, not. 2. Paris, 1856.

Como os mais bellos romances do seculo XVI, o romance de *Dom Duardos* tambem foi glosado. Dom Agostin Duran, no Catalogo dos *pliegos sueltos,* cita uma folha volante in-4., 2 col. 4 fol.:

«Romance sacado de la farsa de Dom Duardos, que comienza: *En el mes era de abril,* nuevamente glosado por Antonio Lopez, estudiante portuguez, vizino de la villa de Trancoso, estante en la Universidad de Salamanca, etc.»

O cavalheiro Nigra comparou o romance de *Dom Duardos* com o romance italiano do Piemonte o

Marinheiro, cuja redacção primitiva, segundo elle, remonta ao seculo XIII, e com o romance hespanhol da *Infantina e o filho do Rei de França* (Rom. Gen. t. I, p. 163) muito mais antigo que a versão portugueza. O romance pertence ao cyclo dos Palmeirins, e até na poesia popular da Suecia se encontram reminiscencias. Nos *Cantos populares do Norte*, de X. Marmier (p. 201) o *Petit Batelier* começa d'este modo: «A donzella está assentada na sua camera, e está lavrando a ouro. O barqueirinho aproxima-se e olha» e depois termina: «Eu não sou um barqueiro; sou o melhor filho do Rei de Inglaterra.» Eis o romance hespanhol, da

INFANTINA Y EL HIJO DEL REY DE FRANCIA

«Tiempo es, el caballero,
Tiempo es de andar de aqui,
Que ni puedo andar en pié,
Ni al emperador servir,
Pues me crece la barriga
Y se me acorta el vestir:
Verguenza he de mis doncellas,
Las que me dan el vestir,
Miranse unas á otras,
No hacen sino reir:
Verguenza he de mis caballeros
Los que sirven ante mi.
— Lloraldo, dijo, senora,
Que asi hizo mi madre á mi;
Hijo soy de un labrador,
Mi madre y yo pan vendi. —
La infanta desque esto oyera
Comenzóse á maldecir:
«Maldita sea la doncella
Que se deja seducir.
— No os maldigais vos, senora,
No os querais vos maldecir,
Que hijo soy del rey de Francia,
Mi madre és dona Beatriz:
Cien castillos tengo en Francia,
Senora, para os guarir,
Cien doncellas me los guardan,
Senora, para os servir.

Ochoa, *Tesoro de los Romanceros*, p. 2.

*

Eis o romance do Piemonte, comparado por Nigra:

A' borda do mar
Estava uma donzella,
Bordava n'um lenço,
Como ella era bella!
Em meio do bordado
Faltou-lhe o retroz:
Mas vinha chegando
Galera veloz.
«Oh marinheiro
Trazeis seda aí?
- Que cor quereis? branca,
Ou de carmezi?
«Eu quero-a vermelha
Por que é da mais fina,
Eu quero-a vermelha
Porque é para a rainha.
- Entrae, entrae já
N'esta caravella. —
Mal poz o pé dentro
Fez-se logo à vella.
E o marinheiro
Cantava ao pé d'ella.
Com o canto do nauta
Fica adormecida,
Com o mar inquieto
Acorda sentida.
Assim que ella acorda
Viu já longe a terra:
«Oh marinheirinho
Para o porto aferra,
Que a vaga que se ergue
Me espanta e aterra.
— Não faço o que pedes
Serás minha amada.
«De tres irmãs que eramos
Sou mais desgraçada.
São ambas casadas
Com um duque, com um conde;
Vou ser marinheira
Sem saber aonde.
Que uma vista seda,
E a outra ouro tenha!
Mas eu, a mais bella,
Vou ter estamenha.
— Se uma veste seda,
E a outra ouro tinha,
Tu és marinheira
Que vae ser rainha:
O Rei de Inglaterra
Deu-me a caravella
Com que ha já sete annos
Te busco, donzella.

Caselli, *Cantos populares da Italia*, p. 195.

A esta mesma tradição parece ligar-se a bella canção de Camões:

Irme quiero, madre
A aquella galera
Con el marinero
A ser marinera.
  Madre, si me fuere,
Do quiera que vó
No lo quiero yo,
Que el amor lo quiere:
Aquel nino fiero
Hace que me muera
Por un marinero
A ser marinera. —
El que todo puede,
Madre, nó podrá
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede;
Con el por quien muero
Voy, porque no muera,
Que si es marinero
Seré marinera.
  Es tirana ley
Del nino senor
Que per un amor
Se deseche um rey:
Pues desta manera
Él quiere, yo quiero
Por un marinero
A ser marinera.
  Decid, ondas, cuando
Visteis vos doncella
Siendo tierna y bella
Andar navegando?
Mas qué no se espera
De aquel nino fiero!
Vea yo a quien quiero
Y sea marinera.

Obras de Camões, (1633) p. 341

A cançoneta de Camões e a similhança dos romances hespanhol e italiano com o *Dom Duardos* de Gil Vicente, provam-nos que o poeta compusera o romance sobre tradições antigas, que os povos do Meio Dia ainda conservam. E' este o motivo como se explica a adopção popular e a diversidade das variantes de *Dom Duardos*.

58. —Romance do terremoto de Villa Franca do Campo. — Publicando este notavel romance sobre o Terremoto de Villa Franca do Campo em 1522, não devemos deixar de dar uma noticia do historiador insulano Gaspar Fructuoso e do seu livro intitulado *Saudades da Terra.*

No anno de 1522, setenta e oito annos depois do descobrimento da Ilha de Sam Miguel, na então Villa de Ponta Delgada, nasceu Gaspar Fructuoso. Era seu pae lavrador chão e abonado na legitima phrase da Ordenação, e como tal dedicava o filho para a vida do campo; Gaspar Fructuoso sentia uma propensão irresistivel para os estudos de humanidades, e todas as vezes que seu pae o mandava tomar conta dos trabalhadores, elle os distrahia com varias leituras dos livros com que sempre andava acompanhado. Isto decidiu o bom do pae a mandal-o para uma das principaes Universidades da Europa; de facto, como conta Cordeiro na *Historia Insulana,* cursou o *trivium* e *quadrivium* na Universidade de Salamanca, recebendo ali o grau de Mestre em Artes. Voltou á Ilha de Sam Miguel para receber as ordens do sacerdocio, e tornou para Salamanca a tomar o grau de Doutor em Theologia. Ali ouviu as lições do celebre moralista Frei Domingos do Sotto. A fama de suas virtudes e sabedoria lhe grangeou a amizade de grandes dignatarios da Egreja; o Bispo de Miranda, Dom João d'Alva, o fixou por algum tempo junto a si; leu theologia no collegio dos Jesuitas em Bragança, d'onde veiu para Lisboa, quando o Bispo de Miranda foi nomeado capellão mór de Dom Sebastião. A mitra de Miranda lhe foi instantemente offerecida, mas Gaspar Fructuoso preferiu antes voltar para a sua Ilha, trocando

o baculo por uma simples vigararia de Nossa Senhora da Estrella na Villa da Ribeira Grande. Viveu uma vida quieta e occupada com a pratica das virtudes evangelicas, morrendo em 24 de Agosto de 1591, com setenta annos de edade. A sua rica livraria excedia quatro centos volumes; foi deixada ao collegio dos Jesuitas de Ponta Delgada, a quem fez depositario do manuscripto da sua historia dos Açores, que intitulou *Descobrimento das Ilhas* ou *Saudades da Terra*.

Este livro notavel ainda está inedito. Quando o Marquez de Pombal ordenou a expulsão dos Jesuitas, o Reitor do Collegio, em presença da corporação, offereceu o livro ao Governador da Ilha de Sam Miguel, Antonio Borges de Bettencourt, para que o conservasse. N'esse mesmo dia a fragata *Graça* levou todos os Jesuitas da Ilha de Sam Miguel. Possue o original d'este monumento o senhor Visconde da Praia, verdadeiro principe açoriano, que o obteve por compra a José Velho Quintanilha, que o recebera por herança do Vigario da Alagoa, o Ouvidor Luiz Bernardo, herdeiro do mencionado Governador da Ilha..

Existem duas copias d'este livro, uma de que é possuidor o snr. José do Canto, outr'ora pertencente ao erudito João da Arruda, e authenticada por dois tabelliães; a outra pode ler-se na Bibliotheca publica de Lisboa, cujo traslado foi feito pelo Corregedor Veiga. Algumas d'estas noticias foram recolhidas de um velho professor michaelense, e aproveitadas pelo meu antigo amigo e condiscipulo Antonio Pereira, no seu interessante estudo sobre os *Historiadores insulanos*, que se pode ler no *Santelmo*, jornal litterario, publicado em 1860.

O romance que publicamos, devemol-o ao illustre

michaelense José de Torres, que de ha muitos annos trabalha em uma *Historia geral dos Açores*, e para o que já tem extraordinarios monumentos reunidos. Este romance foi publicado em um jornal intitulado o *Philologo*, n.os 5 e 6. Diz-nos o snr. José de Torres: «Serviu á sua publicação no *Philologo* (jornal de rapazas de 14 e 16 annos de edade) copia tirada do apographo de parte das *Saudades da Terra*, que por sua propria mão tinha feito o nosso morgado João da Arruda, manuscripto que mais tarde foi comprado por José do Canto, cuido eu.» No *Romanceiro geral* o publicámos (n.º 50) extrahido do *Agiologio* de Cardoso, em uma lição tão breve, que suppômos ser aquella a parte que andava na versão oral. O snr. José de Torres disse tambem que não conhecia outro algum monumento d'esta natureza.

59 — Romance de Dona Inez de Castro. — Era para admirar que a tradição do povo, conservando vivissima a memoria dos amores de Inez de Castro, os não perpetuasse nos seus cantares. Quando Camões, o poeta que mais profundamente comprehendeu e fez reviver o genio nacional, compoz com essa desfolhada bonina o mais bello episodio dos Luziadas, tinha em vista a tradição popular. A *Castro* de Ferreira não foi tirada da tradição, mas dos moldes academicos. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (fol. 221) vem a historia dos amores de Inez de Castro em forma de romance culto:

«Eu era moça e menina
per nome Dona Inez, etc.»

E' o unico romance que apparece n'essa vasta

collecção. O que publicamos foi achado entre os papeis velhos de um burguez honrado do Porto, escripto em letra dos fins do seculo XVIII. O seu caracter genuino atraiçoa-se em algumas palavras cultas que apparecem no romance, e na especie de lyra, com que acabam as quadras de Inez. Em todo o caso é um raro monumento, que, embora não pertença com todo o rigor á poesia anonyma, comtudo tem de occupar um merecido logar entre os romances com fórma erudita.

60, 70 — Romances Sacros. — Os romances ao divino appareceram pela primeira vez recolhidos da tradição oral no *Cancionero General* de Hernando del Castillo, em Valencia de Aragon em 1511; o collector, em um prologo que serve de dedicatoria ao Conde de Oliva, diz que empregou vinte annos n'esse trabalho, vindo assim a dar-lhe principio em 1491. A poesia popular insulana data nos Açores desde o meiado do seculo XV, e tem-se conservado pura até ao presente. Emquanto os *Indices Expurgatorios* dos seculos XVI e XVII estigmatisam os cantos tirados do Velho Testamento e da letra do Evangelho, repellidos em Portugal e Hespanha, nas Ilhas passaram incólumes até hoje. O acaso salvou essas venerandas reliquias do povo da edade media, filhas da sua audacia fervorosa com que andava criando um christianismo, poetico em contraposição com o prosaico e severo christianismo dogmatico. Tambem as ricas tradições poeticas dos povos do Norte desappareceram diante da acção do christianismo canonico. Diz Grimm: «O christianismo, introduzido entre elles, devia consummar a ruina de todos os monumentos do passado — porque lhes prescrevia como um dever o aban-

dono dos velhos costumes e o desprezo de todas as tradições do paganismo.» Os trez villancicos do Natal appresentam ainda um fervor e barbaridade semigothica; parecem os cantos da plebe quando invadia os templos e tomava parte na liturgia. Nossa Senhora ao portal de Belem, com o menino nos braços, é bem a mulher de José o Carpinteiro, como descreve o Evangelho apocrypho, e não a Senhora, descendente da real stirpe de David, como querem os Evangelhos authenticos; a cantiguinha, com que embala o filho, é o ideal da pobreza, como a cantava Francisco de Assis no seculo XIII pela Italia, e como se acha ainda hoje nas modernas cantigas do berço ou *nanarissa*. O romance 63, dos *Reis Magos*, é a crença pura de um povo que se sente vivamente impressionado pelas grandes emprezas e aventuras maritimas; a imaginação que teceu tão bello quadro é a mesma que inventou os bellos ornatos da architectura *manuelina* dos Jeronymos de Belem. Se não tem o mesmo tom d'este outro romance sacro do fim do seculo XV:

Durmiendo yva el Senor
En una nave en la mar,
sus discipulos con el
que no le osan recordar;
el agua con la tormenta
començose a levantar,
las olas cubren la nave,
que la quieren anegar,
los discipulos con miedo
començaram de llamar,
diziendo:
— Senor, Senor,
quieras nos presto salvar.

Y despierto el bon Jesu
començoles de hablar:
«Oh hombres de poca fe
que temeys? quered pensar,
quan gram ofensa es a Dios
de su gram poder dudar.

Y levantose, mandando
a los vientos y a la mar,
gran espanto puso entr'ellos
y muy mas maravillar,
diziendo, quien es aqueste
que el tiempo hace mudar? 1

Apresentada esta reliquia como typo dos romances sacros do seculo XV, mais nos assombra vêr a grande analogia de colorido e de crença que têm com ella os *romances ao divino* ainda cantados nos Açores. Estes romances são, por assim dizer, a forma poetica anterior aos *Evangelhos apocryphos*, que já se julgava perdida. Diz Gustave Brunet, na sua introducção aos *Evangelhos apocryphos*: «Estas legendas eram poemas populares dos primeiros neophytos do culto novo, a fé e a imaginação os embellezavam sem cessar; ainda se descobre n'ellas fragmentos visiveis de composição em verso, e que foram com toda a certeza cantados.» 2 D'estas legendas, regeitadas pela Egreja, diz Gustave Brunet: «Longe de permanecerem estereis, exerceram, durante um longo decurso de seculos, a acção mais poderosa e a mais fecunda sobre o desenvolvimento da poesia e da arte; a epopea, o drama, a pintura, a esculptura da edade media não se pejaram de tirar de lá elementos ás mãos cheias. Não fazer caso dos *Evangelhos apocryphos* é não querer descobrir as origens da arte christã. Foram o manancial d'onde, após a extincção do paganismo, os artistas tiraram uma vasta symbolica que a edade media amplificou.» (Pag. V.) Os grandes mestres das Escholas italianas representam sempre Sam José como um velho, tal

1 *Cancionero general*, Anvers, em casa de Martin Nucio, MDLVII, p. xvj.
2 *Les Evangiles apocryphes*, traduits d'après l'édition de Thilo, p. II.

como o descreve o *Evangelho de José o Carpinteiro;* Raphael deu-lhe como symbolo perpetuo o ramo de lyrios, tirado do Evangelho apocrypho da *Natividade;* Simeão apparece nos quadros vestido de dalmatica; os animaes cercam o menino que acaba de nascer sobre as palhas, e nada d'isto, que a arte moderna sanctificou, se acha nos Evangelhos synopticos. Dante recolhe as lendas da descida ao Inferno, que a imaginação do povo formara em roda do Evangelho apocrypho de *Nicodemus*, que deu origem ao grande cyclo do *Saint Graal;* Milton, no *Paraiso perdido* desenvolve o quadro da revolta dos Anjos, esboçado no Livro de Enoc; Klopstok, espalha pela *Messiada* as côres mysteriosas do Evangelho de *Nicodemus.* [1] No romance 66, do *Presentimento da Paixão:*

Senhora Santa Maria
Seu cabello de ouro fino...

condiz com o retrato antigo da Virgem, colligido de diversos auctores pelo padre Xavier, na *Historia Christi*, (pag. 30): «oculi ejus magni et vergentes ad cœruleum, *capillus ejus aureus.*» O que mais admira, sobre tudo, é o sentimento humano com que o povo revestiu todos os passos da Paixão; os Evangelhos authenticos são a parte exterior da acção; o que o povo canta é a parte psychologica, subjectiva. A Virgem, pressente que lhe querem matar seu filho; não pode dormir com a afflicção d'esta idêa, desafoga com elle. Aonde ha cousa similhante nos quatro Evangelistas? Na vespera do Sacrificio, a Virgem torna a avisar o

1 Ver o notavel trabalho de Alfred Maury, sobre o Evangelho de Nicodemus, aonde cita, Gori, Thesaurus veter. dypt. t. I. figuras 14, 30, 31; e d'Agincourt, *Histoire de l'Art*, planche, 52, e 69.

filho, descobre-lhe todas as vozes que vogam ácerca da sua morte; é então quando Christo lhe mostra a necessidade do immenso sacrificio. Sam João, o discipulo amado, vem a casa de Maria para a conduzir ao sitio aonde veja pela ultima vez a Jesus; Maria com a bondade profunda de Isis nos poemas da India, não sabe amaldiçoar os assassinos; ella vae pelas ruas de Jerusalem pranteando; que dialogos com a multidão que a atropella, com o filho no encontro da rua da Amargura! O povo tinha comprehendido o lado humano da paixão de Jesus, e cantou-o muito antes das idêas d'este seculo inspirarem a Paulo Delaroche a nova face e direcção que soube dar aos quadros religiosos.

71 — **Romance de Santa Iria.** — Até nos Açores se encontra o romance de *Santa Iria*. A legenda piedosa pode ler-se na *España Sagrada* de Florez; mas o que torna este romance importantissimo para o philologo é ser um vestigio quasi extincto do tempo da revolta dos Foraes em Portugal. Segundo o *costume* de muitas terras, era defezo aos cavalleiros exigirem pousada dos burguezes e villãos; as extorções senhoriaes tinham feito proclamar este principio da inviolabilidade da casa do trabalhador. No Foral do Porto, no de Coimbra e Santarem se acha proclamada esta formula justa, que no romance popular parece um tanto crua:

Passa *um Cavalleiro, pedia pousada,*
Meu pai lh'a negou: quanto me custava!

Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...
Senhor pae não digam tal da nossa caza;

Que a um Cavalleiro, que pede pousada,
Se fecha esta porta á noite cerrada.

Estas estrophes são tiradas da versão de Santarem, aonde existia a garantia do Foral. (Vid. a minha *Historia do Direito portuguez*, Parte I, Cap. II, p. 31.) Não se imagina a immensa luz que a poesia de um povo espalha sobre a sua historia; grande parte do direito consuetudinario portuguez acha-se perpetuada na poesia popular. Já demonstramos esta asserção na *Historia de Direito portuguez* (p. 51.) Na versão insulana do romance de *Santa Iria,* o povo, já esquecido do privilegio do Foral, modificou a strophe d'este modo:

Chegara um cavalleiro *a pedir pousada,*
Meu pae lh'a dera, que bem me pesava!

Por isso podemos dizer com Jacob Grimm, que se não encontra uma mentira na poesia popular. Tambem n'esta versão o povo perdôa ao assassino. E' assim a sua alma; não comprehende a maldição canonica, é incapaz de rancor. Emquanto a Egreja amaldiçôa Judas, o povo inventa-lhe uma acção bôa na sua vida, em virtude da qual elle vem do inferno cada sabbado refrescar-se nos gelos do polo. (Du Méril, *Poesies populaires latines du Moyen Age,* p. 326.)

72 — **Romance de Santo Antonio.** — Já tinhamos publicado este romance em uma versão do Algarve, que suppomos ter recebido, antes de chegar á nossa mão, certo polimento litterario que destruiu a parte mais ingenua da creação popular. (Vid. *Romanceiro geral portuguez,* p. 120.) A versão da Ilha de S. Jorge é mais rude, mais pit-

toresca e genuina. O seu collector, o snr. João Teixeira Soares, diz-nos: «O outro romance (descoberto nos Rosaes) é tambem estimavel; é o de *Santo Antonio e da Princeza de Leão;* foi tambem communicado pela mesma senhora Maria Victorina, sexagenaria. Prova em parte o protesto que lhe fiz contra a genuidade dos romances do Algarve.»

A lenda tende sempre a localisar-se. A versão de Castro Marim (n.º 44 do Rom. ger.) cita como logar da acção *Realmonte* que é a corrupção do nome de *Ajamonte,* fronteiro em Hespanha a Castro Marim, no Algarve.

73 — **Romance do Pobre Preso.** — Em um povo aonde se encontra vivo ainda na tradição o costume da penalidade heroica, a preferencia da *interdictio tecti* á pena de morte faz que tambem seja natural e logico este protesto contra as prisões. O povo tem um horror absoluto pelo encarceramento; elle mesmo se expatria, antes da sentença, para evitar a detenção. E' n'estas pequenas cambiantes que se revela a verdade da sua alma. A poesia do Archipelago açoriano possue ainda na sua inteireza as ricas tradições primitivas, que se obliteraram já no continente. O romance do *Pobre preso* é das strophes mais bellas da grande rhapsodia popular.

74 — **Romance de Santa Thereza.** — Como o povo soube retratar o amor da alma d'aquella santa e apaixonada poetisa, que diza abrasada em fogos divinos:

Vivo sin vivir en mi,
Y tan alta vida espero,
Que muero porque no muero!

Em vez de fazer apparecer-lhe Jesus em um extasis voluptuoso na penumbra da cella, como os agiographos calculadores, leva Santa Thereza a encontrar um mendigo á porta do mosteiro, a quem faz todos os dias esmola. Que poesia verdadeira n'estes dois versos:

«Meu velho, como te chamas?
— Chamo-me Jesus de Thereza.

Um amor assim declarado nada tem de sensual, mas rescende nas almas delicadas com o perfume inebriante da rosa mystica.

75 — **Romance de Jesus peregrino.** — Offerecido por um contemporaneo da Universidade, aqui apparece este bello romance sem o estribilho plangente com que os cegos o cantam. Nas *Tempestades Sonoras* publicámos uma imitação, no canto segundo das *Ceias de Nero*, como prova do muito amor que temos por esta lenda religiosa. A versão insulana tem um remate parecido com a lenda da Picardia, publicada por Champfleury; Jesus avisa a alma caridosa que o acolheu de que no dia seguinte o mandará buscar. (Vid. *Romanceiro geral*, not. 43.)

76 — **Xacara do Cego.** — E' popular nos Açores; supponho que é uma transformação remotissima, senão uma creação allusiva ás primitivas relações da sociedade mosarabe. No *Cancionero de Romances*, de Anvers, encontra-se um formoso paradigma, reliquia do seculo XIV:

Yo me era mora Moraina,
Morilla de un bel catar:
Cristiano vino á mi puerta,
Cuitada, por me enganar.

Hablóme en *algarabia*
Como quien la sabe hablar:
- Abras-me las puertas, mora,
Si, Alá te guarda de mal.
•Cómo te abriré, mezquina,
Que no sè quien te serás?
— Yo soy el moro Mazote,
Hermano de la tu madre,
Que un cristiano dejo muerto,
Y tras mi viene el Alcalde:
Si no me abres tú, mi vida,
Aqui me verás matar. —

Cuando esto oí, cuitada
Comencéme á levantar
Vistiérame un almejía,
No hallando mi brial,
Fuérame para la puerta,
Y abrila de par en par.

Quando o povo já não comprehende os factos a que allude nos seus cantares, vae insensivelmente accomodando-os ao presente. No romance da *Bella Infanta*, do tempo das Cruzadas, a Terra Santa vae sendo substituida pelo Brazil nas versões da Beira Baixa. Foi assim com o romance do *Cego*; o engano do christão á porta da moirinha já não era comprehendido em uma sociedade nova, por isso o povo aproveitou as situações antigas introduzindo personagens modernos. A forma metrica em *endeixas*, lembra a strophe arabe em que os dois versos neo-latinos se tornam os dois hemistichios *ogrilbait* e *saldribait*. Gil Vicente, na *Floresta de enganos*, traz um fragmento de romance, que em parte fundamenta aquella transformação:

Llevántate, panadera,
Si te has de llevantar,
Que un fraile dejo muerto
No traigo vino, ni pan.

Obras, t. II, p. 139.

77 — Xacara da Rosa Pastorinha. — A' vista d'esta admiravel creação popular, comprehende-se

que fórma poetica era essa que o Marquez de Santillana, na *Carta ao Condestavel de Portugal*, chama «Cantigas *serranas* e decires portuguezes.» A versão insulana é a mais completa e perfeita de todas as conhecidas; recebemos variantes mais breves, mas sem alterações radicaes na acção. O thema favorito dos troveiros da edade media, cá está reduzido aos costumes da sociedade moderna no reconhecimento do irmão e da irmã. Nos *Chants populaires du Pays Messin* (p. 54), encontramos um romance perfeitamente analogo ao nosso; transcrevemol-o para se seguir o fio originario da tradição:

L' EPREUVE

— Ma mère, où est ma sœur?
« Mon fils, elle est aux champs,
Gardant ses moutons blancs.
— Ma mère, n'avez-vous pas peur d'elle?
Les soldats y sont si frequents,
Qu'il y en a parmi les champs.
« Mon fils, quand il y en avait mille,
Dix mille, aussi dix millions,
Jamais votre sœur n'y auront.
— Ma mère, voulez-vous parier
Cent pistoles, et qu'elle ne me reconnaisse point,
Et je vous promets que je l'emmènerai bien.

A pris son cheval par la bride,
S'en va, riant, tout falottant,
Trouver la bergère aux champs:

— Que Dieu te guarde, belle bergère,
Bergère, en guardant tes moutons,
Ensemble si tu veux nous causerons!
Ma bergère, jolie bergère,
J'ai cent écus à vous donner,
La belle, s'il vous plais de m'aimer.
« De vos cent écus je n'en ai que faire,
Je n'ai point de bourse pour les serrer;
Là, vous pouvez vous retirer.
— J'ai une belle bourse, jolie bergère,
J'ai une belle bourse à vous donner,
La belle, s'il vous plait de m'aimer!

La belle a planté sa houlette :
« Gardera mes moutons qui voudra,
Avec mon amant je m'en vas.
— Tenez ma mère, voilà ma sœur,
Elle est à moi si je voulais,
Mais, c'est ma sœur, je n'oserais.

La belle a pris si grande honte,
Dans la rivière elle va se jeter.
La pauvre fille elle s'a noyée.

Este romance, colhido em Metz por Du Puymaigre, é doloroso; explica a lenda portugueza, que pela sua parte principia e acaba em tom de risota. Ha uma versão publicada nos *Cantos populares do Norte,* por Xavier Marmier; a balada sueca tem um profundo caracter maritimo e uma bondade pura. Todas as analogias provam que o canto insulano não é tão moderno como parece. Sempre encontramos um anachronismo entre a fórma alexandrina e a acção actual.

78, 79—Xacaras de Frei João e da Morena.— Os contos de Frades são vulgares no Meio Dia da Europa; em todos os escriptores, inspirados pela verdade e dotados de faculdades criticas, como Boccacio ou Rabelais, não faltam exemplares, que se possam considerar como prototypos de *Frei João.* Frère Jean des Entommeures tinha *as suas frescas madrugadas,* como se relata no *Gargantua;* no *Decameron,* apparece tambem um Padre João de Barole, amigo de um recoveiro, mecer Pedro, casado com uma mulher nova e bella, a quem o padre mandou pôr de quatro pés, para lhe ensinar o segredo de a transformar em jumenta. Quando o Padre João estava na operação de lhe fazer o rabo, mecer Pedro interrompeu-o: «Na verdade, não me faz conta esse rabo em um tal

*

sitio, e vós o prendeis muito em baixo; e já que era forçosamente preciso um, porque m'o não dissestes para o meter eu?» A moçoila, que estava gostando d'esta ultima ceremonia, prorompeu: «Que estupido tu és! Aonde viste uma jumenta sem rabo? Queixa-te contra ti se formos toda a vida miseraveis.» (*Novella* IX, *Jornada Nona* do *Decameron.)* Nos contos d'este genero, quasi sempre o frade está na posição mais vantajosa; o marido logrado, supplantado pelo seu ridiculo, não sabe vingar-se. Porém estas novellas não são feitas pelo povo; quando os leões são pintores succede d'outra fórma. No romance popular o sentimento natural da dignidade do homem pinta a justa vingança. A *Morena,* no quadro popular, morre ás punhaladas do marido, para que se não torne a vêr nos braços de Frei João. O final da versão de Castello Branco, do *Romanceiro* de Garrett, acaba artificialmente; quando a *Morena* ia a enterrar, Frei João ria da aventura e o marido é quem chorava.

Na outava jornada do *Decameron*, Novella II, vem o *retrato do Cura de Varlongue*, dado a cantigas e bons ditos, o qual visitava as freguezas na ausencia dos maridos e as regalava com bolinhos, com agua benta e com côtos de cirios. O patuscão do cura apaixonou-se pela mulher de um lavrador, gorducha, fresca, *morena,* esbelta, tal como lhe fazia conta. Veiu uma vez a casa da sua amada, quando o marido estava fóra; a historia, em que o romance popular urde a intriga na per gunta:

« A quem dás as tuas falas?
— Perguntava á padeirinha
Se cosia, se *amassava*...

na novella de Boccacio, segue o mesmo fio; mas era o Cura de Varlongue que *amassava* em um almofariz da parochiana. Felizmente o Decreto de 4 de Setembro de 1834 veiu acabar entre nós com a ociosidade *thelemita*, lançando a crua realidade para os intermundios das phantasias decameronicas. Gil Vicente traz tambem um conto de *Frei João*, muito chistoso:

Era la Paschoa florida,
En el mes de San Juan,
Cuando la mona parida
Perguntó al sacristan:
Teresica de Robledo,
Que te guarde Dios de mal:
Respondió Pero Pinan
Estae quedo co'a mão,
Frei João, Frei João,
Estae quedo co'a mão.
Padre pois sois meu amigo,
Quando falardes commigo,
Frei João,
Estareis vós quedo, mas estai vós quedo,
Mas estai vós quedo co'a mão;
Frei João, estai quedo co'a mão.
Perguntaban cual Pirico,
Qual Pinão ou qual Frei João,
Não diria quien era la moça,
Não diria quem, nem quem não.

Obras de Gil Vicente, L. IV. fine, t. III, p. 323.

79 — **Xacara da Confissão do Pastor.** — Esta versão foi recolhida na Ribeira de Areia; eis o que nos diz o intelligente collector, o snr. João Teixeira Soares: «A respeito da tradição poetica popular na Ribeira de Areia, ha n'aquelle logar uma senhora Dona Barbara de Azevedo, matrona quasi nonagenaria; nasceu, foi criada e tem sempre vivido ali; conserva a memoria ainda fresca e gosto pela poesia popular, de que é um verdadeiro tombo. Foi d'esta senhora, exclusivamente, que Mariana da Conceição e mais uma ou duas rapa-

rigas do logar, têm recebido os seus conhecimentos sobre o assumpto. Isto prova o quanto a tradição d'estas cousas tende a obliterar-se da memoria do povo. Sem esta senhora, as tradições, que eram populares nas gerações contemporaneas na sua mocidade, não teriam attingido a actual.» A *Confissão do Pastor,* é um resto d'esses dialogos atrevidos e facetos da edade media, com que o povo parodiava os sacramentos; não se encontra um minimo vislumbre na tradição do continente. A fórma alexandrina prova a sua antiguidade. Na ilha de Sam Miguel, em criança, lembra-me de ter ouvido bastantes vezes cantar pelas ruas:

Dentro do convento faço sentinella...

O final, sobretudo, acaba com um traço pittoresco e gracioso, que escapa quasi á observação: O padre manda que o pastor ajoelhe, porém o mancebo das brenhas só está acostumado a ajoelhar-se para receber na bocca a *frechada de leite,* e acompanhal-a com a dentada de pão. Estes toques fazem o desespero da arte.

80 — Xacara da Freira. — E' tambem popular nos Açores este grito da alma saído dos *in-pace* dos claustros da edade media; não é um gemido sarcastico, como os de Jacopone de Todi no seculo XIV, é uma queixa dorida, é a fraqueza de mulher fortalecida pela verdade, apellando para que chegue a hora da rasão e da tolerancia. E' o que ha de mais superior no lyrismo moderno; a natureza rude venceu a arte culta na sublimidade da sua expressão. A versão insulana lá se acha *localisada* na terceira e quarta estrophe. Recebemos quatro versões fragmentadas, mas decidimo-nos

pela ultima, escripta em letra informe, junta com um *abc* de amor, formando parte de um velho caderno de uso popular. O manuscripto do seculo XVII, da Bibliotheca da Universidade, e a variante da Covilhã, parecem mais modernos. Quem escreveu ou sentiu as magoas d'esta xacara foi talvez alguma contemporanea, irmã no soffrimento, d'essa pobre *Religiosa portugueza*, Mariana Alcoforado, que soube exprimir com palavras eternas a paixão da alma.

81—Xacara do Galante.—Foi agora pela primeira vez colligida da tradição esta engraçada xacara; não se encontra em nenhuma aldeia do continente do reino. E' para notar como na Ilha de Sam Jorge o povo allude ao trajo dos Estudantes:

Com meias de seda
Calção de veludo,
Fivelas de prata
Que desbancam tudo.

Em Coimbra não admirava que o povo contasse isto. A presente xacara é um conto decameronico que, mais anno, menos anno, se converterá em prosa. Os costumes a que ella se refere são da edade media.

Não podemos fechar este livro sem prestar um publico agradecimento ao snr. Dr. Antonio Pereira da Cunha, pela boa vontade com que interrogou a tradição popular da freguesia do Topo, na ilha de Sam Jorge.

FIM.

INDEX

CANCIONEIRO DAS ILHAS

ROSAL DE ENAMORADOS

SERENADAS DO LUAR

DOUTRINAL DE ORAÇÕES

ROMANCEIRO DE ARAVIAS

ENSELADA DE ROMANCES NOVELLESCOS

PRIMAVERA DE ROMANCES MARITIMOS

ROSA DE ROMANCES MOURISCOS

SILVA DE ROMANCES HISTORICOS

CORO DE ROMANCES SACROS



